



LUTAS ANTICAPITAL

Aline Mendonça dos Santos é doutora em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é professora e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas, onde coordena o Grupo de Pesquisa “Emancipação: trabalho, saberes, outras economias, movimentos sociais e democracia”, e pesquisadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES - UC) onde integra a equipe de Boaventura de Sousa Santos no projeto “ALICE - Espelhos estranhos, lições imprevistas: definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do mundo” e é membro do Grupo de Estudos sobre Economia Solidária do CES (ECOSOL CES). Também compõe o Grupo de Pesquisa sobre Economia Solidária da UNISINOS (ECOSOL UNISINOS) e o Laboratório de Políticas Públicas (LPP/ UERJ). Tem experiência nas áreas de Sociologia e Serviço Social atuando principalmente nos temas Estado e sociedade; movimentos sociais e economia solidária.

Claudio Nascimento é educador popular, com trabalhos no CEDAC, equipe nacional da CUT, diretor de formação do Instituto Cajamar. Fez estágio sobre formação sindical na CFDT - França. Educador na CUT-RJ. Educador no Projeto Economia Popular e Solidária do Governo Olívio Dutra-RS. Coordenador Projeto “Aliança Mundo Solidário”(PACS). Coordenador geral de educação na Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES; membro da Equipe pedagógica nacional da RECID; membro comitê pedagógico do CFES nacional. Equipe nacional Projeto REDEs Solidárias ADS-CUT. Autor de ensaios e livros sobre autogestão e educação popular, como “O Movimento pela Autogestão na Polônia”, “Rosa Luxemburgo e Solidarnosc”, “Autogestão e economia solidaria”, “O beco dos sapos” e “Pedagogia da Autogestão”.



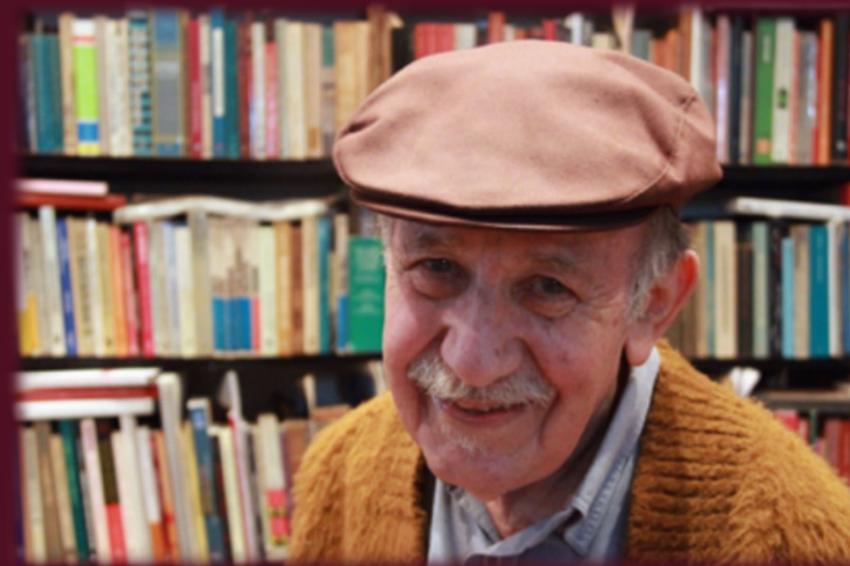
Singer em visita a Linz - Áustria (2005)

PAUL SINGER *democracia, economia e autogestão*
Aline Mendonça dos Santos e Claudio Nascimento



PAUL SINGER

DEMOCRACIA, ECONOMIA E AUTOGESTÃO



Aline Mendonça dos Santos
Claudio Nascimento



LUTAS ANTICAPITAL

Consideramos que a melhor forma de compreender a trajetória de vida e intelectual de Paul Singer está expressa no título de um dos seus livros: “Uma utopia militante”. De fato, desde a sua juventude até a sua maturidade, Singer era, sobretudo, um utópico militante. Tomamos utopia aqui no sentido mesmo de militante, tal qual ele definiu em sua obra como uma unidade: a “construção de um novo mundo à base das novas forças produtivas, mas em que a cooperação e a igualdade tomem o lugar da competição e da exploração” (Singer, 1998). Não é um ideal inalcançável, nem mesmo uma referência ideal possível que se busca alcançar, mas algo que se constrói cotidianamente, como “um vasto processo de tentativas e erros”, capaz de provocar mudanças qualitativas na realidade histórica.

Paul Singer foi, sem dúvida, o principal expoente de um conjunto de intelectuais militantes que acreditam na possibilidade da sociedade justa e solidária a partir da ação coletiva, da democracia, da autogestão, da diversidade cultural e política, da territorialidade, da solidariedade e da felicidade.

Paul Singer é referência para todos nós e, por tudo que Singer representa, é que seguiremos seu legado e manteremos suas teorias, suas utopias e sua memória vivas.

Este livro reflete a história de Paul Singer contada por dois interlocutores que em determinados momentos de suas vidas tiveram o privilégio da convivência e do aprendizado com Singer e, portanto, os textos foram construídos com grande cumplicidade e emoção.

Paul Singer: democracia, economia e autogestão

Aline Mendonça dos Santos
Claudio Nascimento

Aline Mendonça dos Santos
Claudio Nascimento

Paul Singer: democracia, economia e autogestão

1ª edição
LUTAS ANTICAPITAL
Marília - 2018

Editora LUTAS ANTICAPITAL

Editor: Julio Okumura

Conselho Editorial: Andrés Ruggeri (Universidad de Buenos Aires - Argentina), Bruna Vasconcellos, Candido Giraldez Vieitez (UNESP), Dario Azzellini (Cornell University – Estados Unidos), Êdi Benini (UFT), Fabiana de Cássia Rodrigues (UNICAMP), Henrique Tahan Novaes (UNESP), Júlio César Torres (UNESP), Lais Fraga (UNICAMP), Mariana da Rocha Corrêa Silva, Mauricio Sardá de Faria (UFRPE), Neusa Maria Dal Ri (UNESP), Paulo Alves de Lima Filho (FATEC), Rogério Fernandes Macedo (UFVJM).

Coordenadora da Biblioteca Básica Paul Singer: Aline Mendonça dos Santos

Projeto Gráfico e Diagramação: Mariana da Rocha Corrêa Silva e Renata Tahan Novaes

Revisão das Citações e Referências: Alana Huttner Wolter

Capa: Mariana da Rocha Corrêa Silva

Impressão: Renovagraf

Santos, Aline Mendonça dos.

S237p Paul Singer: democracia, economia e autogestão/
Aline Mendonça dos Santos, Claudio Nascimento. –
Marília: Lutas anticapital, 2018.

275p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-53104-11-1

1. Singer, Paul – 1932-2018.
 2. Socialismo.
 3. Capitalismo.
 4. Movimentos Sociais.
 5. Trabalho – aspectos sociais.
 6. Economia.
- I. Título. II. Claudio Nascimento.

CDD 301.153

Ficha elaborada por André Sávio Craveiro Bueno CBR 8/8211
FFC – UNESP – Marília

1ª edição: novembro de 2018
Editora Lutas anticapital
Marília –SP
edlutasanticapital@gmail.com

Sumário

Apresentação.....	7
<i>Aline Mendonça dos Santos</i>	
Prefácio.....	9
<i>Ronalda Ronalda Barreto Silva</i>	
<i>Roberto Marinho Alves da Silva</i>	
Paul Singer: uma vida por outra economia.....	17
<i>Aline Mendonça dos Santos</i>	
Paul Singer: uma tese e oito hipóteses sobre o socialismo/ autogestão.....	83
<i>Claudio Nascimento</i>	
Posfácio.....	273
<i>Valmor Schiochet</i>	

Apresentação

A Editora Lutas anticapital tem sido um espaço importante de socialização e publicação da produção sobre economia solidária, economia popular, autogestão e democracia no Brasil e também em outros lugares do mundo. Aqui autoras e autores se encontram e expressam a história de luta de trabalhadoras e trabalhadores que vêm ressignificando a vida e a economia a partir de outras formas de produzir e viver. São reflexões oriundas de estudos, de experiências práticas de autogestão, da ação política, da militância de pessoas que não só estão comprometidas com a produção do conhecimento científico e político do universo das outras economias, mas também com a transformação da realidade social, política e econômica dos diferentes contextos em que se inserem.

Paul Singer foi, sem dúvida, o principal expoente deste conjunto de intelectuais militantes que acreditam na possibilidade da sociedade justa e solidária a partir da ação coletiva, da democracia, da autogestão, da diversidade cultural e política, da territorialidade, da solidariedade e da felicidade. Paul Singer é referência para todos nós e, por tudo que Singer representa, é que seguiremos seu legado e manteremos suas teorias, suas utopias e sua memória vivas. Tão logo o professor Singer faleceu, em abril do corrente ano, Henrique Tahan Novaes, membro do Conselho Editorial, convidou-me para coordenar uma Biblioteca Básica com as obras do Paul Singer. Na ocasião estávamos - via movimento de economia solidária no Brasil - organizando as atividades no âmbito da 25ª Feicoop - Feira de Economia Solidária de Santa Maria e do 3º Fórum Social Temático de Economia Solidária e, obviamente, preparávamos as devidas homenagens ao nosso querido mestre que há pouco nos deixava.

Eu recuperava a biografia do Singer que escrevi em 2014/2015 e Claudio Nascimento mergulhava num estudo detalhado da obra de Paul Singer. Quando respondi ao Henrique Novaes que aceitava, de muito bom grado, a responsabilidade de organizar a biblioteca Paul Singer, sugeri iniciar o processo com uma publicação sobre a vida e obra do autor.

Desta forma, este livro reflete a história de Paul Singer contada por dois interlocutores que em determinados momentos de suas vidas tiveram o privilégio da convivência e

do aprendizado com Singer e, portanto, os textos foram construídos com grande cumplicidade e emoção.

Finalmente, Claudio Nascimento e eu quisemos comprometer nesta homenagem ao Singer, companheiros que dividiram conosco e com o conjunto da militância da economia solidária, a cumplicidade de colocar os projetos da economia solidária em atividade e o cuidado que tiveram com o professor nos anos em que o mesmo esteve a frente da Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES. Aqui poderíamos incluir o testemunho de uma infinidade de pessoas comprometidas com a causa e gratas ao Singer, mas os limites da publicação nos permitiram considerar os testemunhos de RONALDA SILVA e ROBERTO SILVA que brilhantemente prefaciam este livro e que também dividiram conosco as homenagens ao Singer na Feira de Santa Maria; bem como o testemunho de VALMOR SCHIOCHET que encerra o livro trazendo a tona a alma do Singer que a todos nos tocou e que nos é tão cara.

Enfim, obrigada à todos que de alguma forma participaram desta obra. Trata-se de um trabalho muito especial!

Obrigada a família de Paul Singer, sempre muito atenciosa.

Obrigada Henrique, pela confiança!

Obrigada Paul Singer pela tua linda história e pelo teu exemplo!

Boa leitura!

Pelotas, 10 de novembro de 2018

Aline Mendonça dos Santos
Coordenadora da Biblioteca Paul Singer

Prefácio

Consideramos que a melhor forma de compreender a trajetória de vida e intelectual de Paul Singer está expressa no título de um dos seus livros: "Uma utopia militante". De fato, desde a sua juventude até a sua maturidade, Singer era, sobretudo, um utópico militante. Tomamos utopia aqui no sentido mesmo de militante, tal qual ele definiu em sua obra como uma unidade: a "construção de um novo mundo à base das novas forças produtivas, mas em que a cooperação e a igualdade tomem o lugar da competição e da exploração" (Singer, 1998). Não é um ideal inalcançável, nem mesmo uma referência ideal possível que se busca alcançar, mas algo que se constrói cotidianamente, como "um vasto processo de tentativas e erros", capaz de provocar mudanças qualitativas na realidade histórica.

Este livro trata exatamente disto, da trajetória de vida e das contribuições de Paul Singer enquanto intelectual, ativista político e gestor público que expressam uma coerência indivisível entre conceber, experimentar, criticar, acumular e desafiar novas ações e aprendizagens. Foi assim que Paul Singer tornou-se um dos principais formuladores, divulgadores e referência teórica e política mundial da economia solidária, mantendo ativa a utopia militante de que os "trabalhadores associados poderiam organizar-se em empresas autenticamente autogestionárias e desafiar, assim a prevalência das relações capitalistas de produção"¹.

Na primeira parte, Aline Mendonça dos Santos relata-nos a trajetória de vida e obra de Singer, como um dos resultados do seu trabalho de pós-doutoramento, vinculado ao projeto "ALICE - Espelhos estranhos, lições imprevistas: definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do mundo", coordenado pelo professor Boaventura de Sousa Santos, da Universidade de Coimbra. O

¹ SINGER, P. Economia Socialista. In: SINGER, P. MACHADO, J. Economia Socialista. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

referido projeto homenageia Singer como um dos Mestres do Mundo e o texto escrito por Aline tem a intenção de ajudar na compreensão dos motivos pelos quais Singer se tornou uma importante referência teórica e política no Brasil e no mundo. A autora ressalta, entretanto, que o texto ajuda a entender, também, o Singer como referência de vida, de persistência, de otimismo e de utopia.

A autora, que conheceu Singer em uma fase da sua vida marcada pelo encantamento da juventude, ainda como aluna de graduação, ficou fascinada pela humildade e valorização do outro que eram próprios de Singer: “tratava-se de um ouvinte muito atento, um observador muito respeitoso e, conseqüentemente, um mestre aprendiz”. Os encontros da autora com o mestre foram diversos, “tendo em vista os esforços por outra economia e por outro mundo possível”, afirma a intelectual militante, cuja formação foi realizada sob o manto dos ensinamentos de Singer em um espaço construído com sua grande contribuição, do qual muito se orgulhava: as incubadoras universitárias.

Singer foi um intelectual orgânico da classe trabalhadora: ao mesmo tempo um cientista, crítico e revolucionário que sonhou com uma sociedade de iguais e, nesse sentido, lutou pela justiça social, pela economia solidária, pela cooperação entre os trabalhadores para que os resultados do progresso sejam distribuídos de forma igualitária, sejam de propriedade do conjunto da humanidade em “um novo modo de produzir e viver em cooperação de maneira sustentável”.

Entendia que, para resgatar homens e mulheres que são todos os dias descartados pela sociedade do capital, o trabalho autogestionário e solidário deveria ser desenvolvido em dimensões nacionais. Assim, Singer, enquanto educador, conduziu a Secretaria Nacional de Economia Solidária, propondo uma nova prática social: a solidariedade como opção consciente por outro modo de produção, com a valorização do trabalho como atividade humana geradora de

realização pessoal e de novas relações interpessoais.

Dessa forma, Paul Singer vislumbrou a economia solidária como um ato pedagógico. Entendendo que a valorização do pensamento e do saber de cada um e cada uma constitui um aspecto fundamental nas relações de produção da vida, comungava com Paulo Freire na opinião de que esse é o caminho para envolver as pessoas no processo de produção do conhecimento, a partir de experiências concretas. Defendia, então, que, recuperando as práticas e os valores das iniciativas econômicas solidárias, os pobres podem assumir a condição de sujeitos da transformação social que possibilita o resgate da humanidade.

Com esse pensamento, manifestava a preocupação de que a economia solidária fosse um processo com características de um movimento a partir da sociedade. Não acreditava que o Estado é ou deveria ser o protagonista da expansão da economia solidária ou que viesse a substituir a energia criativa da sociedade. No entanto, tinha consciência de que as políticas públicas são vias de concretização de direitos que a economia solidária deveria conquistar de forma emancipatória e não de dependência. Por essa razão, defendia que as iniciativas de políticas públicas não fossem uma imposição ou decisão de alguns "iluminados", mas uma construção dialogada, forma adotada para operacionalizar a SENAES.

Na segunda parte do livro, Claudio Nascimento coloca-se o enorme desafio de analisar a extensa, complexa e diversa obra autoral de Paul Singer a partir de "Uma tese e oito hipóteses sobre socialismo/autogestão". De início, deve-se ressaltar que esta não é a primeira tentativa de uma síntese das contribuições deste autor à economia política e à análise econômica do Brasil. Com a mesma intenção, na coletânea sobre "Pensamento Econômico no Brasil Contemporâneo II"², Costa-Filho concentra sua análise "em temas da economia

² COSTA-FILHO, A. Paul Israel Singer. Estudos avançados, vol. 15, n. 43, São Paulo, Set./Dec. 2001.

marxista, da urbanização, do trabalho e emprego ou de demografia e saúde", mas reconhece a necessidade de uma análise metódica de toda sua produção, o que "implicaria examinar perto de 170 títulos, distribuídos ao longo de aproximadamente 40 anos".

Para enfrentar tal desafio, Claudio Nascimento recorre não apenas às leituras das obras, mas à memória viva e afetiva dos diálogos que realizou com aquele que era um dos inspiradores de sua formação política e intelectual, ao lado de Mário Pedrosa e Michel Lowy.

Mais do que isso, nós que também convivemos com aqueles dois, sabemos que o Professor Singer era grato ao Claudio Nascimento pelos aprendizados e diálogos que com ele realizara sobre as experiências e construções teóricas do socialismo autogestionário que estão na base da "Construção da economia solidária como alternativa ao capitalismo" (SINGER, 2012). De fato, Claudio Nascimento, enquanto intelectual autodidata e educador popular, teve aproximação com experimentações históricas e, sobretudo, com o debate sobre a autogestão operária durante seu exílio no Chile, na África e na Europa. Retornando ao Brasil, além de ter uma enorme "biblioteca" sobre socialismo e autogestão, Claudio participou ativamente, nos anos 1980 em diante, de debates políticos e de diversos processos formativos sobre essa temática, compondo, a partir de 2003, a equipe da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), dirigida por Paul Singer, na condição de Coordenador-Geral de Formação.

É a partir deste trinômio de estudos aprofundados, diálogos afetivos e vivências políticas compartilhadas que Claudio nos apresenta uma chave de leitura da obra de Paul Singer a partir de uma tese ou fio condutor que seria base da sua "odisseia" e do seu "arcabouço teórico", considerando a "coexistência dos modos de produção". Esta tese foi sendo construída ao longo de décadas, mas tem uma origem precisa a partir da análise que Singer faz da obra de Rosa Luxemburgo sobre a "Acumulação do Capital", considerando a

existência e interação de diferentes modos de produção em uma mesma formação social, a exemplo do artesanato, da produção camponesa e da produção simples de mercadoria que precederam o capitalismo e que continuam na atualidade, mesmo que sofrendo a constante pressão da expansão capitalista. Para Claudio Nascimento, esse é o fator fundamental que leva Singer a considerar a economia solidária como um modo de produção, entre outros, que existe e resiste por dois séculos nas sociedades capitalistas e que, portanto, tem potencial de expansão como "implantes socialistas" a partir das próprias contradições do capitalismo enquanto modo hegemônico de produção.

A análise da "Tese e das Oito Hipóteses" conduz Claudio Nascimento a buscar apreender, na obra de Singer, o enfrentamento ao desafio posto de como a economia solidária poderia passar de "um modo de produção intersticial, inserido no capitalismo" para uma nova "forma geral de organizar a economia e a sociedade". Como socialismo e democracia são da mesma natureza e substância, a solução de Paul Singer encontra-se na relação entre a economia solidária e a educação ou, mais especificamente, de uma "pedagogia da autogestão", considerando que "o desenvolvimento da autogestão não pode se dar de cima para baixo", mas, ao contrário, a partir de um processo em que os trabalhadores e trabalhadoras possam ir se apropriando de conhecimentos e acumulando capacidades gerenciais, tecnológicas e políticas na produção e nas demais esferas da vida em sociedade, no sentido mesmo, de uma disputa de hegemonia no cotidiano. Dessa forma, "A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais precedem sua prática"³.

³ SINGER, P. A Economia Solidária como ato pedagógico. em: KRUPPA, S. M. P. Economia solidária e educação de jovens e adultos. Brasília: Inep, 2005.

As iniciativas de economia solidária devem se constituir enquanto "escolas democráticas", espaços de formação livre e consciente de trabalhadores e trabalhadoras para que possam assumir efetivamente e com autonomia a condução coletiva e democrática dos empreendimentos e extrapolar para os espaços de poder e decisão política, implicando em melhoria da qualidade de vida da população.

Enquanto na primeira parte do texto Claudio Nascimento propõe-se a resgatar a "Odisseia de Singer" na compreensão da tese central do socialismo e autogestão, na segunda parte provoca uma série de diálogos entre Singer e diversos autores e temáticas com a intenção de ir "além de Singer", ou seja, de buscar aproximações com temáticas e questões que Singer considerava relevantes no tratamento da economia solidária, sobretudo, identificando afinidades com o debate sobre a "crise estrutural do capital" (Mészáros) e o desafio da autogestão, do valor das comunidades ou de um "sistema comunal" e, para além da sua dimensão econômica, da compreensão mais abrangente da economia solidária como "um modo de vida" material e simbólico que tem por base relações, princípios e sentimentos de solidariedade radical.

Ficamos felizes com a publicação deste livro, pois ela chega em boa hora, contribui para manter viva a memória da vida e da utopia militante de Paul Singer dado que a recente democracia brasileira, ainda com seus processos incompletos, vê-se envolta em uma ambiência com disseminação do ódio e da violência, ênfase no militarismo, como ocorreu com as brigadas fascistas contra políticos de esquerda, judeus, homossexuais e órgãos da imprensa, manifestando racismo, misógina, intolerância religiosa, além de discursos de eliminação física de adversários que resultou na perseguição aos judeus e que trouxe Singer para o Brasil.

Para refletirmos sobre o contexto em que o livro foi produzido, vale lembrar o pensamento de Singer, referindo-se à Economia Solidária. Afirmava que a mesma é produzida tanto por convicção intelectual como por afeto pelo próximo,

com o qual se coopera: “havendo respeito pelos diferentes, a diversidade alarga os horizontes dos engajados na economia solidária e os torna mais capazes de extrair dos avanços e recuos, dos ganhos e das perdas os ensinamentos que facilitam a convivência e afiam a inteligência coletiva para o enfrentamento de novos desafios”⁴.

Nos últimos tempos, suas preocupações aumentaram em relação às incertezas causadas com o rompimento democrático no Brasil, o aumento do desemprego e o futuro da economia solidária. Concluimos com a citação de André Singer, em depoimento por ocasião da morte de seu pai: “(...) tenho certeza de que meu pai diria que, apesar de todas as dificuldades do momento, vai dar certo. Que se persistirmos e continuarmos a pensar juntos vai dar certo”⁵. Esse era Singer, sempre com palavras de carinho, de compreensão e de otimismo. Sempre preocupado com todos que o cercava, em extrema coerência entre o seu pensamento e a sua ação.

Apesar da falta que Paul Singer nos faz, ele vive no importante legado que deixou. É hoje, ele, também, uma ideia e uma ideia não morre!

Ronalda Barreto Silva

Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia. Atua na Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários - Incuba/UNEB.

Roberto Marinho Alves da Silva

Professor associado do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Foi Secretário Adjunto na Secretaria Nacional de Economia Solidária no Ministério do Trabalho e Emprego (2011 - 2016).

⁴ SINGER, Paul. A Construção da Economia Solidária como Alternativa ao Capitalismo. Disponível em http://base.socioeco.org/docs/a_constru_o_ideol_gica_e_pol_tica_da_economia_solid_ria_como_alternativa_vi_vel_ao_capitalismo_e__1_.pdf, acessado em 12-11-2018.

⁵ Disponível em <https://jornal.usp.br/artigos/paul-singer-1932-2018-um-breve-depoimento-de-despedida/>, acessado em 11-11-2018.

Paul Singer: uma vida por outra economia⁶

Aline Mendonça dos Santos

1 - O encontro com o Mestre

A primeira vez que o Professor Paul Singer e eu nos encontramos eu era apenas uma jovem estudante que iniciava a formação acadêmica e dava os primeiros mergulhos na militância política. O ano era 1999 e estávamos inaugurando a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Universidade Católica de Pelotas – um projeto de extensão universitária muito caro para todos os professores e alunos que participaram daquela experiência. Tratava-se de um período em que o Brasil vivia uma forte incidência da ofensiva neoliberal, da reestruturação produtiva e suas consequências para o mundo do trabalho. A *economia solidária* surgia como uma alternativa dos trabalhadores frente a crise e o professor Paul Singer era o principal teórico e expoente desta outra economia.

Foi no extremo sul do Brasil que eu o vi e o ouvi pela primeira vez. Podia ter sido um encontro distante entre uma aluna curiosa que de longe escutava atenta um importante economista do Brasil e isso, por si só, já seria suficiente para explicar o meu respeito e admiração. No entanto, tive a feliz oportunidade de acompanhá-lo na viagem de volta até Porto Alegre e – durante três horas – dividimos a palavra, a escuta e tivemos uma convivência de aprendizagens recíprocas. Naquele momento, percebi as primeiras grandes características do professor Singer, dignas de um Mestre:

⁶ Trabalho realizado no âmbito dos pós-doutoramentos vinculado ao projeto “ALICE - Espelhos estranhos, lições imprevistas: definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do mundo” coordenado pelo professor Boaventura de Sousa Santos - Universidade de Coimbra. Com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil e Conselho Europeu de Investigação, 7.º Programa Quadro da União Europeia (FP/2007-2013) / ERC Grant Agreement n. 269807.

tratava-se de um ouvinte muito atento, um observador muito respeitoso e, conseqüentemente, um mestre aprendiz. Era o encontro do meu olhar jovem e sonhador que almejava mudar o mundo com o olhar experiente, que refletia uma vida de luta e, ainda assim, continuava almejando mudar o mundo. Ali conheci Paul Singer, umas das minhas principais referências que aqui apresento como um dos Mestres do Mundo homenageados pelo projeto ALICE e pelo professor Boaventura de Sousa Santos.

Alguns anos se passaram e, por vezes, o professor Singer e eu continuamos nos cruzando – tendo em vista os esforços por outra economia e por outro mundo possível, mas só na ocasião da realização deste trabalho (2014) nos reencontramos com a cumplicidade de outrora. Foram mais de 10 horas de entrevista e uma narrativa contada com uma riqueza de detalhes que, com muito cuidado, procuro reproduzir neste texto.

O texto foi finalizado em 2015 e tão logo ficou pronto, foi revisado pelo próprio professor Singer. Quando eu procurei o professor a fim de obter um retorno da sua leitura e avaliação do texto, recebi um carinhoso agradecimento pela homenagem e pelo cuidado com que sua história foi detalhada.

Depois desse momento, eu fui visitá-lo em São Paulo mais duas vezes: em 2016, logo após o impeachment da Presidente Dilma Rousseff do governo do Brasil; e a última vez que nos encontramos foi em outubro de 2017 quando o professor já estava bastante doente, mas embora a fragilidade do corpo e da mente, ali estava o mestre com o olhar doce e atento e cúmplice de sempre.

Enfim, a história de vida de Paul Singer contada neste texto, ajuda a compreender os motivos pelos quais Singer se tornou uma importante referência teórica e política no Brasil e no mundo, mas não só, ajuda entender também o Singer como referência de vida, de persistência, de otimismo e de utopia.

2 - Origens e infância na Europa

Paul Israel Singer nasceu em Viena na Áustria no dia 24 de março de 1932. Oriundo de uma família judia – operária. Seus avós maternos eram operários e trabalhavam em uma fábrica de pentes. Os dois eram da Morávia - uma região da Europa central que constitui atualmente a parte oriental da República Checa. Os avós se conheceram na fábrica, namoraram, casaram e tiveram três filhos: Frederico, Carolina e Margarida.

A mãe de Paul Singer se chamava Carolina, mas não por acaso. Havia uma fundação com o nome de Carolina (que pertencia a alguém importante) e oferecia um dote para as meninas que se chamassem Carolina. Os avós aproveitaram a oportunidade e assim nomearam a menina.

Não se trata de uma observação pontual da sua história, Singer acreditava que esta situação tem estreita relação com a sua subsistência pois, supunha, que por conta do dote sua mãe pode aprender costura num famoso atelier de alta-costura de Viena - profissão que anos depois os sustentou por grande parte da vida.

No período da Primeira Guerra Mundial, sua mãe tinha entre 15 e 18 anos, e trabalhou como caixeira viajante na Itália – vendia bijuterias e joias. Trabalhava viajando pela Itália e, nas férias ou em momento oportuno, voltava para Viena levando comida para a família, pois a medida que a guerra avançava, a comida ficava escassa e passava-se fome na Áustria. Nos últimos anos de guerra, principalmente, era muito difícil encontrar comida. Segundo Singer, a Primeira Guerra Mundial foi muito sangrenta, muito destrutiva e sua família viveu as consequências diretas deste período.

Depois da guerra a mãe continuou trabalhando na Itália, em uma firma austríaca. Na época, o norte da Itália era austríaco. Trieste, onde trabalhava, foi uma importante cidade do Império Austro-Húngaro. Com o término da primeira guerra, o império terminou e as diferentes partes viraram países independentes: a Tchecoslováquia, a Hungria, a Itália.

Neste período pós-guerra, sua mãe Carolina teve um caso amoroso com o patrão – segundo ela contou mais tarde ao filho. No entanto, houve uma situação de infidelidade por parte do patrão e, por isso, a mãe pediu demissão e voltou pra Viena.

Ao voltar para Viena, Carolina já não era mais tão jovem (tinha trinta e poucos anos) e na ânsia de constituir sua família acabou recorrendo a um corretor de casamento judeu que a apresentou para aquele que mais tarde viria ser o pai de Paul Singer. O pai tinha sido oficial da guerra (assim como o avô e tios). Tinha sido primeiro tenente exército. Paul Singer guardou algumas lembranças, como um binóculo, do pai oficial de guerra.

Casados, os pais de Paul Singer uniram as economias e compraram uma mercearia em Erlaa – subúrbio operário próximo de Viena – que pertencia aos avós paternos que já estavam velhos e não queriam mais trabalhar.

Em agosto de 1934, quando Paul Singer tinha dois anos, seu pai faleceu. Segundo Singer, a morte do pai foi resultado indireto de uma guerra civil. Houve um golpe fascista na Áustria e o partido social democrata reagiu com milícias armadas – veteranos da guerra. Houveram lutas entre o exército e as milícias. Preocupado com os pais que haviam migrado para Viena, o pai de Singer foi visitá-los e, no percurso de volta, deparou-se com uma difícil situação de guerra da qual sobreviveu, mas o susto deixou fortes consequências psicossomáticas e uma infecção pulmonar que o matou.

Mesmo sem uma lembrança clara da época e do pai, Singer guardou consigo um episódio deste período na memória. Seu pai estava no hospital - já bastante debilitado – e sua mãe o levou para visitá-lo, mas o pequeno Singer não o reconheceu e foi logo correndo para o leito de qualquer homem pensando que era o seu pai.

Singer praticamente não conheceu o pai. A figura masculina em sua vida foi seu avô – de quem lembrava

possuir um enorme bigode, mas fato é que foi criado e sofreu grande influência das mulheres de sua casa: mãe, avó e tia avó. Como sua mãe ficou viúva, sua avó materna mudou-se para Erlaa para ajudar na mercearia e na sua criação. Dos dois anos e meio até os seis anos de idade Singer viveu em Erlaa com sua mãe e avó de quem tinha uma lembrança muito carinhosa.

Singer lembrava da infância com muita ternura. Segundo ele, foi uma infância feliz, frequentou a escola (jardim de infância), brincava com os demais meninos, tudo normal, até a chegada do Hitler.

Em fevereiro de 1938, Singer tinha quase 6 anos, e aconteceu um episódio que julgava importante em sua vida – foi quando se apercebeu judeu. Na época, estava brincando com outras crianças quando receberam umas bandeirinhas. Todos corriam serelepes com as bandeirinhas em direção as tropas – anexação do Hitler, e antes de seguir com as demais crianças passou na mercearia para contar a novidade para a mãe que tirou a bandeirinha de sua mão e disse: - não, você não vai! - Mas, por quê? - Porque você é judeu.

Sem ter a menor ideia do significado de ser judeu, aos 6 anos, Singer se deparou com uma dura realidade. Tudo mudou, a partir de então. O Hitler tomou o país e os judeus foram proibidos de ter qualquer empreendimento, qualquer negócio e qualquer relação com não judeus. Criou-se um apartheid! Os judeus só poderiam vender aos judeus, portanto os não judeus não poderiam comprar nada que fosse de propriedade de judeus. Tratava-se de uma medida para que os judeus saíssem do país. Diante das circunstâncias, a mãe de Singer precisou se desfazer da mercearia, pois a maioria dos clientes não eram judeus e sim operários que também sofreram bastante durante a crise dos anos 1930, ficaram desempregados, etc. Apesar das ordens de Hitler, houve uma solidariedade entre os judeus e os operários pobres. A mãe de Singer vendia os produtos a crédito para os operários que, diante do apartheid, não precisavam pagar, mas ainda assim

todos pagaram o que deviam – fato que deixou Dona Carolina muito comovida.

Para além das diretivas sobre como a sociedade deveria tratar os judeus, Hitler resolveu que os judeus precisavam ser reconhecidos pelo nome, neste caso decretou uma lei onde todos os judeus deveriam adotar nomes judeus. Todos os homens deveriam se chamar Israel e todas as mulheres deveriam se chamar Sara, neste caso Singer passou a ser chamado de Paul Israel Singer e sua mãe Carolina Sara Singer.

Depois disso, Singer e família mudaram para Viena onde moraram com uma tia-avó que se chamava Helena⁷. Em Viena foi matriculado em uma escola judia. Singer foi alfabetizado em alemão e teve uma infância normal, nenhum trauma de infância que se lembre. De certa forma, foi preservado do peso do antissemitismo. Em sua casa falava-se a respeito, mas a única coisa que compreendia neste período de sua vida é que precisavam ir embora do país. Sua mãe estava convicta de que ficar na Áustria seria a morte. O Hitler não estava ameaçando diretamente matar todos os judeus, como ele acabou fazendo, mas estava tomando medidas ante judeus cada vez mais rigorosas.

Singer tinha uma tia que já havia migrado para o Brasil nos anos 1920 e constituído família e estabilidade. Isso facilitou a escolha de sua mãe sobre o lugar para onde se refugiar: São Paulo.

Foi muito difícil conseguir o visto. Tratava-se de uma época de crise e nenhum país queria imigrantes. Sua avó pode imigrar para o Brasil porque era mãe de uma imigrante que já estava no país. Quando chegou no Brasil a avó conseguiu visto para os outros dois filhos (mãe e tio). Assim, Singer e a mãe migraram para São Paulo.

⁷ Mais tarde, Paul Singer batiza sua filha mais nova com o nome de Helena em homenagem a tia avó.

3 - O início da vida no Brasil

No dia 24 de março de 1940 – dia e que Singer fazia aniversário, a bordo de um navio italiano chamado Neptúnia, às 19 horas e 52 minutos, Singer, sua mãe Carolina, seus tios (tio e esposa) e sua tia-avó chegaram no porto de Santos.

Ao contar sobre o episódio, o Singer recordou o menino que completava 8 anos de idade naquele dia. Como estava viajando com sua família, ele passou o dia esperando um abraço de parabéns, uma palavra de carinho e, no entanto, ninguém lembrou. A ansiedade de chegar em um novo país, de recomeçar a vida em um lugar desconhecido e a angústia de não mais voltar para a Áustria encobriu o outro significado que aquele dia tinha: o aniversário do pequeno Singer. De toda forma, Singer não ficou ressentido ou triste com o esquecimento dos familiares. Ele mesmo também estava vivendo muitas emoções e intuiu que não era o momento oportuno para festejos.

No Brasil, já em São Paulo, foram viver na casa dos tios junto da avó e dos primos. A tia – irmã da mãe - casou com um imigrante polonês que havia conhecido em Viena e juntos resolveram viver no Brasil dos anos 1920. Quando Singer e os demais familiares chegaram ao Brasil, o tio – cunhado da mãe – estava estabilizado financeiramente, ele era representante de uma fábrica de cadeiras de São Bernardo do Campo. Por conta dos familiares refugiados, o tio trocou a casa que vivia com a família por uma casa maior que coubessem todos. Singer e sua mãe viveram com a família da tia por volta de dois anos. Singer falava com carinho da generosidade da família que os acolheu para uma nova vida.

Embora tenha sido filho único, Singer teve uma relação fraternal muito significativa com os primos e uma vida familiar muito intensa. Gradativamente os familiares que chegaram em 1940 foram se organizando e saindo da casa que os acolheu. O tio – irmão da mãe – comprou uma loja de roupas na Moca – bairro paulista - e passou a morar lá; a mãe, certa altura, sublocou um quarto e um banheiro de uma

família judia e lá foram viver. Mesmo em casas separadas, a família manteve uma relação intensa.

A família toda falava alemão e em casa era a língua mais usual, pois os recém-chegados não falavam nada de português. A família manteve a tradição judia. Os primos de Singer fizeram o *Bar Mitzvá*⁸ e seguiram outros rituais judeus. Duas semanas depois de sua chegada ao Brasil, Singer foi matriculado no segundo ano do primário no *Colégio Franco-Brasileiro*, onde seu primo também estudava. Sem entender português, Singer foi se adaptando ao colégio com a ajuda do primo que falava alemão e português.

Apesar das dificuldades comuns de chegar em um ambiente novo, Singer dizia ter sido extremamente acolhido no Brasil e não sofreu preconceitos ou intimidações pelo fato de ser refugiado e estrangeiro. Tinha apenas a lembrança de um caso isolado: uma professora que o chamava de alemãozinho.

Na sequência, a mãe de Singer não podia mais pagar o colégio, então Singer foi estudar em uma escola pública chamada Grupo Escolar Marechal Deodoro. Na época ainda tinha muitas dificuldades em falar português, mas já conseguia se comunicar. Singer era bastante esforçado, dizia que era a única criança que voltava das férias com a lição de casa toda feita. Sua mãe precisava interrompê-lo para que também pudesse brincar e se divertir.

No Brasil, sua mãe começou a trabalhar com costura juntamente com a tia-avó Helena. Foi costurando que Dona Carolina sustentou a família e assim o fez até sua aposentadoria – aos 70 anos de idade.

Rapidamente e com o apoio da mãe, Singer foi se tornando fluente em português. Dona Carolina tinha mais proximidade com a língua latina em decorrência do fato de ter vivido 13 anos na Itália e, assim, dava aulas para o filho. No entanto, Dona Carolina nunca aprendeu ser fluente em

⁸ Cerimônia que insere o jovem judeu como um membro maduro na comunidade judaica.

português, até o fim da vida, mas o que sabia era o suficiente para se comunicar e viver a vida.

Dando sequência a vida, Dona Carolina casou-se novamente. Casou-se com um judeu alemão, operário de fábrica (ganhava próximo ao salário mínimo), que nunca aprendeu falar português direito e era bastante religioso. Foi com o padraсто que Singer aprendeu sobre os valores da religião, pois sua mãe não era tão religiosa – Singer ponderava que talvez sua mãe e outros familiares tenham aderido à religião de forma mais intensa por causa da ofensiva nazista contra os judeus. Foi o Hitler que os fez voltar ao judaísmo.

4 - Juventude e início da militância política

Na adolescência, Singer já se reconhecia como um jovem de esquerda.

O ano de 1945 foi considerado notável para Paul Singer. Primeiro porque foi o fim da II Guerra Mundial e a derrota do *nazi fascismo*; e segundo porque um dos grandes efeitos do fim da guerra foi a redemocratização. As tropas voltaram para o Brasil e Getúlio Vargas – o presidente do país na época – legalizou todos os partidos, inclusive o partido comunista, e convocou eleições para uma assembleia constituinte.

Nesta altura, Singer tinha 13 anos e estava cursando o terceiro ginásio em uma escola pública quando de repente os professores, ao invés de dar as aulas corriqueiras (latim, matemática, geografia...), começaram a falar de política. Foi uma grande surpresa para o Singer e seus colegas, mas fato é que os temas dominantes passaram a ser: democracia, constituição, direitos humanos, etc. Foi uma formação intensiva de política e Singer, naturalmente, ficou entusiasmado e mais interessado sobre o assunto. Neste período, Singer descobriu que um amigo e colega de classe fazia parte do partido comunista. Singer não tinha muita simpatia pelo comunismo, mas conversava com seu amigo e falavam muito sobre política. No momento da

redemocratização, o assunto majoritário das rodas de conversa, inclusive das crianças, passou a ser política. A redemocratização pós Estado Novo, pós II Guerra Mundial foi o marco histórico que deu início ao processo de politização de Paul Singer.

Aos 16 anos, Singer foi recrutado por uma organização de jovens judeus: o DROR (que significa *andorinha* em hebraico, uma metáfora para *liberdade*). O ano era 1948, ano da fundação de Israel como "Estado Judeu e Democrático". Israel foi criado depois do término da II Guerra Mundial e, neste período, foi possível compreender as verdadeiras dimensões do holocausto. A família de Singer perdeu todos os parentes que não conseguiram fugir e vários outros que foram alcançados pela guerra.

O DROR era uma organização sionista socialista de jovens que pretendiam viver em kibutz⁹. Foram 4 anos participando ativamente do movimento e - nos últimos dois anos de envolvimento, Singer se tornou um dos líderes do movimento.

A proposta do DROR era preparar jovens para migrar para Israel e viver em kibutz. Não havia adultos no movimento. Os mais velhos tinham entre 18 e 19 anos e os mais jovens tinham mais ou menos 10 anos. Tratava-se de um movimento relativamente grande. Em São Paulo eram em torno de 1.500 jovens distribuídos nos vários bairros da cidade.

O movimento era vinculado ao Partido Trabalhista de São Paulo formado pelos imigrantes judeus, quase todos comerciantes, que se identificavam como os trabalhadores de Sião. Embora não tivesse adultos, o movimento recebia o apoio dos mais velhos que contribuíam com recursos para promover congressos e encontros, mas não tinham influência sobre o movimento.

⁹ O movimento existe ainda hoje. A filha mais nova de Singer, Helena, também participou do movimento quando era adolescente.

O DROR era essencialmente constituído de jovens que cresceram juntos e guardavam a autonomia do movimento.

Singer dizia que a experiência de participação neste movimento foi muito importante para ele. Lembrava que Israel mandava enviados para contribuir no processo formativo. Eram jovens também – alguns vinculados ao exército de Israel – que passavam um tempo no Brasil. Um deste enviados se envolveu tão fortemente com o processo que acabou virando “camarada” – como eles costumavam chamar uns aos outros, e teve um papel importante na identidade do movimento: o rapaz devia ter uns 20 anos e fazia exercícios militares com o coletivo, ensinava canções em hebraico, danças, etc.. A contrapartida foi a sua politização, Singer dizia que se tratava de uma agradável convivência e que eles ficaram muito amigos.

Singer atribuía parte das descobertas que mais tarde teve sobre a *economia solidária* à sua relação e envolvimento nesse movimento.

Quando entrou no DROR – não foi só pela perspectiva dos kibutzim, mas também porque eles eram o partido operário de Israel. O movimento era sionista e tinha todo um lado nacionalista judeu, mas também tinha sua proposta socialista. Na época, o presidente de Israel – Bem Gurion - era vinculado a este partido e era um dos pioneiros dos kibutzim, ele vivia em kibutz, ou seja, a vanguarda militar e política do país era de pessoas de esquerda e kibutizanos.

Entusiasmado com a proposta, Singer e os demais companheiros de movimento criaram kibutz artificial em Jundiaí – São Paulo. Compraram uma terra, uma chácara a fim de preparar as pessoas que fossem migrar para Israel, assim teriam alguma experiência agrícola e comunitária já no Brasil. Um ano antes de migrar, os jovens sionistas deixavam suas casas e iam viver em Jundiaí. O lugar também servia para acolher acampamentos e retiros de reflexão do movimento.

Singer não era muito sionista, mas era um entusiasta do socialismo e por aí manteve sua identidade com o movimento. Na família de Singer apenas os primos eram sionistas, eles também participavam do movimento. Nesta época, Singer teve uma intensa ideologização socialista por conta própria. Sempre gostou muito de ler e dentre as leituras do jovem Singer estavam Marx, Trotsky e Rosa Luxemburgo.

Em 1950, os jovens mais velhos migraram para Israel e Singer (tinha 18 anos na época) foi eleito secretário geral do movimento – a principal liderança do movimento –, função que exerceu por dois anos, quando resolveu deixar o movimento. A saída do DROR foi motivada por uma única questão: era chegada a hora de Singer embarcar para Israel. Singer tinha a mãe e o padrasto - os dois relativamente pobres, com uma renda muito limitada e esperavam o momento de o filho ajudá-los na vida.

O kibutz aceitava que os jovens levassem a família. Era normal os jovens imigrantes serem acompanhados dos pais e aqueles que podiam trabalhavam na comunidade, mas ao perguntar a sua mãe se queria ir, ela disse que não. Singer dizia já esperar aquela resposta pois sua mãe não era contra os judeus, mas tinha suas ressalvas em viver só entre judeus.

Era preciso tomar uma decisão: ou Singer deixava a família e ia para Israel ou ficava com os pais. Diante das circunstâncias fez uma racionalização e percebeu que a luta pelo socialismo, que era o que realmente o interessava, podia ser feita tanto no Brasil quanto em Israel. Outra leitura que o influenciou na decisão de ficar no Brasil foi que a luta antissemitismo, que movia o movimento, era muito mais oportuna se cada um a mobilizasse desde o seu país do que tentar agrupar os judeus todos no mesmo lugar.

Assim, como secretário geral do movimento, Singer chamou uma reunião e anunciou sua decisão alegando que migrar para Israel não é ruim, mas não é o único jeito de se lutar pela sobrevivência dos judeus.

Você tem que lutar contra nazismo, contra o fascismo, contra a ditadura, etc. e nós estamos em um país importante – cheio de judeus também, e eu vou ficar aqui. Eu vou lutar pelo socialismo no Brasil. (SINGER, 2014a)

Apenas um companheiro acompanhou Paul Singer. Sua decisão não estava em questão, mas por lealdade Singer resolveu sair do movimento expondo claramente seus motivos. Inclusive escreveu uma carta à um dos companheiros que o levou para o movimento – que já havia migrado e até hoje vive em um kibutz em Israel, que retribuiu a carta de forma pouco compreensiva. Apesar do rompimento, Singer manteve a amizade com muitos dos companheiros da época. Em 1985 teve a oportunidade de ir à Israel e conheceu o kibutz para onde o pessoal do DROR migrou. Foi momento de reencontrar amigos que não via há 30 anos.

Depois de sair do DROR, em 1954, Singer foi naturalizado brasileiro e se vinculou ao Partido Socialista, inclusive, escrevia para o jornal do partido. Tinha uma importante liderança do partido socialista que era judeu, Febus Gikovate – era um médico que tinha participado do partido comunista, depois tornou-se trotskista e, finalmente, foi um dos fundadores do partido socialista brasileiro. Foi uma referência política para Singer.

5 - Trabalho como metalúrgico e formação política sindical

Singer começou a trabalhar e ajudar a família quando tinha 16 anos. Começou como auxiliar de escritório. Na época Singer havia acabado o ginásio e passou a cursar eletrotécnica na escola técnica Getúlio Vargas em São Paulo.

Antes disso, Singer trabalhou dando aulas de reforço – dando ênfase para sua vocação como professor. Enquanto estava estudando na escola técnica, Singer deu aulas para candidatos a cabos e sargentos da polícia militar de São Paulo. Tratava-se de um curso noturno o que permitia que

Singer estudasse durante o dia e trabalhasse a noite. O estudo de eletrotécnica era praticamente o dia inteiro. No período da manhã Singer tinha aulas teóricas e no período da tarde tinha oficina prática.

O problema é que a oficina não atendia as necessidades da eletrotécnica – era tudo orientado para a mecânica e, neste caso, Singer aprendeu também o ofício da mecânica, mas as peças que construía eram ruins. Nunca repetiu de ano, mas tinha consciência de que seu desempenho no curso técnico não era o melhor.

Quando concluiu o curso técnico, Singer recebeu algumas propostas de emprego. Na época era fácil conseguir emprego – todos buscavam mão de obra qualificada. Em 1953, Singer começou trabalhar na Indústria Atlas de elevadores – a maior fábrica do ramo da América Latina, tinha em torno de 3.500 trabalhadores. Fato curioso é que de todos estes trabalhadores apenas um tinha formação universitária: um engenheiro alemão que veio ser chefe de Singer. Na Atlas, Singer trabalhou durante um ano no laboratório eletrotécnico.

Assim que aderiu a fábrica, Singer se filiou ao sindicato e ali começou outra vertente política de sua vida: a luta operária. Em 1957 estourou greve dos 400 mil. Na época, havia uma inflação de vinte e poucos por cento e os sindicatos estavam sobre intervenção – dominados pelo partido comunista. Um cenário *sui generis*! Mas, na sequência emergiu a política anticomunista e o partido comunista foi colocado na ilegalidade, os sindicatos que haviam elegido comunistas tiveram interventores e as assembleias eram acompanhadas por um interventor e por um delegado de polícia do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). No entanto, os sindicalistas não se deixaram intimidar protegidos pelo fato de viverem em tempo de democracia. Naturalmente, com a politização que havia adquirido com suas experiências da vida, logo Singer, com 21 anos, se tornou uma das forças do movimento. Singer dizia que seu destaque se deu porque discutia com os comunistas pois os

compreendia como intransigentes e sectários – características que não considerava benéficas para a luta democrática.

Neste período Singer também compreendeu como as diferentes leituras de mundo se encontravam na luta. Seus principais companheiros de luta da greve dos 400 mil eram um operário cristão, bastante politizado e oriundo pastoral operária, e um anarquista. As reuniões aconteciam na sede dos anarquistas e Singer ficava constrangido pelos amigos cristãos, porque os anarquistas eram anticlericais declarados e por toda a sede haviam caricaturas grandes em imagens onde o povo pobre era esmagado por clérigos. Apesar das diferenças, criaram um movimento de orientação sindical.

A greve durou em torno de 3 meses e não havia negociação com o governo. Houve uma adesão total dos operários à greve. Os operários que aderiram à greve eram os chamados operários horistas. Os funcionários que tratavam da burocracia da fábrica – rotulados de “colarinho branco” – eram mensalistas e os “mestres” não faziam greve, mas apoiavam a greve, inclusive contribuíam para o fundo dos grevistas. Singer teve um papel significativo na adesão dos trabalhadores da Atlas na greve, pois eram poucos os filiados no sindicato (3%) e, estes, precisavam contextualizar os demais do que estava acontecendo. Também cumpriu um papel fundamental para o movimento grevista. O estádio de futebol da moca era um dos pontos de encontro dos sindicalistas, e Singer e outros companheiros se revezavam no plantão para receber os grevistas e dar espaço de voz para que os mesmos se manifestassem. Além disso, Singer fazia parte do conselho de salário, ou seja, o conselho que negociava em nome do sindicato com o patronato.

A greve foi relativamente vitoriosa naquela altura, os trabalhadores das mais diversas categorias (metalúrgicos, gráficos, vidreiros, marceneiros, tecelões...) obtiveram um aumento através de uma sentença da justiça do trabalho, ou seja, os trabalhadores foram julgados pela justiça do trabalho que reconheceu direito ao aumento referente a inflação.

A classe operária saiu vitoriosa! Tratava-se de um momento de aceleração do processo de democratização no Brasil. Antes disso não haviam greves muito expressivas (um pouco antes, houve uma greve de bancários) e a greve dos 400 mil teve uma importância significativa para a história.

Terminada a greve, Singer esperava por ser despedido do emprego, pois foi o único mensalista da empresa que aderiu a greve ativamente. Mas, para sua surpresa, a Atlas os recebeu novamente e solicitou que os trabalhadores elessem um conselho dos assalariados para reunir periodicamente com a direção da fábrica e, assim, facilitar a comunicação entre empregados e empregadores. Feito a eleição (sigilosa), Singer foi o mais votado e junto de outros companheiros passou a representar o “chão de fábrica” frente a direção da empresa. Foi um ano exercendo esta função. No refeitório da fábrica, mal conseguia comer porque sempre tinha um conjunto de operários querendo apresentar suas reivindicações que tinha relação direta com a implantação do taylorismo como modo de produção.

No entanto, as reuniões não estavam resultando como os patrões gostariam, e passados pouco mais de um ano, o tal conselho foi extinto. Os empresários alegaram que as reuniões semanais não estavam contribuindo para aumentar a produtividade e a eficiência do negócio e que os trabalhadores não apresentavam sugestões, apenas críticas e reinvidicações.

Na época, a direção da Atlas estava se relacionando com um novo movimento chamado “Rearmamento Moral”. O Rearmamento Moral é uma ideologia fundada por um pastor luterano americano que viveu grande parte da vida na Inglaterra onde o movimento foi se firmando tendo em vista quatro grandes valores («standarts of Life»): honestidade absoluta (nos negócios), pureza absoluta (nos costumes), altruísmo absoluto, amor absoluto¹⁰. Na década de 1950 este

¹⁰ Para maiores informações sobre o Rearmamento Moral ver: http://www.pr.gonet.biz/kb_read.php?num=2175&head=0

movimento estava se expandindo para outros continentes e países, inclusive o Brasil. No final da década houve um grande evento do movimento na Suíça e os donos da ATLAS não só resolveram participar como levar alguns dos trabalhadores/lideranças de sua empresa como estratégia de afinar as ideologias entre patrões e empregados. Nesta perspectiva, Singer foi um dos convidados para participar do evento representando a empresa. Singer não tinha nenhum interesse no “rearmamento moral”, mas nunca mais havia saído do Brasil depois do refúgio e viu ali uma oportunidade de viajar e conhecer lugares. Foi uma estadia curta, mais ou menos um mês. Singer aproveitou a oportunidade e reencontrou amigos do DROR que viviam na Europa – como um de seus antecessores no movimento que antes de ir para Israel passou por Paris e resolveu ficar – se tornou um premiado cineasta.

Nesta situação, Singer estabeleceu uma certa intimidade com os patrões que haviam se tornado companheiros de viagem. Mas, com as novas estratégias da empresa e com a extinção do conselho, já não tinha mais tanta motivação para continuar no emprego e, por isso, pediu demissão.

Singer falava deste processo como um grande aprendizado político e social. Era ele cumprindo um papel muito importante na luta de classe. O conselho era uma ferramenta de politização, muitos operários aderiram ao sindicato por conta deste processo.

Na sequência, Singer foi trabalhar na Philips – uma grande empresa holandesa e continuou militando no sindicato dos metalúrgicos e no partido socialista. Na Philips trabalhou como eletrotécnico projetando transformadores sobre medida e ficou lá cerca de 1 ano e meio. Neste processo participou de uma greve pelo décimo terceiro salário. Foi uma greve curta, dois ou três dias, e todas as categorias aderiram a paralisação que resultou na promoção de uma lei que garantia o 13º salário a todos os assalariados.

Singer nunca foi demitido, sempre saiu dos empregos por motivação própria. A não ser as situações de aposentadorias compulsória e expulsória.

6 - Primeiro casamento e adesão a universidade

Em 1955, Paul Singer se casou pela primeira vez. Singer tinha 23 anos e Eveline tinha 15 anos e ainda cursava o secundário. Tratava-se de uma moça judia que havia nascido na França e mudado pequena para o Brasil. Eveline era poliglota e falava fluentemente alemão, francês, inglês. Tinha um visível talento linguístico, tanto que mais tarde ministrou aulas de línguas. Eveline era oriunda de uma família também refugiada e bastante politizada. A mãe de Eveline havia conseguido revalidar o diploma de bacharel em direito e advogava no Brasil, o pai era um químico austríaco e tinha um cargo relativamente elevado nas fabricas Matarazzo. Ambos faziam parte do partido comunista austríaco, mas quando chegaram ao Brasil optaram por não se filiar ao partido comunista brasileiro, embora tinham uma forte consciência política. No Brasil, Eveline ingressou no DROR numa época diferente de Paul Singer, mas frequentavam os mesmos espaços. Eveline estava interessada em discutir política e os companheiros do DROR disseram para que procurasse Paul Singer – considerado um antigo membro do movimento que estava no Partido Socialista. Foi assim que Singer e Eveline se conheceram, namoraram e, em 1955, casaram.

Na época, o casal queria avançar com a sua relação e os pais de Eveline entenderam que ela deveria casar para seguir com uma vida conjugal. Singer, de imediato, concordou. Embora entendesse que a companheira era jovem demais para casar, tratava-se de uma questão de honra.

O casamento com Eveline durou 3 ou 4 anos e, em fevereiro de 1958, tiveram um filho: o André. Quando o André nasceu, Eveline teve uma forte depressão – talvez uma depressão pós-parto, e o casamento não se sustentou. O André ficou vivendo

com a mãe, mas Singer, procurava ser um pai presente mesmo com a distância. Mais tarde, André passou a viver com Paul Singer.

Singer tinha uma relação muito próxima com os sogros e reconhece que eles tiveram forte influência sobre sua vida. Os sogros sempre o incentivaram a frequentar um curso universitário, no início Singer resistiu a ideia porque entendia que a universidade era muito burguesa. Singer se interessava por economia, mas a economia que se ensinava na Universidade de São Paulo (USP) era a economia neoclássica, contra a qual ele tinha todos os preconceitos possíveis, pois era um marxista fervescente.

Sendo assim, logo depois de casar, Singer buscou um trabalho que o permitisse trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Conseguiu um emprego de meio turno em uma entidade pública que fazia a divisão do pagamento do transporte ferroviário entre as diferentes companhias ferroviárias. Mais tarde, em 1956, mesmo com os preconceitos contra a universidade – Singer fez vestibular para economia na USP e entrou na universidade aos 24 anos de idade.

Seduzido pelo ambiente acadêmico, Singer foi mudando sua leitura sobre a universidade. A realidade contrariou todos os seus temores. Como Singer era um exímio conhecedor da economia marxista – que havia estudado por conta própria, dialogava com os professores – que pouco conheciam de Marx – de forma diferenciada que os demais colegas. O professor que mais conhecia as leituras de Marx era Delfin Netto – que na época lecionava estatística para Singer. Delfin adquiriu respeito intelectual e admiração de Paul Singer e mantiveram uma relação de amizade durante a vida. Singer teve bons professores de economia que, inclusive, o ajudaram estudar Keynes que, segundo Singer, não se trata de uma leitura simples. Os livros do Keynes são pequenos perto do *O Capital*, mas de difícil compreensão.

Durante a faculdade, Singer teve seu primeiro trabalho acadêmico publicado. Motivado pelo professor Dorival Teixeira Vieira, Singer estudou a recessão que afetou a economia dos Estados Unidos, em 1957 e 1958, e se dedicou a refletir sobre as proposições de William *FELLNER* (*Trends and Cycles in Economic Activity*, New York: 1956) que resultou no trabalho *Considerações sobre a situação econômica dos Estados Unidos* publicado no nº 103, volume XXXV da Revista Anhembi.

Três anos depois, em 1959, Singer se formou e foi contemplado com um prêmio referente ao melhor aluno da turma de formandos.

Durante o curso universitário, Singer prestou o primeiro processo seletivo da carreira e começou a trabalhar lecionando aulas de geografia para um curso preparatório para o vestibular que era sustentado pelo Grêmio Estudantil. Singer também se envolveu com o movimento estudantil, não em uma condição de liderança, mas em uma espécie de assessor. O movimento estudantil era extremamente politizado, de esquerda e Singer tinha uma estreita relação com os dirigentes das entidades estudantis, como a União Nacional de Estudantes (UNE) entre outras.

7 - Vida pós formado, segundo casamento e início da carreira acadêmica

Logo que Singer se formou, recebeu proposta para trabalhar em um escritório de pesquisa de opinião pública e mercado. Na verdade, o emprego foi oferecido para Eveline, mas na época o bebê estava quase nascendo e ela não aceitou. Foi então que ofereceram a vaga para Singer que, interessado na proposta do trabalho, aceitou. André nasceu em 1958 e logo depois (1959) o casal se separou.

No escritório de pesquisa, Singer trabalhava apenas pela manhã. Ele era responsável pela análise dos dados. A pessoa que era responsável pelo tratamento dos dados em quadros, tabelas e gráficos trabalhava no período da tarde e,

por isso, se comunicavam por bilhetes. A pessoa em questão era uma socióloga chamada Melanie, que mais tarde veio se tornar esposa e companheira de vida de Paul Singer.

Durante um bom tempo Singer e Melanie apenas se conheciam por bilhetes e pelas impressões que seus colegas de trabalho – que os conheciam pessoalmente – tinham sobre eles. De toda forma, já existia uma admiração mútua de um pelo trabalho do outro e, em novembro de 1959, se conheceram pessoalmente, começaram a namorar e, três anos depois, em 1962, se casaram e viveram juntos até a morte de Melanie – em decorrência de um câncer de pâncreas– em janeiro de 2012.

Com Melanie, Singer teve duas filhas: Suzana (1965) e Helena (1967). O casal criou os três filhos (André não era filho biológico de Melanie, mas viveu com ela grande parte da vida e foi criado como se fosse) e viveram com grande cumplicidade.

Curiosamente, ou não, toda a família de Singer teve formação em sociologia: a primeira esposa, a segunda esposa e os três filhos. O André fez ciências sociais e jornalismo e é professor da USP. O André foi o primeiro porta voz do presidente Luís Inácio Lula da Silva – vulgo Lula; A Suzana iniciou cursando ciências sociais e depois fez jornalismo – profissão que atua até hoje; e a Helena fez Ciência Sociais e trabalha com educação e direitos humanos.

Quando foram para os EUA, Melanie e Singer falavam inglês e não obtiveram problemas comunicação¹¹. Lá, fizeram bons amigos. Singer lembrava, particularmente, de um colega tcheco com uma história muito sofrida cujo o pai havia sido fuzilado por ser um militante do partido comunista tcheco que

¹¹ Quando estava no Ginásio, Singer teve problemas com o inglês e sua mãe o matriculou em um curso de línguas. Depois disso, Singer passou ter uma relação estreita com o inglês, pois a maior parte do material que o interessava estava em inglês e, portanto, lia muitos livros na referida língua. Quando foi para o EUA o inglês de Singer foi considerado semelhante de um *native speaker*.

lutou na guerra espanhola.

O período que viveram nos EUA foi um momento histórico marcante, pois tratava-se de uma época de mudanças sociopolíticas marcadas pela eclosão dos movimentos negros, feministas e contra a Guerra do Vietnã que certamente influenciou na leitura de mundo de Singer e Melanie.

A família de Singer, esposa e filhos, de certa forma seguiu uma orientação de esquerda. Mas o curioso é que Melanie não seguiu os passos políticos e partidários do marido. Em certa altura ambos trabalhavam no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) – que se desdobrou em várias vertentes teóricas e políticas (como é possível ver mais adiante). Melanie se identificou com o discurso dos colegas que iam pela linha da socialdemocracia e, assim, estabeleceu uma relação maior com o PSDB – partido de Fernando Henrique Cardoso. A divergência política sempre foi salutar no âmbito da família Singer.

Terminado o curso de economia, já casado com Melanie, deu-se início a reconhecida carreira acadêmica de Paul Singer. Em 1960, quando Singer tinha 28 anos, foi convidado pelo professor Mário Vagner Vieira da Cunha para ser seu assistente na USP na cadeira de “Ciências de Administração”.

Além de Singer, Mário Cunha também convidou Lenina Pomeranz - judia, polonesa e militante do partido comunista – que havia sido colega de classe de Paul Singer. Singer falava da colega com muito carinho, lembrava de uma colega muito generosa – foram amigos até o final da vida.

Neste período, Singer lecionava “Estrutura das organizações econômica”, cujo o programa versava sobre economia agrícola. Dentre os trabalhos teóricos nesta área destacam-se: “Agricultura e Desenvolvimento Econômico” publicado em 1961 na Revista Brasileira de Estudos Políticos, nº 12; e “Estudo da Agricultura na Bacia do Paraná-Uruguaí” publicado em 1963 na Revista Brasileira de Ciências Sociais,

nº 2.

Entre 1961 e 1963, Singer passou a fazer cursos de pós-graduação na Faculdade de Economia e Administração FEA – USP dedicando-se mais ao tema de desenvolvimento econômico. Sendo assim, realizou os seguintes cursos: “Teoria do Desenvolvimento” ministrado pelo professor Antônio Delfim Netto em 1961; “Política Econômica” ministrado pelo professor José Francisco Camargo em 1962; e “Planejamento Governamental” também ministrado pelo Delfim Netto em 1963. Nesta época, Singer produziu vários textos e ensaios que mais tarde, em 1968, foram reunidos no livro *Desenvolvimento e Crise*. Entre eles destaca-se: *Conjuntura e Desenvolvimento*, também publicado em 1963 na Revista de Administração; *Política Econômica do Desenvolvimento*; e *Conceituação de Desenvolvimento*.

Outras publicações que se destacaram neste início de vida docente de Paul Singer são: *Análise Crítica do Plano Trienal* oriundo de uma demanda da União Nacional de Estudantes (UNE) que havia pedido para que Singer apreciasse o Plano Trienal elaborado por Celso Furtado para o Governo João Goulart em 1963. Este trabalho foi publicado no mesmo ano pela UNE; *Ciclos de conjunturas em Economias Subdesenvolvidas*, publicado em 1965 na Revista Civilização Brasileira, nº 2; em 1965 elaborou o capítulo final do livro *Desenvolvimento e Crise* intitulado *Implicações Políticas da Crise Econômica*.

A carreira como professor assistente durou quase uma década, quando foi interrompida em 1969 em decorrência do golpe militar.

8 - O grupo do *O Capital*

No período de transição do Singer aluno para o Singer professor, houve um episódio importante na vida política da USP da qual Singer participou ativamente.

Criou-se o famoso Grupo do *O Capital* – um grupo de estudos sobre a obra marxista que envolveu importantes

referências intelectuais e políticas do Brasil e que durou entre 1958 – 1965.

Em 1958, Singer estava no terceiro ano da universidade e mantinha uma atividade política intensa, quando recebeu o convite de Arthur Giannotti¹² para participar de uma reunião que deu início ao grupo do *O Capital* na USP.

Giannotti é professor de filosofia, na época era professor assistente e tinha passado um longo período de estudos na França. Singer lembrava que ele falava português com acento em francês – curiosamente. Giannotti voltou da França convencido de que *O Capital* não era apenas um manual de economia e entendia que a obra de Marx devia ser estudada pelas diferentes disciplinas e, foi então, que idealizou o grupo de estudo multidisciplinar que fez história. Singer alegava que o grupo do *O Capital* passou a tratar a economia como disciplina dentro de uma coisa maior: a economia política.

Além de Singer (economia) e Giannotti (filosofia), o grupo era composto por nomes como Fernando Henrique Cardoso - FHC (sociologia), Ruth Cardoso (antropologia), Fernando Antônio Novais (História), Juarez Brandão Lopez (sociologia), Sebastião Advícula da Cunha (economista), Roberto Schwarz (filosofia), Otávio Ianni (sociologia), Francisco Correia Weffort (ciência política), Michael Löwy (sociologia) e Gabriel Bolaffi (sociologia), entre outros. Era um grupo entre 10 e 15 pessoas. Depois de alguns meses o grupo diminuiu e quem pode ficar – ficou até o fim. Eram reuniões quinzenais que aconteciam no espaço privado, sendo realizadas aos sábados cada vez na casa de um dos participantes que, apesar da disciplina com as leituras e com a discussão, socializavam de forma informal. O rodizio dos espaços de

¹² Singer foi indicado por Fernando Novaes que havia lecionado história para ele e entendia que o Singer podia dar várias contribuições ao grupo, pois tinha uma forte vertente política, econômica e falava fluentemente alemão – língua original do *O Capital*.

realização do grupo se dava por ordem alfabética. Singer dizia que todos, sobretudo as mulheres, se esforçavam muito para criar ambientes agradáveis para reflexão. Em cada reunião o grupo discutia um capítulo do *O Capital* onde todos liam - liam em línguas diferentes - e um apresentava (esta distribuição também era por ordem alfabética). A proposta era que todos participassem por igual.

A proposta do grupo era também contrapor as posições de dois grupos do Brasil que dominavam a reflexão de esquerda no país. O primeiro grupo era o Partido Comunista do Brasil (PCB) que se pautava por um marxismo vulgar; e as ideias nacionalistas do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) que fundamentava o desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek. Para tanto o grupo não estudou apenas Marx, mas também vários outros nomes das ciências sociais e econômicas. No entanto, o principal intuito do grupo era fazer uma Economia Política Moderna tendo em vista o pensamento teórico, econômico, sociológico e histórico.

Singer lia *O Capital* em alemão - no original. Em certa altura Singer observou que alguns falavam de um *Capital* que ele desconhecia. Tinham questões que apareciam em algumas versões que não estavam no original. Mais tarde, se descobriu que a versão em francês do *O Capital* teve observações inéditas do próprio Marx. Quando *O Capital* foi traduzido para o francês, Marx ainda era vivo e o tradutor francês resolveu oferecer sua versão para leitura e avaliação de Marx que acabou por alterar partes do conteúdo mesmo em francês. Assim, é sabido que a edição francesa do *O Capital* é maior e mais completa que a versão alemã.

Foi um período de grande aprendizagem para Singer, não só pelo estudo da obra marxista em si, mas por conhecer a base de reflexão de cada uma das diferentes disciplinas, que tinham olhares diferentes do mesmo texto. Foi aí que Paul Singer se aproximou muito das ciências sociais, principalmente filosofia e sociologia.

Em entrevista à Guido Mantega e José Márcio Rego,

Singer disse que o

Grupo do Capital deu pelo menos duas grandes contribuições para as Ciências Humanas no Brasil. Em primeiro lugar, permitiu o entendimento de que as ciências humanas possuem uma série de pontos de contato, pois a divisão disciplinar e profissional é alienante, porque não se consegue entender economia sem os fatores sociais e políticos. A divisão social do trabalho, de acordo com o modelo americano, criou as profissões de economista, sociólogo ou cientista político, isoladas em suas áreas de competência por altos muros. Então o grupo de *O Capital* ajudou-o a entender que era preciso derrubar esses muros. Em segundo lugar, esse grupo permitiu resgatar o pensamento original de Marx, desvirtuando pela longa sequência de interpretes. Ou seja, a rigor não se lia Marx. Liam-se os divulgadores do marxismo, já no meio de enormes polêmicas e distorções que havia entre a Segunda Internacional, tida como reformista, a terceira, tida como leninista e depois stalinista e a Quarta Internacional, trotskista. Segundo Singer, ‘após toda uma série de montagens e remontagens, nós chegamos ao original. Nós resgatamos aquilo que estava na origem destas polêmicas’ (MANTEGA & REGO, 1999).

Com o golpe militar a continuidade do grupo ficou comprometida. Os intelectuais que participavam do grupo também tinham envolvimento político, embora Singer se destacasse neste quesito tendo em vista toda sua história militante e participação em partido político. O grupo do *O Capital* não era marxista, embora tivessem muitos – como Singer – que se reconheciam como marxistas. Não era uma condição ser marxista para entrar no grupo, mas era um grupo de esquerda e na época, pelo menos o círculo na USP, a esquerda era marxista.

O Fernando Henrique Cardoso (FHC) ficou visado e recebeu uma ordem de prisão - a partir de 1968 o regime político nacional assumiu uma face mais feroz e as ameaças passaram amedrontar. Antes do grupo do *O Capital*, Fernando

Henrique e o Otavio Ianni faziam parte do Partido Comunista, mas se afastaram depois da divulgação do famoso Relatório Khrushchov¹³ que denunciou a ditadura do Stalin e foi uma enorme crise no partido comunista, pois comprometia as ideologias comunistas e militantes.

FHC corria perigo, e precisou se exilar. FHC e Ruth foram viver no Chile e as reuniões passam a ser cada vez menos constantes até que terminaram, mais ou menos, um ano depois da partida dos colegas para o exílio. Segundo Singer, O Fernando Henrique sempre desempenhou um papel político e se relacionava com o poder de forma própria seja nos espaços formais – como a universidade, seja nos espaços informais – como o grupo do *O Capital*. Não é por acaso que ele teve uma carreira política brilhante. É natural que sua saída do Brasil tenha influenciado a continuidade do grupo.

9 - Transições na universidade e aposentadoria compulsória

Como já dito, Singer era professor assistente da USP vinculado ao professor catedrático Mário Vagner Vieira da Cunha que já estava em tempo para se aposentar, mas não o fazia porque estava esperando os assistentes completarem doutoramento para deixar a cadeira. Na época não havia mestrado e Singer ainda não havia começado o doutorado e Lenina estava na Polônia. A conjuntura não permitia que os assistentes assumissem a cadeira de Mário Vagner e, assim, ele desistiu de esperar e resolveu se aposentar. Com a aposentadoria do catedrático, Singer precisou se demitir.

Fora da USP, Singer voltou a procurar emprego no mercado de trabalho e empregou-se como economista na empresa Hidroservice (firma de planejamento e projetos hídricos), onde trabalhou por alguns anos e foi chefe do departamento de planejamento.

¹³ Significou, também, uma mudança da linha oficial do Partido Comunista da União Soviética e dos seus postulados baseados no chamado stalinismo. Ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Discurso_Secreto

Neste período, Singer também passou a lecionar cursos de teoria econômica e história do pensamento econômico em duas faculdades que hoje fazem parte da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP): Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara.

Em 1963, recebeu o convite para trabalhar com Florestan Fernandes - um sociólogo, intelectual e ativista muito respeitado e admirado por Paul Singer. Florestan tinha um centro de estudos de sociologia do trabalho que tinha recursos para a realização de pesquisas. O Florestan queria estudar a desigualdade regional no Brasil a partir de um ponto de vista não econômico, ou seja, um estudo que abalizasse também elementos considerados objetos das ciências sociais: fatores culturais, sociais, raciais, etc., mas, para isso, entendia que precisava de uma análise econômica, para concentrar a reflexão nos outros fatores.

Para a realização desta pesquisa, Florestan organizou um corpus de pesquisa tendo em vista 5 cidades brasileiras: São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte; e precisava de alguém que fizesse um estudo do desenvolvimento econômico destas cidades. Na época, Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni eram professores assistentes de Florestan e como ambos conheciam Singer do grupo do *O Capital*, o indicaram para a realização da pesquisa.

Contratado por Florestan Fernandes, Singer viveu uma importante experiência de pesquisa de campo vinculada a cadeira de sociologia da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Foram quase três anos onde visitou cada uma das cidades, conheceu a vida econômica, social e cultural das cidades, entrevistou pessoas com os mais diferentes perfis e escreveu uma série de relatórios, um sobre cada cidade. No estudo, Singer buscava analisar porque uns territórios se desenvolveram mais do que outros e, assim, traçou uma história econômica de cada uma das cidades pesquisadas.

Em 1965, Singer estava entregando os últimos relatórios – referentes a cidade de São Paulo – Florestan o chamou para uma reunião e disse que o trabalho realizado daria uma tese de doutoramento em sociologia e que se Singer quisesse aproveitar o trabalho, ele poderia orientá-lo. Assim, Singer reorganizou o trabalho em formato de tese e, como já havia feito alguns cursos de pós-graduação, poucos meses depois, defendeu a tese intitulada *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*.

Em 1966 a professora Elza Berquó estava planejando o Centro de Estudos de Dinâmica Populacional - Cedip. A Elsa era professora catedrática da USP vinculada a Faculdade de Higiene e Saúde Pública. Tratava-se de um centro de estudos demográficos e a Elsa queria uma equipe multidisciplinar e, neste caso, precisava de um economista. Na época, a professora pediu indicação ao departamento do Florestan Fernandes e todos recomendaram o nome de Paul Singer. Desta forma, Singer recebeu um convite para voltar para a universidade como professor vinculado ao CEDIP e assim o fez – abandonando as outras atividades profissionais e acadêmicas.

A professora Elza Berquó era bastante respeitada e relacionada e, na época, conseguiu, via Organização Mundial da Saúde, algumas bolsas para sua equipe estudar nos Estados Unidos da América (EUA). Assim, entre 1966 e 1967, Singer mudou-se com a família (sua esposa Melanie grávida da filha casula – Helena, e os filhos André e Suzana que tinham 8 e 1 anos respectivamente) para o EUA onde realizou uma especialização em demografia na universidade de Princeton.

Nos EUA Singer cursou demografia no Office of Population Research Princeton University com o professor Ansley Coale um dos mais destacados investigadores no campo da demografia formal e aplicada. Tratava-se de um intelectual de orientação malthusiana que também se interessava por desenvolvimento econômico. Além da

demografia, Singer aproveitou a oportunidade e se organizou para também fazer um curso sobre desenvolvimento econômico ministrado pelo professor Frederik Harbison no Woodrow Wilson Center também na Universidade de Princeton. Sua monografia de conclusão de curso na demografia, de certa forma, refletiu os interesses dos dois cursos. Seu trabalho tratou de uma análise sobre o efeito do crescimento populacional sobre o desenvolvimento e descobriu que, num país como o Brasil, o crescimento populacional era positivo, contrariando todas as teses do seu professor malthusiano.

Mesmo contrapondo as pesquisas de Princeton, o trabalho de Singer foi reconhecido e ganhou repercussão mundial, inclusive, foi convidado para participar de alguns eventos europeus a fim de discutir e contrapor as teses Malthus. Singer despertou interesse não só por ser ante malthusiano, mas também por falar olhando para o sul: os pesquisadores do Norte queriam compreender a representação que o Sul tinha sobre a sociedade e a economia.

Ao voltar para o Brasil, Singer retomou seu trabalho na USP com a professora Elza Berquó e aproveitou o trabalho realizado em Princeton para se tornar livre docente com a tese intitulada *Dinâmica Populacional e Desenvolvimento* que foi publicada mais tarde em 1970 em português no Brasil e 1971 em espanhol no México.

Em 1968, Paul Singer participou ativamente de um processo de formação que teve profundo impacto na produção do conhecimento em torno das questões econômicas. O ano de 1968 passava por momentos históricos importantes no mundo inteiro. Uma série de movimentos de resistências ao *status quo* ganharam a cena política em vários países, entre eles destaca-se a revolução cultural na China, maio de 68 em Paris, a Primavera de Praga, os levantes estudantis no México, Argentina e Brasil.

Na época, os estudantes e professores se mobilizaram em torno de uma almejada reforma universitária e deram

início a um processo de greve. Foi nesta ocasião que Singer e demais professores fundaram a Associação Paulista de Professores de Ensino Superior (APES) da qual Singer foi secretário geral e Cesarino Júnior era o presidente. O movimento estudantil brasileiro também fazia suas articulações e se afirmava com uma força significativa. Assim, os estudantes organizavam várias atividades tanto para resistir a lógica dominante quanto para fortalecer a formação como estratégia política de qualificação de quadros. Com esta perspectiva, os estudantes do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da USP convidaram o professor Singer para ministrar um curso de economia. O curso teve uma enorme adesão e teve início em um auditório da Faculdade de Ciências Econômicas. No entanto, tratava-se de um período muito tenso, foi o período que antecedeu o Ato Institucional nº 5¹⁴, e o diretor da Faculdade de Economia julgava que a continuidade do curso nas dependências da universidade evidenciava certo perigo. Desta forma, os alunos começaram a procurar outro local que comportasse todos os interessados no curso e, assim, conseguiram o espaço do Teatro Arena, onde as aulas aconteciam aos sábados pela manhã – período em que o teatro estava livre.

As aulas de economia do Singer reuniram centenas de pessoas. O professor ficava no meio da arena e as pessoas todas ao redor. Singer dizia que a logística do teatro não permitia que ele enxergasse o público, parecia que ele estava falando para ninguém, no entanto o espaço estava lotado.

Foram 12 aulas muito especiais, Singer aproveitou a oportunidade para mostrar como a ciência econômica era dual: inspirada ora em Marx e ora em Keynes e os neoclássicos. O curso teve uma grande repercussão. Os estudantes gravaram as aulas e depois submeteram as

¹⁴ O Ato Institucional Nº 5, ou AI-5, foi o quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro nos anos seguintes a Intervenção Militar de 1964 no Brasil. Ver https://pt.wikipedia.org/wiki/Ato_Institucional_N%C3%BAmero_Cinco

transcrições para a revisão de Singer. Em certa altura, Singer soube que material oriundo das aulas estava sendo reproduzido em todo o Brasil e que era uma importante ferramenta pedagógica. Assim, 7 anos depois, Singer resolveu reunir o material em um livro. No entanto das 12 aulas, 2 haviam sido confiscadas pelo governo militar¹⁵ e Singer precisou refazê-las para completar a obra. Assim feito, 1975 foi publicado o livro *Curso de Introdução à economia política*, que se tornou uma importante referência para organização do ensino de economia no Brasil, ultrapassando a vigésima edição.

Na sequência deste processo, a carreira acadêmica e docente de Paul Singer foi interrompida pelo AI5 quando foi aposentado compulsoriamente, em 1969. Nesta época o regime enrijeceu e fez uma “limpa” nas universidades. Os professores mais conhecidos, mais respeitados, com envergadura política de esquerda foram afastados e proibidos oficialmente de trabalhar em qualquer instituição de ensino oficial, e – nesta elite – estavam Paul Singer e sua catedrática Elza Berquó. Praticamente todos os envolvidos no grupo do *O Capital* foram aposentados de uma única vez (alguns poucos foram poupados) numa única publicação oficial e sem nenhuma explicação sobre os critérios para a demissão. Singer e os demais não ficaram surpresos, de certa forma estavam esperando que alguma represália fosse acontecer e começaram a discutir alternativas futuras: o que fazer? Exílio? Lecionar em outros países? Tentar criar condições para ficar no Brasil?

¹⁵ Dois dos estudantes que organizaram o Curso de Economia de Singer, em certa altura, entrevistaram Caio Prado Júnior e quando o conteúdo da entrevista foi publicado foram todos presos e duas das aulas do Singer foram confiscadas juntamente com outros materiais.

10 - A formação do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP)

Como a maior parte do Grupo do *O Capital* era comprometida politicamente, ir embora do Brasil era a alternativa que menos agradava e, por isso, o coletivo começou a pensar uma alternativa para se manter no Brasil e continuar o trabalho multidisciplinar vinculado com o estudo da realidade social e política. Foi então, que em 1969, foi criado o CEBRAP¹⁶ (com apoio da fundação FORD que estava financiando pesquisas em andamento na USP) que seria reconhecido como um centro de referência das ciências sociais do Brasil.

O CEBRAP compreendia a retomada do grupo do *O Capital* (4 anos depois da dissolução do mesmo) – a equipe era fundamentalmente a mesma acrescida de vários outros nomes como Elza Berquió, Chico de Oliveira, Cândido Procópio Ferreira, Carlos Esttevan Martins, Frederico Mazzuchelli, Bolivar Lamounier, Geraldo Muller e Guido Mantega. Tratava de um espaço que envolvia profissionais de várias áreas do conhecimento e que se posicionavam contra o regime ditatorial militar. No momento histórico mais obscuro, O CEBRAP realizava suas atividades sem muita exposição, mas com envolvimento de seus membros na luta ideológica acabou por se tornar um importante espaço de resistência da ditadura.

Para garantir um cotidiano de pouca exposição, o CEBRAP usou de duas estratégias principais: os recursos eram captados através de estudos de planejamento para empresas onde os ex alunos trabalhavam, ou seja, nada que viesse incomodar o regime político; e investiram numa formação interna. Os membros do CEBRAP estavam convencidos que a proposta multidisciplinar era a estratégia político pedagógica mais acertada. A experiência que o grupo do *O Capital* permitiu, onde todos aprendiam alguma coisa da

¹⁶ A primeira sede do CEBRAP ficava situada em uma casa velha na Rua Bahia, nº 499 em São Paulo.

ciência do outro, foi fundamental para a dinâmica cotidiana do CEBRAP. Sendo assim, o grupo resolveu realizar cursos internos onde uns davam aulas para os outros. Singer dava aulas sobre a economia em Keynes e Marx. Também preparou um curso (que mais tarde lecionaria em Berlim quando foi professor visitante) sobre a teoria do emprego e marginalização. Tratava-se de uma reflexão para distinguir as diferenças entre desemprego e pessoas que jamais seriam exploradas pelo trabalho. Segundo Singer, mais do que a exploração do trabalho havia uma exclusão social.

Os cursos internos eram elaborações de reflexões que iriam ser melhor desenvolvidas em projetos posteriores. Destes cursos surgiram os famosos “mesões” que eram espaços de discussão dos textos que não estavam inteiramente prontos ou não publicados. Os mesões refletiam muitos contrastes de opinião e posições. Os mesões eram compostos por importantes quadros da inteligência brasileira. Além dos membros do CEBRAP, também participavam dos mesões alguns convidados como: Maria Conceição Tavares, Pedro Malan, Celso Furtado (quando não estava na França) entre outros.

Apesar das diferenças teóricas e políticas, Singer dizia que as pessoas eram generosas, ouviam atentamente a posição do outro, mas se posicionavam sem grandes cerimônias. Singer entendia os “mesões” como um enorme privilégio e uma excelente experiência intelectual. As críticas – muitas vezes duras – eram sempre bem-vindas! Os “mesões” foram grandes estímulo e influência na produção e trabalho desenvolvido por Singer.

Um exemplo da diversidade teórica dentro do CEBRAP eram os trabalhos de Paul Singer e Chico de Oliveira. Apesar da cumplicidade política, Singer e Chico tinham leituras dispares oriundas de histórias e vivências diferentes. Singer afirmava que não se tratava de divergência e sim diversidade. Fato é que dificilmente trabalhavam juntos, ou o Chico pegava determinado trabalho ou o Singer o pegava.

Em 1972 houve um “mesão” sobre a reavaliação do milagre econômico no Chile e a reflexão sobre a conjuntura econômica brasileira pelo ângulo do milagre. A partir desta reflexão tanto Singer como o Chico foram motivados por Maria da Conceição Tavares e José Serra a escrever sobre o milagre econômico. Ambos escreveram textos muito importantes que se tornaram referências teóricas. O Chico escreveu a *Crítica da razão dualista* e Singer escreveu *A crítica do milagre*.

10.1 - Aproximação do CEBRAP com o Movimento Democrático Brasileiro (MDB)

O CEBRAP também teve uma importante participação no planejamento político do MDB. O CEBRAP fez o primeiro programa político do MDB. Em 1974 houve uma eleição presidencial indireta, mas que teve campanha política. O Ulysses Guimarães saiu como único candidato deste processo eleitoral. Segundo Singer, ele e os companheiros do CEBRAP não acreditavam na oposição do MDB à ARENA (Aliança Renovadora Nacional – ARENA – era o outro partido político brasileiro da época que tinha como finalidade dar sustentação ao governo militar). Na leitura do CEBRAP eram partidos semelhantes. Depois percebeu-se que havia diferenças importantes.

A aproximação do CEBRAP com o MDB ocorreu por interlocução do Singer. Na época havia uma sobrinha do então Deputado do MDB – João Pacheco Chaves (fazendeiro no interior de São Paulo) que estava vinculada a Faculdade de Filosofia da USP. Esta sobrinha – chamada Ana – procurou Singer e perguntou se ele poderia receber os líderes do MDB para conversar. Sendo assim, Singer recebeu em sua casa João Pacheco Chaves e Ulysses Guimarães que queriam se aproximar do Singer e amigos a fim de criar um programa político para o MDB com uma visão político ideológico. Assim, Singer os apresentou para os colegas do CEBRAP. FHC e Ulysses ficaram muito próximos e, por via do FHC, o CEBRAP fez o programa de governo do MDB.

10.2 - Perseguição política - Operação Bandeirantes

Ainda em 1974, o CEBRAP sofreu represália e perseguição política por parte da Operação Bandeirantes, vulga OBAN.

O CEBRAP ficou visado pela OBAN quando esta interceptou o envio de material acadêmico clandestino para a Inglaterra. Tratava-se da tese de doutorado de Regis de Castro Andrade. Por este motivo Paul Singer e Vinícius Caldeira Brant foram presos. Singer dizia que foi uma prisão curta, mas bastante difícil, pois lembrava de ouvir Vinícius ser torturado durante toda a noite. Singer foi apenas interrogado, mas não foi torturado. Também não sabe o motivo pelo qual foi poupado e o Vinícius não.

Ficaram presos durante uma semana em celas isoladas e sem comunicação. Houve todo um movimento para libertá-los e conseguiu-se uma determinação superior para liberá-los. No entanto, eles foram soltos dias depois da ordem de soltura o que gerou um mal-estar familiar, pois todos achavam que eles estariam mortos já que não haviam voltado para casa. Por conta desta situação, a esposa de Singer, Melanie, se expôs muito e não sabem como ela ficou ilesa na ocasião.

10.3 - A tradução do *O Capital*

No âmbito do CEBRAP, Singer recebeu o convite para traduzir *O Capital* para a versão português e assim o fez. Tratou-se de um trabalho que demorou, mais ou menos, uns quatro anos e foi muito bem remunerado, parte do apartamento onde a família de Singer viveu e onde ele morou até o final da vida, foi paga com honorários oriundos deste trabalho.

Singer não foi o primeiro tradutor do *O Capital* para o português. Na ocasião, quando a editora abril fez o convite, Singer alegou que já havia uma tradução de *O Capital* e pediu para traduzir a “mais valia” – que ele julgava muito bom também e merecia uma versão em português, mas parece que

a tradução que havia de *O Capital* tinha muitas falhas e se fazia necessária uma tradução mais fidedigna, pois os especialistas percebiam as diferenças.

Desta forma, Singer coordenou uma força tarefa para traduzir ao português um dos maiores clássicos do mundo. Tratava-se de uma equipe de três pessoas: dois especialistas em letras e Paul Singer que era economista, estudioso de Marx e *native speaker em alemão*. Os especialistas em letras traduziam o texto do alemão para o português de forma literal e Singer fazia a revisão tendo em vista o conteúdo e raciocínio do autor.

No entanto, o trabalho não ficou a contento de Paul Singer, pois por motivos pessoais um dos dois especialistas que trabalhavam na tradução atrasou muito o trabalho o que também atrasou o trabalho de revisão. Pois a tradução atrasada era referente aos primeiros capítulos do texto e não fazia sentido Singer fazer a revisão de trás para frente. Em certo momento, a editora resolveu publicar o material que faltava sem a revisão final de Singer o que não ficou bom, pois os especialistas realizavam a tradução de forma descuidada, pois sabiam que o Singer iria rever o conteúdo na sequência. Neste caso, Singer teve envolvimento e responsabilidade direta com a tradução dos volumes 1 - sobre o processo de produção do capital e o volume 2 - o processo de circulação do capital, mas o volume 3 - sobre o processo global da produção capitalista, não passou pela revisão de Singer.

O Capital foi distribuído às bancas pela coleção “Os economistas”, da Editora Abril, em 1983 - ano do centenário de morte de Karl Marx. As datas, Singer memorizou tendo como marco uma coincidência entre os economistas clássicos: os anos de morte e nascimento de Marx e Keynes, pois Marx nasceu em 1818 e morreu, com 65 anos, em 1883 - ano do nascimento do Keynes.

Na época a editora abril foi dividida e criou-se a editora abril cultural que estabeleceu uma parceria com o CEBRAP para a realização de várias publicações. Além do *O Capital*, o

CEBRAP organizou grande parte dos textos da coleção Os Pensadores e também elaborou a Enciclopédia Abril. Paul Singer participou e organizou vários volumes dos pensadores, dentre eles, Rosa Luxemburgo.

10.4 Publicações via CEBRAP

Dentre as publicações de Paul Singer no âmbito das atividades do CEBRAP, além do *O Capital* e da coleção Os Pensadores, destacam-se:

- *Nível de Renda e Fecundidade* oriundo da Pesquisa sobre Reprodução Humana no Distrito de São Paulo realizada com Elza Berquó e publicada em 1977 em um livro organizado por Elza Bequó intitulado *A Fecundidade em São Paulo: Características Demográficas, Biológicas e Sócio-Econômicas*;

- *Estudos sobre a População Brasileira* oriundo de um estudo encomendado pelo CICRED (Comité International de Coopération dans les Recherches Nationales en Démographie). Este trabalho foi publicado em 1974 nos seguintes periódicos: em português no Caderno 20 do CEBRAP; em francês no livro *Implications Économiques et Sociales de l'Évolution de la Population Brésilienne et de la Politique Démographique*; em espanhol na Revista Latino-Americana de Demografia.

- *Elementos para uma Teoria do Emprego Aplicável a Países Não-Desenvolvidos*, publicada em 1972 no caderno CEBRAP nº 18 e em espanhol foi publicada em 1974 pela Universidade Católica do Chile;

- *Emprego, Produção e Reprodução da Força de Trabalho* publicado no livro do mesmo autor *Economia Política do trabalho*.

- *Força de Trabalho e Emprego no Brasil: 1920 - 1969*, publicado em 1970 no caderno 3 do CEBRAP;

- Em colaboração com Felícia Madeira, Paul Singer publicou em 1975 no Caderno 13 do CEBRAP o trabalho intitulado *Estrutura do Emprego e Trabalho Feminino no Brasil: 1920-1970*.

- Em 1978 publicou no livro *Prevenir e Curar: o controle*

social através dos serviços de saúde os resultados da pesquisa sobre os serviços de saúde realizada em parceria com Oswaldo Campos e Elizabeth de Oliveira.

- *A economia dos serviços*, publicada em 1979 no caderno CEBRAP nº 24

11 - Formação do Partido dos Trabalhadores (PT)

Quando o general Ernesto Geisel assumiu o poder, percebeu que era necessário um abrandamento na repressão impressa pelo regime militar e iniciou uma abertura política de forma gradual que iniciou em 1974 e terminou com a constituição de 1988.

Em 1979, o Presidente João Batista Figueiredo promulgou a lei de anistia o que permitiu que Singer voltasse a trabalhar na universidade onde permaneceu até completar 70 anos, quando saiu por via da aposentadoria expulsória. Dos membros do grupo do *O Capital*, apenas Singer e Gianotti optaram em voltar para a universidade. Otávio Ianni, Florestan Fernandes, FHC, entre outros, não aceitaram o retorno para a USP.

Durante o período do golpe militar, Singer estava envolvido com o CEBRAP. O período pós golpe permitiu um processo de redemocratização que foi muito importante para a sociedade brasileira e para a vida dos militantes políticos.

Com a abertura política e a volta dos exilados, renovaram-se as esperanças em abolir o bipartidarismo e houveram várias iniciativas de formar um partido socialista. Embora a esquerda estivesse reprimida por 21 anos, havia força política e anseio por mudança no país. Os jovens, os trabalhadores, a intelectualidade, os artistas compunham uma massa de descontentes que estava pronta para articular uma oposição política partidária.

Dentre as iniciativas, houve um grupo composto pelos remanescentes do antigo PSB (entre eles Paul Singer, Febus Gikovate, Antônio Costa Correa e Perseu Abramo), outros militantes políticos (como Almino Afonso e Plínio de Arruda

Sampaio) bem como alguns intelectuais do CEBRAP (como Chico de Oliveira, FHC, Francisco Weffort, José Álvaro Moysés e Vinícius Caldeira Brant), como também um grupo composto pelos expoentes do novo sindicalismo: Lula, Jacó Bitar, Olívio Dutra e muitos outros.

Aconteceram muitas reuniões paralelas e algumas em busca de convergência. Numa destas reuniões de convergência entre os diferentes coletivos, houve um divisor de águas que até hoje reflete na formação política brasileira.

Um bom número, a começar por Lula, manifestou-se pela imediata constituição de um partido dos trabalhadores, como agremiação de classe, com bandeiras próprias, sem subordinação a alianças com representantes de classe capitalistas. Fernando Henrique e Almino Afonso defenderam a posição de que, apesar da abertura política, o regime militar continuava no poder e antes que ele fosse derrubado a frente única de resistência, representada pelo MDB (depois PMDB), não deveria ser rompida. Criar um partido de esquerda independente seria, naquele momento, fazer o jogo do regime, que abriu a possibilidade de formar mais partidos exatamente com o objetivo de dividir, e assim enfraquecer, a oposição. (SINGER, 2005)

A proposta dos trabalhadores expoentes do novo sindicalismo tinha uma base social enorme e Singer entendia como um contrassenso constituir um partido de intelectuais enquanto havia uma proposta dos trabalhadores que dialogava perfeitamente com o que se esperava: um partido de esquerda, democrático e não comunista.

Desta forma, Singer e aqueles que almejavam fundar um partido socialista (entres eles Weffort, Plínio de Arruda Sampaio, Febus Gikovate, Perseu Abramo, Chico de Oliveira e Vinícius Brant) aderiram ao projeto do Partido dos Trabalhadores (PT), os demais seguiram por outros caminhos.

Segundo Singer, a base trabalhadora acolheu bem a

base intelectual. Foi um processo de diálogo e de troca de saberes. Singer tinha a vantagem de também ter sido líder sindical, e era bem conhecido, mas, em sua leitura, não há ou houve dentro do PT uma clivagem entre intelectuais de um lado e trabalhadores do outro. Singer dizia que intelectuais como Marilena Chauí e muitos outros foram bem acolhidos e dialogavam de igual com presenças dos movimentos sociais de todas as frentes possíveis e que também faziam parte do PT: feministas, negros, indígenas, agricultores camponeses, operários industriais, etc.

Segundo Singer, o principal ideólogo do PT, nesta altura, era Francisco Belfort que chegou a ser secretário geral do PT e Lula sempre foi uma liderança forte no partido. No entanto as discussões e deliberações referentes ao formato do partido que se queria eram coletivas e horizontais.

Embora o PT tenha mobilizado os mais diferentes grupos da esquerda política como trotskistas, marxistas, socialistas cristãos, ativistas das Comunidades Eclesiais de Base, professores, estudantes, participantes de movimentos feministas, ambientalistas, de bairro etc., Singer considerava o PT um herdeiro do partido socialista muito mais do que qualquer outro. Havia um ambiente democrático extremamente parecido com o partido socialista da qual Singer participou ativamente. Muitos dos militantes do partido socialista se tornaram referência do PT, a exemplo do Perseu Abramo (que até hoje dá nome a fundação ideológica, a editora do partido), Mário Pedrosa, Manoel Conceição, Apolônio de Carvalho e Sérgio Buarque de Holanda, entre outros.

A fundação do PT, em fevereiro de 1980, reuniu muita gente da esquerda, que por força das circunstâncias, há muito não se via. O congresso de início do PT aconteceu no Salão do Colégio Sion em São Paulo. Singer falava de um dia muito emocionante e estimulante não só pelo reencontro de grandes nomes, mas também pelo significado do partido, pois o PT significava a esperança de um outro Brasil, um Brasil justo e

democrático. Febus Gikovate – o velho mestre de Singer no partido socialista – estava visivelmente irradiante. Infelizmente o câncer o matou antes que ele pudesse ver as grandes realizações do PT, mas ainda assim, já muito doente, Gikovate dizia: “o fundamental é reforçar um partido forte, representativo e democrático”. Singer saiu extremamente motivado do congresso.

Em 1982 o PT enfrentou a primeira eleição. Pela primeira vez o partido apresentou um candidato para as eleições. Assim, o PT lançou a candidatura de Lula para a governador do Estado de São Paulo. Foi um resultado misero. O PT elegeu apenas 8 deputados federais, sendo que 6 deles eram de São Paulo.

Singer já conhecia Lula. Quando em 1978 estava preparando um livro sobre os movimentos sociais em São Paulo e, para o capítulo sobre sindicatos, Singer entrevistou o Lula e ali se conheceram. Alguns anos depois, já no PT - 1982, o Lula e o direção do partido pediu para que Singer coordenasse um programa econômico para apresentar na campanha. Singer reuniu alguns colegas e amigos, como Kandir e Chico de Oliveira, e fez um programa onde a grande questão era a redistribuição de renda. Não o socialismo, mas um programa de desenvolvimento com o mercado interno como base. Era um programa reformista que sugeriu um salário família como uma das formas de redistribuição de renda.

12 - Participação no governo de Luiza Erundina

Em 1989 Paul Singer compôs a equipe de Luiza Erundina que se elegeu para governar a Prefeitura de São Paulo via o PT.

Singer recebeu o convite para compor o governo com enorme surpresa, pois durante as prévias do PT para a escolha do candidato, Singer havia votado no outro candidato, no Plínio de Arruda Sampaio. A Erundina ganhou as prévias com uma grande diferença. Singer não participou da

campanha, mas votou no Plínio por que o conhecia melhor e não por ter algum motivo político específico.

Embora a disputa interna do PT, Erundina convidou o Plínio para ser seu secretário de planejamento. Foi um gesto democrático e, a priori, o Plínio havia aceito o convite. No entanto, o Plínio era o líder do PT na câmara de deputados e, em 1989, o legislativo estava aprontando os desdobramentos da constituição de 1988 e, diante das circunstâncias, o Plínio julgou mais importante permanecer no parlamento do que ir para o executivo. De fato, Plínio de Arruda Sampaio teve uma importância significativa no processo constituinte¹⁷.

Paul Singer não tinha nenhuma expectativa de ir para o governo. Certo dia, era tarde da noite, Singer estava em casa arrumando sua biblioteca, quando recebeu um telefonema da Luiza Erundina o convidando para ser Secretário de Planejamento da Prefeitura de São Paulo. Convite que Paul Singer aceitou na hora. Não se tratava, propriamente, de ambição em ser secretário do planejamento, mas Singer entendia que como militante político que sempre foi, aquela era uma oportunidade de pôr em prática, por via do Estado, todas as elaborações políticas.

Mais tarde, Singer soube que sua indicação para o governo se deu por interlocução do Chico de Oliveira que havia recebido o convite para a pasta de planejamento, mas que por motivos pessoais não aceitou o convite e indicou o nome de Paul Singer.

A Secretaria de Planejamento da Prefeitura de São Paulo, a qual Singer ocupou durante quatro anos (1989 – 1993), tinha duas áreas de atuação distintas: o orçamento da prefeitura e a questão urbana.

Na Secretaria de Planejamento, Singer tinha uma equipe composta basicamente por arquitetas que, segundo

¹⁷ Plínio Sampaio foi eleito deputado federal constituinte e participou da elaboração da Constituição Federal de 1988. Ficou nacionalmente conhecido ao propor e defender um modelo constitucional de reforma agrária, que visava a acabar com os latifúndios. Ver https://pt.wikipedia.org/wiki/Pl%C3%ADnio_de_Arruda_Sampaio

Singer, eram excelentes trabalhadoras e entendiam das questões urbanas muito mais do que ele próprio. No entanto, Singer havia escrito sobre o assunto, pois sempre teve interesse por questões urbanas. Dentre os escritos havia um capítulo de livro sobre a economia política da urbanização oriundo da sua tese de doutorado. As arquitetas da equipe de Singer já o conheciam através dos seus escritos e isso facilitou bastante o trabalho conjunto. Desta forma, a questão urbana não foi uma dificuldade de sua gestão. O problema estava na questão orçamentária.

Quando tomou posse, a primeira preocupação era o orçamento. Foi então que Singer, por interlocução do seu chefe de gabinete - Paulo Sandroni, convidou Guido Mantega (que mais tarde viria ser Ministro da Fazenda e Planejamento dos Governos Lula e Dilma) para ser o responsável pelo orçamento. Havia uma particularidade da gestão da Erundina em relação aos governos anteriores, pois com a nova constituição entrando em vigor havia mais recursos destinados para os municípios. Não muito mais, mas fato é que haviam recursos, apesar da situação complicada que Jânio Quadros havia deixado a prefeitura.

O Amir Khair, que era o Secretário de Finanças e que se tornará grande amigo de Singer, relatou uma situação complexa tendo em vista dívidas intermináveis. O Jânio Quadros tinha iniciado um montante significativo de obras públicas que gastavam muitos recursos e não tinham sentido de ser. Neste caso, a pedido do Amir, a Secretaria de Planejamento suspendeu as obras. Tratou-se de uma decisão política que não repercutiu bem na sociedade. Provavelmente, a interrupção destas obras, custou ao PT a continuação da gestão da prefeitura de São Paulo. Na época a Erundina não podia ser candidata na reeleição e o Eduardo Suplicy foi o candidato do PT e perdeu.

Tendo em vista as questões orçamentárias, a Erundina solicitou para que Singer dirigisse as reuniões da equipe da prefeitura. Segundo Singer, Erundina foi uma gestora muito

democrática e modesta. Singer falava da companheira de governo, com quem muito se identificou e se tornou amigo, com grande admiração e orgulho de ter trabalhado com ela naquela ocasião.

Erundina participava de todas as reuniões, mas Singer que as coordenava. Nesta gestão todos os secretários e cargos políticos eram provenientes dos movimentos sociais e, portanto, todos tinham uma base com quem dialogar. Antes das reuniões de planejamento os secretários traziam as reivindicações da base que, segundo Singer, eram justas e necessárias, mas não havia recursos para atender todas as solicitações. A disputa de prioridades resultou em discussões infinitas e não havia um consenso. No fim, Singer elaborou uma proposta a partir das reivindicações dos movimentos e do histórico das gestões anteriores, mas, como se esperava, a proposta não ficou a contento. Havia uma insatisfação geral com a gestão de Paul Singer, os secretários alegavam que a proposta não respondia nem a metade do que precisava ser feito. Diante das circunstâncias, os secretários começaram a pedir para que Singer fosse para as comunidades conversar com a base e explicar a situação e, convencido da sua proposta de planejamento, assim o fez.

Este processo de diálogo com as comunidades se tornou uma constante do governo durante os quatro anos. A proposta de orçamento participativo do PT encantava a todos, mas, na época, o único município que conseguiu criar um sistema e formalizar a proposta foi Porto Alegre no Rio Grande do Sul que acabou por servir de referência para o mundo inteiro. Em São Paulo, o processo acabou sendo mais informal – a “moda da Erundina”, como dizia Singer, mas ainda assim os gestores iam aos bairros e ouviam a população, bem como explicavam os limites do orçamento tendo em vista o custo das vidas urbanas. Para Singer, foi um desafio econômico buscar garantir as necessidades da população com os recursos disponíveis. Mas fato é, que a partir destas reuniões com as comunidades é que se traçavam as prioridades a

serem atendidas.

Singer falava das assembleias nos bairros como um grande aprendizado. O professor ficava encantado com a forma como a comunidade se expressava. As mulheres eram as principais interlocutoras e havia muita criança. As crianças cantavam, corriam e cresciam naquele ambiente político, comunitário. Também haviam muitos cartazes com as reivindicações e, por vezes, estes encontros também eram festivos, pois a comunidade se sentia lisonjeada com a presença e atenção da prefeita Luiza Erundina.

Deste processo de diálogo com as comunidades, Singer relatou um outro aprendizado importante. Segundo ele, no Brasil os pobres são os que se beneficiam dos serviços públicos. A experiência de São Paulo mostrou que as pessoas que vivem com mais recursos, optam pela escola privada, transporte privado, hospital privado, etc. Só usam o cemitério público. Houve um momento que Singer decidiu que também deveria conversar com os bairros de classe média e alta, então resolveu reunir com a população do bairro Pinheiros, considerado bairro de classe média-alta e alta da sociedade paulistana. Em Pinheiros Singer se encontrou com senhores engravatados, não havia nenhuma mulher e poucas crianças na reunião, diferente das reuniões com os bairros mais pobres. Para a surpresa de Singer, os moradores de Pinheiros não tinham reivindicações, apenas queriam saber sobre o desenvolvimento de São Paulo e apresentaram uma série de questões muito mais político ideológicas do que reivindicativas. Como eles não usavam o serviço público da prefeitura não tinha o porquê reivindicar. O contraste foi tão chocante que Singer aprendeu a lição: um governo no Brasil precisa gastar muito dinheiro porque precisa atender as grandes demandas da pobreza. A classe dominante não gosta desta estratégia e reclama porque também paga os impostos, mas num país desigual, não há outra forma de distribuir os recursos se não atendendo os serviços públicos para a parcela da população menos privilegiada.

Foram muitas as tentativas de justiça econômica no governo da Erundina, mas nem sempre resultaram bem. Singer recordava de um episódio muito ilustrativo desta situação. A prefeita Erundina elaborou um programa de asfaltamento para São Paulo, tendo em vista asfaltar as ruas da periferia a fim de permitir melhor deslocamento e acesso alguns serviços que tinha dificuldade de transitar em alguns espaços como ambulâncias e os coletores de lixo. Os serviços públicos não podiam rodar para dentro dos bairros da periferia porque as vias eram intransitáveis. A proposta era garantir a execução do programa sem pagar fortunas de dinheiro para as empresas capitalistas que monopolizavam o serviço. Neste caso, a prefeitura abriu um edital para o asfaltamento que privilegiava as empresas pequenas. Feita a licitação, o monopólio das grandes empresas entrou na justiça e anularam a licitação.

Também era complicado porque o executivo precisa aprovar as propostas, principalmente o orçamento, na câmara de vereadores, mas o PT havia perdido a maioria na câmara e isso paralisou totalmente o processo. Houveram propostas encaminhadas que jamais foram discutidas. Singer dizia que em certo momento conseguiram aprovar uma lei que o Imposto sobre a Propriedade Predial Urbana (IPTU) devia ser proporcional a renda do proprietário: seja apartamento, prédios comerciais, etc., mas a justiça negou a lei alegando que a renda não tem relação com o imposto.

No último ano de governo, a prefeitura quase não obteve arrecadação do IPTU. Não havia dinheiro para nada e, para completar a má situação, houve enorme chuva que provocou alagamentos em toda cidade, somada a greve dos ônibus e outros serviços, enfim, as circunstâncias não eram favoráveis para a reeleição do PT.

13 - Economia solidária

Influenciado por sua história de vida e pelos seus estudos teóricos e políticos, Singer passou dedicar grande

parte da sua vida para o que mais tarde chamou de *economia solidária*. Como já mencionado anteriormente, a experiência do DROR foi fundamental para pensar a proposta da *economia solidária*. A experiência dos *kibutzim* foi a primeira formação socialista que conheceu e que se aproximava da prática de uma outra economia. Muitos anos se passaram e uma vida militante aconteceu depois do DROR: militou no sindicato dos metalúrgicos, nos partidos socialista e dos trabalhadores, na universidade, na sociedade civil, no poder público, etc. Em toda esta história, aquilo que seria a *economia solidária* da adolescência de Singer, ficou sempre na sua memória e no subconsciente.

Singer já não se considerava mais um marxista, como no período do grupo do *O Capital*. Aliás, esta relação com Marx foi mudando durante o período do CEBRAP. Mas, foi nos anos 1980 que Singer começou se questionar sobre o que era o socialismo? Em determinado momento da vida, Singer percebeu que a ideia de Marx de centralizar o planejamento de toda a economia num único grupo de dirigentes é antidemocrática e viola os direitos humanos. Era estratégico, para Marx, levar o capitalismo com suas tendências de concentração do capital às últimas consequências a fim de resultar na vida livre, no socialismo, mas, na prática, não foi isso que aconteceu. Se esse não era o socialismo, o que era socialismo? Para Singer, Marx continua sendo uma grande referência, mas não concorda com o endeuamento relacionado a sua figura. Singer estava convencido que a criação do marxismo foi uma violação ao próprio Marx – que certamente nunca quis que suas teorias fossem doutrinárias e inquestionáveis.

Se indagando sobre essas questões, Singer começou a repensar o processo e neste período (1983) publicou um livro chamado *Aprender economia* onde escreveu um capítulo intitulado *Socialismo* oriundo destas questões todas, mas sobretudo reflexo de um curso que Paul Singer ministrou no Rio de Janeiro onde já apareceram algumas ideias de

economia solidária, mas sem esse nome. Outro livro importante que também é reflexo destas indagações é *Uma Utopia Militante. Repensando o socialismo*, publicado em 1998.

A conjuntura social, econômica e política também contribuiu muito para repensar o processo. Em 1981 ainda havia ditadura militar no Brasil e o ministro da fazenda da época era Delfim Netto - que havia sido professor de Singer na universidade e era uma figura importante para a economia brasileira. Certa vez, Delfim voltou dos Estados Unidos - onde ia anualmente buscar recursos para o Brasil e, assim, “rolar” a dívida pública brasileira - e, no próprio aeroporto, recebeu a imprensa para uma coletiva onde disse para a população que os credores não acreditavam mais no Brasil, pois entendiam que o país não teria mais condições de pagar a sua dívida externa e, por conta disso, não haveria mais negociação e condições de obter novos empréstimos sem antes pagar as dívidas que estavam vencendo. Diante das circunstâncias, o governo teria de adotar medidas rígidas que hoje conhecemos como austeridade. Aquele momento mudou totalmente a situação econômica do Brasil, pois o governo fez um drástico programa de cortes de despesas públicas.

Este processo é muito semelhante ao que estava acontecendo na Europa (Portugal, Espanha, Grécia...) na época da entrevista (2014), mas antes aconteceu na América Latina - não só no Brasil. Fato é que o Brasil entrou na pior crise da sua história. Afetou fortemente os países importadores do petróleo, pois tinha relação com os choques do petróleo que ocorreram em 1964 e 1979, onde o preço do petróleo subiu 400% e isso gerou uma enorme inflação. Nunca houve tanta inflação fora de guerras mundiais. No Brasil chegou a ser considerada hiperinflação.

Diante desta conjuntura, Singer, assim como tantos outros estavam observando o processo e pensando alternativas. O socialismo real tinha fracassado em 1991. Havia acabado a União Soviética e os países ditos socialistas (nunca foram, mas assim se denominavam) acabaram

voltando ao capitalismo. Neste caso, era preciso pensar numa alternativa, pois a alternativa neoliberal respondia apenas aos interesses do capital e não servia aos trabalhadores.

Durante o período que Erundina, Singer e outros estavam na prefeitura de São Paulo já se preocupavam com as alternativas possíveis, pois em São Paulo a situação era crítica e desesperadora. Tratava-se de uma crise do desemprego que nunca havia se visto no Brasil. Milhões de trabalhadores ficaram desempregados e precisaram abandonar suas casas e suas vidas. Singer dizia que nunca se viu tanta gente tentando morar nas ruas de São Paulo. A situação era nova e ninguém sabia o que fazer, uma vez que o Brasil viveu gerações em situação de pleno emprego.

Embora a preocupação de Singer e os companheiros de governo, nesta época não houve grandes avanços na perspectiva das alternativas possíveis. No entanto, haviam algumas experiências que estavam acontecendo no Brasil em resposta a crise, mas não eram visíveis, das quais Singer só soube e as conheceu muitos anos depois. Dentre as iniciativas, Singer destacava a estratégia criada pela igreja brasileira, que segundo Singer, tratava-se de uma igreja extraordinariamente progressista, pois por influência da teologia da libertação prega o socialismo cristão, a autogestão e o desenvolvimento comunitário. Assim, a igreja, através da Caritas Brasileira¹⁸ e com recursos da Caritas Internacional, estimulou iniciativas coletivas e produtivas de trabalho que tiveram um impacto significativo em várias comunidades do Brasil. Trata-se dos Projetos Alternativos Comunitários (PACs) que surgiram no início da década de 1980 e foram fortalecidos na década de 1990.

Alguns anos depois, em 1996, a crise ainda não tinha sido superada. A Luiza Erundina foi novamente candidata a prefeita de São Paulo. Como podia se esperar, Paul Singer se

¹⁸ Cáritas é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Está organizada em uma rede com 178 entidades-membro. Ver <http://caritas.org.br/>

envolveu ativamente na campanha eleitoral. Certo dia, Singer estava em casa assistindo o noticiário transmitido pela televisão, quando deparou-se com a triste notícia de que o desemprego em São Paulo superava um milhão e quinhentos mil pessoas. Se perguntava, fazer o quê?

O pessoal da campanha já havia reunido com o empresariado e a condição para abrirem mais postos de trabalho era a diminuição dos impostos, mas esta questão estava fora de cogitação. Não havia como diminuir os impostos frente a crise. Assim, Singer elaborou uma proposta pensando em uma forma de reintroduzir coletivamente os desempregados na produção. A proposta de Singer tinha origens históricas em uma cooperativa específica que foi criada em 1844 em Rochdale – uma cidade da Inglaterra afetada pela Revolução Industrial. Tratava-se de um grupo de 28 operários, parte deles tecelões, que diante da crise organizaram uma cooperativa “Os probos pioneiros de Rochdale” pautada por alguns princípios fundamentais que a Aliança Cooperativa Internacional, adota até hoje, mas já foram ampliados em sucessivas reuniões mundiais. Segundo Singer, estes princípios são fundamentais para compreender a *economia solidária*. Dentre eles, destaca: a “porta aberta” – a porta está aberta para a entrada de novos trabalhadores, mas também está aberta para quem quiser sair; e a autogestão – o coletivo se auto administra democraticamente. As decisões são deliberadas em assembleias onde todos têm o mesmo espaço de voz e vez. Pautado pela experiência de Rochdale, Singer passou a formular sua proposta entendendo que as iniciativas cooperativas contribuiriam para uma outra economia, pois se diferem de uma empresa capitalista pela organização social da produção, pela relação estabelecida entre os trabalhadores associados e entre estes e o capital, tendo em vista que a propriedade é coletiva, os trabalhadores se apropriam de forma igualitária da sobra (lucro no capital) e as decisões são coletivas e regidas por princípios éticos como cooperação, autogestão e solidariedade. Assim, Singer dizia

que a *economia solidária* surgiu na Inglaterra do século XIX em decorrência de uma crise social e econômica e foi evidenciada no Brasil do século XX pelos mesmos motivos.

A proposta de Paul Singer consistia em organizar os trabalhadores desempregados em cooperativas. A ideia era fazer um cadastro geral e, na sequência, discutir com os trabalhadores desempregados as condições para a organização das cooperativas ou não. Além disso, propôs a criação de uma moeda social, pois não havia dinheiro e precisavam de uma alternativa para circular recursos, caso contrário não seria possível viabilizar esta outra economia. Quando Singer apresentou a proposta para a campanha da Erundina, de imediato foi aprovada e contemplada no programa de governo do PT. Quando terminou a reunião, Aloisio Mercadante, que era candidato a vice-prefeito ao lado de Erundina, chamou Singer e perguntou que nome era dado para a proposta alternativa. Singer acreditava na ideia, mas não tinha perspectiva em batizá-la, foi então que Mercadante sugeriu o nome *Economia Solidária*. Nome adotado por Singer daquele momento em diante.

Tempos depois, Singer soube que o chileno Luis Razeto, professor de economia aposentado, já havia formulado uma proposta com nome semelhante: economia da solidariedade. Singer conheceu Luis Razeto pessoalmente em 2008 por intermediação de Claudio Nascimento que era um militante na época da ditadura, que foi exilado na Europa e, neste contexto, se aproximou das experiências de autogestão que muito se aproximam da economia solidária.

Infelizmente a Erundina perdeu a eleição e não houve a chance de colocar a proposta em prática. No entanto, em julho de 1996, Singer escreveu um artigo no jornal Folha de São Paulo intitulado *Economia solidária contra o desemprego*, bem como constava no programa de governo do Partido dos Trabalhadores. Este artigo teve uma grande repercussão e, para a surpresa de Singer, recebeu muitas mensagens pela internet dizendo que aquilo que ele chamava de *economia*

solidária já estava acontecendo em vários cantos do Brasil e do mundo. Inclusive, Singer lembrava receber uma carta dos Estados Unidos contando uma experiência que estava acontecendo lá. Desde então, Singer percebeu que ele não era o criador da *economia solidária*, mas abraçou a proposta, procurou conhecer todas as experiências que diziam existir, inclusive os PACs, e assim, tratou de visibilizar esta outra economia da qual se tornou o principal teórico e expoente no Brasil e no mundo.

Alguns meses depois da publicação do artigo, Singer foi convidado para conversar sobre a proposta da *economia solidária* com os militantes e dirigentes da Central Única de Trabalhadores - CUT - da qual o próprio Singer já havia participado. Da relação sindical emergiram duas experiências que tiveram estreita relação com Paul Singer: A Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária - ANTEAG - que surgiu em 1991 a fim de apoiar as empresas recuperadas pelos trabalhadores que se organizavam de forma associada para assumir a massa falida; e a Agência de Desenvolvimento Solidário - ADS, criada em 1999 pela CUT tendo em vista a busca de novos referenciais de geração de trabalho e renda para os trabalhadores e de alternativas de desenvolvimento.

Neste período, havia um grupo pequeno de professores da UNICAMP e Singer pela USP - que começou a estudar o assunto. Em 1995, realizaram na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo uma reunião para aproximar envolvidos com a outra economia e, para a surpresa dos articuladores da reunião, apareceram umas 30 pessoas. Dentre as experiências que apareceram, Singer lembrou da CONCRAB (Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil) articulada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que foi criada em 1992 com a perspectiva de aglutinar as cooperativas e associações de agricultores assentados pela reforma agrária no Brasil; e da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) vinculada a

universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, onde professores e técnicos do Centro de Pós-graduação de Engenharia (Coppe) atenderam aos pedidos de formação de cooperativas de trabalho e criaram a incubadora em 1995. A ITCP da UFRJ foi a primeira incubadora de *economia solidária* do Brasil, hoje existem mais de 100.

Em 1997, a Fundação Unitrabalho¹⁹ articulou uma reunião chamando pesquisadores universitários de todo Brasil. A partir desta reunião, elaborou-se um amplo projeto de pesquisa de âmbito nacional com a finalidade de conhecer a realidade da *economia solidária* e da autogestão no Brasil.

Para dar visibilidade para as diferentes experiências e as reflexões teóricas, mais tarde, Paul Singer publicou alguns livros sobre o tema, entre eles destaca-se: *Globalização e Desemprego: diagnósticos e alternativas*, publicado em 1998. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego* organizado em parceria com André de Souza e publicado em 2000; *Introdução à Economia Solidária* publicado em 2002; e a importante participação com o capítulo *A recente ressurreição da economia solidária no Brasil* no livro organizado por Boaventura de Sousa Santos e intitulado *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*, publicado em 2002.

Desta forma, pouco a pouco Singer foi se tornando uma referência para as mais diferentes experiências e, assim, teve um papel fundamental na congregação e no diálogo de gente que estava realizando iniciativas muitos semelhantes e que, mesmo guardando as diferenças, eram compatíveis entre si: sindicato, igrejas e universidades. A partir daí o movimento de *economia solidária* no Brasil foi se formando e cresceu muito, inclusive, com importantes reflexos internacionais.

¹⁹ A Unitrabalho surgiu por iniciativa de um grupo de reitores engajados com a perspectiva de contemplar as questões do mundo do trabalho na pesquisa e extensão universitária. Ver <http://www.unitrabalho.org.br/>

14 - A Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)

A SENAES surgiu em 2003, no âmbito da vitória de Lula nas eleições presidenciais de 2002. Mas, Singer contava que houve todo um processo político anterior tanto no espaço interno do PT quanto no espaço de articulação da *economia solidária* pelo seu movimento que não pode ser ignorado.

Em 1999/ 2000, houve um congresso nacional do PT em Belo Horizonte em que foi debatido o problema do significado do socialismo nos tempos pós-muro de Berlim, quando os regimes do chamado socialismo real foram derrubados e substituídos por regimes democráticos contribuindo para a hegemonização do sistema econômico capitalista. Isso trouxe um impasse para a esquerda e, designadamente, para o PT, um partido que se reconhece socialista desde a sua criação. Segundo Singer desencadeou-se uma grande polêmica no PT, tendo uma parte dos filiados entendido que se tratava do fim do socialismo e advogado que era preciso pensar em outra alternativa; enquanto uma outra parte, incluindo Paul Singer, que defendeu a bandeira do socialismo, afirmando que este é anterior ao socialismo real que se impôs em 1917 e que, portanto, se o socialismo real entrou em crise e estava acabando, isso não significava que o socialismo tivesse deixado de ter atualidade.

Tendo em vista esta polêmica, em 2002 o PT promoveu, por interlocução do professor Antônio Cândido, uma série de seminários sobre o socialismo que, entre outros temas, debateram a Economia Socialista. Singer e Chico de Oliveira foram algumas das pessoas que Antônio Cândido chamou para ajudar na organização dos seminários. No seminário sobre economia socialista, Singer foi convidado a debater com João Machado e, nessa ocasião, Singer teve a oportunidade de falar sobre a *economia solidária*, que era uma reflexão tímida para dentro do PT, para os militantes do partido, inclusive toda a direção do PT estava presente. Esse debate está refletido no livro *Economia Socialista* publicado em

2000. Diante desta reflexão, houve certa unanimidade de que *economia solidária* deveria necessariamente estar nas plataformas e nos programas dos candidatos do PT. Então, quando o Lula foi eleito, havia um compromisso de desenvolver uma política de fomento à *economia solidária*.

Além desta discussão no interior do PT, outros campos políticos (movimentos sociais e organizações da sociedade civil) ligados à esquerda introduziram em suas agendas a discussão sobre a *economia solidária*. O Fórum Social Mundial (FSM) foi um dos acontecimentos decisivos na história da *economia solidária* no Brasil. Desde sua primeira edição, em 2001, teve papel significativo como espaço de articulação entre uma série de entidades que começaram a dar forma ao movimento de *economia solidária* no Brasil. No primeiro FSM foi legitimado um Grupo de Trabalho de Economia Solidária (GT Nacional)²⁰ que, a partir de então, foi o centro de mobilização para uma sequência de iniciativas políticas pensadas para configurar o movimento. Paul Singer teve participação ativa neste processo. Este GT²¹ foi

²⁰ O GT Nacional surgiu de uma iniciativa do Governo Olívio Dutra, no Estado do Rio Grande do Sul, através do Programa de Economia Popular Solidária, localizado na Secretaria de Desenvolvimento e Assuntos Internacionais (SEDAI). A participação de algumas organizações nacionais na elaboração, execução e avaliação do seu programa estadual propiciou a oportunidade de, no I Fórum Social Mundial (FSM), serem organizados alguns eventos em articulação com outros atores nacionais e algumas redes internacionais de economia solidária. Isso levou, no ano seguinte, à constituição do GT Nacional (SANTOS: 2004).

²¹ O GT Nacional foi composto por 12 organizações e redes de apoio à economia solidária: Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária (RBSES); Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS); Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE); Associação Nacional dos Trabalhadores de Empresas em Autogestão (ANTEAG); Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas (IBASE); Cáritas Brasileira; Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST/CONCRAB); Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede ITCPs); Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS/CUT); UNITRABALHO; Associação Brasileira de Instituições de Micro-Crédito (ABICRED); e alguns gestores públicos que futuramente constituíram a Rede de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária.

importantíssimo para a constituição das primeiras plenárias de *economia solidária* – espaço político que reúne ativistas da *economia solidária* para pensar as estratégias sobre a mesma e que indicariam o rumo do movimento de *economia solidária* no Brasil.

A partir das primeiras plenárias (uma em Porto Alegre no FSM e outra em São Paulo) formou-se uma comissão responsável em negociar, junto ao Governo Lula, a inserção de políticas públicas para a *economia solidária* na plataforma de governo. O resultado desse diálogo deu origem à SENAES dentro da estrutura do Ministério do Trabalho e Emprego, que só se efetivou um semestre mais tarde, em junho de 2003, por conta de uma lei que estava tramitando no Congresso e que reorganizava toda a estrutura do governo federal. No processo de negociação, o nome de Paul Singer foi apresentado pelo movimento para ser o Secretário Nacional de Economia Solidária e foi aceito pelo presidente Lula e pelo então ministro do trabalho Jaques Vagner.

No dia seguinte à posse de Paul Singer (26 de junho de 2003), ocorreu a III Plenária Nacional de Economia Solidária, onde foi criado o Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES como espaço da sociedade de interlocução com a SENAES. A III Plenária de Economia Solidária reuniu 800 delegados do Brasil inteiro. Segundo Singer, para a *economia solidária* da época, tratava-se de um montante significativo de pessoas.

Neste caso, embora já houvesse uma pré-disposição do partido com o tema, a SENAES nasceu a partir de uma demanda do movimento que na época estava iniciando e hoje está presente nos 27 estados do país. O FBES é o principal interlocutor da SENAES desde o início. Desta forma, as políticas públicas de *economia solidária* no Brasil são realizadas em estreita parceria com a sociedade. Singer, dizia que a secretaria procurava manter encontros, reuniões comuns com o fórum periodicamente – pelo menos, uma vez por mês, mas nem sempre foi possível porque o fórum, como o

Brasil, é muito grande. O FBES não tinha condições de fazer reuniões frequentes, mas, quando as fazia, geralmente a SENAES se fazia presente e fazia um balanço das políticas que estão em vigor e daí nasciam propostas e ideias.

Singer dizia que fazer políticas de *economia solidária* no Brasil é bem mais complexo do que pode parecer, pois são muitos os limites impostos pela máquina pública, principalmente a questão orçamentária. Quando o parlamento aprova o orçamento, ele aprovava um valor específico para a SENAES, esse dinheiro não era liberado imediatamente, era liberada uma fração muito pequena, algo como 20% e só depois liberava o resto.

Singer afirmava que as políticas públicas da SENAES são implementadas por um triângulo de três vértices: um vértice, já foi dito, é o movimento; outro é o governo; e o terceiro vértice eram as entidades da sociedade civil. A SENAES não tinha outra forma de implementar as políticas a não ser em parceria com as entidades que entendem e fomentam a *economia solidária*. Estas entidades eram selecionadas por chamada pública. Singer chamava a atenção para a importância dos parceiros da sociedade civil: eles são decisivos, pois de nada adianta uma política bem desenhada, bem elaborada se não for bem executada.

É uma enorme burocracia que viabiliza os projetos de políticas públicas, mas Singer estava convencido de que essa burocracia tem razão de ser, pois existe grande corrupção em torno serviços prestados para o Estado, não é o caso da *economia solidária*, mas ainda assim precisa de cuidados e fiscalização.

Para Singer, as políticas mais importantes da SENAES estavam no campo da educação, pois a *economia solidária* precisa ser difundida tendo em vista que se almeja uma transformação total, não só na economia, mas na política e na cultura. Por conta desta perspectiva, Singer acreditava que a SENAES foi uma secretaria dos movimentos sociais e, isso, foi um dos seus principais orgulhos, pois os principais movimen-

tos sociais do Brasil hoje dialogam com a *economia* solidária, fazem *economia solidária* tendo em vista outra lógica de desenvolvimento.

O Mapeamento Nacional de Economia Solidária também foi muito importante, pois é um material precioso para promover o desenvolvimento da *economia solidária* e conhecer a realidade sobre a qual se atua. O mapeamento mostra, por exemplo, que *economia* solidária brasileira está ficando extremamente diversificada: há quilombos de pescadores, de extrativistas, de agricultores; há comunidades indígenas, etc.; as mulheres são a vanguarda da *economia solidária* no Brasil. Para além de mapear a *economia solidária* no Brasil, o mapeamento também cumpre um outro papel: dar visibilidade para a outra economia, pois é preciso esforços para destacar estas outras formas de produzir e viver, assim, garantir a política pública. Singer lembrava de uma conversa com o presidente Lula, durante a primeira Conferência Nacional de Economia Solidária, em 2006, onde expôs sobre os avanços da *economia* solidária e ele disse que para o governo investir mais e dar mais força para a *economia solidária*, era preciso que está crescesse, “Cresçam e apareçam”. Singer dizia ter sido difícil ouvir a consideração de Lula, mas é assim que funciona o poder público.

Apesar das dificuldades, Singer estava feliz com o trabalho da SENAES e estava convencido de que a mesma cumpriu um papel muito útil ao Brasil e, principalmente, para as pessoas que acreditam em outras formas de viver a economia. A SENAES e o governo são importantes, mas a sociedade civil precisa estar organizada pressionando e orientando o governo. O sucesso da *economia solidária* depende de uma estreita relação entre sociedade e Estado.

Singer afirmava que outra economia acontece e não se trata de utopia. A *economia solidária* está sendo praticada em pelo menos 200 países. No Brasil, desde 2004, o mapeamento realizado pela SENAES já identificou 33.518 empreendimentos econômicos solidários em todo o território

nacional e isso não é pouca coisa, enfim, outra economia aconteceu!

Em maio de 2016 a estreita relação de Singer como a SENAES foi interrompida tendo em vista o processo impedimento da continuidade do mandato de Dilma Rousseff como presidente da República Federativa do Brasil²², vulgo golpe de 2016. Nesta ocasião, Paul Singer, humildemente, reuniu o movimento de economia solidária (o mesmo que o confiou, durante anos, a política de economia solidária do Brasil) para decidirem juntos qual seria seu destino no governo. Singer, estava convencido que esta não era uma decisão individual e sim coletiva. Desta forma, com a cumplicidade de sempre, as pessoas reunidas na ocasião – representantes da sociedade e do Estado, assumiram juntas a exoneração de Singer e equipe da SENAES e, assim, contribuíram para o processo de denúncia do golpe.

Foi o fim de um ciclo de construções coletivas em torno da economia solidária como política pública, mas, ainda assim, Singer manteve a serenidade para avaliar o processo e disse: "Essa não é uma despedida, pois quem se despede muda de estrada. Estaremos ainda lado a lado, na mesma estrada, porque ainda temos muito o que construir pelo Brasil. Sempre acharemos um jeito".

Em novembro de 2016 a Secretaria Nacional de Economia Solidária foi rebaixada para subsecretaria, numa condição ainda mais periférica do que já era. Além dos funcionários de carreira que trabalharam com a equipe de Singer, a SENAES passou ser gerida por pessoas sem nenhuma vinculação e compreensão da proposta da economia solidária como demandada pelo seu movimento social.

²² Em 31 de agosto de 2016, Dilma Rousseff perdeu o cargo de Presidente da República após três meses de tramitação do processo de impeachment iniciado no Senado. No entanto, seu afastamento do governo se deu em maio do mesmo ano, quando o Senado aprovou o processo de impeachment. Neste momento, o vice-presidente Michel Temer assumiu interinamente o cargo de presidente e em agosto foi efetivado.

15 – Morte de Paul Singer

No dia 16 de abril de 2018, recebemos a triste notícia do falecimento do Professor Paul Singer. Tão logo deixou a SENAES, o professor Singer começou apresentar os primeiros sintomas da doença que mais tarde viria ser diagnosticada: Alzheimer.

Em junho de 2016 eu fui visita-lo e, embora o professor continuasse interessado no contexto social e político do Brasil, sua saúde já estava bastante fragilizada e sua memória falhava significativamente. Aos poucos, este quadro foi se acentuando e em outubro de 2017, quando fui vê-lo novamente, nosso querido Singer estava com as funções cognitivas bem comprometidas e já não tinha mais a lembrança do contexto ou das pessoas em sua volta. Mas, ainda assim, o professor Singer nos acolhia de uma forma singular e, embora não soubesse muito do que estávamos falando, nos ouvia com a mesma atenção de outrora e no olhar mantinha o mesmo interesse e desejo de aprender.

Alguns meses depois, o professor Singer foi internado no Hospital Sírio-Libanês em São Paulo onde teve uma infecção generalizada e morreu, aos 86 anos, no dia 16 de abril de 2018 às 20 horas e 10 minutos.

Paul Singer foi velado e enterrado no dia 17 de abril no Cemitério Israelita do Butantã, Zona Oeste de São Paulo e recebeu homenagens e reconhecimento de muitos amigos e parentes que o acompanharam nos mais diferentes momentos de sua vida. Nesta ocasião, disse Eduardo Suplicy: "Ele tinha um caráter formidável, um sentido humanitário tão especial. Uma pessoa tão querida tão querida, um exemplo para todos nós brasileiros" (SANTIAGO, 2018).

16 – Algumas considerações finais

Uma proposta como a economia solidária, linda, construída pelos alicerces de solidariedade, confiança, participação e ação coletiva, não poderia ter melhor referência, no Brasil, do que Paul Singer.

Todos que o conheciam o tem como referência teórica e política, mas alguns de nós tiveram a honra e o prazer da

convivência e do aprendizado no cotidiano, no construir dia-a-dia a história por outra economia possível e, estes, estou certa, assim como eu, o tem também como referência de vida, de persistência, de otimismo e de utopia.

Paul Singer foi uma ser humano *sui generis*. Dono de uma inteligência autodidata, de uma capacidade cuidadosa de observar o mundo, de uma humildade e de uma generosidade sem igual.

Como disse seu filho André, Singer tinha uma profunda gratidão pelo Brasil, a gratidão que talvez só conheçam os que perderam tudo e encontraram acolhida em outro lugar (SINGER, 2018a).

Como vimos, os primeiros anos no Brasil foram duros. Singer e sua família viviam com bem pouco. Muito cedo Singer começou a trabalhar para ajudar em casa. No mundo do trabalho se aventurou em algumas atividades e fez de tudo um pouco: foi operário metalúrgico na elevadores Atlas, foi professor de cursinho, foi pesquisador, professor universitário, gestor público, enfim, viveu as mais diferentes experiências laborais.

A partir destes diferentes momentos também viveu as mais diferentes experiências políticas: foi líder de um movimento de jovens sionista de inclinação socialista; foi líder sindical; foi líder do PT, sendo referência para o programa econômico do partido; foi referência intelectual primeiro sobre os temas do crescimento econômico e desenvolvimento social, depois sobre a perspectiva de uma utopia militante e, finalmente, sobre a tão querida economia solidária.

Quando resolveu se manter no Brasil, Singer estava certo de que não precisava migrar para Israel para lutar pelo socialismo e afirmou que iria lutar pelo socialismo no Brasil. E assim o fez, até o fim da vida. A economia solidária era, para Singer, uma materialização clara de uma proposta socialista. Como disse seu filho André, Singer fechou o ciclo de sua vida por onde havia começado: implantando o princípio *kibutzim* da produção coletiva em solo brasileiro

(SINGER, 2018a).

A transformação do metalúrgico em professor se deu de forma natural, tendo em vista um metalúrgico altamente politizado e intelectualizado. Por si só estudou os economistas que mais tarde viriam ser suas principais referências, como Karl Marx.

Quando entrou no curso de Economia da Universidade de São Paulo, por influência dos avós de André, já era um homem intelectualizado que questionava as referências liberais dos seus professores.

Militou no Partido Socialista Brasileiro, onde se ligou ao grupo socialista democrático.

Casou-se com a Melanie, mãe da Suzana e da Helena, seu amor e sua companheira por 50 anos.

Levado por Fernando Novais, frequentou as reuniões do seminário do Capital, fundado por José Artur Giannotti. O golpe de 1964 o apanhou no início da carreira docente. Junto com os amigos do grupo do Capital foi aposentado compulsoriamente e fundou o Cebrap, em 1969, centro que se revelaria capaz de levar adiante a reflexão iniciada na USP.

Aí surge a produção do conhecimento em ciências sociais e ciências econômicas do Brasil. Paul Singer contribuiu com esta formação da produção do conhecimento no Brasil com dezenas de livros, artigos, conferências e entrevistas em meio século de atividade ininterrupta. Cabe destacar, contudo, que toda a sua produção foi orientada por aquele compromisso fundamental assumido quando decidiu permanecer no Brasil: buscar os caminhos para que o socialismo democrático se tornasse uma opção para a sociedade brasileira (SINGER, 2018a).

Uma das marcas do trabalho do Singer foi a ligação entre teoria e prática. Sem nunca parar de escrever, Paul Singer foi um militante até o fim da vida. O engajamento na fundação do Partido dos Trabalhadores, em 1980, e na economia solidária, por volta de 1992, foram reflexo desse engajamento.

Viu o partido que ajudou a fundar, passar pelas piores crises, mas até o fim acreditava no PT. Segundo André, no final, já enfraquecido, dizia que era preciso reunir os companheiros para pensar o que fazer. Pensar e pensar coletivamente eram os traços fundamentais do Paul Singer (SINGER, 2018a).

Por 25 anos, ele semeou ideias de autogestão e cooperativas pelo Brasil inteiro e também pelo mundo. Sentia-se completamente realizado com os avanços do que ele chamava “o movimento” (SINGER, 2018a). Quando achávamos que o processo não ia nada bem, ele dizia otimista: olha o que estamos fazendo – é incrível!

Assim, Singer era um otimismo sem igual. Ao buscar nos ideais socialistas os preceitos para a felicidade, Singer dirigiu a Secretaria de Economia Solidária nos governos Lula e Dilma com imenso orgulho e alegria.

Enfim, na sequência de sua saída da SENAES, o professor parece ter perdido o sentido das coisas. Aos poucos, cada vez mais enfraquecido, foi esquecendo da vida, mas ainda assim, ficava feliz com nossas visitas de carinho, admiração, respeito e eterna gratidão.

Enfim, a história de Paul Singer se confunde com a história de luta pela democracia no Brasil.

Segundo sua filha Helena, o modo do Singer tratar todas as pessoas é indissociável de sua visão e valorização da democracia, assim como seu modo de trabalhar e atuar, foi indissociável de sua teoria e de sua prática na economia solidária (SINGER, 2018b).

Helena ainda disse: Algumas pessoas ligaram a morte de meu pai à situação atual, à crise ética, política e econômica que estamos vivendo. Não é o que sinto. Meu pai, sobrevivente do nazismo, do golpe de 64 e de tantas outras lutas, não se abatia nas crises. Buscava sempre olhar para o que estava potente. Meu pai não tolerava reclamações, lamentos ou desânimo. Quando se sentia indignado, partia para novas articulações, estratégias e propostas. Tenho certeza que seria

isso que ele estaria fazendo se estivesse aqui (SINGER, 2018b).

Certamente esta NÃO É UMA DESPEDIDA, mestre PAUL SINGER!! Seguimos até que a sociedade justa e solidária seja um fato.

Obrigada pela luta, obrigada pelo otimismo, obrigada pelo exemplo....

O senhor sempre será nossa melhor lembrança e nossa melhor referência!

Uma outra economia é possível! Uma outra economia acontece!!

Referências

- LECHAT, Noel. M. (2002). *As raízes históricas da economia solidária no Brasil*. Palestra proferida na UNICAMP por ocasião do II Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares. Disponível em: http://www.itcp.unicamp.br/site/downloads/ext_doc2.doc
- MANTEGA, Guido e REGO, José Márcio (1999). *Conversas com economistas brasileiros II*. São Paulo: editora 34
- SANTIAGO, Tatiana (2018). Corpo do economista Paul Singer é velado em São Paulo. Rio de Janeiro: G1. Disponível: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/corpo-de-economista-paul-singer-e-velado-em-sao-paulo.ghtml>
- SINGER, André (2018a). Paul Singer (1932-2018), um breve depoimento de despedida. Folha de São Paulo. São Paulo. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/paul-singer-1932-2018-um-breve-depoimento-de-despedida.shtml>
- SINGER, Helena (2018b). Meu Pai. Texto lido durante Homenagem a Paul Singer na Faculdade de Ciências, Letras e Ciências Humanas da USP, em 20 de abril de 2018.
- SINGER, Paul (2002). A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: Boaventura de Sousa Santos (org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (2012). Os oito primeiros anos da Secretaria Nacional de Economia Solidária. *A economia solidária na América Latina: realidades nacionais e políticas públicas*. Lianza, S.; Chedid, F. (orgs.). Rio de Janeiro: Pró Reitoria de Extensão UFRJ (49-54).

_____. (2013). *Militante por uma utopia*. São Paulo: Com-Arte.

_____. (2014a). *Mestre do Mundo: Paul Singer*. Várias entrevistas realizadas por Aline Mendonça dos Santos em abril de 2014. Projeto ALICE.

_____. (2014b). *ALICE Interview n° 12: Paul Singer*. Entrevista realizada por Aline Mendonça dos Santos em 03 de abril de 2014. Disponível em: <https://youtu.be/iVNYbyTjlyU>

_____. (2014c). *Roda de Conversas com Paul Singer*. Palestra proferida na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, organizada pelo Grupo ECOSOL CES e Projeto ALICE por ocasião do Colóquio Internacional Epistemologias do Sul – 09 de julho de 2014.

_____. (2004). *O novo pensamento econômico socialista e sobre os papéis do Estado, dos trabalhadores e dos movimentos sociais no desenvolvimento da economia solidária no Brasil*. Entrevista realizada por Renato Rovai e Anselmo Massad. Disponível em:

http://www.revistaforum.com.br/vs3/artigo_1er.aspx?artigo=a3c7dea5-994a-47e0-ad05-45b291dd25f8.

_____. (2005). *Memória: Paul Singer*. Entrevista realizada por Paulo Vannuchi e Rose Spina. Revista. Teoria e Debate, Fundação Perseu Abramo. Disponível em <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/paul-singer>

_____. (2007). *Economia solidária*. Entrevista realizada por Paulo de Salles Oliveira. 23 de setembro de 2007. ESTUDOS AVANÇADOS 22, 2008.

_____. (2014). *Economia solidária se aproxima das origens do socialismo*. Entrevista realizada Joel dos Santos Guimarães e Paula Quental, do Brasil Debate publicado 24/12/2014.

Paul Singer: uma tese e oito hipóteses sobre o socialismo/ autogestão

Claudio Nascimento

Introdução

Dedico este livro a Jorge Nascimento, que levou o “clamor dos terreiros” a SENAES.

E à Ademar Bertucci (in memoriam), artesão construtor de “Catedrais solidárias”.

Antes de tudo, ao iniciar esse ensaio, encontrei no Largo Glenio Peres, em Porto Alegre, o amigo Jorge Nascimento, em uma passeata da campanha do PT à Presidência. Estava clamando com seu pessoal dos terreiros, cheio de vida e esperança. E, ao terminar esse ensaio recebi a notícia da Páscoa de Ademar. Bertucci, com quem convivi muito tempo, sobretudo, nas viagens da Avaliação Externa em três regionais da Cáritas Nacional, em 2014. Fomos a Usina Catende-PE, e atravessamos todo o Vale do Jequitinhonha-MG, visitando as experiências de autogestão comunitária.

Daniel Mothé afirma que a construção da Ecosol é como a das Catedrais medievais, pouco a pouco, tijolo a tijolo. Ao início e ao final de cada encontro com as Comunidades, Ademar sempre proclamava a consigna: “gente pequena, em muitos lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, mudarão o mundo”. Bravo Ademar, artesão de Catedrais Solidárias!

Quanto ao Singer, é o assunto desse ensaio.

Na minha formação político-intelectual, três teóricos tiveram grande influência: Mario Pedrosa, Michael Lowy e Paul Singer. Meu foco de análise sempre foi o tema da autogestão, inspirado nas obras de José Carlos Mariategui, Rosa Luxemburgo e Mário Pedrosa, depois foi ampliado com a visão de mundo do “romantismo revolucionário” (Lowy). Inclusive, foi na obra de Lowy que extraí a ‘chave mestra’ para entender a obra político-estética de Pedrosa.

Em ensaio para revista “Perseu”, comemorando os 100 anos da Revolução soviética, escrevi: “Sem dúvida, podemos destacar Pedrosa, militante da política e das artes, no filão que Michael Lowy caracteriza como a sensibilidade ‘romântico anticapitalista’” (NASCIMENTO, 2017, p.139).

Pedrosa, em toda sua vida, articulou orgânica e dialeticamente as artes e a política, elaborando nos seus ensaios, mesmo de forma, às vezes, apenas intuitiva e/ou embrionária, uma crítica radical à civilização industrial do capitalismo, reclamando sempre uma revolução da vida e da sensibilidade.

A ideia de ‘romantismo revolucionário’ tem sido uma chave através da qual tenho feito a reflexão sobre o socialismo, articulada com a ideia da autogestão comunal. Com esta chave teórica, articulei numa mesma constelação intelectual-política, Mariategui, Pedrosa, Luxemburgo e Singer. Dessa forma, Michael Lowy está de tão presente em minhas reflexões, que não escrevi algum ensaio, à parte, sobre sua obra. Sabemos que ele escreveu inúmeros ensaios sobre Luxemburgo, Mariategui e Walter Benjamin. Porém, sobre Singer, tinha feito referências em alguns ensaios, mas nunca abordei de forma sistemática sua obra. Por exemplo: no verbete para a obra “A Outra Economia”, recorri as ideias de Singer.

No capítulo “Atualidade e importância do socialismo autogestionária”, Paul Singer afirma que o fracasso do ‘socialismo realmente existente’ revela que o socialismo sem aspas terá de ser construído pela livre iniciativa dos trabalhadores em competição e contraposição ao modo de produção capitalista, dentro da mesma formação social (SINGER, 1998).

A essência do socialismo, enquanto modo de produção, é a organização democrática de produção e consumo, em que produtores e consumidores livremente associados repartem de maneira igualitária os ônus e os ganhos do trabalho e da

inversão, os deveres e os direitos enquanto membros de cooperativas de produção e/ou consumidores (...) A transferência do controle dos meios de produção aos trabalhadores, para ser autêntico, não pode ser decretado de cima para baixo, mas tem que ser conquistado de baixo para cima, dentro do capitalismo”. Para Singer, esta conquista implica em uma longa e verdadeira revolução cultural”. (SINGER, 2003, p.230).

Retomei algumas de suas ideias no ensaio “A autogestão e o cooperativismo”, feito para debate no Primeiro Seminário Nacional de Autogestão, realizado em Joinville-SC, em dezembro de 2003.

No Seminário sobre a “Economia Socialista”, Singer fez referência à disputa ocorrida na revolução soviética entre os partidários da “planificação centralizada” pelo Estado e os defensores da autogestão. Segundo ele, com a derrota desta última alternativa, abriu-se o caminho para as experiências do chamado “socialismo real”, caracterizadas pelo planejamento geral e pela concentração do poder. (SINGER, 2000).

A outra via, a do “socialismo como autogestão”, se expressava através da ruptura com a ditadura do capital, nas empresas e sua substituição pela gestão coletiva dos meios de produção, exercida pelos produtores livremente associados. Estas ideias inspiraram os defensores das “cooperativas de produção autogestionárias”, das quais Rochdale, fundada em 1844, foi a pioneira.

A corrente autogestionária socialista tem uma experiência histórica que é a da própria história das lutas dos trabalhadores. E. P. Thompson, em sua “Formação da Classe Operária Inglesa”, remarca que, “Em fevereiro de 1819, os operários ingleses do tabaco, após onze meses de greve, começaram a organizar a produção por sua própria conta” (THOMPSON apud SINGER, 2002, p.34/35).

Paul Singer recorrendo, também, à história da classe operaria inglesa, apoiado em George Douglas Howard Cole assinala o caráter revolucionário do cooperativismo em suas origens:

Mas greves e 'lock-outs' logo se multiplicaram em outras partes do país e os recursos da União estavam longe de poder manter os excluídos. A detenção e condenação dos trabalhadores de Worcester, em março de 1834, foi mais um golpe, pois ameaçava os sindicatos em todos os lugares com penalidades legais, somados à hostilidade dos empregadores. A GNUMM (Grande União Nacional Moral das Classes Produtoras) e a maioria dos seus afiliados aboliram os juramentos, que eram comumente parte das cerimônias de iniciação sindical e haviam fornecido a base para as condenações de Worcester (SINGER, 2000)

Mas, em face da crescente militância dos empregadores e da declarada hostilidade do governo, os sindicalistas em muitas áreas começaram a perder o ânimo. Owen e seus discípulos puseram-se à frente da demanda pela libertação dos trabalhadores de Dorchester e entraram na GNUM em bloco, na esperança de salvar a situação. Mas uma greve sem sucesso dos alfaiates de Londres – que em seu decorrer cobriram Londres de cartazes anunciando que estavam partindo em bloco para a Produção Cooperativa – piorou seriamente a situação; e os empregadores de Yorkshire, retomando a ofensiva do ano anterior, conseguiram em maio e junho quebrar o poder do Sindicato de Leeds. O Sindicato dos Trabalhadores em Construção também estava ruindo face a repetidos ataques. E uma após a outra, as associações de ofício foram deixando o sindicato, que no fim de 1834, se extinguiu. As oficinas corporativas em Derby tiveram de fechar, e os homens foram forçados a voltar ao trabalho nas condições impostas pelos empregadores. O Sindicato dos Oleiros, que montou uma olaria cooperativa em junho de 1834, teve de abandoná-la seis meses depois. Sem

glória, a grande aventura sindical estava chegando a um fim.

Esta é a origem da economia solidária. Seria justo chamar esta fase inicial de sua história de “cooperativismo revolucionário, o qual jamais se repetiu de forma tão nítida. Ela tornou evidente a ligação essencial da economia solidária com a crítica operária e socialista do capitalismo.” Apesar de inúmeras derrotas, permaneceu viva a ideia de que “trabalhadores associados poderiam organizar-se em empresas autenticamente autogestionárias e desafiar assim a prevalência das relações capitalistas de produção. (NASCIMENTO, 2011, p.91)

Também utilizei algumas ideias de Singer no ensaio “Beco dos Sapos”, escrito para a Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES em 2005.

Singer, repensando o Socialismo, também nos apresenta uma reflexão em que podemos encontrar “afinidades” com alguns conceitos de Henri Lefebvre. Assim, a história da cooperativa dos Pioneiros de Rochdale é, neste sentido, riquíssima em lições. O êxito econômico da cooperativa, que depois foi replicado em numerosas localidades da Grã-Bretanha e de outros países em transição ao capitalismo industrial, demonstra que o modo de produção capitalista apresenta “brechas” que podem ser aproveitadas para organizar atividades econômicas por princípios totalmente diferentes dos capitalistas e que, por isso, devem ser denominados socialistas. Nestas “brechas”, “pontos frágeis” ou “lacunas” é onde podemos construir o que ele chama de “implantes de socialismo”, que se define na perspectiva da autogestão (SINGER. 1998).

Mesmo no capitalismo, os implantes socialistas desempenham um papel positivo ao difundir valores essenciais ao convívio em sociedade. Este fato abre um certo leque de possibilidades de que algumas destas sementes germinem. O que poderia significar isso? Que a democracia política se difundisse do âmbito estatal ao das instituições

privadas, como, empresas, escolas, igrejas, prisões etc.; ou que o fortalecimento do sindicalismo fizesse crescer a influência sobre a gestão econômica dos representantes de operários nas fábricas, bancos e demais empresas; ou ainda, que cooperativas de consumo e de serviços se unissem para formar um grande mercado cooperativo preferencialmente voltado à aquisição de produtos de cooperativas de produção.

Na visão de Singer, o socialismo, enquanto utopia militante, desencadeou o que se pode considerar ter sido um vasto processo de tentativas e erros no sentido de modificar o capitalismo, compensando suas tendências à concentração e à destruição. E, assim, diz Singer:

Os implantes socialistas no capitalismo resultam de algo como um processo de tentativas e erros. E dificilmente poderia ser diferente. A revolução socialista, por esta conceituação já em curso há quase dois séculos, não é a concretização de um projeto, mas o resultado de inúmeras lutas no plano social e econômico, que se estenderam por um número de nações, à medida que a revolução capitalista foi se estendendo a novos países e continentes (SINGER, 1998, p. 70).

É nesta conceituação que Singer fala do “ressurgir do cooperativismo” e do que “genericamente” se chama economia solidária como resposta à crescente exclusão social produzida pelo neoliberalismo. Ela é formada por uma constelação de formas democráticas e coletivas de produzir, distribuir, poupar e investir e segurar. Suas formas clássicas são relativamente antigas: as cooperativas de consumo, crédito e de produção, que datam do século dezenove.

Elas surgem como solução, algumas vezes de emergência, na luta contra o desemprego. Ocupações de fábricas por trabalhadores, para que não fechem, são semelhantes a ocupações de fazendas por trabalhadores rurais sem-terra. Ambas são formas de luta direta contra a

exclusão social, tendo por base a construção de uma economia solidária formada por unidades produtivas autogestionária (NASCIMENTO, 2012).

Em muitas atividades de formação operário-popular-sindical fizemos uso, em trabalho de grupos, do seu livro de 1980, “O que é socialismo hoje?” Foi determinante para uma geração de pessoas engajadas nas lutas do final dos anos 1970. Caiu como uma luva também para desenvolver atividades de formação político-sindical sobre o Socialismo/Autogestão.

Foi por impulso vindo de um ensaio de Singer (depois refeito junto com Valmor Schiochet) que resolvi desenvolver o SITE claudioautogestao.com.br, em que postei o que tinha escrito em vários anos de militância e alguns vídeos de palestras sobre autogestão. No ensaio “A Construção da economia solidária como alternativa ao capitalismo” a partir de um ‘Memorial’ que fiz para UNB, Singer ressaltava cursos de formação que realizamos pelo país, em torno do tema ‘socialismo autogestionário’. Sobretudo, o debate em torno da autogestão e do Solidarnosc da Polônia (SINGER, 2013).

Após a morte de Singer, em 2018, fui impulsionado a fazer esse ensaio, ao me comprometer na organização de um Memorial em homenagem a Singer, na Feira de Ecosol de Santa Maria, seria um pequeno texto sobre Singer. Contudo, ao ir me adentrando na sua obra, o desafio foi tomando dimensão bem maior que o previsto. E, então, mergulhei fundo, e, assim, preenchi uma grande lacuna em meus trabalhos. Uma pena que só o fiz após sua morte, pois, sem dúvidas, teríamos muito para conversar e objetivo central deste ensaio é cascavilhar na obra de Paul Singer o par dialético “Socialismo/Autogestão” e, também extrair alguns elementos no eixo “Economia Solidária/Educação”, pedagogia da autogestão.

Por fim, delinear hipóteses sobre elementos que Singer, por razões internas e externas a sua obra, não conseguiu avançar em suas práxis por causa de alguns

limites teóricos e práticos. Por um lado, devido a sua função na SENAES, como secretário de Governo, e por outro lado, devido ao caráter e composição de forças do Governo e a um caráter, como diria Gramsci, “corporativo-pré-hegemônico” do próprio movimento social-operário, sobretudo, da economia solidária. Esses elementos, Singer não teve tempo ou condições políticas de aprofundar e sistematizar. Mas, também devido a limites em sua própria visão de mundo, por exemplo, a questão ecológica e o papel das forças produtivas e da tecnologia na transformação socialista.

Não se trata de um ‘tema ausente’, pois, nos anos 70, Singer quando se referia as comunas agrárias falava de “comunidade **ecológica**’ e “organização **ecológica da sociedade**’. E, nos anos 2000, no ensaio “Economia Solidária e Socialismo”, chegou a falar de “construção de **implantes socialistas e ecológicos** na economia” (SINGER, 2018, p.117. grifos nossos).

Do mesmo modo, Singer desenvolveu trabalho com agricultura. Por exemplo, “Procurei desenvolver uma análise histórico-estrutural da agricultura, sobretudo em economias não-desenvolvidas”. O primeiro trabalho teórico nessa área foi “Agricultura e Desenvolvimento econômico”, publicado na Revista Brasileira de Estudos Políticos n.º 2/1961. (SINGER, 2013, p.27).

Em 1962, realizou também “extenso estudo da agricultura na bacia do Paraná-Uruguaí”. Neste ensaio, Singer analisou a agricultura em cada um dos estados da bacia: Mato grosso, Goiás, Minas gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul, publicado na Revista Brasileira de ciências Sociais, n.º 02/1963 (SINGER, 2013, p.28). Estes entraves diversos, não permitiram a Singer desenvolver um ‘máximo de autogestão possível’ (R.Williams) em relação ao “potencial revolucionário” da Ecosol. Sobretudo, numa possível relação com o pensamento crítico latino-americano

desenvolvido em outros países. Nesse sentido, que chamamos a parte final de “Com Singer além de Singer” é uma hipótese!

Dividi o ensaio em duas partes: a primeira sobre “a Odisseia de Singer”, e a segunda: “Com Singer além de Singer”. Na primeira, busco traçar a peregrinação de Singer em relação a construção do nosso eixo temático /socialismo e autogestão. Na segunda, partindo de uma posição de Jose Luiz Coraggio, sobre o debate sobre Modos de Produção e economia solidaria:

Esta linha de pesquisa teórica não está fechada e sem dúvidas vai crescer na medida em que a esquerda de vertente marxista se interesse e comece a debater sobre as variantes da economia alternativa não estatal socialista, e reabrirá e remoçará velhos debates (CORAGGIO, 2007, p.25).

Pensei em levantar algumas questões em relação a ideia de Ecosol como ‘um modo de produção’. O objetivo maior dessa segunda parte seria traçar afinidades com teóricos do ‘sistema comunal’, que entendem a Ecosol mais como ‘Um Modo de Vida’. A partir de ideias de Meszaros, Linera, Zavaleta, Echeverria, Bartra, Raquel, Zibechi.

Enfim, à guisa de conclusão, tracei algumas Hipóteses em relação ao momento atual da Ecosol. Vamos, então, cascavilhar a obra de Singer!

Parte I

1.1 A Obra

Alfredo Costa Filho (2001), de certa forma adverte sobre as dificuldades de abordagem da obra de Singer, destacando alguns pontos: A avaliação das contribuições de Singer à análise econômica no Brasil fica dificultada pela extensão e diversidade da sua obra. Facilita-a seu sentido de coerência e alguma concentração em temas da economia

marxista, da urbanização, do trabalho e emprego, ou de demografia, saúde etc. A meticulosa análise de toda sua produção, teórica ou técnica, seria imprescindível para fazer-lhe melhor julgamento. Isto implicaria examinar perto de 170 títulos, distribuídos ao longo de aproximadamente 40 anos.

Costa Filho (2001) concentra-se em “três vertentes” a obra de Singer: Economia, Sociologia e Demografia - “Economista de origem, doutor em sociologia e livre-docente em demografia”. E, marca vários Temas: “Preocupações dominantes, com a práxis e com a pedagogia marcaram definitivamente seus aportes à análise econômica. Urbanização, população, desenvolvimento e formação do mercado interno, trabalho e emprego em economias capitalistas não-desenvolvidas, fixação de salários como função de movimentos do capital, estrutura de classes e modos de produção no Brasil, além de ciclos de conjuntura”. Visando a obra econômica-política de Singer, Costa Filho a divide em quatro grandes blocos:

- 1 - A longa tradição ortodoxa de Singer;
- 2 - Sua percepção do socialismo real;
- 3- Reflexões mais atuais, centradas na economia solidária;
- 4- Algumas conclusões gerais. (COSTA FILHO, 2001, p. 363).

Muitos ensaios do conjunto da obra Singer estavam dispersos. Todavia, veio a facilitar nosso trabalho, o fato que a Fundação Perseu Abramo recolheu vários ensaios em uma Coletânea sobre “Desenvolvimento e Urbanização” (2016), e, o próprio Singer coletou vários ensaios em “Desenvolvimento e Crise” (1968). Mas, de Portugal, veio, após a morte de Singer, a principal contribuição pela editora Almedina, lançando um livro: “Paul Singer - Ensaios sobre economia solidária”, incluindo seus textos sobre socialismo e autogestão (2018). Através de outras fontes, como inúmeras entrevistas feitas com Singer, temos um material fundamental para nosso objetivo.

O Acervo de Paul Singer foi doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP, consta da Biblioteca e Documentação pessoal, ao total, nove mil itens. O diretor do IEB, Paulo Teixeira Iumatti declarou:

Trata-se de um Acervo que espelha a produção e a militância de um intelectual que possui um pensamento original, com projeção dentro e fora do País, tendo inaugurado uma vertente da economia solidária – que tem imensa repercussão no Brasil, a ponto de afetar o cotidiano de parte da população”, portanto, as condições estão postas para pesquisas sobre o ‘pensamento original’ de Singer (IUMATTI, 2018, s/p).

Aliás, Singer em ensaio intitulado “A teoria na prática da economia solidária”, de forma otimista, dizia que:

O movimento da economia solidária tem sido guiado sobretudo, por necessidades imediatas. Agora ela precisa ser analisada criticamente para que teorias bem fundamentadas permitam delinear sua possível trajetória futura e a transformação social e econômica que poderá induzir. Em analogia a um celebre debate, há necessidade de uma teoria de “transição para a economia solidária” como modo de produção dominante” (SINGER, 2018, p.35).

Somada à ideia de Coraggio, que expomos logo acima, essas palavras de Singer são um convite aos militantes e intelectuais da Ecosol.

De minha parte, uma questão foi se impondo ao desenvolver o estudo do conjunto da obra de Singer: Será possível estabelecer um ‘fio condutor’ que forneça uma certa unidade a obra de Paul Singer? Que perpassasse toda sua multiplicidade temática? Vamos notar que, em muitas ocasiões, Singer fala de um “esquema teórico” que foi construindo e que permanece em toda sua obra.

Com o curto tempo que tive para traçar o percurso e as ideias de Singer, foi possível trabalhar uma metodologia, dividindo em constelações temáticas a obra de Singer, tendo como foco o eixo temático “autogestão/socialismo/Ecosol”. Três constelações temáticas destacam-se, em sua obra:

- 1) Socialismo/Autogestão/Economia solidária;
- 2) Economia / Desenvolvimento/Urbanização;
- 3) E podemos, de sua obra, destacar elementos que contribuem para reflexão sobre uma “Pedagogia da Autogestão”.

Enfim, seguindo orientação de método do próprio Singer, quando do seminário sobre “Autogestão e Socialismo” (SINGER.1998): “Em vez de teses, vou apresentar hipóteses”! Sobretudo na parte final deste ensaio.

Nesta imersão na obra de Singer, nos deparamos com uma Síntese/Resumo de suas ideias sobre o eixo temático Socialismo/Autogestão: suas oito hipóteses para um socialismo via autogestão, elaboradas para apresentação em um Seminário de 1998, pela sua constante preocupação em tornar as ideias muito claras, sistematizadas, Singer tenta sintetizar onde chegou na sua reflexão sobre o tema. Digamos, tipo “o máximo de consciência possível”.

Sabe-se que Karl Marx tentou sintetizar sua visão da filosofia das práxis nas “11 Teses sobre Feuerbach”; com muita modéstia, o que lhe era tão peculiar. Singer o fez com “8 Hipóteses sobre o Socialismo”. Contudo, essas hipóteses nigerianas pressupõem, no meu modo de ver, uma tese, que é a base de todo seu arcabouço teórico. Por isso, o título do ensaio presente: “Uma tese e oito hipóteses”.

1.1.1 A Tese: afinidades, socialismo e autogestão

Vamos antecipar o que entendemos por “tese” de Singer, e adiante iremos ver as oito hipóteses. Essa tese vem de seus estudos da obra de Rosa Luxemburgo. Como é sabido, Singer está inserido na “corrente subterrânea luxemburgista” no Brasil. Em entrevista a Loureiro, em 2008, em plena

maturidade político-intelectual, e com seis anos na SENAES, Singer destaca Três legados da Rosa:

I. A democracia de massas, em sua crítica a Revolução Russa; Explica:

É, acho que há um legado luxemburguesa do qual eu não estava consciente antes deste momento. E o legado me parece ser este: para Rosa Luxemburgo, quem dirige a revolução é o que ela chama de ‘as massas’; são os próprios trabalhadores, homens, mulheres, os jovens, enfim (SINGER, 2008, p.19).

Mas de qualquer forma, na crítica de Rosa à Revolução Russa, essa visão das massas como carregando o ímpeto da mudança **é uma coisa que calou fundo em mim**. “E eu a reencontrei na economia solidária”. (SINGER, 2008, p.24. grifos nossos).

II. A dinâmica da revolução é de baixo para cima, pela ação das massas;

Para Singer a economia solidária “foi uma criação das pessoas em situações difíceis, mas recorrendo às forças comunitárias que são socialistas, em última análise ‘Agora, o que me encanta na economia solidária é que ela vem de baixo’”. (SINGER, 2008, p.25).

E, a Tese de base de seu pensamento:

III. A ideia de Rosa em “A Acumulação do Capital”, da “coexistência dos modos de produção”.

Paul Singer teve uma oportunidade especial de analisar a obra de Rosa sobre “O Capital” de Marx. Em 1983, fez a apresentação da obra de Rosa editada na Coleção “Os economistas” do abril Cultural. Vejamos os destaques que fez sobre “A acumulação do capital”. Além do livro sobre Rosa, e pensando na formação intelectual de Singer, é importante destacar que em um período curto, Singer fez as apresentações de 3 obras fundamentais. A obra de Rosa, “A Acumulação de Capital”, publicada pelo abril em 1983; a obra de Ernst Mandel, “O Capitalismo Tardio” (1982), e a organização/introdução ao número sobre “MARX”, da coleção

“Economia” / editora Atica-1982.

Em relação à obra de Luxemburgo, Singer dedica grande parte a análise da “Acumulação do Capital”: “não é somente a principal obra teórica de Rosa Luxemburgo, mas também uma das mais significativas do campo da Economia Política marxista”. (SINGER, 1983, p.XXXVI). Rosa elaborou essa obra a partir das dificuldades que achou em Marx na exposição sobre o processo total da produção, quando estava escrevendo sua “Introdução à economia política”, resultado das aulas que Rosa dava na Escola do partido.

Em menos de um ano, Rosa Luxemburgo realizou uma análise da acumulação do capital admirável pela sua extensão, profundidade, consistência, erudição e originalidade (SINGER, 1983, p XXXVI).

Singer destaca o ponto central da obra: “A Seção III, ‘A condição Histórica da Acumulação’ da obra constitui a contribuição mais importante de Rosa Luxemburgo à Economia Política. Ela mostra que o capital não se limita a entrar em relações comerciais com seu entorno não capitalista. À luz de rico material histórico, ela demonstra que o capital vai solapando as bases da economia natural, onde ainda sobrevive de modo a quebrar sua autossuficiência, fazendo surgir em seu lugar uma economia de mercado. Esta é a base econômica do Imperialismo”. (SINGER, 1983, p.XLI)

Numa entrevista de 2008, concedida a um grupo coordenado por Isabel Loureiro, para um livro sobre a “recepção da obra de Rosa Luxemburgo no Brasil”, Singer fala de suas origens luxemburgistas.

Isabel põe o tema: “Mario Pedrosa e você foram considerados os primeiros luxemburgistas brasileiros. Depois de vocês, veio Michael Lowy, são os três mais importantes.”

E Singer diz:

Eu tomei conhecimento que existia Rosa Luxemburgo, que foi uma figura importante no movimento operário, através de Mário Pedrosa, creio que nas páginas da vanguarda socialista”, se bem me lembro, nós começamos a ler Rosa Luxemburgo, primeiro, essa crítica à Revolução Russa, em seguida Reforma ou Revolução, foi um dos livros de cabeceira”. Singer diz que tinha na época 14 ou 15 anos. (LOUREIRO, 1998, p. 13/14).

Vale ressaltar que Pedrosa publicou o ensaio sobre “A revolução russa” em 1946 no jornal Vanguarda Socialista. (LOUREIRO, 1998.p. 13/14. Grifos nossos).

Singer prossegue:

Provavelmente comecei a ler VS um pouco depois. Eu me lembro que lá por volta de 1947 comecei a frequentar o PS aqui em SP, que era bastante mais à esquerda que a direção nacional, e que depois o próprio Mario entraria no partido lá no RJ. (idem)

Sobre a “corrente luxemburguista”, Singer diz:

Olha eu realmente não saberia responder essa pergunta a você. Eu sei que através da influência de Mario Pedrosa, de Michael Lowy e minha, entre outros, Rosa passou a ser uma autora de peso (SINGER, 2008, p. 13 e 14).

Aproveitando que Singer citou Pedrosa, vamos, então, recorrer a uma obra fundamental sobre o livro de Rosa Luxemburgo. Trata-se da obra do pioneiro da “corrente luxemburguista” no Brasil, Mario Pedrosa. Este, escreveu um livro sobre a “Acumulação do Capital” de Rosa Luxemburgo. O mesmo que como vimos foi apresentado por Singer na Coleção da editora Abril. A obra de Pedrosa foi elaborada no exílio parisiense, datado de julho de 1976: “A crise mundial do Imperialismo e Rosa Luxemburgo” (PEDROSA, 1979). E, não por acaso, Pedrosa pôs como Apêndice no seu livro o ensaio

de Rosa sobre “A Revolução russa”, que tinha traduzido em julho 1946, 30 anos antes.

Pedrosa tomou contato com a obra de Rosa nos anos 20, em Berlim e depois em Paris, onde chegou no início de 1929. Em carta para o amigo Lívio Xavier, datada de agosto 1928, dizia que “Quanto ao frustrado imperialismo –Lenin, Rosa Luxemburgo – é muito complicado. E eu mesmo ainda não li a Rosa. O que vou fazer em breve”. Pedrosa escreve que assistiu cursos de Luciene Revo, na casa de Naville, ‘Gostei dele. Ele sabe pra burro, “Ele é luxemburgista”.

A França foi palco de um longo debate sobre a obra de Rosa Luxemburgo, iniciando em 1923 e indo até 1930. Pedrosa participou na casa de Naville de um seminário tipo “O Capital”; aulas dadas pelo austríaco Otto Maschl, que foi para Paris em 1928, e adotou o nome Lucien Laurat; aulas para um seletto grupo, “um curso aprofundado sobre O Capital, capítulo por capítulo”, “um dia por semana” (Naville).

Laurat publicou em 1930 um resumo da obra de Rosa “A Acumulação do Capital”. Suas aulas versavam sobre “O Capital” e sobre essa obra de Rosa, fundando Revista “Le Combat marxiste” e viveu muitos anos na URSS.

Para analisar o Imperialismo das multinacionais, Pedrosa após viver a trágica experiência do Chile de Allende, recorreu à Rosa:

Tendo definido a crise na qual se está mergulhado como uma crise capitalista de âmbito, enfim, mundial, é oportuno que se vá às estantes da imensa biblioteca marxista já imersa na poeira dos tempos e que se pegue nela a obra mais aberta a esse tema: “A Acumulação do Capital”, de Rosa Luxemburgo (PEDROSA, 1979, p.19).

Na obra de Rosa, Pedrosa, tal qual o fez Singer, assinala a ‘tese fundamental’ de Rosa: “O capitalismo é o primeiro modo econômico munido da arma da propaganda, um modo que tende a engolir o globo inteiro e a varrer todas

as outras economias, não tolerando nenhuma outareis aí seu traço primeiro e mais profundo” (PEDROSA, 1979. p.18).

E, “O segundo traço fundamental do capitalismo, que foi pela primeira vez e mais corajosamente definido por Rosa Luxemburgo: ...é também o primeiro modo econômico incapaz de existir por si mesmo, uma vez que ele precisa de outros sistemas econômicos como um meio e um campo”. (PEDROSA, 1979. p.20) Como vimos, daí decorre a ideia de ‘coexistência dos modos de produção’, tão cara a Singer.

Para Mario, “Rosa Luxemburgo não se contentou em ficar no funcionamento abstrato dos esquemas de reprodução ampliada de Marx (vol. II do Capital). Diante do impasse em que se encontrou, ela decidiu submetê-los à prova dos acontecimentos da história”. (PEDROSA. 1979. p.77). Com base nos estudos antropológicos de Maurice Godelier (“L’Anthologie, Science des sociétés primitives?”), Pedrosa afirma que

De todos os processos socioeconômicos que a história nos apresenta, o único a interromper a rotina dos tempos estabelecida pela preguiça criadora do bom Deus e a se desenvolver ao longo de gerações e gerações de humanidade até nossos dias foi o sistema de trocas” (PEDROSA, 1979, p.55).

E que “Isto se passou, se nos permitem falar brutalmente, quando as primeiras virtudes sociais do agrupamento humano, ou a doação, a troca, o escambo antes da moeda e a moeda se institucionalizaram” (PEDROSA. 1979. p. 55). Vem da antropologia a distinção entre “as formas simples de circulação das ‘mercadorias’ com ou sem dinheiro, e as formas capitalistas de circulação de mercadorias; os povos primitivos desde os primeiros contatos, compreenderam a lógica das doações, e a doe sambo e mesmo a da circulação simples de mercadorias (PEDROSA, 1979).

E, Pedrosa acentua o elemento principal, “Mas se explica também que a existência de formas de produção e de circulação mercantil **Não altera, por si, a natureza profunda**

dos diversos modos de produção no seio dos quais a encontra. Não é circulação mercantil em geral que destrói as antigas relações comunitárias de produção ou de vida social. A produção mercantil dirigida sistematicamente para o lucro” (PEDROSA, 1979, p.56. grifos nossos).

O capital porta uma insociabilidade inata: “De seus contatos como todas as formas de circulação das sociedades primitivas, ele tem a faculdade fatal de se distanciar de todos os condutos sociais de toda relação humana, seja ela qual for”. Ele invade como área privada a área do coletivo. Nos velhos tempos, essa última área era a área do sagrado, a área do privilegio” (PEDROSA, 1979, p.57). Retomando a ideia de Rosa: O processo cumulativo visa em toda parte substituir a economia natural pela economia mercantil simples” Seu objetivo final consiste em estabelecer a dominação exclusiva e universal da produção capitalista em todos os países e em todos os esquemas de indústria”. E Mario segue o raciocínio:

A realização e a capitalização da mais-valia dão sem dúvidas nascimento a essa operação, mas para chegar a um impasse. E esse é o no ‘da questão. O capitalismo completa seu primeiro ato como capitalismo no mundo: ele substitui a economia natural, na qual o mundo vivia pela graça de Deus, pela economia mercantil, graças ao engenho do homem (PEDROSA, 1979, p.78).

Mas, o que se passa então, na realidade? Pergunta Mario “O capital não para”?

Ele toma o lugar da economia mercantil simples e então se verifica que essa criação do bom Deus, que levou tantos anos a construí-la, vai ser remodelada. A extinção dessas velhas organizações não capitalistas deixa ao capitalismo um solo fértil e instrumentos passivos de trabalho. A realização da mais-valia passa, finalmente, para o capitalismo, que efetua assim seu segundo ato como tal: ele ocupa e

arruína.

E, “Mais que um marxista, só uma revolucionária, do porte de Rosa Luxemburgo, poderia apanhar o fenômeno da acumulação nessa profundidade da história social e política: historicamente, a acumulação do capital é uma espécie de metabolismo entre a economia capitalista e os métodos pré-capitalistas de produção, sem os quais ela não poderia funcionar e que ela corrói e assimila. Assim, o capital não pode acumular sem a ajuda de organizações neocapitalistas, mas nem tampouco pode ele tolerar sua existência contínua ao lado dele. Só a desintegração contínua e progressiva das organizações não capitalistas torna possível a acumulação do capital” (PEDROSA, 1979. p.78).

Vimos que Singer analisa essa seção III, na mesma linha de Mario: “...o capital vai solapando as bases da economia natural, onde esta ainda sobrevive, de modo a quebrar sua autossuficiência, fazendo surgir sem seu lugar uma economia de mercado; nas regiões em que predomina a produção simples de mercadorias, o grande capital se apodera de parte do solo para abrir espaço à sua crescente acumulação, até arruinar os pequenos produtores.

“Em suma, além e condicionar e explorar o entorno não capitalista, o capital na verdade o destrói, para tomar o seu lugar, tendendo assim a expandir incessantemente o modo de produção capitalista, até moldar todo o mundo à sua imagem.” (SINGER, 1983, p. XLI.). E, conclui, “Esta é a base econômica do imperialismo”! Ou como disse Pedrosa: “Esse é o nó da questão”!

Voltando à entrevista de Singer a Loureiro: Singer era um ‘ser dialogante/escutante’, tinha uma extraordinária capacidade para aprender dialogando. Certa vez destacou o papel pedagógico destas entrevistas: **“A entrevista é uma forma importante de captar coisas que, mesmo quando o entrevistado é um autor, como no meu caso, ele jamais sabia que sabia, porque não pensou”**. “A entrevista livre,

fluindo, leva a pensar coisas em função exatamente do dialogou sou um partidário e entusiasta do método” (LOUREIRO, 2008. p.60. grifos nossos).

Vimos que Singer declarou não ter aprofundado de forma sistemática o ‘legado de Rosa’. Tudo indica que essa fala de Singer diz respeito a relação que poderia extrair/aprofundar da obra de Rosa a “A Acumulação do Capital”, com a economia solidária. Pois, em relação à obra em si mesma de Rosa, Singer tinha um conhecimento sistemático, como veremos adiante.

Indagado por Isabel Loureiro, sobre o papel dos pequenos agricultores familiares, os artesãos, Singer responde que, “Eu tenho dito várias vezes – **Nunca Escrevi, não tive tempo de escrever** - que o campesinato hoje é vanguarda porque é só entre os camponeses que você pode fazer agricultura ecológica” (LOUREIRO, 2008.pg 28. Grifos nossos).

Nesse ponto, Singer apontou dois temas que intuiu, mas que não desenvolveu: um, a questão ecológica, outro, a questão dos camponeses: na verdade, ambas estão articuladas no tema do Eco socialismo e /ou no Sistema Comunal. Como fica claro nas últimas obras de Lowy.

Em outro momento da entrevista, Singer aborda o tema dos camponeses e formas não capitalistas de produção. Assim, volta a falar de Luxemburgo, da obra “Acumulação do Capital”, em que há uma relação com a Ecosol. Para Singer, a segunda parte desta obra de Rosa:

é entusiasmante, porque aí ela tira as consequências político-históricas do que considera um erro de Marx, **e dá uma contribuição teórica, para mim, absolutamente decisiva**” – que é mostrar que nunca houve um modo de produção único no mundo. Sempre houve diferentes modos de produção que interagem. E é muito fácil você dizer: ‘Bom, mas esse aqui é o passado. Isso aqui são modos de produção pretéritos que ainda sobrevivem’. Não é

verdade. Na realidade o campesinato, o artesanato – a pequena produção de mercadorias precede o capitalismo e convive com o capitalismo até hoje. **Isso eu percebi graças à Luxemburgo.** (ibid. p. 18. Grifos nossos).

Singer discorre sobre o erro que Rosa assinala em Marx, em relação aos “esquemas da reprodução ampliada”:

Ela dá uma visão totalmente nova, pelo menos para nós, do que é o processo de expansão do capitalismo. Porque Marx mesmo já tinha tratado disso, mas ele não tomava a sério os modos de produção não capitalistas. Marx faz uma coisa, que é outro erro metodológico dele: ele escreve O capital na pressuposição de um sistema puramente capitalista. No mundo pressuposto por Marx, só há trabalhadores e patrões, e mais nada. Nem o Estado praticamente aparece como fator econômico, ele é só um elemento político. E com Rosa isso vem à tona: quer dizer, na imortal análise de Marx, do capitalismo e sua dinâmica, faltava algo essencial” (ibid. p.20)

E conclui, anunciado sua tese fundamental: “Então todo o meu trabalho teórico a partir daí pressupõe múltiplos modos de produção. Isso tem a ver com a economia solidária, obviamente”.

E, em seguida:

Quer dizer, **eu entendo a economia solidária como um modo de produção**, entre outros, que existe dentro do capitalismo, já há duzentos anos, como maior ou menor força, mas que pode, diante das contradições que o capitalismo apresenta, ter um desenvolvimento” (ibid. p.18. Grifos nossos).

Empolgado com a obra de Rosa, afirma “tudo isso ela deslinda lindamente”, e em seguida nos fala da teoria do Imperialismo de Rosa: “Essa é uma das coisas mais

inteligentes e interessantes que eu aprendi com Rosa. Ela faz estudos sobre a Índia, a Argélia e mostra como aquela população que vivia da economia de subsistência, muitas vezes sem moeda, foi forçada pelo colonizador a se transformar numa economia monetária. (Ibid. p. 19).

Por fim, essa tese se explicitou em Singer no ponto sobre “os implantes socialistas”: “Os implantes socialistas no capitalismo resultam de algo como um processo de tentativas e erros” (SINGER, 1998, p.132.); e da economia solidária como um modo de produção intersticial:

A questão que se coloca naturalmente é como a economia solidária pode se transformar de um modo de produção intersticial, inserido no capitalismo em função dos vácuos deixados pelo mesmo, numa forma geral de organizar a economia e a sociedade” (SINGER, 2002, p. 116 - grifos nossos).

Na verdade, talvez, não seja um elemento tão obvio. Singer não teve tempo para aprofundar a relação entre a multiplicidade dos modos de produção numa mesma formação social e a economia solidária como um possível modo de produção hegemônico/socialista, mesmo que tenha diversas vezes assinalado essa relação. Nesse sentido, é possível que teria avançado na linha de Mariategui e de Lowy sobre o socialismo indo americano, do eco socialismo, e as fontes comunais da autogestão, como veremos no final deste ensaio em vários teóricos, como Meszáros, e tantos outros da Nuestra América. É uma hipótese.

1.1.2 A Experiência da Consciência, ou A Odisseia do Espírito

Foi Georg Lukács quem analisou comparativamente a estrutura da obra de Marx com a Fenomenologia de Hegel. Em seu “El Joven Hegel”, (obra concluída em 1938 e só publicada em 1948) após expor o ‘esquema da Estrutura da Fenomenologia” hegeliana, chama a atenção para o fato: “Há

que sublinhar, que a estrutura da Fenomenologia que acabamos de expor coincide em seus traços essenciais com a agrupação proposta por Marx nos Manuscritos econômico-filosóficos em forma de índice. (Lukács,1972, p.457).

Mas, foi o filósofo tcheco Karel Kosik quem desenvolveu essa relação entre Marx e Hegel, só que em relação a “O Capital”. Analisando “A Estrutura de “O Capital, Kosik aborda vários elementos, a saber, o “encontro de pontos de contato entre “ O Capital” e a Lógica de Hegel; a ideia de Lenin de que não se pode conhecer O Capital sem ter estudado a Lógica de Hegel; a suposição de que “ O Capital” seja ao mesmo tempo a “ Lógica” e a “Fenomenologia” de Hegel. Kosik cita vários autores sobre esses temas, contudo não cita Lukács. Ele fez essa análise em sua principal obra, “A Dialética do Concreto” (ao analisar o que chamou de “motivo simbólico intelectual comum”, presente em “O Capital” de Marx e na “Fenomenologia do Espírito” de Hegel), aborda o tema da Odisseia, como uma metáfora da criação literária, filosófica ou científica. Adverte que a Odisseia do Espírito ou a Ciência da Experiência da Consciência não constituem o tipo único ou universal - são apenas um dos modos – de “realização da Odisseia” (KOSIK, 1970. P. 165). Assim define a Odisseia:

O sujeito (o indivíduo, a consciência individual, o espírito, a coletividade) deve andar em peregrinação pelo mundo e conhecer o mundo para conhecer a si mesmo. O conhecimento do sujeito só é possível na base da atividade do próprio sujeito sobre o mundo; o sujeito só conhece o mundo na proporção em que nele intervém ativamente, e só conhece a si mesmo mediante uma ativa transformação do mundo. O conhecimento de que é o sujeito significa conhecimento da atividade do próprio sujeito no mundo” (KOSIK, 1970, p. 165).

Todavia, o sujeito que retorna a si mesmo depois de ter andado em peregrinação pelo mundo é diferente do sujeito

que empreendera a peregrinação. O mundo percorrido pelo sujeito é diferente, é um mundo mudado, pois a simples peregrinação do sujeito pelo mundo modificou o próprio mundo, **nele deixou suas Marcas**” – (KOSIK. 1970. p. 165. Grifos nossos).

E, por fim, “Ao regressar, porém, o mundo ao seu redor se **manifesta** ao sujeito de modo diferente de como se manifestara no início da peregrinação, porque a **experiência** obtida modificou a sua **visão do mundo** e de certo modo reflete a sua posição para com o mundo, nas suas variações de conquista do mundo ou resignação no mundo” (KOSIK. 1970, p.166. Grifos nossos).

Essa definição da Odisseia nos caiu como uma luva para abordagem da “Peregrinação de Paul Singer” na construção de sua ‘visão de mundo’ sobre socialismo/autogestão. Ele percorreu um longo percurso desde os anos 40, no DROR judaico socialista, até seus anos de economia solidária, na SENAES, nos anos 2000 (saiu do Governo com o golpe em 2016 e faleceu em 2018). Para dar conta dessa Odisseia/peregrinação, traçamos uma metodologia de ‘escalas de tempo:

Ele percorre uma longa trajetória, tipo uma Odisseia, na construção de sua visão socialista autogestionária. É um processo fenomenológico sem linearidade, com desvios, abandono e retomadas de temas, com lacunas, intuições não desenvolvidas, mas com um ‘fio condutor’ a partir da ideia de ‘desenvolvimento econômico/capital’, e seu corolário, o ‘desenvolvimento solidário’, desde o início da elaboração de suas ideias.

Vale destacar que essa “Peregrinação/Odisseia” é diferente do percurso do espírito hegeliano, marcado pela ideia de progresso e de temporalidade linear. O desenvolvimento não é apenas desigual, escapa à linearidade, não obedece a processos constantes e ascensionais. Vale nesse caso, a definição de temporalidade a Walter Benjamin, que Marx fez das revoluções:

As revoluções proletárias criticam-se continuamente a si mesmas; interrompem em cada instante o seu curso; voltam aquilo que parecia já coisa acabada para recomeçar de novo; são escarnecidas impiedosamente e sem respeito pelas meia-medidas, debilidades e misérias das suas primeiras tentativas; parece que só derruba o adversário para que esse tire da terra novas forças e se levante novamente mais forte em face delas; retraem-se continuamente, espavoridas pela imensidade infinita dos seus próprios fins até que se crie a situação em que se torna impossível qualquer recuo e as próprias circunstâncias gritem; hic Rhodus, hic salta”(Marx. 1928 p. 27).

Fazemos nossas as palavras de Diego Giller: “Por definição, toda periodização sobre a obra de um autor é rígida e excludente. Invariavelmente terminam – ou começam– postulando que certos elementos pertencentes a um momento dado, sejam de ordem teórico, sejam de ordem político, foram deslocados no momento seguinte. Isto é, aquilo que marcava a centralidade de uma etapa deixaria de estar presente em outras etapas. Todavia ,este não é o único modo possível de entende-las. Também podem ser lidas como uma opção metodológica que permite identificar rupturas, cortes , giros e mudanças.”(Giller.2018.pg.135).Giller opta pela ‘possibilidade de que uma obra esteja dominada por uma preocupação central desde seu começo(...),podemos achar uma inquietude de ordem teorico-politico disposta a seguir as diferentes e possíveis etapas de uma trajetória individual”(idem.)

Na trajetória de Singer alguns momentos e experiências foram decisivos. Analisando o conjunto da obra de Singer, vamos distribuí-la em “campos de memórias”. Usamos um método de ‘Campos de memórias temporais’. Repetindo, não são memórias estanques nem lineares, pois sobrevivem as temporalidades, umas se acumulam, outras se desfazem, se cruzam, criam interfaces, algumas são coexistentes. Assim, podemos assinalar:

- A) Campo de memória secular e ancestral (experiências indiretas);
- B) Campo memória longa duração: anos 40/50/60;
- C) Campo memória média duração: anos 70/80/90;
- D) Campo memória curta duração; anos 90/2000.

Mais adiante, vamos desenvolver estes ‘campos de memória’.

O arco de tempo percorrido por Singer, em relação ao eixo socialismo/autogestão, abrange as obras “Introdução a Economia Política” (1979/1983) à “Introdução a Economia Solidária” (SINGER, 2002).

Entre a publicação de “Introdução a economia política” (curso de 1979) retomado em 1980 com o título de “Aprender Economia” (publicado em 1983), e sua “Introdução a economia Solidária” (2002), em que especifica sua reflexão sobre a Economia, abordando um novo campo, o da Economia Solidária, Paul Singer nos deixou um legado profundo e múltiplo.

Porém, já a partir da segunda metade dos anos 90, centrou sua reflexão na economia solidária, tema que sempre articulou com o de Socialismo. Dizia: “E ‘que na minha cabeça economia solidária e socialismo são sinônimos”, em entrevista (SINGER. 2008).

No Prefácio para o seu “Memorial” para USP, (escrito em 1983, mas apenas publicado em 2013), pode-se ler: Um militante solidário. Assim poderíamos definir a personalidade histórica de Paul Singer. Austríaco que se tornou brasileiro, economista que adotou o socialismo, socialista que defendeu a autogestão, Singer teve uma trajetória coerente. Dentro do socialismo democrático ele não se limitou à Social Democracia, acercou-se das ideias de Luxemburgo e dialogou com as notáveis contribuições de outro militante austríaco, fundador da Polop (SINGER, 2013, p 17. grifos nossos).

1.1.3 Paul Singer e Michael Lowy: “judeus e marxistas heterodoxos”

Na linha da ‘ecologia dos saberes’ de Boaventura Santos, não resisti a tentação de relacionar Singer com Lowy. Ao ir me adentrando na obra de Singer, iam surgindo as ‘afinidades eletivas’, como diz Lowy. São muitos encontros entre as duas vidas e obras. Parece-me que, por vários motivos, Lowy desenvolveu um ‘máximo de consciência possível’, partindo de uma visão especial de ‘romantismo revolucionário’, a partir de estudos sobre as comunidades pré-capitalistas, via Mariategui e Luxemburgo, chegando a visão mais recente dos ecos socialismo e de crítica radical da modernidade capitalista, via Walter Benjamin.

Este é um tema que Singer, por várias razões, não pôde desenvolver até suas últimas consequências. A obra de Fabio Mascaro Querido, sobre Lowy, reforçou-me esse sentimento (QUERIDO, 2016).

Em 2014, estive com Singer na SENAES e conversamos por mais de uma hora, além do almoço no restaurante do Ministério Trabalho, onde Singer gostava de saborear uma massa. Falamos muito das “Comunidades/Comunas”, a partir da obra de Luxemburgo. Falamos sobre “Introdução a economia política”, que lhe enviei um exemplar em seguida. Singer, já conhecia essa obra. Falamos muito das experiências na Bolívia, Venezuela e Equador, sobretudo da obra de LINERA, em torno da ideia de “Forma Comunidade”. Falou que chegamos ao mesmo ponto, do “Socialismo comunitário”, mas por caminhos distintos. Foi um tema que Singer não teve tempo para aprofundar.

Por sua vez, Michael Lowy nasceu em São Paulo, em 1938, filho de imigrantes judeus; em 1961 foi estudar na França; em 1964, com 26 anos, foi para Israel viver com sua família, onde ficou quatro anos e viveu num Kibutz. Por sua vez, Singer nasceu em Viena em março 1932; em 1940 veio para São Paulo com seus pais quando tinha oito anos de

idade. Tinha previsão de ir viver num Kibutz em Israel no final dos anos 40, mas decidiu ficar com seus pais no Brasil. Um desencontro nas duas trajetórias.

Lowy construiu o principal de sua obra na Europa, sobretudo na França. Singer o fez no Brasil. Fez referência a uma “corrente luxemburgista subterrânea” na cultura socialista brasileira. Na contracapa de uma obra de Isabel Loureiro, sobre Rosa Luxemburgo, Lowy afirma: “Não é por acaso que o livro aparece no Brasil hoje. Sempre existiu na cultura da esquerda brasileira uma corrente ‘luxemburgista’, e que é Mario Pedrosa, o mais conhecido representante desta corrente desde os anos 40. (LOUREIRO, 1995).

Sobre Pedrosa podemos notar que, ” (...), criaram, sob a liderança de Mario Pedrosa, o jornal ‘Vanguarda Socialista’, que, para Isabel Loureiro, foi um centro de ampla discussão dos caminhos da esquerda, na busca da formação de um **partido socialista com viés luxemburgista**, voltado para a autoemancipação dos trabalhadores. (LOUREIRO apud VIEIRA, 2002, p.163. Grifos nossos).

Essa ‘corrente’ veio à tona em diversas manifestações. Alguns intelectuais podem ser citados, dentre os quais, Mario Pedrosa, Paul Singer, Mauricio Tragtemberg, os irmãos Eder e Emir Sader, o próprio Michael Lowy, jornais e organizações como, Vanguarda Socialista de Mário Pedrosa, final dos anos 40; a liga Socialista Independente, Singer etc.; a Polop, anos 60. Parte dessa herança luxemburgista aderiu ao PT nos anos 1980.

As afinidades e conexões entre Singer e Lowy, ocorreram por vários motivos: a origem judaica, o luxemburgismo, a amizade e influência política. Deste modo, recorri a entrevistas nas quais Michael Lowy faz referências a Singer, sendo duas histórias várias vezes entrelaçadas.

1.1.4 Singer “judeu marxista luxemburguista autogestionário utópico?”

Ao iniciar esse estudo mais sistemático da obra de Singer, judeu nascido em Viena, imigrante desde os 8 anos no Brasil e naturalizado em 1954, uma questão me veio à mente: nos estudos de Michael Lowy sobre os ‘judeus heterodoxos “haveria um lugar para o “judeu marxista luxemburguista autogestionário utópico” Paul Singer? Então, essa questão me levou de volta a obra de Lowy.

Em entrevista (2004), Lowy declara: “Nasci em São Paulo, em 1938, filho de imigrantes judeus de Viena. Meu primeiro guia nos meandros da política de esquerda foi um amigo um pouco mais velho, Paul Singer, Também de cultura judaico-alemã. Paul era um marxista da tendência de Rosa Luxemburgo. Graças a ele comecei aos 16 anos a ler Marx e sobretudo Rosa. (LOWY, 2004. Grifos nossos).

Bem antes, em uma outra entrevista, em 1996, Lowy tinha afirmado:

Eu participei, durante um tempo curto, do Partido Socialista e depois da famosa Liga Socialista Independente. Era um grupo muito pequeno – minúsculo, microscópico inspirado em Rosa Luxemburgo, do qual faziam parte, no começo, Paul Singer, Rocha Barros, Sachetta, Sader. Na realidade eu me considerava um discípulo de Paul Singer(...). Em conversas e discussões com Paul Singer aprendi tanto quanto na universidade. Do ponto de vista da formação intelectual e política marxista, ele foi uma espécie de universidade particular para mim (LOWY, 1996).

Certa feita, Antônio Candido falou que havia nos anos 40, uma “esfera Mario Pedrosa”, tipo um campo de “afinidades eletivas” em torno da figura de Pedrosa; parece que existiu algo deste tipo em relação a Singer. (CANDIDO, 2001).

Ao ser perguntado como definiria Paul Singer, Lowy diz: “Alguém que ao mesmo tempo tinha uma formação

marxista sólida, conhecia perfeitamente Marx, Luxemburgo, e tinha um engajamento sindical, operário e político muito forte” (LOWY, 2012, p.169).

Na entrevista de 1996, Lowy abordando a renúncia de Jânio Quadros em 1961, acresce outros elementos:

Nessa época eu já estava em outra organização política, porque em 1960 uma parte do pessoal, que estava na Liga Socialista Independente se juntou com outros e criou uma organização chamada Política Operária, esta já é ‘mais conhecida. (...). Particpei da fundação da Polop junto com Paul Singer, os irmãos Sader, Juarez Brito, Teothonio dos Santos e Rui Mauro Marini. (LOWY, 2012. p. 173).

Na obra “Judeus Heterodoxos”, Michael Lowy define um campo destes judeus, em que alguns aspectos podem corresponder a Singer.

Esses intelectuais revolucionários ou críticos, sejam eles internacionalistas ou nacionalistas, sejam marxistas ou sionistas, têm em comum a recusa à religião. A corrente romântica, tentada pelo “reencantamento do mundo”, é praticamente ausente. Sua visão do mundo é sempre racionalista, ateia, secular, Aufklärer, materialista. A tradição religiosa judaica, a mística da cabala, o hassidismo, o messianismo, não interessam a eles (LOWY, 2012).

Singer se dizia “quase ateu”: “Em primeiro lugar, eu não sei se Deus existe, eu sou agnóstico. Eu acho que essa é a definição correta. Não me preocupo com esse assunto porque, nesse sentido, sou quase ateu” (MANTEGA. 1999, p.88.). Porém trazia um aspecto messiânico, mesmo com toda uma carga ‘iluminista’ e materialista, sem vínculos com o messianismo judaico, que apontava para utopias, Singer portava a ideia da “Utopia Militante”. Não teve instrução judaica religiosa e nunca se interessou. Mas foi atraído

fortemente pela Teologia da Libertação, pelas CEBS, o papel da Igreja e o socialismo cristão.

Muitas vezes Singer dizia que “não era mais marxista”. Seu aluno e estudioso dos ecos sol, Antônio Cruz, da UFPEL, em debate que realizamos em 2018, disse que ouvindo essa declaração de Singer, explicando a seus alunos na USP, “que não acreditava a lei da queda tendencial da taxa de lucro de Marx”, e assim não podia ser marxista. Cruz, então, lhe disse que pelo conjunto de categorias marxistas que usava, era impossível não ser marxista e afirmou para nós, que Singer tem duas características importantes, o judaísmo utópico e o marxismo heterodoxo.

Singer falou de uma reunião do Comitê Gestor que dirigia a Semeassem cada reunião alguém apresentava um texto para discussão. Coisas que Singer fazia no CEBRAP, o ‘famoso mesão’. Roberto Marinho apresentou parte de sua Tese da UNB, sobre territórios no semiárido (Marinho. 2004).

A questão da ecologia foi algo que demorou a incorporar às suas ideias. Em depoimento de 2008, Singer nos falou deste debate na SENAES a partir do ensaio de Marinho sobre esse tema. A uma pergunta sobre “de que maneira a questão ecológica entra na sua visão política de hoje, respondeu Singer:

Para lhe dar uma resposta curta, logo depois que nós criamos a SENAES, a questão foi discutida. Nós fazíamos reuniões de equipe frequentes, em que adotamos os fundamentos do que estamos fazendo. O Roberto Marinho(...). Ele fez uma defesa apaixonada da questão ecológica, como igualmente importante para Economia Solidária. Eu me lembro de que fui bastante crítico desta posição; não que eu fosse a favor da destruição da natureza, mas eu achava que não tinha nem de longe a importância que na verdade tinha. Eu estava errado e estou fazendo uma autocrítica aqui. Eu não tinha noção, mas mudei de opinião recentemente (...). Portanto, o Roberto Marinho estava certo”. (LOUREIRO, 1998. p. 27).

Essa visão sobre a questão ecológica, no meu parecer, é uma hipótese que pode ter sido um forte entrave para Singer não ter avançado na perspectiva da Ecosol em toda sua radicalidade, articulando com o pensamento crítico em curso na América Latina.

Foi na luta sindical metalúrgica que Singer descobriu uma “corrente dos socialistas cristãos” que fazia oposição sindical à direção dos comunistas do PCdoB. Mas, havia outros socialistas e gente ligada às pastorais operárias”. Dizia “Eu não sou cristão, mas tinha tudo em comum com eles”. Foi então “que conheci o que é o socialismo cristão”. Tal qual Lowy, marxista libertário, com forte influência do messianismo benjaminiano e da teologia da libertação. Via Rosa, e Mariategui, ambos portam forte atração pelas sociedades das Comunas ancestrais.

A experiência inicial de Singer no campo do socialismo passa pelo movimento kibutziano de jovens judeus socialistas. Foi membro do DROR e ‘quase sionista’: “Eu tive que vir ao Brasil por ser judeu, então eu fui refugiado religioso e fui sionista, não muito convicto, mas fui, entre os 16 e 20 anos” (SINGER, 1989, p. 89). Já Michel Lowy, ao ser perguntado sobre a relação Judaísmo e Marxismo em sua vida, afirma na entrevista à Revista “Margem Esquerda”:

Devo dizer que durante os primeiros anos de minha atividade política e intelectual não cheguei a refletir muito sobre esta questão. Mesmo durante os anos que passei em Israel – quando minha família se mudou para este país-, paradoxalmente não manifestei nenhum interesse maior pelo judaísmo. Só bem mais tarde, no fim dos anos 70, é que comecei a dedicar maior atenção à cultura judaica: foi nessa época que comecei uma pesquisa sobre o que chamei de ‘judaísmo libertário’. (...) A maioria pertencia aquele grupo que Isaac Deutscher definiu como ‘judeus não-judeus’, isto é, judeus por sua origem sócio familiar, mas sem maiores identificações com a cultura judaica (LOWY, 2004, p.15.).

No Seminário “As Utopias de Michael Lowy”, Leonardo Boff definiu assim Lowy: “é um homem de muitos mundos” (BOFF. 2007, p. 15.); a expressão vale para Pedrosa e para Singer. Trotsky disse sobre Pedrosa, “um tipo curioso”; Antônio Candido o definiu como “um socialista singular”. Sobre M. Lowy, M. Ridenti o chamou de “judeu um tanto errante”; R. Schwartz de “um marxista insubordinado”; Fabio Mascaro, de “trapeiro anticapitalista”.

Sobre Singer, no final de 2003, foi concedido a Singer o título de cidadão paulistano; o folder trazia a definição, Singer: “A dignidade Socialista”; no seu Memorial: “Militante por uma utopia”; no prefácio é apresentado como “um militante solidário”; Agnaldo dos Santos em artigo para Revista “Mouro”, o chama de “professor militante”.

São “homens de muitos mundos”!

Com afinidades e diferenças, Mariategui, Luxemburgo, Pedrosa e Singer, são membros da “constelação “do romantismo marxista revolucionário, tão bem definida por Lowy.

1.1.5 Socialismo e Autogestão

Por diversas vezes, Singer fez referências ao socialismo e autogestão. Em 1998, chegou a apresentar suas “Oito hipóteses sobre autogestão e socialismo”. Em entrevista a I. Loureiro, falou da “possibilidade de construir um capitalismo democrático, que é uma conquista operaria e, nesse espaço, avançar para um socialismo auto gestor” (LOUREIRO. 2008, p. 32.).

Dez anos antes, em 1998, em entrevista a Fernando Haddad, dizia “Em um programa alternativo hoje de esquerda no Brasil ou em qualquer outro lugar, essa questão da autogestão devia ter uma posição de bastante destaque” (HADDAD, 1998, p.116.).

Em outro ensaio afirma enfaticamente: “convém adotar a expressão **socialismo autogestionário** para designar o que no Brasil e de forma geral na América latina denominamos

por **economia solidária ou social ou ainda social e solidária** (...) O que se apresenta como alternativa não utópica ao capitalismo é a **economia solidária ou o socialismo autogestionário**” (SINGER, 2018, p.198 - Grifos nossos)

Quando adentramos a obra de Singer, tendo como foco o tema do “Socialismo Autogestionária”, um possível PARADOXO nos chama a atenção: em sua principal obra “Introdução à economia solidária”, Singer fala pouco no tema. Como veremos adiante, isso não significa que Singer não tivesse uma ideia construída sobre socialismo/autogestão (SINGER, 2002).

Singer constrói uma “estrutura de sentimentos” (Raymond Williams) sobre o socialismo, a partir de sua experiência nos Kibutzes. Na biografia construída por Aline Mendonça e em várias entrevistas concedidas por Singer, podemos ver esse elemento.

“Na adolescência Singer já se reconhecia como um jovem de esquerda” (...). Aos 16 anos Singer, recrutado por uma organização de jovens judeus: o DROR – ‘andorinha’. O ano era 1948...O DROR era uma organização sionista socialista de jovens que pretendiam viver em Kibutz. Foram quatro anos participando ativamente no movimento... Singer se tornou um dos líderes do movimento”. (SANTOS.2017, s/p).

O DROR era filiado ao Partido Trabalhista de São Paulo, e ao Partido Operário em Israel, eram imigrantes judeus, um total de 1.500 jovens em São Paulo. Singer e os demais companheiros criaram um Kibutz artificial em Jundiá-SP, onde compraram uma chácara, onde iam viver antes da partida para Israel. Em depoimento para o jornal “Na’Amat Brasil, n.17, maio 1998, “Lembranças de um velho drorista”, escreveu:

Minha formação judia era convencional e não me inclinava ao sionismo. Quando os rapazes e moças da minha turma se tornaram sionistas eu me rebelei e me afeiçei às convicções socialistas, que já vinha

nutrindo há algum tempo(...). Eu estava então fazendo um curso sobre o socialismo no velho PSB (...). Aproveitava também para ler furiosamente a imprensa de outros países (PINSKY, 2000, p.52).

Nesta época, Singer teve uma intensa ideologização socialista por conta própria, autodidata. Sempre gostou muito de ler e dentre as leituras do jovem Singer estavam Marx, Trotsky e Rosa Luxemburgo (PINSKY, 2000).

No material para formação política de seus militantes, o PSB paulista incluía como ‘um dos livros básicos para o socialista é ‘Reforma ou Revolução’, de Rosa Luxemburgo” (RIDENTE e REIS, 2002, p.168).

A obra de Carla B. Pinsky, “Pássaros da Liberdade. Jovens, judeus e revolucionários no Brasil”, nos oferece muitos elementos sobre o DROR e Paul Singer (PINSKY, 2000).

A palavra ‘dor’ em hebraico pode significar ‘liberdade’, ‘libertação’ ou ‘andorinha’, o ‘pássaro da liberdade’. O DROR foi fundado em 1945 no Brasil e sua orientação enfatiza os ideais de igualdade, cooperação e valorização do trabalho. Seus militantes buscam ser ‘membros de colônias agrícolas comunais na terra de Israel, sendo o KIBUTZ (colônia coletiva baseada na posse comum das terras e dos meios de produção) a mais radical dessas instituições em termos de ideais socialistas e comunitários (PINSKY, 2000, p. 24).

Em depoimento à autora, Singer diz

Entramos em conjunto na descoberta de um mundo político, e por extensão, social e econômico e de forma totalmente autônoma (...). Era a primeira vez na minha vida que eu tomava parte numa organização político partidária, com princípios, programa, disciplina. Eu estava maravilhado (PINSKY, 2000, p.30).

Singer decidiu não viajar para Israel, “Eu vou lutar

pelo socialismo no Brasil”. Após sair do DROR, em 1954, aos 22 anos, Singer foi naturalizado brasileiro e se vinculou ao Partido Socialista, onde encontrou Fabio Gikovate, judeu, que foi do PCB e ex-trotskista. Foi uma referência política para Singer. Assim, Singer se inseria no “campo luxemburgista”, tendo à frente Mario Pedrosa, que Michael Lowy depois chamou de “corrente subterrânea luxemburgista”.

Singer foi se aprofundando e transformando sua visão socialista em uma visão de mundo a partir de sua militância no Partido Socialista, final dos anos 40, quando conheceu Mario Pedrosa e o jornal Vanguarda Socialista. Do ponto de vista das práxis política, foi fundamental sua experiência sindical nos anos 1950, na greve de 1953.

Depoimentos de Michael Lowy mostra que, em meados dos anos 50, visitou Singer que lhe apresentou obras de Rosa Luxemburgo; depois, junto com Singer e outros militantes, fundaram a Liga Socialista Independente, de inspiração luxemburgista. Desta organização, sairia uma das bases de fundação da Polop (1961), sob influência da Revolução cubana (1959) e também com inspiração luxemburgista, e por coincidência teve seu Congresso de fundação em Jundiaí, (talvez, na antiga chácara do DROR?).

Singer, em 1961, foi o secretário do primeiro Comitê de Defesa da Revolução Cubana, em São Paulo. E com suas próprias palavras, em entrevista de 2007:

Quando eu tinha dezesseis anos, entrei num movimento de jovens judeus que pretendiam formar um Kibutz em Israel e morar lá. Portanto, **a primeira formação socialista que eu tive na minha vida era exatamente de economia solidária, ligada**, no entanto, com noções de que era preciso formar partido, tomar o poder, destruir o capitalismo. Quando eu saí desse movimento em 1952, eu tinha vinte anos; sai por razões pessoais, mas, sobretudo, porque eu não acreditava no sionismo (SINGER, 2018, p.14. Grifos nossos).

Singer segue seu depoimento:

Aí me tornei **socialista** no Brasil. Inclusive sindical(...)E aquilo que seria a economia solidária da minha adolescência ficou um pouco no meu subconsciente. Relendo agora coisas que eu escrevi uns dez anos antes de se cunhar a palavra (não por mim), já havia em germe a preocupação”. (Idem. p. 15. Grifos nossos)

Em seu Memorial, afirma que:

A experiência na Comissão de Trabalhadores da Industria Atlas de Elevadores (1953/54) constituiu para mim um aprendizado decisivo a respeito do funcionamento concreto da economia industrial. O convívio no PSB com Fúlvio Abramo, Febus Gikovate dos quais adquiri não só uma visão libertaria e, portanto, democrática do socialismo, como também uma formação política básica, de grande significação para toda minha vida (SINGER, 2013, p.24)

Nesta época, despertou meu interesse pela economia. Procurei estudá-la por autodidatismo, lendo autores como Marx, Engels, Rosa Luxemburgo etc. Caio Prado Jr. (História Econômica do Brasil) e Celso Furtado (A Economia Brasileira) (SINGER, 2013).

A questão do desenvolvimento. Um ponto de partida

Lendo seu material e sua obra, percebe-se que a partir de 1961, o tema do “Desenvolvimento Estrutural”, foi “o centro maior de meus interesses”, diz Singer (2013, p.30). A análise estrutural sobre a Economia Colonial, leva Singer, (contrariando a visão dominante que definia apenas 2 setores, um Moderno e um Tradicional), a identificar três setores: Setor de Mercado Externo, Setor de Mercado Interno e Setor de Subsistência” (idem.p.31).

Já se sente o espírito da obra de Rosa Luxemburgo, na análise que Singer faz da “estrutura da economia colonial”, em

sua tese “Dinâmica populacional e Desenvolvimento” (SINGER, 1971). Esse trabalho foi iniciado quando esteve em Princeton-Estados Unidos. Foi desenvolvido no Brasil, em 1968 como Tese de livre-docência em demografia.

Em sua análise do colonialismo, Singer remarca: “A maioria dos países hoje em dia considerados ‘subdesenvolvidos’ foram colônias, principalmente de nações capitalistas industrializadas. (...). A penetração capitalista em economias que, geralmente, não eram de mercado, mudou sua estrutura em certo grau. “Setores “de mercado foram criados quando não existiam, ou dominados quando já se haviam desenvolvido anteriormente, enquanto o resto da economia permanecia como sempre tinha sido: um conjunto de comunas camponesas ou de tribos nômades, vivendo em uma espécie de coletivismo familiar ou de comunismo primitivo. Esta é a forma pela qual foram criadas as chamadas economias ‘duais” (SINGER, 1971, p.16)

Esta dinâmica criou uma ‘nova divisão do trabalho’. “A forma mais frequente de dualismo social se encontra onde um capitalismo ocidental importado penetrou em uma comunidade agrária pré-capitalista e onde o sistema originalmente existente –embora não incólume– foi capaz de preservar-se ou, em uma formulação oposta, não foi capaz de adotar os princípios capitalistas e pô-los em plena prática” (SINGER, 1971, p.17)

Deste processo, “O resto da economia, que não é imediatamente transformada pela abertura do país ao mercado mundial, constitui agora um terceiro setor da economia, o setor de subsistência” (p.18). Assim, Singer chega a sua tese de três setores: o de mercado externo (SME), o de mercado interno (SMI) e o de subsistência (SS).

O que vem a ser o “setor de subsistência”?

A característica que distingue o setor de subsistência dos demais é que a maior parte de sua produção é diretamente consumida por seus produtores. Suas unidades econômicas não

dependem inteiramente do mercado: (...). No setor de subsistência, as unidades produtivas só se inserem parcialmente na divisão social do trabalho; parte substancial de sua produção não passa pelo mercado e a parte que se entrega ao mercado constitui um excedente não essencial a sobrevivência dos produtores e a continuidade do processo produtivo (SINGER, 1971, 19-20).

Singer constrói seu método: “Esse esquema teórico foi por mim amplamente utilizado, em quase todos os trabalhos teóricos que realizei nos anos seguintes(...), mas sua essência só começou a ser modificada quando tratei de elaborar uma teoria estrutural do emprego na década dos anos 70” (SINGER, 1971, p.32).

Em “Política Econômica do desenvolvimento” (SINGER, 1962), Singer aborda o que chamou de ‘duas vias distintas do desenvolvimento: uma toma por modelo as revoluções russa e chinesa, a outras as revoluções nacionalistas que em países subdesenvolvidos desembocam geralmente em ditaduras militares’ (p.33). Iniciava seus estudos sobre ‘regimes centralmente planejados’, marca permanente em suas análises do socialismo.

Na segunda edição da Coletânea “Desenvolvimento e Crise” (1968/1977), Singer prefacia chamando a atenção para o fato que, “os três primeiros ensaios se ocupam do desenvolvimento, entendido como processo de transformação estrutural. O esquema de três setores – Setor de Mercado Externo, Setor de Mercado interno e Setor de Subsistência – que neles foi formulado pela primeira vez, **foi largamente, utilizado por mim em investigações posteriores** (grifos nossos).

E, volta a Rosa, sempre ela, como costumava dizer! A ideia original me veio, através de Ignácio Rangel e Celso Furtado (aos quais devo muito, em termos intelectuais), da ‘escola estruturalista’, em combinação com a matriz de análise da expansão do capitalismo, enquanto modo de

produção, desenvolvida por ela.

Este ‘esquema teórico’ foi aperfeiçoado em sua Tese “Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana”, em que pesquisou a evolução de Recife, São Paulo, Rio Janeiro, Porto Alegre e Blumenau, sob coordenação de Florestan Fernandes. Pesquisa iniciada em 1963 e defendida em 1966 na USP, e Singer fala sobre o papel desta pesquisa: “O trabalho deu-me a oportunidade **de aplicar a realidade histórica à teoria estrutural do desenvolvimento, que eu estava elaborando**”(…) Como resultado, adquiri melhor percepção do tempo e do espaço como fatores condicionantes de processos de mudança estrutural, enriquecendo em muito meu quadro teórico” (SINGER, 1966, p.41. Grifos nossos).

Em 1966/67 Singer foi estudar nos EUA, aprofundando seu tema predileto, “crescimento populacional e desenvolvimento econômico”. Diz que esse curto período nos EUA, ‘uma época de marcante mudança sócio-política, ocasionada pela eclosão dos movimentos contra a Guerra do Vietnam, negro, feminista-teve certamente importante influência sobre minha visão de mundo (SINGER. 1966. p.46). Anos depois, no CEBRAP, voltaria ao tema do feminismo.

Já no Brasil, Singer em 1968 apresenta o trabalho escrito nos EUA como tese, “Dinâmica Populacional e Desenvolvimento”, publicado em 1970. Seguiram-se diversos ensaios nesta mesma linha e aprofundando seu “esquema teórico”. Seja na “Economia Política da urbanização” na “Economia política do Trabalho”.

Em 1973, nos debates sobre Migrações no CEBRAP, elabora um ensaio, não publicado, “Relações de Dominação e Intercâmbio entre Diferentes modos de Produção; sem dúvidas, na linha do livro de Rosa Luxemburgo “A Acumulação de Capital”.

Vamos destacar dois pontos, do que Singer chama de “Os seus pontos básicos são os seguintes”: A formação social capitalista é um complexo articulado de diferentes modos de produção, dos quais o capitalismo é o dominante. Ao lado dele

persiste a produção simples de mercadorias, composta por produtores autônomos (camponeses, artesãos) e a produção de subsistência ou doméstica, formada pelos que produzem para o autoconsumo. Cada modo de produção dá lugar a uma ou mais classes, de modo que a estrutura de classes da formação social capitalista é bastante complexa”. Essa complexidade é acrescida do fato de que o grupo familiar contém muitas vezes indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais” (SINGER, 1977)

Se tomarmos a obra “Economia Política do Trabalho” (SINGER,1977), na introdução, Singer retoma esse esquema teórico metodológico:

Como o fez Marx – analisar o modo capitalista de produção em isolamento, abstraindo os outros modos de produção com ele articulados, esta análise encontra seus limites precisamente nos aspectos em que a interação dos modos de produção é decisiva (...). Nos países não-desenvolvidos, o capitalismo é o modo de produção dominante, mas consideráveis parcelas da população – em alguns casos constituindo até a maioria da população- estão inseridas em outros modos de produção”. (SINGER. 1977. p.5).

E assinala mudanças em seu instrumental teórico:

A primeira parte do livro resultou de uma série de seminários realizados no CEBRAP em 1970 e sua redação data de 1972. A segunda é muito mais recente, tendo sido completada no ano passado (1976). Entre a elaboração de uma e outra parte, **minha maneira de analisar a estrutura da formação social de economias não-desenvolvidas se transformou em vários aspectos** (grifos nossos), o que se pode notar comparando a conceituação utilizada. A mudança mais importante é a que se refere aos subsistemas que compõem aquele tipo de formação social: na primeira parte, esses

subsistemas são referidos como “Setores”, ao passo que, na segunda parte, eles são considerados “Modos de produção” (SINGER, 1977).

Noutra obra, “Economia Política da Urbanização” (1985), Singer à guisa de introdução, sobre “Urbanização e Classes Sociais”, desenvolve uma análise profundamente rica e complexa do “surgimento das Cidades”. Com base em Marx (Grundrisse), Henri Lefebvre (La pensée marxiste et la ville), Gordon Childe (Man makes himself), analisa a urbanização no contexto de desenvolvimento estrutural, “um processo mais profundo de transformação da estrutura de classes e dos modos de produção em presença”. (SINGER, 1985, p.28).

Analisando o surgimento das Cidades (a questão campo x cidade), na passagem do modo de produção no modo de produção feudal para o capitalista “O longo intervalo entre o surgimento da cidade-fortaleza, no início da Idade Média europeia, e o surgimento da cidade comercial, no fim da mesma”. (SINGER, 1985, p.15), Singer usa seu “esquema teórico”: “As relações de produção decorrem dos Modos de Produção que prevalecem no campo e na cidade”. Quando se examinam realidades históricas concretas, percebe-se que na civilização urbana **coexistem**, frequentemente, **diferentes modos de produção**”. (SINGER, 1985, p.21. Grifos nossos).

Para Singer, vários tipos de luta de classes, nesta época, são conflitos entre diferentes modos de produção.

É muito interessante que, nessa obra, Singer utiliza a expressão comunidade ecológica, e “organização ecológica da sociedade” (SINGER, 1985, p.11 e 12 - Grifos nossos); população “rural”, no sentido ecológico (SINGER, 1985, p.27).

Em certo momento, cita MARX do Grundrisse: É, no fundo, o êxito no sentido mais profundo, histórico e quase biológico, do que Marx denomina de “Velha Coletividade”, isto é, de Modos de Produção que se baseiam na apropriação direta das condições de produção pelo produtor; antes cita também Marx ao explicar como na coexistência de modos de produção, o do capital destrói os outros. Nas palavras de

Marx: “O fim de todas estas coletividades é a preservação, isto é, a reprodução dos indivíduos, que as formam como proprietários, isto é, no mesmo modo objetivo de existência (...). Esta reprodução, no entanto, é simultaneamente produção renovada e destruição da velha forma (...). Desse modo, a preservação da velha coletividade compreende a destruição das condições sobre as quais ela repousa, transformando-se em seu contrário”. (SINGER, 1985. p.18).

Essa obra de Singer, no Brasil tem similar na obra de Milton Santos, “O Espaço Dividido. Os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos” (1979). Ambas constituem obras fundantes para compreensão da economia solidária. Articulando essa obra “Economia política da Urbanização”, em que Singer analisa o surgimento das cidades e os modos de produção na Europa, e sobretudo, a formação sócio-econômico-cultural de diversos países da América Latina, com a outra obra, “Economia Política do Trabalho” em que analisa a produção e reprodução da força de trabalho, o mercado, as inovações técnicas, desenvolvimento capitalista, e por fim “Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana” em que Singer analisa a formação sócio-econômica-o-cultural de cinco capitais do Brasil, teremos sem dúvidas uma obra fundamental para estudos do “Sentido de Formação” do Brasil.

Análise que, pelo grau de destruição do capitalismo dessas “comunidades ecológicas”, conduz a uma visão de mundo baseada na “crítica radical e romântica da civilização industrial” (Lowy). Pensemos nas obras de Edward Palmer Thompson (tipo Costumes em Comum) e Raymond Williams, sobre “campo e cidade”. “Comunidade ecológica”, é um tema que Singer de certa forma deixou entre parênteses.

Singer assinala no final de sua obra: “O desenvolvimento capitalista traz em si um viés notável a favor da cidade, em prejuízo do campo. Este vai sendo paulatinamente despojado de uma atividade produtiva após a outra, até que nele restam unicamente as atividades

primárias” (SINGER, 1985, p.112).

Esta é a base teórica que Singer traz a análise da economia solidária, anos depois, e também para análise do tema socialismo. Por exemplo, na introdução a obra de Cheywa R.Spindel, “Homens e Máquinas na Transição de uma Economia Cafeeira” (1980), Singer afirma seu método:

No grande debate sobre a constituição do capitalismo, sobretudo nas economias que se atrasaram no desenvolvimento, **é fundamental o filão aberto por Rosa Luxemburgo (em A Acumulação de Capital)**, no sentido de mostrar que nesse processo é de vital importância o relacionamento do modo capitalista de produção com os outros modos de produção. Ela demonstrou que estes outros modos de produção, longe de constituírem meras “reliquias” do passado, desempenham papéis essenciais na acumulação, ao absorverem mercadorias capitalistas e ao tornarem possível a produção de força de trabalho pelo capital. Este filão tem sido pouco explorado no Brasil (...) (SINGER, 1980, p.13. Grifos nossos).

1.1.6 Momentos e ideias decisivas nas experiências de Singer

Voltemos à ideia dos “campos de memória”. Continuemos através de suas publicações e entrevistas, a traçar esse percurso. Singer percorre uma longa trajetória, tipo uma epopeia, na construção de sua visão socialista autogestionária. É um processo fenomenológico sem linearidade, com desvios e abandono de temas, mas com um “fio condutor” a partir da ideia de desenvolvimento econômico/capital desde seu início.

Nesta trajetória alguns momentos e experiências foram decisivos. Analisando o conjunto da obra de Singer e sobretudo suas “Oito Hipóteses” de 1998, podemos observá-los.

Retomemos para aprofundamento, o método de

“Campos de memórias temporais”. Não são memórias estanques nem lineares pois sobrevivem as temporalidades, umas se acumulam, outras se desfazem, se cruzam, criam interfaces, algumas são coexistentes. Assim, podemos assinalar:

- A) Campo de memória secular e ancestral (experiências indiretas);
- B) Campo memória longa duração, anos 40/50/60
- C) Campo memória média duração, anos 70/80/90
- D) Campo memória curta duração, anos 90/2000

Vamos destacando conteúdos dos momentos/experiências dos vários Campos de memórias:

1.1.7 Campos e memória

A - Campo memória de caráter secular e ancestral.

- 1) As experiências de comunidades quilombolas, indígenas;
- 2) A experiência de Rochdale na Inglaterra, em 1844, sob inspiração de Owen;

B - Campo memória de longa duração, anos 40/50/60

- 1) As experiências dos Kibutzes, no Brasil anos 40 e, em Israel (que Singer visitou em 1985);
- 2) Militância no PSB, anos 40/50;
- 3) As comunas e conselhos de autogestão na Iugoslávia, anos 1950/60; que Singer visitou em 1978;
- 4) Grupo de “O Capital”; anos 50/60;
- 5) Grupo do CEBRAP; anos 60/70.

Sem dúvidas, do ponto de vista teórico, podemos destacar a participação no primeiro grupo do Seminário sobre “O Capital” de Marx, anos 50/60; o período no exílio norte-americano, Singer viveu dois anos, entre 1966 e 1967, onde cursou demografia em Princeton, onde preparou sua Tese sobre “Dinâmica populacional e Desenvolvimento” (publicada em 1970 no Brasil), teve papel importante no sentido de sistematizar suas ideias sobre Desenvolvimento, formação social, território.

A participação no grupo do CEBRAP, fundado em 1969 com parte do grupo do Seminário de “O Capital”, (onde ficou até a eleição do PT para prefeitura de São Paulo em 1988), foi outra experiência intelectual importante na formação de Singer. Nesse período, Singer foi “aposentado” em 1969, e preso por uma semana em 1974; quando estava no CEBRAP.

Em relação ao período CEBRAP, foi fundamental a pesquisa que Singer realizou sobre “O feminino e o feminismo”, publicada em 1980 (ano em que publicou “O que o socialismo hoje?”) E logo após sua viagem a Iugoslávia (1978). A pesquisa coletiva, realizada em 1975, a pedido da Comissão Justiça e Paz da arquidiocese de São Paulo buscou a compreensão dos Movimentos Populares em São Paulo. A pesquisa foi publicada em 1980 e tem por nome “São Paulo: o povo em movimento”, coordenada por Singer e seu colega Vinicius C. Brant. Esta obra precede em quase 10 anos a obra de Eder Sader, “Quando novos personagens entraram em cena”, em que Eder analisa “Experiências, Falas e Lutas dos Trabalhadores da grande São Paulo”, no período 1970-1980. (SADER.1988). Vale destacar que em 1976, a Arquidiocese já tinha favorecido uma pesquisa sobre “São Paulo: crescimento e pobreza” (Loyola.1976); e uma outra sobre “São Paulo, Trabalhar e Viver” (1989). Singer participou de todas.

No prefácio à obra, Vinicius Caldeira Brant define que “os estudos aqui reunidos, conquanto se refiram aos movimentos sociais em sua atualidade, não partem da intenção de fotografar o momentâneo. Buscam ao contrário capturar, na sua concreção, as condições de desenvolvimento da consciência, expressão e organização das classes trabalhadoras” (BRANDT, 1980, p.9).

Coube a Singer analisar o feminismo em São Paulo, o feminismo no Brasil, o trabalho da mulher, reprodução e sexualidade... Pensando na relação socialismo/feminismo, finaliza seu ensaio afirmando que “a contribuição dos movimentos específicos de libertação, como o da mulher, é

impedir que a permanência de condutas autoritárias dentro do próprio movimento geral de libertação faça com que este, uma vez no poder, proceda apenas a mudanças formais, substituindo determinadas formas de opressão por outras” (SINGER, 1980, p.141).

Eder Sader caracteriza os movimentos do período:

Ao final da década vários textos passaram a se referir a irrupção de movimentos operários e populares que emergiam com a marca da autonomia e da contestação à ordem estabelecida. Era o ‘novo sindicalismo’, que se pretendeu independente do Estado e dos partidos; eram os ‘novos movimentos de bairro’, que se constituíram num **processo de auto-organização**, reivindicando direitos e não trocando favores como os do passado; era o surgimento de uma ‘nova sensibilidade’ e nas associações comunitárias onde a **solidariedade e a autoajuda** se contrapunham aos valores da sociedade inclusiva; eram os ‘novos movimentos sociais’, que politizavam espaços antes silenciados à esfera privada” (SADER, 1988, p 35 e 36 - Grifos nossos).

No Capítulo sobre “Movimentos Sociais”, Eder escreve sobre a obra do CEBRAP: “Em 1980 foi publicado o livro ‘São Paulo: o povo em movimento’. Sua enorme importância não advém do fato de conter estudos pertinentes sobre o tema movimentos sociais. Sua primeira importância reside no fato de encará-los como **modalidades da emergência das classes populares em São Paulo**. É dessa ótica que procurei pesquisar os movimentos sociais aqui” (SADER, 1988, p.197. Grifos nossos).

Eder cita muitas fontes, e entre elas, a pesquisa de Brant e Singer. Os grifos são meus, com o objetivo de assinalar a “nova sensibilidade” de caráter auto gestor destes processos. Penso que a **origem da economia solidária (grifos nossos)** está nestes movimentos, característicos do ciclo de fluxo do período 1977-1989. Talvez, tenhamos que distinguir entre “origem” e “início” de um movimento social,

sendo que o última data dos anos 90, do ciclo de refluxo dos movimentos sociais com a chegada do neoliberalismo/recessão/desemprego etc., com Collor/FHC (1990-1994-2002).

C - Campo ‘memória de média duração’, anos 80 /90

- A experiência dos Conselhos Populares/comunidades pobres, no Governo Erundina em São Paulo, 1988-1992. Foi a primeira experiência de Políticas Públicas de Singer;
- A experiência do Solidarnosc nos anos 80 na Polônia (junto as revoltas ocorridas no Leste europeu, “de longa duração”: Hungria, Tchecoslováquia nos anos 50 e 60);
- A experiência da Caritas brasileira, desde os Pacs dos anos 80, até as mais recentes “Experiências comunitárias de base”, ou de “Autogestão comunal”, dos anos 90 em diante.

D - Campo memória de curta duração, anos 90/2000

- Cooperativismo/Autogestão: Experiência de Mondragon; é uma experiência marcante para Singer, que fez visita quando estava na SENAES.
- Seminários sobre autogestão (anos 90): O Pacs junto com outras entidades, articulou o 1º seminário sobre Autogestão, realizado em agosto de 1993, em Criciúma-SC. Em outubro de 1994, em Porto Alegre, foi realizado o seminário “Autogestão: realização de um sonho”, contando com experiências de empresas da Espanha, Uruguai e outros países.

Em 1996, a Unitrabalho, a partir das experiências em curso, constituiu um grupo sobre “economia solidária e autogestão”, coordenado por Paul Singer.

Experiências no campo sindical, CUT anos 90. Em 1994, após o Congresso Nacional da CUT, Singer participou de debate na CUT-SP. Em 1995, esteve presente numa mesa para debater cooperativismo. Foi a primeira vez que a CUT, através de sua PNF, tratou do tema da autogestão: “Sindicalismo, autogestão e cooperativismo”. Em 1997, Singer esteve palestrando para mais de mil trabalhadores

desempregados e suas famílias, no Seminário do Projeto INTEGRAR da CNM-CUT, em 1º de agosto, em São Bernardo. Houve o debate em torno de oito propostas elaboradas pelos Coletivos de Desempregados de 19 cidades de SP. Singer, os convidados para discutir as oito propostas foram, Singer, Mercadante, Maria Nakano e Marcos Arruda.

Depois, Singer foi figura ativa nos debates que levaram a fundação da ADS/Cut em 1999. Também, articulada ao sindicalismo, foi a experiência de Singer na UNITRABALHO, criada pela CUT e que se articulou as Incubadoras populares. Singer coordenou esta experiência na PUC-SP. Foi fundador da ITCP da USP onde trabalhava. Na SENAES, esse foi um campo desenvolvido com apoio do PRONINC.

Do campo sindical cutista surgiu a experiência de Empresas Recuperadas, a partir da UNIFORJA. Singer esteve nessa experiência. Escreveu vários ensaios a respeito e esteve muito ligado a experiência da Usina Harmonia em CATENDE.

- Experiência da SENAES.

Alguns momentos foram decisivos. Destaco alguns: o primeiro Encontro Nacional dos EES; as várias Plenárias e Conferências de Ecosol; a participação no FÓRUM 8, do Conselho Desenvolvimento Econômico Social, do Governo Lula; o primeiro seminário nacional de autogestão, realizado em dezembro 2003, em Joinville; acompanhamento da experiência territorial da usina Harmonia, em Catende. Adiante, aprofundaremos estes momentos.

1.1.8 Os Ciclos Longos (1968 - 1978 -1980): anos decisivos

É importante destacar que os momentos principais da experiência de Singer na construção de uma “visão de mundo” socialista, ocorreram dentro do ciclo de lutas pela autogestão/autonomia, que João Bernardo caracterizou no capítulo “Os ciclos longos da mais-valia relativa”, em sua obra “Economia dos conflitos sociais” (BERNARDO, 1991). Bernardo propõe uma cronologia em que: “Com o começo

dessa década (os anos 60) inaugurou-se o quarto dos ciclos longos, cuja fase de ascensão das formas autônomas de luta julgo ter em geral ocorrido até meados da década de 70, por vezes, mesmo tocando os anos iniciais da década de 80, parecendo-me que entrou já na fase de assimilação plena” (Idem. p. 352)

Bernardo afirma que os aspectos de caráter autônomo das lutas anticapitalistas:

Foram confirmados pelo movimento que desde meados de 1980 até o final de 1981 agitou a totalidade da classe trabalhadora na Polônia e que coroou esta fase de ascensão da autonomia, ao mesmo tempo que parece ter constituído, por agora, o seu último episódio de relevo (BERNARDO, 1991, p. 363).

É interessante destacar que, quando o Seminário de 1998, em que Bernardo e Singer dividiram uma mesa de debates, aquele acresce o Brasil ao último ciclo de sua cronologia: “O último dos exemplos foi a Polônia do Solidarnosc e, **de certo modo, o sindicalismo do Brasil**” (BERNARDO, p.40. Grifos nossos). Esse ponto é importante, quando podemos destacar o início das lutas com práticas autogestionária no Brasil, e por sua vez, o início das experiências de economia solidária, ambos coincidem ou não? É um tema aberto ao debate.

Outro momento importante deste ciclo foram as lutas da empresa LIP, que foi ocupada em Besançon/ França, em 1973. Singer, diversas vezes fez referências à luta dos LIP. Nesse ponto, façamos uns parênteses: Em ensaio que intitulei de “Momentos e Ideias decisivos para história da Autogestão”, dizia que:

Com as lutas na Polônia, possivelmente, se encerrou o ciclo sob hegemonia da ‘velha classe operária’ centrada nos grandes centros industriais. Nas ideias do boliviano Garcia Linera, da “Forma Sindicato. A

‘velha toupeira’ iria mudar de espaço geográfico nos anos subsequentes e, assumir a “Forma Comunidade”. Uma certa volta, em 1994, ao Zapatismo em Chiapas (NASCIMENTO, 2011, p.27).

Ideia que foi retomada nos ensaios, “A Forma Comunidade: a experiência da RECID” (RECID, 2011), “Poder autogestionário e comunal na América Latina” (NASCIMENTO, 2011), “Economia Solidária – Poder Comunal e Popular” (NASCIMENTO, 2011):

O último rebento do ciclo iniciado no pós-Guerra ocorreu na década de 1980 na Polônia, dando sequência a uma onda larga de revolta, rebeliões e revoluções iniciada em 1953-56. No campo das sociedades pós-capitalistas do Leste europeu surgiu na Polônia, a “Rede Autogestionária”, que controlava as 3.000 maiores empresas, articulada ao “Sindicato Livre Solidariedade”. Em seu Congresso, que durou duas semanas, os trabalhadores construíram como Programa Máximo, “A República Autogestionária da Polônia.

Com as lutas na Polônia possivelmente se encerrou o ciclo sob hegemonia da “velha classe operária” centrada nos grandes centros industriais. Esse ciclo teve como centro do Projeto Popular a fábrica, e como expressões políticas o Sindicato e o Partido, com a particularidade de que, nos países do chamado “socialismo real”, devido a fusão entre partido único e Estado, o Sindicato expressou os anseios do conjunto dos setores populares e cidadãos.

Se, no campo da memória curta, tomamos a experiência da Polônia, de 1980-81, como ponto de chegada de um longo ciclo iniciado no pós-guerra, “um novo ciclo se iniciou nos anos 1990 e 2000, na América Latina, possivelmente com a rebelião indígena em Chiapas, em 1994, retomando as ideias do Zapatismo da revolução Mexicana, de 1910-11”.

A velha toupeira mudou de espaço geográfico nos anos subseqüentes e assumiu, na América do Sul e Central, a “Forma Comunidade”. E veio à tona, sobretudo, nos Andes, através de insurreições diversas e outras formas de luta, organizações e poder popular, com ‘caráter comunal’. Mas, incorporando a experiência acumulada do ciclo anterior pelos trabalhadores do campo-cidade nos partidos e sindicatos”. (NASCIMENTO, 2011, p.1-3)

No final do ensaio, voltaremos a estas questões. Agora, voltemos a Odisseia de Singer nesta longa trajetória ao socialismo/autogestão. Vamos analisar o conteúdo desse processo:

O ano 1978 parece ter sido decisivo. Singer visitou a Iugoslávia, (Estive pessoalmente no país em 1978) (SINGER, 2018, p.131), e construiu sua visão sobre o “socialismo real”, a planificação centralizada da economia. Ainda em 1978, surgiram as greves operárias no Brasil, através das comissões de fábrica. O movimento operário-sindical iniciava um ciclo de fluxo que levaria a fundação da CUT e do PT no início dos anos 80. No início desse ano, surgiria o movimento social Solidarnosc na Polônia, outro fato marcante na obra de Singer. O período dos anos 1978/81 parece ter sido, assim, um divisor de águas em sua obra.

Em 1980, Singer lançava seu livro “O que é o socialismo hoje?”, pela editora Vozes. Nele encontramos a seguinte declaração: “A oportunidade para finalmente pôr no papel as minhas ideias sobre ‘o que é o socialismo’ me foi oferecida, em dezembro de 1978 (pelo mês, **sem dúvidas, após a viagem a Iugoslávia**, quando fui forçado a passar vários dias no recolhimento sanitário de Nova Delh. Terminei o ensaio de volta a São Paulo, em março de 1979” (SINGER, 1980, p. 13. Grifos nossos). Se o 1978 foi importante, Singer também retoma o impacto de 68 sobre o tema da autogestão, em seu ensaio “A economia solidária como alternativa ao

capitalismo” (2013). Com base na obra de Geoff Eley, (Forjando a democracia, FPA, 2005). E ele nos diz:

A autogestão voltou com vigor à agenda com a explosão de protestos e lutas de estudantes de Paris, que rapidamente se espalharam pela Europa, América do Norte e do Sul, no inesquecível 1968. (...). A disposição passara dos estudantes para os operários (...). No fim de semana, a onda de greve avançava, concentrada no cinturão vermelho de Paris, Normandia e Lião. Foram afetadas as indústrias naval, além do sector público(...). A 18 de maio, dois milhões estavam em greve e havia 120 fabricas ocupadas. Na semana seguinte, o número de grevistas chegou a algo em trono de quatro a seis milhões. No dia seguinte já eram entre oito e 10 milhões (SINGER, 2013).

Mais adiante remarca: “O ímpeto autogestionária francês foi, no entanto de curto folego (...). Mas voltou à cena em grande estilo graças às seguidas revoltas operárias na Polônia” (SINGER, p.132 e 137). Em seguida, Singer associa a difusão do socialismo auto gestor no Brasil a esta experiência do Solidarnosc na Polônia. (Idem. p.138 et passim).

Sobre estes momentos decisivos de sua trajetória, passemos a palavra ao próprio Singer.

Sobre o Kibutz: é o terceiro exemplo de experiências de autogestão que Singer aponta nas “Oito Hipóteses”. No ensaio “economia solidária: possibilidades e desafios”, faz referência a experiência com os Kibutz. “Queria contar uma experiência da qual eu participei quando jovem. Foi a única experiência de economia solidária de que participei na minha vida. Fala do Kibutz como ‘a forma comunista integral do século XX’. Foi uma experiência de grande escala. O movimento kibtziano chegou a ter, e ainda tem, cerca de 120 mil membros; a população total, somando-se as crianças, deve ser um pouco maior, distribuída em cerca de 200 Kibutzim, que são aldeias comunistas, como as sonhadas por Owen”. (SINGER, 2018,

p.64).

Em 1985, Singer esteve por 15 dias num Kibutz em Israel formado por brasileiros de sua geração. Perguntou do porquê do êxito do movimento kbutziano, ao que lhe responderam: “A qualquer hora você pode pedir o seu desligamento do Kibutz, receber uma certa quantidade de dinheiro e tentar a sua vida no mundo capitalista” (SINGER, 2018, p.161).

Essa ideia marcou o pensamento de Singer:

O fato da porta estar sempre aberta dá ao Kibutz uma qualidade essencial. Se quisermos, um dia, chegar ao socialismo, terá de ser por profunda convicção, e essa convicção terá de ser livre, ou não é convicção: é coação. (Idem).

Sobre a Iugoslávia: “O único país do bloco soviético que tentou construir uma economia socialista autogestionária, enquanto ela foi governada por Tito, entre 1948 e 1980”. Marcamos que é a mesmo ano da criação do Estado de Israel, 1948, que tanto impactou Singer. Destaca alguns aspectos: as cooperativas estavam sob a influência das autoridades nacionais e também das comunidades locais; o partido comunista foi dissolvido e substituído pela Liga dos Comunistas; apesar da manutenção do regime de partido único, temas econômicos e sociais controversos eram discutidos publicamente. E, faz um depoimento: “Estive pessoalmente no país em 1978 e pude verificar o contraste entre a total ausência de liberdades políticas nos países que compunham o mundo do ‘socialismo real’ e o regime iugoslavo” (SINGER, 2018, p.131).

Para Singer, “A experiência da Iugoslava despertou novo interesse pelo socialismo auto-gestionário (...). O socialismo auto-gestionário havia sido abandonado tanto pelos partidos comunistas como pelos partidos socialdemocratas ou trabalhistas” (SINGER, 2018). Na sua 4ª Hipótese, Singer volta ao tema da Iugoslávia, destacando

alguns aspectos que iriam incorporar em suas ideias sobre economia solidária.

Foi uma experiência longa, que começou em 1950, aproximadamente, e foi até a década de noventa. A experiência iugoslava foi prejudicada pelo fato de não haver democracia no país. A Iugoslávia de todos países em que reinava o ‘socialismo realmente existente’, era o mais livre, comparativamente falando”. Categoricamente afirma: “O fato é que não mostrou ser viável tomar o poder primeiro e só depois criar, de cima para baixo, uma economia autogestionária livre (SINGER, 2018, p.159).

1.1.9. A Experiência Pedagógica da Autogestão

Irei pondo em destaque alguns elementos que Singer mesmo vai destacando para o campo pedagógico. Mais adiante tratarei em um momento específico esse tema na sua obra. Dessas experiências, ele vai extraindo elementos fundamentais para reflexão sobre uma educação ou pedagogia da autogestão, inclusive com um sentimento gramsciano: “o que a quarta hipótese sustenta é que uma grande parte da construção do socialismo tem de ser realizada ainda sob hegemonia capitalista. O conjunto da economia solidária assim constituída deve ser considerado como uma vasta escola de capacitação socialista” (SINGER, 2018).

E, mais especificamente, proclama:

Para que o modo de produção socialista algum dia se torne hegemônico, a instituição de uma superestrutura política, jurídica e cultural socialista terá de ser precedida da conquista de competência gerencial e domínio da tecnologia por parte de numerosos trabalhadores socialistas (Idem).

Uma disputa pela hegemonia cultural no cotidiano. Mais gramsciano que isso, impossível!

Retomemos o percurso de Singer. Não era uma visão apenas sobre a Iugoslávia, mas como se pode ver em vários ensaios, de todo um ciclo de lutas no leste europeu de 1953 até 1980. Entre as leituras de Singer sobre o “socialismo real”, encontramos a obra de Rudol Bahro, que ele cita na bibliografia do livro editado em 1980 pela editora Vozes: “E, acima de tudo, a principal obra de crítica dos regimes burocráticos, escrita na Alemanha Oriental, mas publicada apenas no Ocidente: Rudolf Bahro, *Die Alternative: zur Kritik des real existirenden Sozialismus*, Europäische Verlagsanstalt, Köln, 1977” (SINGER, 1980, p.60 à 61).

A propósito, em sua imensa biblioteca particular podia-se ver o volume duplo de “Self-governing Socialism. A Reader”, editados pelos teóricos iugoslavos Branco Horvart, Mihailo Markovic e Rudi Supek (IASP, 1975), que trata de todos os aspectos da autogestão socialista, com ensaios escritos por vários conhecedores do tema. E a seu lado na mesma prateleira, “Self Management Economic Liberation of Man”, com ensaios de vários especialistas, editado pelo iugoslavo Jaroslav Vanek, (Penguin, 1975). Também, “Socialist Humanism” editado por Erich Fromm (Anchro Book, 1966), resultado de um Colóquio Internacional, que traz ensaios dos principais marxistas da época. Outro livro, “Socialism on the Threshold of the Twenty-first Century” (Verso, 1985), resultado da CATVAT, conferência, editado pelo iugoslavo Milos Nolic.

Sobre Solidarnosc-Polônia: Singer analisou as lutas da França em 1968, destacando que “o ímpeto auto gestor francês foi, no entanto de curto folego”. Mas que, “voltou à cena em grande estilo graças às seguidas revoltas operárias na Polônia”. No leste europeu houve um ciclo de lutas, iniciado em 1953 na Alemanha Oriental, seguido pelas revoltas e revoluções dos anos 56, na Polônia e Hungria, e em 1968/1970 também nestes dois países, mas como estaque

para revolução dos conselhos operários na Tchecoslováquia em 1968/69, mais conhecida como Primavera de Praga.

Para Singer, em 1980, começou outra insurreição pelos mesmos motivos: aumento dos preços.

Em setembro foi fundado o sindicato Independente Autogerido ou Solidarnosc (Solidariedade)". E, o fundamental; "Em seu primeiro Congresso, em setembro-outubro de 1981, o Solidariedade abandonou sua postura de sindicato e exigiu uma "república autogerida", atacando o papel de 'liderança' do PC. A economia planejada foi rejeitada em favor de empresas autônomas 'autogeridas. (SINGER, 2018, p. 137).

Como vimos, na experiência da Polônia deste período, existia o sindicato Solidarnosc, urbano e rural, e também a chamada "Rede autogestionária", que agrupava as 3.000 empresas de grande porte do país (NASCIMENTO, 1988).

Sobre Mondragon: nas suas 8 hipóteses, Singer apresenta o exemplo do "grande complexo cooperativo de Mondragon". Iniciada em 1956 no país Basco/Espanha,

Vejam que são experiências de longo período. Essa de Mondragon tem 42 anos e tem tido muito êxito econômico. São mais de cem cooperativas interligadas e complementares, um "complexo cooperativo" organizado ao redor de uma politécnica e de um banco, o Banco laboral Popular. Algumas são cooperativas de produção, outras de comercialização, algumas são multinacionais que empregam, segundo os últimos dados que obtive, aproximadamente 35 mil pessoas (SINGER, 2018, p. 157).

Sobre Rochdale/Owenismo, ao falar de várias experiências, Singer ressalta: "Esses exemplos, que se limitam ao pouco que consegui levantar até agora, dão uma ideia de

que há uma prática contínua de autogestão desde há um século e meio, no mínimo”. (SINGER, 2018). E, aborda Rochdale. Muitas datam seu início a contar da famosa cooperativa de Rochdale, que é de 1844, mas é perfeitamente possível começar a contar antes, com as cooperativas formadas na Inglaterra por inspiração de Robert Owen, na década de vinte do século passado, como no exemplo:

O que fundamenta nossa segunda hipótese: há uma série de experiências dentro do capitalismo que surgem e se desenvolvem em função das contradições do mesmo. São economias indiscutivelmente não capitalista, cujos valores permitem considerá-las anticapitalistas” (SINGER, 2018).

Aqui, está a base para sua ideia dos “Implantes socialistas” dentro das “brechas” do sistema capitalista. Que se fundamenta na ideia de Luxemburgo, da coexistência numa formação social de diversos modos de produção. Ideia essa que marcou profundamente Singer, quando estudou “A Acumulação do Capital” e “A Introdução a economia política”, ambas obras de Rosa Luxemburgo.

Algo com “afinidades” ao que John Holloway chama de “agrietar el capitalismo. El hacer contra el trabajo” (Herramienta ediciones, 2011) ou, “Fissurar o Capitalismo” (São Paulo, 2013). Ainda, sobre isso, perguntando como podemos fazer para transformar o mundo, ele responde: “fissurar o capitalismo”. E acrescenta que:

A resposta reflete um movimento que já está em marcha, há um milhão de experimentos em busca de mudanças radicais... isto não é novo, as projeções experimentais que apontam para um mundo diferente são, com toda probabilidade, tão antigas como o mesmo capitalismo. Porém, houve um ressurgimento nos anos recentes, uma percepção que não podemos esperar a grande revolução, que

temos que começar por criar algo diferente aqui e agora. **Estes experimentos são, possivelmente, os embriões de um novo mundo, os movimentos intersticiais a partir do qual poderia crescer uma nova sociedade.** A argumentação é de que a única maneira de conceber a revolução seja como um **processo intersticial...** A única maneira de pensar a mudança do mundo radicalmente é como uma **multicplidade de movimentos intersticiais**, partindo do particular. (HOLLOWAY, 2011, p.12 e 13 - Grifos nossos).

Vamos encontrar postura similar na obra de Álvaro Garcia Linera. Sobre as Comunas ancestrais: Singer não aprofundou esse ponto em sua obra. Foi aprofundando aos poucos pela experiência na SENAES, acompanhando a economia solidária em seu conjunto. Inicialmente, quando falou de “Comunas” foi mais uma vez associada a obra de Owen, de “comunidades agrícolas”. Por exemplo: “Outro antecedente, que também se liga à Owen (sempre ele!), é o movimento das comunas, em geral agrícolas”. “As Comunas se distinguem das demais formas de economia solidária por praticarem simultaneamente a solidariedade na produção, no consumo, na poupança e em todas as áreas da vida social”.

“Todo o patrimônio da comuna é coletivo e é administrado com a participação de todos, as decisões são tomadas em assembleias, etc.” (SINGER, 2018, p.26). No final, em “Com Singer além de Singer”, retomaremos esse ponto.

1.2 A Odisseia de Singer: da “Economia Política” à “Economia Solidária”

Michael Lowy analisando a obra do jovem Lukács, define a categoria de totalidade como ponto de partida. Em relação ao “fenômeno Singer”, ao chegarmos a análise do conjunto de sua obra, vemos que o eixo temático que escolhemos, o socialismo/autogestão, só pode ser entendido a partir de uma análise do total de sua obra. Recorrendo a Lowy: “A ideologia política, estética, etc. de um autor só pode

ser compreendida nas suas relações com o **conjunto global** de seu pensamento, e este por sua vez, deve ser inserido na visão de mundo que lhe dá sua estrutura significativa” (LOWY, 1976, p.11. Grifos nossos).

Para a visão de mundo de Singer sobre o socialismo, são fundamentais os períodos em que pesquisou e elaborou sobre “Economia Política da Urbanização”, “Economia Política do Trabalho”, são ensaios em que consolidou seu “esquema teórico”. No mesmo sentido, as obras sobre “Economia”, “Introdução à economia política”, “Aprender Economia”, etc. Analisar apenas as obras diretamente referidas a Socialismo, e a Economia Solidária, não nos permite abarcar a riqueza de visão de mundo singeriana.

Vamos acompanhar, através de sua obra, sua peregrinação/odisseia.

Singer, em 1968, proferiu 12 aulas que formaram o “Curso do Arena”. O curso versava sobre a “Introdução à Economia Política” (FORENSE, 1979). O curso foi realizado no Teatro de Arena/SP, para alunos da USP. Na publicação da Forense, o último capítulo tratava da “Economia Planificada”, abordando as experiências da URSS, da China, de Cuba e países do Leste europeu. Singer contrapunha a “gestão centralizada” a “gestão autônoma”, aborda a questão da existência de “leis objetivas” no socialismo, mas não aprofunda os temas do socialismo e da autogestão. Na entrevista a Mantega/José M.Rego, recorda esse momento:

Isso foi no notabilíssimo ano de 1968. Ano em que houve revoluções pelo mundo inteiro(...). No Brasil, estávamos em plena efervescência... nesse ambiente, o centro acadêmico da Faculdade de filosofia me convidou para dar um curso de Economia. Eu aceitei, e o curso era para ser dado na faculdade de Ciências Econômicas primeira aula foi lá. Veio muita gente”. Não podendo seguir as aulas nesse local, “os alunos procuraram outro local...bastante grande, de tanta gente que queria assistir ao curso.

O teatro de Arena no sábado de manhã não era usado para coisa nenhuma. Então foi cedido e a gente fez o curso lá. Eu ficava no meio da 'arena', cercado por pessoas sentadas ao meu redor e na mais completa escuridão. O Teatro não tem janelas...eu falava com o público meio invisível... (FORENSE, 1979, p.65-66).

Singer, em 1975, refez esse mesmo curso para seis aulas e, em 1980, foi aplicado no auditório da ABI, sua posterior publicação tomou o título de “Aprender Economia” (BRASILIENSE, 1983). Singer manteve nove aulas do curso de 1968, e refez as três últimas aulas, que tinham sido confiscadas pela polícia. A aula final, é intitulada o “Socialismo”. Na Introdução de 1975, Singer explica:

Desenvolvi as três aulas faltantes de acordo com os esquemas de que dispunha, mas é obvio que o tom do texto é outro e o tratamento da problemática é datado de 1974 e não de 1968, **pois era impossível desconhecer o que pensei e li nestes últimos seis anos**. Uma das três últimas aulas era sobre a “Economia Planificada”, em relação as experiências socialistas em curso (SINGER,1983. Grifos nossos).

Na mesma entrevista acima citada, Singer aborda o estalinismo:

A experiência estalinista de socialismo foi trágica. Não foi apenas defeituosa: ela de socialismo não tinha coisíssima nenhuma, era só pretensão... E lança a grande questão: Mas, **se esse não era o socialismo, o que era o socialismo? Essa foi a indagação que me ocupou nos anos 1980**. E, prossegue sua explicação: “Num de meus livros, chamado **Aprender Economia**, há um capítulo chamado “Socialismo” (...) Ali já estão todas as ideias de economia solidária sem esse nome. Mas eu mesmo me esqueci disso, e foi em 1996” (SINGER, 2018, p. 15. Grifos nossos).

Ainda em 1980, Singer publicou pela VOZES uma brochura intitulada “O Que é o Socialismo Hoje?”. Comparando com a visão sobre o socialismo de Singer, na aula final de 1974 e no livro de 1983, notaremos uma mudança qualitativa.

A trajetória de Singer em relação ao tema socialismo, desde o livro “Introdução à economia política” (1983), até o quase homônimo “Introdução a Economia Solidária” (2002), em que Singer elabora a ideia da Ecosol, atinge seu ápice na obra sistemática (elaborada a partir de um debate na USP sobre os 80 anos da Revolução Soviética (1997) sobre o tema, “Uma Utopia militante: repensando o socialismo” (SINGER, 1998).

Em debates no PT, tendo como contraponto João Machado e do qual surgiu a obra “Economia Socialista” (2000), Singer traçou elementos sobre socialismo e autogestão. Portanto, temos um movimento que parte de “Aprender Economia” (1979-1982), passa por “O que é o Socialismo hoje?” (1980), se aprofunda com as “Oito Hipóteses” (1998), e no debate no PT, “Economia Socialista” (2000), para atingir sua plenitude em “Utopia militante” (2002).

Voltemos ao capítulo sobre o Socialismo de “Aprender Economia”, em que Singer fala de “Cogestão e controle operário da produção”: Exemplificando as experiências da Alemanha ocidental e da Iugoslávia, Singer descarta a cogestão: “à primeira vista, a cogestão permite a participação de todos os trabalhadores, através de seus representantes, nas decisões empresariais. Na prática, a coisa é bastante diferente” (SINGER, 1988, p.170).

Em resumo, quando dizemos que o socialismo pressupõe o controle operário da produção, a ideia central é que a divisão do trabalho terá de deixar de ser hierárquica, permitindo a todos a participação, em igualdade de condições, no trabalho produtivo e nos centros de tomada de decisões. O Estado só

poderá ser reabsorvido pela sociedade quando cessar toda distinção entre dirigente e dirigido (SINGER, 1988, p.171)

E, conclui:

É nesta direção que se constituirá uma sociedade sem classes. Portanto, quando se luta pelo socialismo através do controle operário da produção ou “autogestão”, o que se visa não é apenas a democratização das relações de produção, mas o seu revolucionamento em profundidade (SINGER, 1988, p. 171,172).

Em relação ao “Socialismo real”, Singer assinala que:

Estamos chegando a uma etapa da luta pelo socialismo em que o objetivo final terá de ser a síntese de múltiplas lutas. Não cabe mais uma visão monolítica do socialismo, como projeto de uma única classe, representada no plano político por um único partido (SINGER, 1988, p.173).

Uma longa trajetória ao socialismo/autogestão. Rosa, sempre ela!

A epopeia de Singer em torno ao lema do socialismo foi discutida em uma entrevista organizada por Isabel Loureiro (2008), quando Singer era secretário da SENAES. Questionado, Singer aborda a relação Ecosol e socialismo. A entrevista gira em torno da figura de Rosa Luxemburgo.

Pergunta um entrevistador:

Já tocando nessa relação da economia solidária com a ideia do socialismo. Será que houve uma mudança profunda na sua visão do socialismo e que poderia estar refletida no fato do seu livro de 1998, *Utopia militante-repensando o socialismo*, no qual o socialismo está bem no foco de suas preocupações, ao passo que no seu outro livro, de 2002, *Introdução à economia solidária*, o socialismo merece apenas

uma pequena menção, na referência aos socialistas utópicos. A pergunta então é se houve uma mudança de posição, de expectativas em relação a uma possibilidade de recuperar a bandeira do socialismo nos dias de hoje?.

Singer responde taxativamente:

Não, a resposta é claramente não. Não houve qualquer mudança. E, acresce que há uma explicação para isso – e a diferença só ficou clara para mim agora, quando você fez a pergunta. O primeiro livro, *Utopia militante*, nasce em função da comemoração dos 80 anos da Revolução de Outubro. Em 1997 se organiza um debate (...) isso foi em 1997, quando eu já estava na economia solidária (...). Eu formulei o que acabou sendo o essencial do argumento da utopia militante nesse debate. Então sai de lá e comecei a escrever. Escrevi vários pedaços – o livro não foi escrito de uma única vez, mas eu o fiz e estava interessado só no socialismo, embora estivesse trabalhando com a economia solidária. É que na minha cabeça economia solidária e socialismo são sinônimos (LOUREIRO, 2008, p. 23).

Singer explica que “Utopia militante” nasceu dos elementos que apresentou em um debate sobre os 80 anos da Revolução Russa, em 1997, quando “eu já estava na economia solidária”. Escreveu o livro de várias vezes:

estava interessado só no socialismo, embora estivesse trabalhando com a economia solidária. É que na minha cabeça economia solidária e socialismo são sinônimos. Agora, por motivos táticos, eu tendo a falar mais em economia solidária (LOUREIRO, 2008, p. 23).

Relembra que em 2000, escreveu a brochura “Economia Socialista”, para debate no PT, em que confronta o

“marxismo clássico” com a economia solidária. (LOUREIRO, 2008, p. 23)

A “Introdução a economia solidária” atendeu a um pedido da Fundação Perseu Abramo. Nesse livro, Singer afirma que a discussão sobre a relação socialismo e Ecosol ficou limitada a obra de Owen e o cooperativismo revolucionário do século XIX. Que foi uma falha não ter feito essa ligação.

É nessa mesma entrevista que Singer afirma não ter aprofundado o legado da Rosa:

E, acho que há um legado luxemburguista do qual eu não estava consciente antes deste momento(...). E o legado me parece ser este: para Rosa Luxemburgo, quem dirige a revolução é o que ele chama “as massas”; são os próprios trabalhadores, os homens, as mulheres, os camponeses, os jovens, enfim. (...). Na crítica de Rosa à Revolução Russa, essa visão das massas como carregando o ímpeto da mudança é uma coisa **que calou fundo em mim, e eu a reencontrei na economia solidária** (LOUREIRO, 2008, p. 24. Grifos nossos).

Na entrevista a Mantega/Rego, Singer ressaltou o caráter pedagógico destas entrevistas:

A entrevista é uma forma importante de captar coisas que, mesmo quando o entrevistado é um autor, como no meu caso, **ele jamais sabia que sabia** porque não pensou. A entrevista livre, fluindo, leva a pensar coisas em função exatamente do diálogo”. (MANTEGA/REGO, 1999, p.60. Grifos nossos)

Para Singer o fermento da Ecosol está nas comunidades, “Agora, o que me encanta na economia solidária é que ela vem de baixo” (SINGER, 2008. p.25). Ele cresce que a economia solidária foi uma criação das pessoas em situações difíceis, mas recorrendo às forças comunitárias

que são socialistas, em última análise. E isto está ocorrendo (SINGER, 2008, p. 25).

Adiante voltou a afirmar esse aspecto:

Mas o grande impulso para a economia solidária vem das comunidades pobres; é lá que está o fermento social que se viabiliza – portanto nos Quilombos, nas comunidades indígenas e, sobretudo, no campesinato e no artesanato. Artesanato e campesinato são muito semelhantes. Todos os camponeses são artesãos (...). Para essa gente, compartilhar é fazer auto-gestão e uma certa democracia de base. É uma coisa natural. Eles se inclinam a isso, você não precisa doutrina-los (SINGER, 2008, p.25).

Retomando alguns elementos, vimos que Singer confessa não ter aprofundado de forma sistemática o “legado de Rosa”. Indagado por Isabel Loureiro, sobre o papel dos pequenos agricultores familiares, os artesãos, Singer responde que “Eu tenho dito várias vezes – **nunca escreve, não tive tempo de escrever** - que o campesinato hoje é vanguarda porque é só entre os camponeses que você pode fazer agricultura ecológica” (SINGER, 2008, p. 28. Grifos nossos). Em outro momento da entrevista, Singer nos fala de Rosa Luxemburgo, da obra “Acumulação do Capital”, onde há uma relação com a Ecosol. Para Singer, a segunda parte da obra de Rosa:

São entusiasmantes, porque aí ela tira as consequências político-históricas do que considera um erro de Marx, e **dá uma contribuição teórica, para mim, absolutamente decisiva** - que é mostrar que nunca houve um modo de produção único no mundo. Sempre houve diferentes modos de produção que interagem. E é muito fácil você dizer: ‘Bom, mas esse aqui é o passado. Isso aqui são modos de produção pretéritos que ainda sobrevivem’. Não é

verdade. Na realidade o campesinato, o artesanato – a pequena produção de mercadorias precede o capitalismo e convive com o capitalismo até hoje. **Isso eu percebi graças à Rosa** (SINGER, 2008, p. 18. Grifos nossos).

Sobre o erro de Marx:

Ela dá uma visão totalmente nova, pelo menos para nós, do que é o processo de expansão do capitalismo. Porque Marx mesmo já tinha tratado disso, mas ele não tomava a sério os modos de produção não-capitalistas. Marx faz uma coisa, que é outro erro metodológico dele: ele escreve O capital na pressuposição de um sistema puramente capitalista. No mundo pressuposto por Marx, só há trabalhadores e patrões, e mais nada. Nem o Estado praticamente aparece como fator econômico, ele é só um elemento político. E com Rosa isso vem à tona: quer dizer, na imortal análise de Marx, do capitalismo e sua dinâmica, faltava algo essencial (SINGER, 2008, p. 20).

Noutra entrevista tinha abordado essa questão:

Se você olhar a grande história do capitalismo, a multinacionalização e a periferação da indústria se dá desde o século passado e o autor que captou isso melhor do que qualquer outro foi Rosa Luxemburgo. A teoria do imperialismo de Rosa Luxemburgo diz simplesmente isso: O capital é obrigado a ir para a periferia para manter sua taxa de lucro. **Ela pode até ter errado no raciocínio estritamente teórico. Acho que ela errou. Mas a visão histórica dela estava inteiramente correta** (Mantega/Rego, 1999, p.69. Grifos nossos).

1.2.1 As Oito Hipóteses sobre socialismo autogestionário

Em fim de 1998, Singer participou de um Seminário, “Autogestão e Socialismo”, promovido por alunos de pós-graduação em História e Filosofia da USP, leitores de Castoriadis; o seminário traz o nome da revista francesa “Autogestion et Socialisme”.

Vale acrescentar que, a mesa de debates do segundo dia, 20 de agosto, sobre “Autogestão e Socialismo”, estava prevista para ser composta por Singer, João Bernardo e Mauricio Tragtenberg. Este último não pode comparecer, estava doente e viria a falecer. A Revista *Temporaes* é dedicada à sua memória. Eu, também não pude comparecer, para mesa do dia 19, sobre “Experiências Históricas”, em que falaria sobre “Movimentos autogestionários no leste europeu”, sem dúvidas, uma importante ocasião perdida para o debate com Singer e Bernardo.

No Seminário, Singer apresentou as “Oito hipóteses sobre a implantação do socialismo via autogestão”. O texto foi publicado pela Revista “Temporaes” (FFLCH/USP) em agosto de 1999. Portanto, foi redigido em 1998, muito depois do livro *Vozes*, “O que é o Socialismo hoje?” (1980); simultâneo a “Utopia Militante” (1998), e antes do “Economia Socialista” (PT, 2000), e da “Introdução à economia solidária” (2002).

Fica, então, muito claro que a época da redação do “Introdução a economia Solidária” (2002), Singer já tinha uma ideia sistematizada sobre o Socialismo/Autogestão.

As obras de Singer, tendo como eixo temático socialismo/autogestão, estão cronologicamente alocadas da seguinte forma:

1. “Curso de introdução a economia política” (aula sobre Economia Planificada), 1975;
2. “Aprender economia” 1983 (aula sobre o Socialismo), 1983;
3. “O que é o socialismo hoje?”, 1980;
4. “Oito hipóteses sobre a implantação do socialismo via autogestão”, 1998;

5. “A utopia militante. Repensando o socialismo”, 1998;
6. “A Economia Socialista” /PT, 2000;
7. “Introdução a economia solidária”, 2002;
8. Ensaio do período da SENAES, 2003-2016.

Agrupando estas obras é possível construir 3 Blocos temáticos, segundo os conteúdos das obras, antes da participação no Governo Lula/Dilma:

- 1) “Aprender economia” (1979) e “O que é o socialismo hoje?” (1980);
- 2) “As Oito Hipóteses” (1998) e “Utopia militante” (1998);
- 3) “Introdução a Economia Solidária” (2002).

Entre dois e três, Singer apresentou suas ideias para direção do PT, o que está expresso na brochura “Economia Socialista” (2000). No ponto oito, relativo à época da SENAES, destacamos três ensaios:

- 1) “A construção da economia solidária como alternativa ao capitalismo”, 2013;
- 2) “É possível levar o desenvolvimento a comunidades pobres?”, 2004;
- 3) “Um novo Projeto para o Brasil”, 2003.

A Coletânea de Ensaio da editora Almedina, traz dois outros pequenos ensaios:

- 1) “Economia solidária e Socialismo”;
- 2) “Contribuição ao debate sobre o socialismo Petista”.

Esperemos que o Acervo depositado na USP traga novidades, para futuras pesquisas.

Vamos acompanhar obra por obra, destacando conteúdos e contextos, da Odisseia de Singer nessa longa trajetória de construção de sua visão de Socialismo/Autogestão e seus reflexos na ideia de economia solidária.

1.2.2 Introdução a Economia Política

O livro é formado por aulas ministradas em 1968 no Teatro de Arena em São Paulo. Singer explica que das 12 aulas, as três últimas foram confiscadas pela polícia. A última aula tinha por tema uma análise das experiências do “socialismo real”, intitulada “Economia Planificada”. Em 1974 retomou o curso, desta vez desenvolveu as três aulas faltantes e o livro foi publicado pela Editora Forense, em 1979.

Quando analisa as experiências de construção do socialismo, com base na Economia Planificada, Singer aborda um primeiro tema: “incentivos materiais” x “incentivos morais”. Duas vias foram desenvolvidas, a de substituir os incentivos materiais por incentivos morais, ou incentivos políticos, na via chinesa. É uma linha de difícil aplicação. Esta via foi aplicada em Cuba, China, Vietnã do Norte, Coreia do Norte. Singer exemplifica pelas dificuldades da “revolução cultural” da China. A outra via é do uso dos “incentivos materiais”, aplicada na URSS, na Iugoslávia e na maioria dos países do leste europeu.

Vale a pena ressaltar que Singer não fala sobre o grande debate ocorrido em Cuba, por iniciativa de Che Guevara sobre este tema, nos anos 60. Nesse debate participaram vários teóricos economistas, como Ernst Mandel, Charles Bettelheim, P. M. Sweezy, entre outros. A obra de Guevara “O Socialismo e o Homem em Cuba” trata desse tema; este livro foi publicado em Cuba em 1965 e na França, em janeiro de 1966. (Ver: Che Guevara, “El Gran Debate Sobre la economía em Cuba”, Ocean Press, 2006. E, de Luiz B. Pericás: “Che Guevara e o debate econômico em Cuba”, Xamã, 2004)

A edição francesa, pela editora François. Maspero, traz além do texto de Che sobre “O Homem novo”, (que é uma carta dirigida ao jornal “Marcha” de Montevideo), ainda sua carta a Fidel, de demissão do Governo cubano, lida por Fidel em julho 1965. Traz também o famoso “Discurso de Argel”,

que Guevara pronunciou na 2ª Conferência Afro-asiática na Argélia em fevereiro 1965, a última manifestação pública de Guevara, como Ministro da Indústria. Nesse discurso, Guevara faz críticas radicais a economia centralizadora dos regimes do “socialismo real”, sobretudo da URSS.

Como o Curso foi aplicado em 1974, ainda em pleno regime militar, é possível que o motivo da não abordagem tenha sido por cautela e não por desconhecer os textos, pois seria fácil consegui-los da edição francesa de 1965. De qualquer forma, é no mínimo interessante que são os temas abordados por Singer em sua aula. Em seguida, Singer aborda outra dupla temática, gestão centralizada x gestão autônoma.

A “gestão autônoma” usa os mesmos métodos do capitalismo visando se contrapor a administração centralizada. Já a “gestão centralizada” é muito difícil por motivos técnicos, mas preferível politicamente. A URSS e Cuba optaram pela “gestão totalmente centralizada”. A China pela “descentralizada” devido ao atraso tecnológico e a dimensão territorial do país.

Outro tema abordado por Singer é o da “existência ou não de leis objetivas no socialismo”. Stalin defende que sim, tal como no capitalismo. Porém, Guevara e Fidel defendem outra posição. Singer cita trecho expressando essa posição de Che e Castro, mas não cita a fonte. Portanto, é possível que Singer tivesse conhecimento do debate cubano. Finaliza esse ponto com o seguinte:

Não é fatal que essa escolha humana só possa se dar no chamado reino da liberdade, ou seja, quando a produção for de tal forma elevada que todas as necessidades humanas, pelo menos materiais, possam ser plenamente satisfeitas e a opção fundamental do homem será então produzir mais, obter mais ócio, ou dedicar mais tempo a atividades contemplativas, etc. (SINGER, 2008, p.185).

É bom resgatar que em 1970, seu amigo Michael Lowy tinha lançado seu livro “La Pensée de Che Guevara”. Essa última citação de Singer, lembra tanto os “Grundrisse” de Marx, quanto “O Homem Novo” do Che. E, assim, se encerram estas aulas de Singer.

1.2.3 Aprender Economia

Na Introdução de 1982, Singer lembra as aulas do curso Introdução a economia Política de 1968/1974. Neste novo curso de economia política, dado no auditório da ABI em janeiro de 1980, ele acrescenta um capítulo como última aula, explicitamente nomeado de “Socialismo”.

O Curso foi publicado como livro pela editora Brasiliense, em 1983. Vimos que as aulas foram iniciadas em janeiro 1980. Em 1978 Singer já tinha visitado a Iugoslávia e tido tempo na Índia em novembro de 1978, de se dedicar ao tema do Socialismo. Em março de 1979, em São Paulo, confessa que já tinha terminado o tema, isto é, o pequeno livro que a editora Vozes publicou em 1980: “O que é o Socialismo hoje?”. A introdução que faz para esse livro data de três de setembro de 1979. A aula sobre O Socialismo aborda muitas questões.

Vai muito além das aulas do Curso de 1968/1974. Assim: Conceitos de Socialismo; O “socialismo realmente existente” (sem dúvidas legado da leitura da obra de Rudol Bahro); “A Alternativa” de 1977, que Singer cita em alemão, no livro da Editora Vozes; Forças produtivas e estrutura social; a luta pelo socialismo, hoje; Cogestão e controle operário da produção; o socialismo como objetivo comum de muitos movimentos; e no fim, a prefiguração do socialismo na prática presente, quer dizer, hoje.

Que elementos podemos destacar?

Na aula anterior sobre o Socialismo, com o tema “Desenvolvimento Econômico”, Singer taça considerações sobre as teorias marxistas e a teoria da dependência. Algumas breves observações sobre URSS, China e Cuba. Afirmando

que o socialismo é a grande utopia do século XX, Singer se propõe a retomar os conceitos de socialismo desde os seus pioneiros e os autores clássicos, como Marx e Engels.

A promessa socialista porta três aspectos:

- 1) Como sociedade superior a capitalista, não estaria mais sujeita a crise, desemprego, desperdícios, porque seria planejada, com controle consciente por parte da coletividade sobre o processo social de produção e distribuição;
- 2) A instauração da igualdade, sem classes a partir da abolição da propriedade privada que tornaria “todos coproprietários das fabricas, fazendas, ferrovias, lojas, etc.;
- 3) Um grau superior para todos de bem-estar material e de liberdade. Eliminação as restrições à liberdade pessoal, as pessoas se autorrealizam no trabalho e na vida afetiva (SINGER, 1982 p.158).

Vemos que associando os pontos um e dois, Singer fala de “controle consciente pela coletividade” e com abolição da propriedade privada, esse controle se manifesta como “todos coproprietários” do metabolismo social, e, uma outra logica subjetiva. Assim, temos a base para uma visão de autogestão.

Essa visão do socialismo foi dominante até que, a partir da Revolução de 1917 na Rússia revoluções, surgiram outras revoluções, China, Cuba etc. Esse processo trouxe muitas controvérsias. O socialismo se tornou prática em diferentes países. Em seguida, Singer analisa o “socialismo realmente existente”, em países que identifica como “economias centralmente planejadas”.

Todos os países em que ocorreram revoluções da Rússia czarista à China, passando pela Jugoslávia e Albânia, por Cuba e assim por diante, eram economias agrárias, exceto Alemanha e Tchecoslováquia. Portanto, assumiram um caminho de industrialização centralmente planejada, ou seja, não-capitalista (SINGER, 1977, p.159)

Para esta concepção, a revolução estatiza ou socializa

os meios de produção, assim se superaria o subdesenvolvimento. O resultado foi a instauração de regimes de partido único e de uma burocracia dirigente. As greves são duramente reprimidas. Obviamente diz Singer, “o socialismo real” não está correspondendo ao modelo.

Singer fala de todo um Ciclo de longa duração de lutas no Leste europeu. Fatos novos ocorreram: a mais importante revolução proletária que floresceu na Polônia, a partir das greves de 1980 e a formação do sindicato Solidariedade até o golpe militar de dezembro de 1981. Entre a Rússia e a China surgiram divergências graves que levaram a guerras entre Vietnã e China, entre Vietnã e Camboja. As tentativas de instauração de formas mais democráticas de governo, tanto na Hungria em 1956 como na Tchecoslováquia em 1968 e na Polônia em 1956, 70, 76 e 81, foram brutalmente contidas.

Singer aborda a “estrutura social”, as “forças produtivas” e a ‘separação entre trabalho manual e intelectual. Na organização da produção, aos proletários resta um trabalho cada vez mais rotineiro, repetitivo, embrutecedor. Cita o exemplo da FIAT instalada na URSS em que há a mesma hierarquia que existe na FIAT italiana. O capital concentra todo conhecimento nos seus delegados diretos: gerentes, programadores, pessoal de chefia, assessores técnicos, financeiros, legais etc. Não há desenvolvimento de novas forças produtivas, adotando-se as mesmas do capitalismo. (SINGER, 1977, p.165).

Outro tema importante é o da “luta pelo socialismo”, em que o objetivo central já não é mais a abolição da propriedade privada, o que ocorre no capitalismo monopólico, mas “a eliminação da hierarquia de mando nas unidades de produção e distribuição”. Isso passa pelo controle da produção. Singer assinala as experiências na Itália, as negociações entre comissões de fábrica e a “burguesia gerencial”. No Brasil, os trabalhadores também em suas lutas levantam essa questão. Assinala outros movimentos que estão surgindo:

feminismo, homossexuais, antinucleares...” Por isso a luta dos movimentos de libertação não só se soma à luta pelo socialismo, mas, na verdade, amplia a própria latitude do socialismo...O socialismo não é um projeto apenas econômico e político, mas abrange todos os aspectos da vida em sociedade (SINGER, 1982, p. 169).

Aqui, Singer avança para a questão da “Cogestão e controle operário da produção”, que o leva a tratar o tema da Autogestão. Tomando como exemplo as experiências da Alemanha Ocidental e da Iugoslávia, Singer descarta a cogestão. À primeira vista, a co-gestão permite a participação de todos os trabalhadores, através de seus representantes, nas decisões empresariais. Na prática, a coisa é bastante diferente (SINGER, 1982, p. 170).

E sintetiza sua visão, bem próxima a concepção da autogestão social:

Em resumo, quando dizemos que o socialismo pressupõe o controle operário da produção, a ideia central é que a divisão do trabalho deixará de ser hierárquica, permitindo a todos a participação, em igualdade de condições, no trabalho produtivo e nos centros de tomada de decisões. O Estado só poderá ser reabsorvido pela sociedade quando cessar toda distinção entre dirigente e dirigido (Singer, 1977, p.171).

E, enfim, nomeia o objeto: “É nesta direção que se constituirá uma sociedade sem classes. Portanto, quando se **luta pelo socialismo através do controle operário ou autogestão**. O que se visa não é apenas a democratização das relações de produção, mas o seu revolucionamento em profundidade (SINGER, 1977, p. 171,172. Grifos nossos).

Quanto ao “socialismo realmente existente”, Singer assinala:

Estamos chegando a uma etapa da luta pelo socialismo em que o objetivo final terá de ser a síntese de múltiplas lutas. Não cabe mais uma visão monolítica do socialismo, como projeto de uma única classe, representada no plano político por um único partido (SINGER, 1977, p.173).

Sobre o tema do poder do “Estado” na parte em que responde algumas perguntas do público, Singer destaca dois elementos:

O que a experiência histórica dos últimos seis ou sete decênios, tanto nos países capitalistas adiantados como nos países que tiveram revoluções, ensina é que a ideia de que a tomada do poder de Estado deve preceder a tomada do poder nas fábricas, escolas etc., é falsa (SINGER, 1977, p. 182).

Citando a consigna da autogestão, do Marx da I Internacional:

A libertação da classe operaria tem de ser obra da própria classe operária”. Isto significa que nenhuma ‘vanguarda’, instalada no poder do Estado, pode (mesmo que queira) libertar a classe operaria de cima para baixo(...) O que esta vanguarda pode fazer, para ajudar o processo, é promover a democratização do aparelho de Estado, instituindo formas de participação popular no poder de Estado e descentralizando-o ao máximo” (SINGER, 1977, p. 182).

Essa dialética Estado e poder Popular, Singer expõe como segue:

O que cabe fazer no plano político, os que lutam pelo socialismo? Obviamente lutar pelo poder do Estado, tendo como objetivo básico neutralizá-lo, ou seja, impedir que ele reprima as lutas revolucionarias que os trabalhadores e demais oprimidos têm de travar

no seio das empresas, escolas, hospitais, bairros e assim por diante (SINGER, 1977, p. 182).

Me lembra passagens da obra de Nicos Poulantzas. O estilo de escrita de Singer não importa em citações, há muito pouco em seus ensaios. Assinalo, todavia, que a obra de Poulantzas “O Estado, o Poder, o Socialismo”, foi publicada na França 1978, quando Singer esteve na Europa, e em 1981 no Brasil, pela editora Graal.

1.2.4 O que é o socialismo hoje?

A obra seguinte de Singer, aliás do mesmo ano, é o pequeno livro editado pela Vozes em 1980. Vamos destacar a parte “As novas formas de luta pelo socialismo”. São as mesmas questões de o capítulo sobre Socialismo do livro “Aprender Economia”

Para Singer, a principal reformulação da ideia de socialismo é a rejeição da ideia que o socialismo deve ser implementado a partir da conquista do Estado.

Hoje, após diversas tentativas fracassadas de chegar ao socialismo desta maneira, sabemos que **socializar** só pode significar submeter os meios de produção ao **controle coletivo** do conjunto dos trabalhadores (SINGER, 1980, p.69 e 70. Grifos nossos)

Este é o princípio geral: “o socialismo significa o controle dos controladores por parte da massa de cidadãos comuns” (SINGER, 1980, p.70). O instrumento para conquista do Estado, visando seu ‘perecimento’, para Singer, dificilmente poderá ser um partido monolítico...O instrumento será antes uma **ampla frente de massa** (SINGER, 1980, p.71. Grifos nossos).

“A luta pelo socialismo torna-se assim uma prática de libertação...O seu objetivo imediato é antes transformar o poder do que propriamente conquistá-lo” (SINGER, 1980, p.71).

Singer conclui no final com uma ideia de autogestão social:

Isto significa que o âmbito da luta pelo socialismo é muito maior que o plano político convencional. Não só o poder do Estado que tem que ser transformado, mas **todo poder exercido autoritariamente**: do patrão na empresa, do professor na escola, do oficial no exército, do padre na igreja, do dirigente no sindicato ou no partido e, por fim, mas não por último, do pai na família (SINGER, 1980, p. 71,72. Grifos nossos).

Estas duas obras, “Aprender Economia” e “O que é o socialismo hoje?” Significam uma sistematização do pensamento de Singer sobre o tema. Foram elaboradas simultaneamente, no final dos anos 70.

Os dois ensaios seguintes, “Oito Hipóteses” e “Utopia militante”, são também de um mesmo período, final dos anos 90, e depois destes, Singer parte para elaborar sobre a Economia Solidária com sua obra “Introdução a economia solidária” de 2002. Mas, antes participou de debates no PT, em que apresentou a ideia da economia solidária. Isto ficou expresso na brochura que trata o debate sobretudo com João Machado. Economia Socialista (2000), foi mais um passo em direção a “Introdução a economia solidária” (2002).

Enfim, chegamos às “Oito hipóteses”, ensaio de 1998, portanto, 18 anos após o livro da Editora Vozes de 1980.

1.2.5 As Oito Hipóteses

Este ensaio em relação à “Utopia Militante” (uma obra sistemática, para “repensar o socialismo”) é uma síntese para apresentação em um seminário da USP, realizado em agosto 1998. Poderíamos até chamar de “As oito teses sobre o Socialismo”, tal qual Marx com suas “11 Teses sobre Feurbach”, Singer tenta um resumo para exposição de suas ideias. Neste sentido, expressa um grande valor para

apreciarmos a visão de Singer sobre socialismo/autogestão.

Acima, já pudemos apresentar alguns elementos das Oito Hipóteses. Passemos a apresentar cada Hipótese.

Hipótese 1: Singer faz um primeiro enunciado, desta feita, uma Tese: “O tema da autogestão é pouco discutido no Brasil. O tema que me foi proposto, e que me é extremamente caro, é “Autogestão e socialismo”. É um tema antigo, mas nem por isso está esgotado. Em verdade, ele se repõe na medida em que a história vais se desenrolando. E, na medida em que diferentes experimentos socialistas vêm sendo feitos e eventualmente vão fracassando, a questão da autogestão e do socialismo se recolocam sob formas e cores muito diferentes” (SINGER, 2018, p.153)

Em seguida, anuncia uma questão de Método: diz que na América Latina se apresentam muitas ‘teses’, com caráter de verdade, e por isto, “Em vez de teses, vou apresentar hipóteses” (SINGER, 2008, p.153).

1ª hipótese: O projeto socialista não se limita à economia;

2ª hipótese: A história nos oferece uma série de experimentos que deram certo;

3ª hipótese: os casos em que a autogestão teve mais êxito do ponto de vista econômico, são aqueles em que se formou um forte, embora pequena, economia autossustentável;

4ª hipótese: a autogestão deve ser implantada pela formação de comunidades inicialmente isoladas;

5ª hipótese: o desenvolvimento da autogestão não pode se dar “de cima para baixo”;

6ª hipótese: o desenvolvimento da autogestão equivale à transição ao socialismo no terreno da produção e da distribuição;

7ª hipótese: o desenvolvimento da autogestão como modo de produção alternativo e competidor no seio do capitalismo não estará desligado das demais lutas dos trabalhadores;

8ª hipótese: com a terceira Revolução industrial há nas empresas capitalistas mais progressistas uma redução das hierarquias, uma redução do autoritarismo capitalista na própria empresa e um aumento da responsabilidade e autonomia dos trabalhadores de linha. Portanto, "a predição de Marx de que o socialismo se imporá por exigência do desenvolvimento das forças produtivas será mais uma que se mostrará verdadeira". (SINGER, 2018, p. 164).

Estas oito hipóteses serão mais desenvolvidas nas obras que seguem.

Mas, destacamos que a Hipótese quatro (isolamento comunidades), e a Hipótese oito (apropriação da tecnologia), provocaram muitas polemicas no campo dos Ecosol.

1.2.6 Utopia Militante: repensando o socialismo" (2000)

Nesta obra, Singer alcança a 'máxima consciência possível' e se projeta para traduzir sua visão no campo da economia solidária (2002). Mas, antes, em 2000 apresentará sua visão a direção do PT, pensando no Programa de Governo. Enfim, em 2002, a pedido da direção da Fundação Perseu Abramo do PT, escreve sua "Introdução a economia solidária".

Em 2003 estará no Governo como secretário de economia solidária. O paradoxo é que nessa obra de "Introdução a economia solidária", Singer não faz referências a socialismo/autogestão. Vimos que em entrevista de 2008 à Isabel Loureiro, explica a razão.

1.2.7. Livro Economia socialista/PT

No prefácio ao pequeno livro da "Perseu Abramo", Antônio Candido afirma:

O socialismo é algo mais vasto que suas manifestações históricas e continua a ser o caminho mais adequado às lutas sociais que tenham como finalidade estabelecer o máximo de igualdade econômica, social, educacional como requisito para a conquista da liberdade de todos e de cada um (CANDIDO, 2000, p.9).

Singer inicia sua reflexão com a crítica aos ‘clássicos’, retomando sua visão crítica sobre ‘planejamento centralizado’, e perguntando o que segue após a socialização dos meios de produção que supõe a ‘abolição das classes’. Apontando um ‘reducionismo’ nas teses de Marx e Engels, afirma “O reducionismo de Marx e Engels teve consequências quando na União Soviética se tratou de aplicar às formulas do socialismo científico (CANDIDO, 2000, p. 17).

O ponto a seguir trata do par “Centralização contra Autogestão”, retomando uma questão permanente em sua visão, desde seu livro “Aprender Economia”. Foi na URSS após 1917 que as ideias sobre socialismo foram postas à prova. Em sua primeira etapa, a Revolução foi “a época da verdadeira ditadura dos verdadeiros operários da indústria (...) a partir dos conselhos de empresas se baseava então (...) na impotência do Estado” (Singer cita Oscar Anweiler). Ocorre, então, a partir da primavera de 1918, “uma grande discussão na Rússia sobre o socialismo, entre os partidários do planejamento centralizado e os partidários da autogestão. Tendo a liderança ostensiva de Lenin e de Trotsky, os primeiros ganharam a parada. O debate foi importante porque contrapôs duas concepções de socialismo” (CANDIDO, 2000, p.19). Singer prossegue, sobre essa disputa:

Contra essa concepção de socialismo se levantou a Oposição Operária. Eram principalmente sindicalistas, que criticavam a entrega da direção das empresas a antigos capitalistas ou a ‘especialistas’, treinados no regime anterior(...). Eles defendiam que o poder nas fabricas fosse exercido pelos operários, elegendo democraticamente os comitês de direção(...). Eis, em forma sintética e bem clara, a outra concepção de socialismo (SINGER, 2000, p.21).

Então, segue Singer:

O socialismo passou a ser entendido como sinônimo de planejamento geral ou centralizado da produção, a substituição do mercado” etc. Na economia

centralmente planejada, ‘o poder passou a ser estruturado de cima para baixo’. A economia do ‘socialismo real’ era uma economia de ‘escassez’ (SINGER, 2000, p. 21)

Com base na obra de Janos Kornai (1992) “The Socialist system”, Singer dá vários exemplos desse tipo de economia ‘de escassez’. Enfim, outro ponto é “O socialismo como autogestão”. Aqui, Singer retoma suas Oito Hipóteses apresentadas no Seminário de 1998.

A revolução Russa extremou a distinção entre duas concepções de socialismo. Singer retoma a ideia de Marx: A “via da ruptura com a ditadura do capital nas empresas e sua substituição pela gestão coletiva dos meios de produção exercida pelos produtores livremente associados” (SINGER, ANO, p.40).

Para Singer, esta “concepção autogestionária era herdeira de Owen, Fourier e outros socialistas utópicos do século XIX”. Expõe as ideias e experiências cooperativas de Owen nos anos 1830, e retoma a de Rochdale de 1844. São seus referenciais permanentes sobre o cooperativismo. Foi fundada a ACI, com forte presença de partidários das cooperativas autogestionárias. Mas, a luta dentro do cooperativismo levou a vitória dos que se opunham à autogestão (SINGER, 2000, p. 41).

A prática da autogestão sobreviveu a este momento e voltou à tona na experiência da Revolução de 1917, na Espanha da guerra civil, na Polônia. Singer, aqui, mais uma vez, retoma a questão da Jugoslávia, outro fator permanente em seu discurso. O Governo de Tito introduziu no país a autogestão em todas as empresas do país, na mesma linha da Oposição Operária na Rússia. “Foi a mais extensa experiência de socialismo auto gestor, tendo durado quase 40 anos” (SINGER, 2000, p.42). Depois, destaca as experiências dos Kibutzim e a do Complexo Mondragon, ressaltando que:

Todas as experiências autogestionárias aqui resumidas passaram ou ainda passam por crises”; porém, destacando a presença da economia solidária na Itália, Espanha, Canadá e no Brasil devido ao ‘desemprego em massa (SINGER, 2000, p.43,44).

Singer extrai uma lição pedagógica destas experiências:

A importância dessas experiências é o aprendizado que proporcionam a segmentos da classe trabalhadora de como assumir coletivamente a gestão de empreendimentos produtivos e a operá-los, segundo princípios democráticos e igualitários (SINGER, 2000, p.44).

Retoma sua ideia de uma Frente, com ações em diversos campos: “A economia socialista dificilmente será alcançada por meio do mero crescimento da economia solidária”; “A conquista de uma economia socialista será fruto, do avanço do movimento operário e socialista em uma série de frentes:

- Na extensão da democracia do âmbito político ao econômico e social;

- Da participação organizada na elaboração de orçamentos públicos e na gestão de equipamentos escolares e de saúde;

- Da conquista de governos locais e regionais por coligações de esquerda que possam pôr em prática desde já políticas socialistas, inclusive de apoio e fomento a empresas autogestionárias;

- De novos direitos de representação operária nos locais de trabalho, com direito de exame das contas da empresa e de participação em seus centros de decisão;

- E, por fim, mas não por último, **a construção de um setor de economia solidária nas cidades e no campo**” (SINGER, 2000, p. 44. Grifos nossos). Como podemos avaliar, hoje em 2018, um Programa de Sociedade mais que um Programa de poder, ou seja, muito além do que tentou

implementar na SENAES.

Singer finaliza sua exposição à direção do PT, com dois pontos: a organização socialista da produção e a economia no sistema socialista.

No primeiro ponto, propõe que “parece adequado – devido ao atual patamar tecnológico - que a produção esteja organizada em um número grande de empresas autônomas de diferentes tamanhos. Elas pertenceriam coletivamente aos trabalhadores associados ou a uma sociedade de trabalhadores e consumidores (...). A organização das empresas deveria se submeter aos princípios do cooperativismo, particularmente ao da autogestão, que tem por base um voto por cabeça, a soberania da assembleia e a eleição para todas as instancias de mando”. (SINGER, 2000, p.45).

E outro ponto que Singer sempre insistiu: “Outro princípio importante seria o da porta aberta”.

Essas empresas teriam que se federar, para ter uma economia de escala em serviços comuns. Seriam tipo Redes. Singer chama de multiempresas socialistas, que também seriam administradas com os princípios da autogestão. Em nenhuma haveria “trabalhadores assalariados”.

E, um ponto controverso em suas ideias: para evitar a competição entre as empresas socialistas, como via na Iugoslávia, repor a questão da regulação por mercado ou por órgão político representativo.” O mercado socialista difere do capitalista porque não é matriz de acumulação de capital privado” (p.46).

Aqui, Singer fala de um “parlamento econômico”, ideia que pode ter encontrado na proposta do Solidarnosc, da Câmara de Produtores Associados, eleita exclusivamente por produtores associados; na verdade, já vem de propostas de conselhos operários da revolução na Hungria em 1956, e reaparece durante a Primavera de Praga, em 1968.

Como remarca Rene Zavaleta Mercado, em relação a ciclos de lutas radicais na América Latina, - tipo revolução

Mexicana, revolução Cubana e as experiências nos anos 70 na Bolívia, no Peru do gal. Alvarado, e da Unidade Popular no Chile de Salvador Allende -, a luta dos trabalhadores levou a formulação de Poder Dual Popular em que se destaca a questão da Propriedade Social através de um Setor auto gestor ou de Propriedade Social dos meios de produção. (ZAVALETA, 2013).

Por fim, o ponto sobre a economia no sistema socialista, Singer inicia com sua visão luxemburgista da “coexistência de diversos modos de produção no sistema capitalista”, entre outros, destaca o das Cooperativas Autogestionárias, que constituem um embrião ou implante socialista. Retoma uma das Oito Hipóteses. Nos países do “socialismo realmente existente” os outros modos de produção estavam proibidos.

E, para a experiência do Brasil, volta à defesa do princípio da “porta aberta”. Muitos trabalhadores ainda preferem ser assalariados. “Se no futuro o socialismo se tornar hegemônico, é possível e até provável que a maioria prefira integrar empresas socialistas”. Como já vimos, Singer deduz dessa questão, um profundo e imenso trabalho de formação e qualificação como base para o êxito da autogestão. Voltaremos a esta questão quando tratarmos do tema da Pedagogia da autogestão.

Singer afirma que é fundamental, para que as empresas sejam socialistas, que os trabalhadores se associem espontaneamente. “O que só será possível se houver empresas capitalistas, por conta própria, e outras oferecendo entradas alternativas na produção social” (SINGER, 2000).

As experiências em curso na Bolívia, Venezuela apresentam coisas semelhantes, disputa entre diversas formas de propriedade: privada, estatal, cooperativa, comunal, etc., em plena disputa de hegemonia com campo do mundo do trabalho, mas articuladas com os Governos progressistas.

Finaliza sua exposição: “a economia socialista provavelmente sofrerá (por quanto tempo ninguém sabe) a

concorrência de outros modos de produção” (p.48) O debatedor de Singer, João Machado, comenta destacando três questões:

Machado inicia sua intervenção destacando que “Paul Singer, que na minha opinião, dentro do PT e no âmbito dos movimentos mais amplo que ainda tem uma referência ao socialismo no Brasil, tem sido nos últimos anos quem mais tem se empenhado para renovar essa discussão, para manter a questão do socialismo sempre atual” (MACHADO, 2000, p.51) Ressalta que Singer “tinha posto mais ênfase na crítica ao modelo de socialismo do tipo que tinha existido na União Soviética do em pensar como desenvolver formas de socialismo auto gestor. E que me parecia que esta era a parte mais interessante” (p.52)

Em seguida, Machado aponta três questionamentos à fala de Singer:

1) “Acho que é um erro identificar qualquer planejamento centralizado com o planejamento total das decisões da economia, e, em consequência, com um planejamento totalitário” (MACHADO, 2000, p.53);

2) Na questão de como ‘lutar pelo socialismo’, Paul Singer insistiu muito na afirmação de que o mercado deve ser instituição permanente no socialismo” (p.54);

3) Sobre os “implantes socialistas econômicos”: “Antes de mais nada acho que a expressão ‘implante socialista’ é boa, e que é útil dar este nome a formas de organização e a instituições que se orientam para a satisfação de necessidades sociais e se contrapõem à lógica do mercado capitalista. Por outro lado, ao mesmo tempo acho é eixos de nossa estratégia, acredito que ‘implantes’ têm uma fragilidade básica: seu caráter estará sempre em risco enquanto estiverem no interior do capitalismo. Estão permanentemente sujeitos à descaracterização” (MACHADO, 2000, p.57).

Machado levanta uma Hipótese: “É que a coisa mais efetiva que pode acontecer, para dar mais força a essas experiências desse tipo, para que tenham mais chances de

sobreviver como formas de organização com caráter socialista, com caráter solidário, para que contribuam para a superação do capitalismo, é **a existência de um movimento político-cultural socialista amplo, que lhe sirva de referência, e no qual se integrem**” (MACHADO, 2000, p.59. Grifos nossos). No item sobre as lutas, Machado assinala três formas:

“Creio que podemos falar de três tipos de lutas que podem ser desenvolvidas hoje, ou seja, **ainda dentro do capitalismo, e que podem reforçar ‘implantes socialistas’ e colocar a luta pelo socialismo em um patamar superior**” (MACHADO, 2000, grifos nossos).

O primeiro é o que discuti um pouco, a luta pelo desenvolvimento de formas de “economia solidária”;

O segundo tipo mencionado também por Paul Singer na sua exposição, sem desenvolvê-lo muito. É a luta por mudanças na relação capital-trabalho nas próprias empresas capitalistas, no sentido de ampliar os direitos dos trabalhadores e de questionar o exagero de “direitos” que a propriedade confere ao capitalista;

O terceiro tipo são lutas para mudar o caráter do Estado, para democratiza-lo e criar cada vez mais formas de participação popular e de controle social sobre seu funcionamento. O Orçamento Participativo é até agora o melhor exemplo de um ‘implante socialista’ deste tipo”;

Na sua conclusão, sobre as vantagens da estratégia de construir os ‘implantes socialistas’ dentro do capitalismo, e a proposta de construir de baixo para cima um movimento pelo socialismo, Machado afirma que “torna possível, se chegarmos a governos municipais, estaduais, ou ao governo nacional, defendermos e implementarmos desde o início medidas pensadas como já tendo um caráter socialista” (MACHADO, 2000, p.62). Por último, declara bastante curiosa a ideia de Singer de “defesa de um parlamento econômico”. Ressalta sua divergência com Singer: “acho que ele termina atribuindo ao mercado um papel que certamente não pode cumprir” (MACHADO, 2000, p.63-64).

1.2.8 Utopia militante

Na Introdução, Singer põe o desafio:

Este livro surgiu da preocupação de reconceituar a revolução social socialista e de reavaliar suas perspectivas e possibilidades, face às vicissitudes do capitalismo e do movimento operário nos anos finais do século e do milênio (SINGER, 2000a).

E retoma sua permanente crítica ao “socialismo realmente existente”: “A preocupação se origina do fracasso histórico da tentativa de alcançar – ou construir - o socialismo através da estatização dos meios de produção e da instituição do planejamento centralizado da economia.

Voltando a uma de suas Oito hipóteses: “A experiência fracassada revitalizou a hipótese de que o socialismo, enquanto modo de produção, teria de ser desenvolvido ainda sob hegemonia do capitalismo”. E define sua ideia luxemburgista do socialismo:

Como um modo de produção subordinado, integrando a formação social capitalista (o esquema conceitual a respeito das formações sociais como complexos articulados de modos de produção, dos quais um é hegemônico e por isso determina o caráter da formação social” (SINGER, 2000a, p.9)

E, como conteúdo do socialismo: “A essência do socialismo, enquanto modo de produção, **é a organização democrática de produção e consumo**, em que produtores e consumidores livremente associados...” (SINGER, 2000a, p.9. Grifos nossos).

Mais outra hipótese: “Evidentemente, a transferência do controle dos meios de produção aos trabalhadores, para ser autêntico, não pode ser decretado de cima para baixo, mas tem de ser conquistado de baixo para cima, dentro do capitalismo” (SINGER, 2000a, p.11);

E, mais outra hipótese: “E esta conquista não pode deixar de **levar muito tempo, pois implica em verdadeira revolução cultural** protagonizada pelos trabalhadores... É por isso que se tornou necessário separar o conceito de **revolução social** do de “revolução política” (SINGER, 2000, p. 11. Grifos nossos).

Põe mais uma vez como um erro, a tática de que a revolução social socialista seria realizada via uma única revolução política, o socialismo começaria com a ‘tomada do poder’.E, fecha a Introdução, com um tipo de “aposta pascalina” (Michael Lowy):

Como estamos longe de ter no mundo formações sociais em que o modo de produção socialista seja hegemônico, a implantação de cooperativas e outras instituições de cunho socialista é **um processo que poderá ou não desembocar numa revolução social socialista**. Trata-se, portanto, de uma **revolução social em potencial**, cuja culminação ou ‘vitória’ é uma possibilidade futura. “Na linha de Ernst Bloch, uma Utopia Concreta em um mundo gravido de possibilidades/esperanças! São os ‘implantes socialistas (SINGER, 2000a, p.12. Grifos nossos).

Em seguida, as partes I, II e II do livro retomam questões que Singer já abordou nas obras anteriores. Para nosso objetivo, vamos direto a parte IV. Singer afirma, na Introdução, que esta parte IV “forma um ensaio escrito depois e independentemente das três anteriores”. A parte IV intitula-se “revoluções e contrarrevoluções: a saga do capitalismo contemporâneo”.

Na parte IV, Singer trata do tema “Formação social, modos de produção, infra é superestrutura”. Por aqui percebemos a importância de sua ideia, extraída de Rosa Luxemburgo no livro “Acumulação de Capital”: capitalismo é simultaneamente um modo de produção e uma formação social. Esta contém vários modos de produção, sendo que o capitalista é o maior e o hegemônico (SINGER, 2000, p.137).

E Singer volta a enumerar alguns; “a produção simples de mercadorias; a produção pública; a produção doméstica; a produção cooperativa. Os modos de produção funcionam, lado a lado, intercambiando produtos e competindo entre si” (SINGER, 2000, p. 137) Esta é sua tese principal, a base de seu arcabouço teórico, não é apenas mais uma Hipótese! Portanto, temos uma tese e oito hipóteses!

Por sua vez, “os modos de produção em conjunto formam a infraestrutura econômica da formação social-capitalista. As relações sociais que se estabelecem entre os produtores e consumidores, inseridos nos diversos modos de produção, são regulados por normas, leis e valores derivados de estruturas legais, políticas e culturais que formam a superestrutura”. (SINGER, 2000, p.139).

E que “A infraestrutura é basicamente movida pela dinâmica do capital e é possível dizer que a superestrutura recebe os impactos das revoluções tecnológicas e seus resultados, que atingem de modo diferente cada classe social e suas várias frações” (SINGER, 2000, p.140).

Singer analisa o desenvolvimento do capitalismo até a época recente neoliberal. No final do livro fala do “ressurgir do cooperativismo e do que genericamente se chama ‘economia solidária’ como resposta à crescente exclusão social produzida pelo neoliberalismo. E, uma advertência: estas formas reativas, abandonadas a si, tendem a ficar marginalizadas, por terem pouca significação social e pequeno peso econômico”. E, assinala um dilema histórico: “ou a liberdade do capital destrói a democracia ou esta penetra nas empresas e destrói a liberdade do capital” (SINGER, 2000a, p.182)

1.2.9 Introdução à economia solidária

Nesta obra Singer singulariza sua visão de socialismo/autogestão em termos da economia solidária. Apresenta os fundamentos, a história, um panorama e no último capítulo, “Presente e futuro”. Nos capítulos anteriores retoma as questões que desenvolveu nas obras anteriores. No

capítulo final, trata da ‘reinvenção da economia solidária no final do século XX.

A essa reinvenção chama de “novo cooperativismo”: “O que distingue este ‘novo cooperativismo’ é a volta aos princípios, o grande valor atribuído à democracia e à igualdade dentro dos empreendimentos, a insistência na autogestão e o repúdio ao assalariamento” (SINGER, 2002, p.111). Esta mudança busca responder a dois aspectos da crise dos movimentos políticos de esquerda.

A primeira, foi a crise dos Estados do “socialismo realmente existente” da Europa oriental, que estourou em 1985 com a Perestroika e a Glasnot na URSS e culminou com o fim da URSS em 1991. A própria Iugoslávia teve o mesmo destino.

Outra transformação estrutural foi o semifracasso dos governos e partidos da socialdemocracia na Europa e também na América Latina.

As duas transformações subverteram a concepção (até então amplamente dominante) de que o caminho da emancipação passa necessariamente pela tomada do poder de Estado. O foco dos movimentos emancipatórios voltou-se então cada vez mais para a sociedade civil”. Aponta a questão do ‘resgate da dignidade humana de grupos oprimidos e discriminados **de que o zapatismo mexicano talvez seja o paradigma** e a **promoção de comunidades** renovam suas tradições culturais”. E, arremata: É neste contexto que se verifica a reinvenção da economia solidária. (SINGER, 2002, p.112. Grifos nossos).

Aqui, vimos que Singer aponta novos paradigmas, tipo o neozapatismo que ressurgiu com a revolta de Chiapas em janeiro 1994, e as Comunidades tradicionais. É uma questão que não pode desenvolver posteriormente. Mas, que está intrinsecamente relacionada à ideia de Rosa sobre a coexistência dos modos de produção, o pré-capitalista, as

comunidades ancestrais, as comunas.

Afirmando que a economia solidária depende de apoio do Estado e do fundo público, Singer enfatiza alguns princípios para estas comunidades: para “construir uma economia solidária depende primordialmente ela mesma, de sua disposição de aprender e experimentar, de sua adesão aos princípios da solidariedade, da igualdade e da democracia e de sua disposição de seguir estes princípios na vida cotidiana etc.” (SINGER, 2002, p.112). Vemos mais uma vez a ideia de que a economia solidária é um “ato pedagógico” quando fala em “Experimentar e aprender!”

Sobre as perspectivas da economia solidária, Singer traça alguns pontos: “A reinvenção é tão recente que se torna arriscado projetar a sua tendência de crescimento acelerado para o futuro” (SINGER, 2002). Pergunta-se sobre o futuro do trabalho para próximas décadas, com muito desemprego na periferia do sistema. Quais as consequências?

Aponta duas vias:

1 - “Isto significa que se a economia solidária for apenas uma resposta às contradições do capitalismo no campo econômico seu crescimento poderá se desacelerar no futuro e, pior, ela não passará de uma forma complementar da economia capitalista” (SINGER, 2002b, p.114)

2 - “Há, no entanto, uma outra alternativa. A economia solidária é ou poderá ser mais do que mera resposta...Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: uma alternativa superior ao capitalismo” (SINGER, 2002).

Para Singer, os “socialistas utópicos” conceberam a economia solidária como “uma nova sociedade que unisse a forma industrial de produção com a organização comunitária da vida social” (SINGER, 2002, p.115). E volta a falar de Owen. Passa então a abordagem do tema do “Modo de Produção Intersticial”. Fornece outra vez o exemplo de crescimento de Mondragon.

Era o início da Ecosol, com poucas experiências no campo das Moedas Solidárias. Singer faz uma crítica a ideia

de “consumo solidário”, pelo risco de levar ao “isolamento”. E, a ideia de E. Mance de “redes solidárias com base em cadeias produtivas”. O risco estaria que o “consumo solidário” pode ser limitado “a consumidores solidários ricos e caridosos”, porque “protegeria pequenas unidades solidárias de produção”. Esse tema foi superado com as experiências de redes.

Para Singer, a economia solidária só se tornará uma alternativa superior ao capitalismo quando ela puder oferecer a parcelas crescentes de toda a população oportunidades de auto sustento, usufruindo o mesmo bem-estar que o emprego assalariado proporciona” (SINFER, 2002, p. 120-121). Finaliza seu livro por uma aposta no êxito de experiências “como a da região de Catende, no sul da zona da mata pernambucana se encontra em autogestão desde 1995”.

Escrevendo em 2002, um ano antes de assumir a SENAES, Singer diz que “No Brasil, a reinvenção da economia solidária é recente, mas apresenta grande vigor e notável criatividade institucional” (SINGER, 2002, p.121).

Gostaria de ressaltar, talvez a única tentativa, de sistematizar as ideias de Singer sobre o socialismo/autogestão. Trata-se da “síntese da tese de doutorado”, de Pedro Claudio Cunca Bocayuva: “As metamorfoses do trabalho e da cooperação produtiva: a economia popular e solidária na perspectiva da nova centralidade do trabalho” (BOCAYUVA, 2007). No capítulo três, “Economia Solidária: uma transição socioeconômica socialista”, Conca analisa a obra de Singer “Utopia Militante”. Tentemos uma síntese das ideias desenvolvidas por Bocayuva.

Na visão de Singer ‘a revolução industrial só poderia ter nascido em atividades que por serem novas, marginais, pouco importantes não estavam dominadas pelos interesses estabelecidos. É isso o que quer dizer a tese de que o capitalismo se desenvolveu nos interstícios do velho sistema”. Assim, “A teoria sobre a transição dos modos de

produção é tributária desta análise da gênese do capitalismo(...).Tal perspectiva, como ponto de partida da análise, permite ressignificar a questão da emancipação e centralidade do trabalho, na reflexão sobre caminhos para o modo de produção do trabalho associado (SINGER, 2002, p.88).

Os conflitos no mundo do trabalho, surgidos dentro da crise e reestruturação do capitalismo nos anos 70, permitem uma nova possibilidade de transição. “Cabe-nos detectar os elementos que possam se converter em fator geral de uma nova transição no modo de produção. O que, por sua vez, está no coração do projeto da economia solidária, particularmente quando formulado a partir do desenvolvimento da noção de revolução social socialista” (SINGER, 2002, p.89).

Para Pedro Cunca Bocaiuva (2007), “A revolução social socialista é uma definição lapidada por Paul Singer para produzir uma síntese e um resgate daquele processo sob a ótica da economia solidária” (...). Assim, a teoria da transição socialista pela via da economia solidária visa potencializar a reflexão e a prática para uma ruptura sustentada de longo prazo, que assuma a feição de uma revolução diretamente social para um modo de produção baseado na cooperação e autogestão do trabalho vivo associado”, conclui Bocaiuva (2007, p.89-90).

Cunca Bocayuva mostra como Singer, analisando no período histórico das lutas dos trabalhadores, entre 1780-1880, destaca uma das formas: o desenvolvimento de formas de organização autônoma de caráter anticapitalista, como o sindicalismo e o cooperativismo (p.90). Nesse sentido, “ Os experimentos de Owen foram a primeira manifestação da ideia do comunismo como “socialização da riqueza por formas de autogoverno dos trabalhadores, abolição da propriedade privada e a substituição da moeda por um bônus de trabalho” (BOCAYUVA, 2007, p.91).

Cunca Bocayuva, na parte principal do capítulo, aborda as três dimensões da revolução social socialista.

Singer, parte da análise das experiências anticapitalistas da Europa; no caso da Inglaterra o projeto alternativo de sociedade está baseado na “aldeia cooperativa”, na luta pela democracia e na criação de sindicatos e cooperativas. Portanto, prossegue Cunca Bocaiuva: A construção da economia solidária se sustenta, portanto, em três dimensões:

1) os implantes de autonomia dos trabalhadores com suas organizações, que operam no espaço sócio produtivo vigente;

2) a organização política e a participação no processo democrático de construção de direitos econômicos, sociais e culturais;

3) a formulação de um projeto tendente a uma sociedade de produtores associados (BOCAIUVA, 2007, p.96).

Nessa estratégia, prevendo os limites e entraves dos “implantes socialistas”, Cunca põe que “Se, no longo prazo, colocamos a economia solidária como instrumento necessário da revolução social socialista tendo em vista a centralidade ontológica da questão sócio-produtiva, a ação anticapitalista da classe trabalhadora deve evitar o economicismo e o estatismo e colocar o acento na radicalidade democrática como motor da transformação social” (BOCAYUVA, 2007, p.97-98).

Nesse sentido, a revolução social socialista tem por base, três dimensões: Estado e democracia; autonomia organizativa dos trabalhadores; e, projeto de sociedade igualitária. A revolução social socialista se constrói pela democratização, através de “impulsos criativos de autogestão e emancipação do trabalho pela cooperação” (BOCAYUYVA, 2007, p. 100).

Cunca Bcauyuva aborda outro tema muito importante nas ideias de Singer, a saber: “A reforma intelectual e moral necessária para realizar o processo de socialização se ambienta na combinação dialética entre os implantes socialistas e a sustentação dos valores da democracia, do

cooperativismo e da autogestão” (Idem).

Essa possibilidade de transformação social, “exige a experimentação prática coletiva com a afirmação de um terreno sólido para o socialismo” (Idem). Assinalando que para Singer a “revolução social socialista é um processo em curso há mais de dois séculos (...) diz que os ‘implantes socialistas no capitalismo resultam de algo como um processo de tentativas e erros (...) são o resultado de um amplo processo de lutas em que se atravessam as estratégias de reforma e revolução...” (BOCAYUVA, 2007, p.101).

1.3 Período da SENAES (2003 – 2016):

Três ensaios são fundamentais para este novo período da obra de Paul Singer:

1. É possível levar desenvolvimento a comunidades pobres, 2004;
2. Um novo projeto para o Brasil, 2004;
3. A construção da Ecosol como alternativa ao capitalismo, 2013.

Vamos pôr em primeiro lugar um Projeto mais geral, o ensaio sobre “A economia solidária como alternativa ao capitalismo”, escrito em 2013. Ele traça uma visão de conjunto das ideias de Singer. Possivelmente o último ensaio que escreveu sobre o socialismo/autogestão. Em seguida, um Projeto mais particular, o ensaio “Um novo Projeto para o Brasil” 2003/2004, pois aponta uma proposta de perspectiva de sociedade, e inclui a economia solidária como alternativa. Por fim, um Projeto mais singular, o ensaio do campo de Políticas Públicas, “É possível levar o desenvolvimento a comunidades pobres?”, datado de 2004.

1.3.1 Um Novo Projeto para o Brasil (2004)

O golpe de 2016 teve por centro o desmonte dos direitos inclusos na Constituição de 1988, que foi resultado de um ciclo de avanços das lutas sociais, um ciclo de fluxo.

Vários Direitos foram contemplados na nova Constituição. Todavia, no campo econômico, nenhum direito em relação à cogestão, autogestão, propriedade social, que seriam fundamentais para a economia solidária. Os movimentos sociais, sobretudo, o operário sindical não teve forças para incluí-los.

O ensaio de Singer é sobre “Um novo projeto para o Brasil”, e começa exatamente pela pelo processo de democratização que nos levou a Constituição de 1988. Assinala um ciclo de refluxo de caráter autoritário “que eliminou as instituições democráticas durante os 10 anos (1968-1978) mais repressivos do regime militar”.

O ciclo de fluxo das diversas lutas sociais, nos 10 anos seguintes (1978-1988), foi marcado por práticas de caráter auto gestor, tipo comissões de fábrica, greves com ocupação, orçamento participativo, etc.

1.3.2 Singer: Um Novo Projeto para o Brasil

A partir das ações da SENAES e do Governo, Singer vai traçando os diversos pontos de um “Novo Projeto”. Ele ressalta o “Orçamento Participativo”, como a maior conquista, praticado em inúmeros municípios e estados. “É uma prática que já se estende por quase uma década e meia...Combina de formas engenhosas (plurais, pois cada prefeitura inventa sua metodologia) a representação indireta parlamentar com a direta, exercida por delegados escolhidos por comunidades locais e movimentos setoriais”.

Destaca neste processo:

A participação popular... A massa dos cidadãos se educa politicamente ao tomar conhecimento da população e dos escassos recursos disponíveis para atendê-las. O orçamento participativo, assim como outras formas de participação cidadã, fortalece a democracia ao educar a população para se organizar e intervir coletivamente no processo político (SINGER, s/d).

No campo da Justiça Social, a ação multiforme de diversas organizações e grupos: reforma agrária e redenção da agricultura familiar e ecológica; recuperação do extrativismo mineral, vegetal e animal mediante regulamentos públicos que preservam os recursos naturais das atividades predatórias; apoio a incubação de cooperativas operárias que assumem as massas falidas das empresas em que trabalhavam e as reabilitam mediante a prática consistente da autogestão.

Ressalta a “mobilização das Comunidades”, com destaque para a “Campanha FOME ZERO”. Um dos caminhos mais fecundos para conquistar mais justiça social é a ação da Igreja junto a Comunidades pobres, para que se auto-organizem tendo em vista gerar trabalho e renda. São exemplos os acampamentos dos Sem-Terra e as ocupações de terras improdutivas...assim como a ocupação em nossas cidades, de prédios vazios por movimentos dos Sem-Teto; destaca a coleta seletiva de lixo por cooperativas.

No campo das finanças solidárias, Singer aponta o projeto “Banco Palmas”, inventado e desenvolvido pelas Comunidades pobres em Fortaleza, demonstra como a auto-organização comunitária (inspirada nas Comunidades de Base) combate à pobreza; o “Banco Palmas” combina de forma original o microcrédito com o clube de trocas. Foi criada uma ‘Incubadora’ para acompanhar cooperativas formadas pela Comunidade.

A “Campanha da Fome Zero” combina a distribuição de dinheiro para aquisição de alimentos com ações emancipatórias, qualificação profissional dos beneficiários e apoio à formação de associações produtivas e cooperativas.

Conclui seu Projeto: “Em suma, as opções pela democracia, pela justiça social, pelo desenvolvimento pleno e pela inserção autônoma na economia global se combinam num novo projeto para o Brasil, que tem lógica. A democracia participativa é essencial para a luta pela justiça social”.

2- É possível levar o Desenvolvimento às Comunidades pobres?

No segundo ensaio, Singer avança a ideia de ação nas Comunidades pobres. Em “É possível levar o desenvolvimento a Comunidades pobres?”, aborda as Comunidades pobres no capitalismo do século XXI. Retoma um tema que foi constante na ação da SENAES, desenvolvimento solidário (em alternativa ao desenvolvimento capitalista). Por exemplo, a publicação “Ensaio” (Almedina,2018) traz um longo texto de Singer, contrapondo as duas formas de desenvolvimento” no qual analisa a experiência dos “Distritos Industriais”, equivalente a uma grande empresa em rede”, da chamada Terza Itália retoma a experiência de Mondragon (Almedina.p.85/103). Singer define algumas linhas:

O desenvolvimento é o da comunidade como um todo, não de alguns de seus membros apenas. Os grandes meios de produção – silos ou armazéns, frotas de veículos, edificações e equipamentos para processamento industrial, redes de distribuição de energia, etc. – têm de ser coletivos”. “Os novos ramos produtivos têm que permitir que todos participem, enquanto produtores e enquanto gestores do processo produtivo”. “O desenvolvimento solidário tem de ser financiado com juros generosamente subsidiados e longos períodos de carência; o custo de assistência ao crédito tem de ser coberto por recursos públicos, a fundo perdido” (SINGER, 2018).

Em sua dinâmica, “O desenvolvimento exige que a comunidade encontre (com a assistência dos agentes de desenvolvimento) uma brecha de mercado, que permita que seus membros produzam algo que lhes proporcione ‘boa remuneração’”.

1.3.3 Educação, território e comunidade (O. Fals Borda)

Antes de avançarmos com as idéias de Singer, vejamos alguns elementos da obra de Orlando Fals Borda no que diz respeito à educação e Comunidades, porque tem grandes afinidades com a ideia de Singer sobre os “Agentes de desenvolvimento”, que trataremos logo a seguir.

Borda desenvolveu uma teoria ontológica e epistemológica da **comunidade como objeto de saber e práxis**; desde o final dos anos 50, ele teve como ação o espaço comunitário. Traz uma característica importante, sua obra é elaborada com apoio na pesquisa popular, pois foi o fundador da “Investigação Ação-Participativa”. De certa forma, elaborou uma ideia de agentes de desenvolvimento comunal/solidário, e nesse ponto, suas ideias portam afinidades com as de Singer sobre o papel dos agentes de desenvolvimento solidário.

Borda trata do “comum da vida humana”, tema muito próximo as ideias de Bartra, Zavaleta e Echeverria, ou seja, o valor de uso na vida humana. Sua ontologia humana, caracteriza o ser humano como “natural e necessariamente gregário”, tomando-a como princípio em seus trabalhos teóricos e práticos com as comunidades, sobretudo, rurais, oprimidas, silenciadas e exploradas. Na verdade, é o núcleo central de sua obra.

Fals Borda realizou diversas pesquisas empíricas; são exemplos, suas obras “Campesinos em los Andes” (1961) e “El Hombre y la tierra em Boyáca” (1957). Em 1957 fundou uma primeira Junta Comunal e uma Escola Comunal. Seu trabalho foi exposto no texto “Ação comunal em uma vereda colombiana” (1961). Como consultor da OEA, entre 1959 e 1961 foi designado para o Ministério Agricultura do Brasil.

Onde pensava em realizar reforma agrária por via do Estado, através de cooperativas agrícolas como meio para autonomia das comunidades camponesas e indígenas e uma mudança cultural da propriedade comunal.

Já em sua Tese doutoral “El hombre y la tierra em Boyacá” (1957), pode-se ver uma ontologia do ser humano em

geral e de como configurar a comunidade. Esta sempre tem sua origem nas relações entre o Homem e a Terra. A vida em Comum, só pode existir em um território compartilhado. A civilização foi produto da vida em Aldeias comunais.

Enfim, a Forma Comunidade, a reprodução social-natural, a Comunidade viva e concreta. Seu objetivo foi de fortalecer a vida em comum e o espírito comunal.

1.3.4 Ação comunal nos territórios

Deste modo, a Ação Comunal pode se dar tanto na Comunidade com intervenção externa, via Estado, tipo políticas públicas, ou em Comunidade tradicional autogerida, articulada com movimentos sociais para se defender. Em Borda há a combinação de uma visão nostálgica e tradicional com uma visão progressista e moderna, em que a Comunidade é elemento revolucionário sócio-político.

Para Borda, a ação comunal opera em três grupos “ecológicos locais”, a Comunidade, é o grupo ecológico maior; a Vizinhança e a família, todos com base territorial. Assim, a Comunidade é um conjunto de vizinhos que interagem e com laços de coesão; A vizinhança é um conjunto de diversas famílias distribuídas em um certo espaço e a família é o menor grupo ecológico humano ou sociedade.

Este sistema ecológico está assentado em formas de povoar, ter e usar a terra. A Comunidade para se desenvolver requer uma “consciência de grupo”, uma “identidade de propósitos” e, um alto nível de coesão comunal. Um consenso do que é o bem comum coletivo, uma ‘identidade de grupo, entusiasmo pelos objetivos comuns, pela ajuda mútua, uma consciência de comunidade, um eu coletivo, uma identidade espacial e um espírito comunal.

São os elementos psicológicos que além do território mantêm e perpetuam a comunidade, um componente imaginário e outro organizativo. A imaginação traz o passado ao presente um passado compartilhado para construir uma história, consciência, identidade e memória coletiva, já a

organização permite decidir a união com o fim de viver o presente em torno a um projeto grupal. A memória social é instituída e permite reforçar o espírito comunal. A Comunidade é tanto territorial quanto imaginada e organizada.

Em “Conocimiento y Poder popular” (1985), Borda nos dá uma bela definição desse sistema ecológico:

Os processos culturais do magma do povo, como sujeito ativo, permitem recolher o conhecimento popular nesse amplo recipiente onde se ‘cozinham’ e refundem os incríveis recursos de resistência que caracterizam as lutas dos três países. Os sentimentos, a imaginação, e o sentido de humor lúdico constituem fontes inesgotáveis da resistente personalidade da gente comum. Estes três elementos têm uma base comum que não é possível desprezar para fins de mobilização e criação do poder popular em nossos países: as crenças religiosas (BORDA, 1985, p.108).

Na Comunidade, os imaginários se manifestam e materializam em atividades econômicas que permitem satisfazer as necessidades das comunidades e em práticas. Em relação ao papel do Estado em relação às comunidades, além da necessidade de articulação, cooperação e interação, Borda abordou a possibilidade de “uma política de desestatização paulatina (diminuição do papel do Estado) à medida que os órgãos de massa se tornam sujeitos ativos do processo de transformação social” (BORDA, 1985, p. 77).

Seria, então, um Estado que nessa relação com a Comunidade favorece o surgimento de uma democracia direta autogestionária (grifos nossos). E, a Comunidade organizada nesse sentido, geraria suas próprias ferramentas para assumir seu próprio Poder popular, gerar contrapoder político.

O papel dos agentes externos na autonomia da comunidade pode ser de intelectuais orgânicos, agentes

estatais, ativistas comprometidos com as necessidades comunitárias. Combinar a teoria com a prática e a sabedoria que vêm das várias fontes, uma aliança ideológica de compromisso mútuo entre a população local e os agentes externos.

Em suma, a Comunidade só existe em um território, com imaginários coletivos e um projeto comum. Na ontologia de Borda, o trabalho é a atividade pela qual a comunidade se relaciona com a Terra e entre si mesma. Como atividade geradora de sentido, o trabalho é central na instituição da cultura, os modos de vida, organização do tempo comunitário e de expressão dos imaginários sociais. Percebe-se uma visão teleológica das práxis comunitárias, que implica a busca do Comum. Desse modo, a práxis comunitária, que inclui o trabalho e o projeto comunitário, reconstrói dia a dia o mundo da comunidade.

Voltemos a Singer e a sua ideia central: “os agentes de desenvolvimento”:

O processo de desenvolvimento requer um relacionamento simbiótico entre comunidade os profissionais que estamos denominando ‘agentes de desenvolvimento’. Estes representam bancos públicos, serviços públicos (como Sebrae ou Sescop), agências de fomento da economia solidária, ligadas a Igreja, sindicatos ou universidades ou então movimentos sociais.

A missão inicial dos agentes é levar à comunidade a consciência de que o desenvolvimento é possível pelo esforço conjunto da comunidade, amparado por crédito assistido e acompanhamento sistemático (incubação) (p.210-211).

Define a pedagogia em questão:

Esta consciência é levada então ao conjunto da comunidade, o que deve desencadear um processo educativo ou de educação política, econômica e financeira de todos os membros. Trata-se de capacitação adquirida no enfrentamento dos problemas reais, à medida que eles vão se colocando (p.211).

Sobre os Coletivos Populares:

No decorrer do processo, instituições vão surgindo por meio das quais a comunidade se organiza para promover o seu desenvolvimento: assembleias de cidadãos, comissões para diferentes tarefas, empresas individuais, familiares, cooperativas e associações de diferentes naturezas. O poder público local poderá se associar ao processo e se fazer representar, quando necessário, em comitês mistos públicos-privados (idem).

Sobre a troca de saberes:

O relacionamento entre a comunidade e os agentes deve se tornar crescentemente igualitário, mediante a contínua troca de saberes. Nesta troca, os membros da comunidade recebem ensinamentos e os oferecem aos agentes, num processo de educação política mútua (idem).

Estes agentes serão educados para estas tarefas.

O ideal é que a preparação se faça em equipe...também aqui a pedagogia da capacitação será possivelmente a mais adequada: treinamento teórico entremeado por idas à comunidade, onde a luta com os problemas reais levantará novos temas a serem destrinchados depois, no estudo teórico (idem)

Sobre as estruturas de formação:

Conviria criar um centro nacional de preparação de agente de desenvolvimento, em que os conhecimentos gerados pelas experiências de desenvolvimento comunitário, nas diversas regiões do país, possam ser reunidos e sistematizados (p.211-212)

Os métodos de promoção não podem ter a pretensão de oferecer um caminho único ou a “melhor prática”, pois cada comunidade é única em suas potencialidades.

Sobre a coordenação comunitária em REDES/Cadeias:

O pequeno tamanho da comunidade pobre e o seu relativo isolamento fragilizam suas possibilidades de se desenvolver por meio próprio (com apoio público). Um Centro nacional de preparação de agentes de desenvolvimento poderia promover entrosamento das comunidades...uma federação de comunidades com a mesma especialização, seja ela agricultura, artesanato, turismo ou o que for, configura o que hoje se conhece como arranjo produtivo local (...). O centro nacional poderia colocar as comunidades, com possibilidades de se federar, em contato e os agentes de desenvolvimento as assistiriam na construção de APLs (p.212)

Para Singer, a Internet facilitaria a articulação de comunidades com proximidade geográfica.

“Comunidades com especializações complementares – tecidos, confecções, produtora de rações e criadoras de animais etc.- teriam boas razões para se federar...O Centro nacional de preparação poderia criar espaço de negociação” (p.212). Singer avança para ideia de criar uma Sinergia que articule as atividades da União/Governo federal, em um único centro, com diversos Ministérios. Garantindo a autonomia das comunidades, em nível municipal e estadual, seria iniciativa do poder local. Um Grupo de Trabalho Interministerial seria responsável do apoio federal sistematizado e coordenado.

Aqui Singer encerra seu ensaio. A passagem desta proposta à Política Pública de educação da economia solidária se materializou na fundação da REDE CFES E no campo interministerial foi tentada com a ideia do então ministro Gushiken de criar um campo de sinergia articulando todos os agentes de políticas públicas, na Saúde, na educação, na Economia solidária etc.

Gushiken expôs esta ideia na publicação “Brasil em três tempos”, que pensava um projeto de longo prazo, até o

ano de 2022 (bicentenário da Independência). Na SENAES o Programa de Desenvolvimento Local, com base em agentes, foi uma experiência nesse sentido, e depois o Projeto “Brasil Local”.

Podemos apontar que as ações do GRUPO TALHER, ligadas ao Programa “FOME ZERO” em seu início, portavam estas potencialidades, com construção de Comitês Populares nos Municípios mais pobres, para o controle social e popular dos recursos do programa. Nesse sentido, Talher e SENAES se articularam para o processo educativo dos Comitês nestes municípios.

O programa sobre Rede de “Empresas recuperadas” tinha o mesmo sentido. Programa coordenado por Dione Manetti e Jorge Nascimento, que traziam a experiência realizada na SEDAI, no Governo Olívio Dutra entre 1998 e 2002. Uma ação foi fundamental nesse sentido: o 1º Seminário nacional de Autogestão, realizado em dezembro 2003 em Joinville, em parceria com o MST, a ADS-CUT e ANTEAG, e como forma de apoio à CIPLA, empresa sob ocupação dos metalúrgicos.

Os Programas de REDES Solidárias, primeiro com o Instituto Paulo Freire, com base em um Planseq (2006), depois as duas experiências com a ADS-CUT (2014-2016), foram pequenos exemplos.

Na verdade, significaram pálidas tentativas, pois precisariam de outro tipo de apoio de governo, e de sustentação do movimento social. A Ecosol, para avançar na perspectiva traçada por Singer em suas obras, ou seja, de ‘uma alternativa ao capitalismo’ no sentido socialista, demanda um forte movimento de base, e apoio e sensibilidade de um governo democrático.

1.3.5 Economia solidária como alternativa ao capitalismo (2013)

É um longo ensaio de quase 20 páginas. Foi reproduzido no livro “Ensaio” (Almedina.2018), e já tinha sido publicado no livro organizado por J.L. Coraggio,

“Economia social y solidária en Movimiento” (Buenos Aires.2016), desta vez, com assinatura de Singer e Valmor Schiochet, e, por último publicado na França, na obra coordenada por Coraggio/Laville, entre outros, “Movimientos sociaux et économie solidaire”, 2017. Mas, com o título de “Èconomie solidaire et Parti des Travailleurs au Brésil”, reduzido a cerca de 10 páginas.

Neste ensaio, Singer retoma as questões já abordadas nas obras citadas anteriormente, ou seja, as origens do socialismo, Marx, a Comuna de Paris, o cooperativismo, a experiência da Iugoslávia, as várias lutas no ano de 1968, o socialismo real, uma parte mais ampla sobre “a repercussão da revolução do Solidarnosc no Brasil”, e, na parte final, aborda o “socialismo petista”. Vamos concentrar nossa atenção neste último ponto.

1.3.6. O Socialismo Petista

Singer inicia sua análise caracterizando o momento da fundação do PT:

A fundação do PT no Brasil, em 1980, vai contra a corrente do colapso perante o neoliberalismo da esquerda democrática na União Europeia, nos EUA e em países da América do Sul, ao levantar a bandeira da luta por um socialismo humano e absolutamente democrático”. E recorre à Lula da primeira Convenção nacional de 1981: “O socialismo que nós queremos irá se definindo nas lutas do dia-a-dia, do mesmo modo como estamos construindo o PT. Ele terá de ser a emancipação dos trabalhadores. E a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores (SINGER, 2018, p.142-143).

Singer aponta elementos do socialismo auto gestor. Ressalta o item 46 da resolução do 5º encontro nacional 1987:

A ausência da democracia, do direito à livre organização dos trabalhadores é contraditória com o socialismo pelo qual lutamos. Ainda mais quando sabemos, a partir de várias experiências históricas, que essa ausência foi alçada a quase que um princípio permanente, cujas consequências podem ser vistas hoje, num certo impasse que vivem vários países que fizeram a revolução e que está na base, por exemplo, da luta dos trabalhadores poloneses em torno da Solidariedade, que o PT tem apoiado (SINGER, 2018, p. 143).

E, acresce que: “Vale notar, que o apoio à luta do Solidariedade polônês implica, se não um compromisso ainda, numa inclinação do PT ao socialismo autogestionário reivindicado por aquele famoso sindicato” (SINGER, 2018, p. 143).

Em 1991, no 1º Congresso do PT aponta o item 100 da Resolução: “Para o PT, o socialismo deve ser também a socialização dos meios de governar, a descentralização do poder e, principalmente, o reconhecimento do direito à diversidade política, cultural, étnica, sexual e religiosa” (SINGER, 2018, p. 144.).

E sobre as formas de gestão da economia, “o PT entende que é preciso estimular o planejamento estratégico e democrático do desenvolvimento, diversificar as formas de propriedade, gestão e controle social, combinando diferentes formas de propriedade (coletiva, social, pública, particular, mistas) privilegiando as formas de propriedade de caráter social e estabelecendo limites à propriedade individual (...); diferentes formas de gestão econômica (autogestão, direção pessoal ou coletiva, mistas) e várias formas de controle social (sindical, popular, estatal (...)) fortalecer o controle da sociedade civil sobre o Estado também no terreno econômico, impulsionando a socialização e a democratização do Estado e o desenvolvimento das esferas públicas no âmbito da própria sociedade civil” (p.144).

Para Singer, o PT só assume a economia solidária no seu 1o Congresso em 1991, e, “na forma de uma cogitação teórica no quadro da discussão do socialismo petista”. Após a crise do “socialismo real”, em 2000, ocorre o debate no interior do PT sobre o socialismo. Singer nota que “Como seria de se esperar, o socialismo auto gestor, já então sendo identificado como a economia solidária, foi objeto de debate pelos dirigentes do partido”. (SINGER, 2018, p.147). Já falamos da apresentação de Singer nesse debate (livro “Socialismo petista” /2000).

Nas edições argentina e francesa, Singer finaliza com uma de suas ideias constantes sobre o socialismo:

“O PT não se bate por uma economia de cooperativas autogeridas como ‘alternativa econômica’ porque seu projeto para o Brasil se caracteriza fundamentalmente pelo direito à liberdade dos atores econômicos no contexto de uma democracia participativa” (SINGER, 2018, . p.362).

Esta ideia é um lemativ na obra de Singer. No ensaio publicado na coletânea da Almedina (2018), Singer reafirma:

Mas a construção de uma economia solidária, efetivamente democrática e igualitária, não pode ser imposta de cima para baixo. (...). O que significa que a economia solidária (que pode ser considerada a principal, mas não a única, face econômica do socialismo) só pode se desenvolver mediante sua própria prática, ou seja, pelo crescimento do número de pessoas que dela participam e da qualidade de seu desempenho na produção e na autogestão”. (SINGER, 2018, p.220).

E, aqui, como vimos antes, Singer fala de uma revolução cultural de um longo processo de aprendizado, de troca de saberes. O que nos remete ao tema da educação na economia solidária.

1.3.7. Educação e Economia Solidária /pedagogia da autogestão

Já na época do DROR, Singer desenvolveu atividades sistemáticas no campo da educação e formação política. O DROR em julho de 1950, realizou o I Congresso Educacional para ‘fixar o conteúdo o conteúdo da atividade educacional. “Um dos resultados deste Congresso foi o texto ‘Fundamentos de nossa educação’, aprovado com entusiasmo, cuja redação final fica a cargo da chave Paulo Singer” (PINSKY, 2000, p.79).

Singer (então Secretário do Movimento e uma das figuras – chave na elaboração da ação educativa drorista) coloca-se a favor do socialismo” (Idem. p.80). Singer recorda dessa ação educativa: (...) “Eu sei que inspirei para burro o Movimento na parte educacional(...).” “Eu me guiava muito pelas minhas leituras pessoais(...).” “Havia um traço socialista, necessário, e nesse a gente tinha toda a liberdade, então, nessa parte, a gente avançou muito” (Idem. p.146).

Singer se alimentava teoricamente do jornal “Folha Socialista” do PSB. “O pessoal me pedia para preparar material especialmente sobre marxismo, materialismo histórico, política internacional, noções de economia...essas coisas sobre o que eu lia mais...” (Idem)

No nosso ensaio sobre a “pedagogia da autogestão”, combinamos ideias de Singer, Gramsci e Paulo Freire. No que diz respeito à Singer, vamos buscar suas ideias no ensaio sobre “As oito hipóteses”. Especificamente, na parte de sua avaliação da experiência de autogestão Iugoslava. A “Quarta hipótese” diz que “a autogestão deve ser implementada pela formação de comunidades inicialmente isoladas” (SINGER, 2018. p.158).

Nos vários momentos em que Singer prioriza as Comunidades como espaço estratégico da autogestão, também aborda a questão do Desenvolvimento solidário local. O

processo é de baixo para cima. O que define o tipo de poder do Estado.

A tomada do poder por trabalhadores não leva a autogestão, mesmo quando está no programa. O desenvolvimento da autogestão não pode se dar de cima para baixo, por iniciativa do poder estatal”. A Iugoslávia é um exemplo: “não mostrou ser viável tomar o poder primeiro e só depois criar, de cima para baixo, uma economia autogestionária livre” (Idem. p.159).

Singer defende o processo de formação político-cultural como fundamental para o desenvolvimento da autogestão. Lembra a prática democrática no Kibutz: “esse desenvolvimento tem que se dar por um processo de livre aprendizado, em que cada autogestor tenha a possibilidade de abandonar a experiência e se inserir em outro modo de produção” (Idem. p.160).

Esse processo de aprendizado diz respeito a construção do Poder Popular, a construção político-cultural de uma Contra-Hegemonia, daí, Gramsci! Essa é a “Quinta hipótese” de Singer.

Na quarta Hipótese Singer articula aprendizado com hegemonia; vamos por partes:

“O que a quarta hipótese sustenta é que uma grande parte da construção do socialismo tem de ser realizada ainda sob hegemonia capitalista”;

“O conjunto da economia solidária assim constituída deve ser considerado como uma vasta escola de capacitação socialista”:

Para que o modo de produção socialista algum dia se torne hegemônico, a instituição de uma superestrutura política, jurídica e cultural terá de ser precedida da conquista de competência gerencial e domínio da tecnologia por parte de numerosos trabalhadores socialistas”. (SINGER, 2018, p.159).

Dois nós críticos nas experiências de Ecosol: formação técnica e transferência e inovação de tecnologias alternativas.

Na perspectiva das ações da SENAES, para construir a política de educação da economia solidária, podemos destacar alguns momentos decisivos:

O ensaio de Singer, publicado no INEP, “A economia solidária como ato pedagógico”, 2005;

O 1º Encontro nacional dos EES; 2004;

O ensaio de Singer: “É possível levar o desenvolvimento as comunidades pobres?”

A 1ª oficina metodologia de economia solidária; 2005.

Já no início da SENAES, Singer desenvolveu estas ideias pensando no desenvolvimento das comunidades pobres, logo em seguida ao 1º Encontro nacional dos ESS (2004). O texto intitulado “É possível levar o desenvolvimento a comunidade pobre?” foi ponto de partida na Equipe da SENAES para pensar a estrutura da política pública de formação/educação da economia solidária.

Em Introdução à economia solidária (2002), Singer mais uma vez destaca o caráter de ‘ato pedagógico’ da economia solidária: “Mas, para uma ampla faixa da população, construir uma economia solidária depende primordialmente dela mesma, de sua disposição de aprender e experimentar” (p.112).

1.3.8 Ecosol como ato pedagógico

Mas, sem dúvidas, a obra principal de Singer sobre o tema da “pedagogia da autogestão” ou da economia solidária, é o ensaio que fez para uma coletânea do INEP (2005): “Economia solidária e EJA”, organizada por Sonia M. P. Kruppa, então secretaria-adjunta da Senaes. Estávamos com cerca de apenas dois anos da SENAES. Eram as primeiras formulações para política de educação da Ecosol.

Vimos que em 2004, Singer elaborou o ensaio sobre “Desenvolvimento Solidário” em que propôs a fundação de um

“CENTRO nacional de capacitação”. O Termo Referência para formação em economia solidária, definido no campo do PNQ, data deste período. E a primeira Oficina Nacional de Formação da Senaes/Fbes, foi realizada em 2005.

O ensaio de Singer, para o INEP, se intitula “A economia solidária como ato pedagógico”. Singer pensa a Ecosol “como modo de produção ideado para superar o capitalismo” (p.13). Mais uma vez faz a distinção entre empresa solidária e empresa capitalista. Em seguida vai a questão central: “os desafios pedagógicos”:

Fica claro que a prática da economia solidária exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas (...). Essa reeducação tem de ser coletiva(...). Essa visão não pode ser formulada e transmitida em termos teóricos, apenas em linhas gerais e abstratas. O verdadeiro aprendizado dá-se com a prática, pois o comportamento econômico solidário só existe quando é recíproco. Trata-se de grande variedade de práticas de ajuda mútua e de tomadas coletivas de decisão... (SINGER, 2005, p.16).

Singer gostava de afirmar que na “Ecosol, os princípios são o horizonte e a prática o critério de verdade”. O sentido da experimentação, e o par razão/emoção são ressaltados por ele:

A pedagogia da economia Solidária requer a criação de situações em que a reciprocidade surge espontaneamente, como o fazem os jogos cooperativos...A economia solidária é produzida tanto por convicção intelectual como por afeto pelo próximo, com o qual se coopera (SINGER, 2005).

Contrapõe os que se formam no capitalismo, ‘postos em situação de competição’, aos que se formam no meio da economia solidária, “vivem desde cedo situações definidas por comportamentos recíprocos de ajuda mútua”. Quando caem

no desemprego e na exclusão social, o recurso à economia solidária se dá devido ao temor do desemprego por longo tempo.” No momento em que essa opção é feita, grande parte dos trabalhadores sequer sabe direito o que é a Ecosol.

Singer diz que, “No Brasil, a frequente opção pela Ecosol por trabalhadores com ponderável vivência sindical explica-se por seus valores(...), e, para além da vivência sindical”, nessa frase, Singer avança uma tese de caráter filosófico, entre espontaneísmo e direção, (Gramsci):

Na realidade, a educação que a luta de classes proporciona aos operários está embebida em valores solidários e igualitários, que estão na base do socialismo, enquanto projeto e utopia” (...). “Por isso, os trabalhadores, assim como os pequenos produtores de mercadorias e os pobres em espontaneamente geral, inclinam-se espontaneamente para Ecosol... A partir dessa inclinação espontânea, a tarefa pedagógica impõem-se”. E que: “Por terem sido subalternos e alienados da gestão do empreendimento, que agora lhes incumbe não só operar, mas dirigir, os trabalhadores não estão preparados para a tarefa. Eles têm que ser ensinados e eles sabem disso (SINGER, 2005, p.17).

Aborda a questão da multiplicidade de formas da Ecosol, e que, em cada uma delas, há um aprendizado a ser feito. Fala sobre um setor: “No que segue vamos nos concentrar no caso das Empresas recuperadas por trabalhadores, em autogestão”.

E, nesse ponto, Singer aborda um dos dilemas da política de educação da Ecosol, a divisão entre formação política e formação técnica. Assim, inicia pela divisão de campos na educação,

O ensino da autogestão dividido em duas partes: uma, a cargo de teóricos, investigadores ou veteranos da Ecosol; outra, a cargo de especialistas, investigadores ou veteranos da economia

capitalista...Essa divisão, acabaria por levar os empreendimentos solidários a adotarem procedimentos incompatíveis com seus princípios (SINGER, 2005, p. 18).

Exemplifica essa divisão com o caso da contabilidade e finanças, em que se separa o ensino das finanças do da autogestão.

E, vai definindo o que pode ser elementos para uma pedagogia da autogestão:

Em outras palavras, o ensino da Autogestão não tem porque ser dividido em uma parte própria, interna aos empreendimentos, e outra externa aos mesmos, porque o meio ambiente em que atuam os empreendimentos solidários pode ser composto inteiramente por outros empreendimentos solidários (p. 19).

Sem dúvidas, neste ponto, Singer se refere a Ecosol como modo de produção hegemônico, no futuro, pois logo em seguida adverte que:

No caso do Brasil, isso ainda está longe de ser o caso. Nosso meio ambiente é dominado pelo capitalismo. E, para que a Ecosol complete sua construção no Brasil, conclama pela construção de ramos que lhe são complementares, ou seja, cadeias produtivas e Redes solidárias. (Idem).

Singer pensa o amplo campo da Ecosol: a experiência da Ecosol na formação, seja de empresas recuperadas, cooperativas em assentamentos da reforma agrária, cooperativas de recicladores, de agricultores familiares e muitos outros. E, define um princípio metodológico da educação popular: “A efetividade desse ensino decorre provavelmente da estreita conexão entre seus fundamentos teóricos e sua aplicação prática” (Idem. Grifos nossos).

Recorre, então, a Paulo Freire:

Devemos a Paulo freire esta formulação lapidar: “Ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos juntos”. Isso se aplica inteiramente à Ecosol, enquanto ato pedagógico...nessa interação, produz-se um auto-aprendizado mútuo. Somos todos autodidatas, pois não há aprendizado verdadeiro em que a curiosidade do aprendiz não tenha papel crucial”. (Idem).

Aqui, Singer relembra sua experiência no DROR e conclui seu ensaio, voltando ao eixo central de sua ideia:

A Ecosol é um ato pedagógico em si mesmo... por isso, a solidariedade é ensinada aos fracos e subalternos pela vida e pelas empreitadas em que se engajam...é a vida que ensina aos mais fracos, os sociais e economicamente debilitados, o valor, na verdade, a imprescindibilidade da solidariedade. Contudo, a Ecosol é um passo decisivo **para além desse aprendizado pela vivência**, pois ela propõe a solidariedade não só como imposição da **necessidade**, mas como **opção** por outro modo de produção”. (p.20. Grifos nossos).

E, finalmente, podemos aplicar à suas ideias, o que escreveu no final do seu ensaio: “E deve haver outros elementos que ainda ignoramos!”

1.3.9 A Experiência pedagógica do CFES

Partindo da questão de como “aplicar criativamente” – para não dizer dialeticamente- os princípios da Educação Popular ao campo da Ecosol, que se diferencia em muitos aspectos das experiências de movimentos populares e, sobretudo, do campo sindical, fomos traçando alguns elementos para uma “pedagogia da autogestão”.

O campo da Rede CFES foi o espaço de experimentação inicial, nas atividades de formação com os futuros educadores, realizadas em 2009. Depois, a própria

Rede Cfes, com seus regionais foi desenvolvendo suas experimentações. Oficinas temáticas e encontros de educação, promovidos pelo Cfes-nacional e pelo FBES, foram avançando a práxis da pedagogia da autogestão.

Os educadores do Cfes Sul, Aline Mendonça e Telmo Adams, refletiram sobre a experiência pedagógica da economia solidária do Brasil, a partir do “potencial emancipatório do trabalho associado e auto gestorário” e afirmam que:

junto com o movimento da economia solidária,o FBES tem estimulado (FBES),vem provocando uma série de questionamentos em torno das dimensões educativas do trabalho associado (...).Para tanto, há um exercício de reconhecer e estimular uma pedagogia da autogestão –que significa o processo pedagógico no âmbito do trabalho associado e auto gestorário- e reconhecer e estimular uma autogestão da pedagogia –que significa ter a experiência da autogestão como referência de processos pedagógicos e formativos sobre a economia solidária que possuem a educação popular como base”.(STRECK; TERESA, 2016, p. 260/261).

O processo de construção da linha pedagógica do CFES passou por duas Oficinas nacionais metodológicas: a 1ª ocorreu em 2005, por iniciativa da SENAES/FBES, reunindo 40 experiências/educadores de todo o país. O tema central foi a metodologia e os conteúdos na economia solidária, a partir do que estava sendo feito no Brasil.

A 2ª oficina foi em 2007, e teve como eixo a construção da rede de educação e educadores/CFES. Nela o tema da autogestão surgiu nos termos de como “Deve-se avaliar a adequação da arquitetura para dinâmicas mais igualitárias entre formador e formandos que facilitem a troca e a participação autogestionada. Priorizar os espaços de trabalho e convívio dos trabalhadores e trabalhadoras nos processos de formação, como por exemplo, *o chão de fábrica*”. (FBES, 2007, p.10)

Aline Mendonça dos Santos e Telmo Adams destacam as várias Oficinas de Educação em economia solidária.

Em 2010, a 2ª Oficina deste tipo definia a formação na Ecosol com base na educação popular e pedagogias/metodologias voltadas para autogestão.

Em 2009/2010, O CFES Nacional organizou atividades de formação de formadores para os educadores dos CFES regionais. As atividades foram coordenadas pelo CFES nacional, e tiveram assessoria de Aida Bezerra e Claudio Nascimento.

O eixo central foi a metodologia de “sistematização das experiências”. Havia uma necessidade de construir instrumentos diversos no campo da educação na Ecosol. A sistematização caiu muito bem com o objetivo principal que era a construção de uma Rede nacional de educadores da Ecosol. Essa ideia de uma ‘rede nacional de educadores’, tinha sido sugerida por Paulo Freire ao IPF, coordenado por Moacir Gadotti.

Um Caderno de Textos do 2º curso nacional de formação de formadores em economia solidária traz o conjunto do universo temático. (CFES, 2009).

Esse processo de construção da política de formação/educação da Ecosol culminou na Conferência temática educação e autogestão, em 11 a 13 de março 2014, como parte integrante da 3ª CONAES, realizada em novembro do mesmo.

Como podemos ver, já numa nova conjuntura política de grandes mobilizações em que já despontava no horizonte do golpe que se concretizaria em 2016. E isso são resoluções da Conferência Temática “Educação e Autogestão” (2014).

O Documento resultante da CONAES Temática “Educação e Autogestão” é exemplar nessa perspectiva e tornou-se uma referência nos debates em torno do tema. Podemos ler:

Ocorre que o tema da Autogestão – e de forma

subjacente, o da Participação – tem sido correntemente pontuado como um dos principais desafios no avanço da economia solidária no Brasil, a despeito de todos os acúmulos já alcançados na sua organização nacional, seja na perspectiva da prática cotidiana dos EES, seja na perspectiva da organização política do movimento e do avanço nas políticas públicas”. (CONAES, 2014, p.5).

E que,

Na economia solidária, a Autogestão constitui-se princípio fundamental que orienta a prática dos sujeitos (individuais e coletivos), seja no âmbito dos EES, na organização política dos movimentos, seja na organização e dinâmicas do desenvolvimento territorial (Doc. Conaes Temática, abril 2004, p.9).

O Documento recorre aos acúmulos da V Plenária:

A economia solidária preconiza o trabalho como um meio de libertação humana dentro de um processo de democratização, contrapondo-se a alienação da produção nas relações do trabalho capitalista, e isto só é possível com a autogestão vivida por todas/os que a praticam. A autogestão precisa ser construída no coletivo, é um princípio a ser buscado em todas as dimensões da vida(...). A autogestão é um princípio da economia solidária que pensa a transformação da organização da sociedade (Doc. CONAES, 2004, p. 9).

E que:

Na percepção dos participantes da CONAES temática, a autogestão deve ser considerada como um processo em construção a partir das práticas cotidianas vivenciadas pelos sujeitos da economia solidária. Essa construção precisa dialogar com essa vivência da autogestão em práticas educativas que se

materializam, em suas diversas dimensões – pessoal, familiar, comunitária e social, no exercício da cidadania e da democracia, na tomada de decisões de forma coletiva, na propriedade coletiva dos meios de produção, nas práticas territoriais e no relacionamento entre Estado e sociedade”. (Doc. Coneaes Temática, abril 2004, p.9).

Nesse sentido, Singer nos ensina que “A prática da Economia Solidária no seio do capitalismo, nada tem de natural”, e, “Fica claro que a prática da economia Solidária exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas. Essa reeducação tem de ser coletiva...”. (Inep, 2005. p. 15 e 16). E, analisando a Solidariedade nas experiências das Empresas Recuperadas afirma:

Ela continua essencial mesmo quando o período heroico é superado, pois um empreendimento coletivo exige a efetiva cooperação entre todos que a compõem. É nesse momento que o ato pedagógico se faz indispensável” (Inep, 2005, p.20)

Nessa perspectiva, “A Economia Solidária é um passo decisivo para além desse aprendizado pela vivência” (Inep, 2005, p. 20).

O Documento final da Conferência temática, afirma que

Na verdade, desde a realização da primeira plenária nacional, o movimento de economia solidária reafirma que a **educação** é um eixo fundamental para o fortalecimento da Ecosol no país”. A primeira CONAES define em Resolução: “A Educação para a Economia Solidária, seguindo os princípios da solidariedade e autogestão, contribui para o desenvolvimento de um país mais justo e solidário” (CONAES, ponto 81. Grifos nossos).

Retomando algumas ideias de Singer: “Educação e Autogestão é um par dialético intrínseco a práxis da Ecosol”. Nesse sentido, é um ato pedagógico; devemos a Paulo Freire essa afirmação lapidar: “Ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos juntos”. Isso se aplica inteiramente à Economia Solidária, enquanto ato pedagógico.

Ou que, “A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática”. (SINGER, 2005)

1.4 Educação e Autogestão

As Diretrizes Políticas Metodológicas da Resolução n.º oito do CNES (julho, 2012) subsidia a construção de políticas públicas em Ecosol. É parte de um “Termo de Referência” que busca contribuir para maior identidade e articulação dos processos educativos em economia solidária visando ampliar o seu potencial emancipatório.

Lemos no documento da CONAES Temática:

Segundo a Recomendação citada acima, a Educação em Economia Solidária “é uma construção social”, que envolve uma diversidade de sujeitos e ações orientados para a promoção do desenvolvimento territorial sustentável que considera as dimensões econômica, ambiental, cultural, social e política . (CONAES, 2014, p.7).

O termo aponta para o reconhecimento do trabalho associado como princípio educativo na construção de conhecimentos em Economia Solidária e afirma que os processos de formação e assessoria técnica são “inerentes à educação em Economia Solidária e, portanto, compartilham da mesma concepção. (CONAES, 2014, p. 7)

Antes do “Golpe” de 2016, a última formulação sobre Educação na Ecosol está contida no Caderno dos Núcleos da Rede CFES. Intitulado “Referenciais metodológicos de formação e assessoria técnica em economia solidária” (2016), destacamos o texto do núcleo educação. Os Núcleos

Temáticos do CFES nacional buscaram sistematizar a experiência acumulada em 4 campos da Ecosol: Educação, Redes, Finanças solidárias e Comercialização.

Várias reuniões dos quatro núcleos foram realizadas para discussão coletiva da elaboração dos textos. O Texto do Núcleo Educação em economia solidária buscou sistematizar o acúmulo nesse campo. Tendo elaboração final pelos educadores. Telmo Adams e Jose Ignácio, abordou os seguintes tópicos:

- O trabalho como princípio educativo da construção de conhecimentos e relações sociais e a pedagogia do trabalho associado e auto gestor;
- O trabalho como princípio educativo;
- A construção de uma pedagogia do trabalho associado ou pedagogia da autogestão;
- A autogestão da pedagogia;
- A diversidade dos sujeitos da Ecosol e as possibilidades de pedagogias da autogestão (CFES, 2016).

1.4.1 A pedagogia da autogestão

À modo de conclusão e retomando reflexão de um ensaio recente, podemos afirmar que Paul Singer, com espírito Gramsciano-luxemburgiano, afirma que

A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesma, na medida em que propõe uma nova prática social e um entendimento dessa prática. A única maneira de aprender a construir a economia solidária é praticando (2005).

Trazendo esta reflexão para o campo da autogestão, nos apoiamos em Maria Clara Bueno Fischer e Lia Tiriba ao dizerem que:

As experiências históricas de autogestão revelam que, no embate contra a exploração e a degradação

do trabalho, não é suficiente que os trabalhadores se apropriem dos meios de produção. Estas práticas indicam haver a necessidade de articulação dos saberes do trabalho fragmentados pelo capital e de apropriação dos instrumentos teórico-metodológicos que lhes permitiram compreender os sentidos do trabalho e prosseguir na construção de uma nova cultura do trabalho e de uma sociedade de tipo novo (FISCHER; TIRIBA, 2009, p. 293-297).

Analisando as diversas obras, em diversos tempos, sobre a pedagogia do trabalho associado/autogestão fica evidente que quando se trata de pedagogia do trabalho associado/autogestão duas referências são permanentes: Gramsci e Paulo Freire. O italiano construiu sua proposta pedagógica, num primeiro momento, a partir da experiência dos Conselhos Operários em Turim e, também, da experiência soviética da Escola Comuna/Trabalho de Pistrak; ampliou sua visão com a construção da ideia de hegemonia/intelectual orgânico e bloco histórico. O brasileiro elaborou seu instrumental metodológico/pedagógico a partir do trabalho como princípio educativo, assentando as bases da educação popular pertinente à ideia da pedagogia da autogestão. A própria educação dos trabalhadores nos seus locais de trabalho soma-se de forma criativa, uma formação que aborde os temas e práticas da disputa de hegemonia na sociedade.

Ângelo D'orsi, em seu livro "Gramsciana" (2016) resalta o nexa da paixão educativa de Gramsci com a teoria da hegemonia: define-a como uma "postura cultural e pedagógica" em que se trata de ajudar os trabalhadores 'a sair', apropriar-se dos instrumentos intelectuais e do conhecimento de que são privados, mas ao mesmo tempo ir à sua escola, apoderar-se da sua experiência. Uma **pedagogia bilateral**, enfim, por uma cultura que leva à fábrica o saber produzido fora dela na longa história, mas que guarda, sem suficiência alguma, mas com humildade, o saber autóctone e autônomo produzido na fábrica (D'ORSI, p 153. - Grifos

nossos).

Ou seja, um novo tipo formativo e educativo: a necessidade para os trabalhadores de construir uma cultura própria, base essencial para o desenvolvimento de uma consciência revolucionária; mas, essa não é excludente, mas inclusiva, preventivamente, a aquisição de instrumentos culturais mais amplos e gerais, aqui entendendo a maior tradição cultural que precedeu o advento da classe operária na cena mundial (p.152).

O objetivo é “através do trabalho político, pedagógico e organizativo, transformar os centros de vida operária em órgãos de autogoverno da massa” (D’ORSI, 2016), ou se trata de construir uma ordem diversa, fundada na expulsão do capitalista da fábrica, no incremento da produção autogerida, com uma disciplina espontânea aceita e construída e não imposta do exterior, no esforço coletivo de realizar um conhecimento político das tarefas históricas dos trabalhadores e de seus aliados. Enfim [...], a democracia substancial com o autogoverno dos trabalhadores (D’ORSI, 2016, p.153).

Gramsci tem em mente um modelo de comunidade em que cada professor e aluno formam “dois polos do mecanismo dialético, onde a aprendizagem é recíproca” (D’ORSI, 2016, pág.154). Assim, Gramsci privilegia a vida e o trabalho dos Conselhos de Fábrica, tendo no conceito de democracia um lado pedagógico:

A democracia operária, a democracia nova que nasce na fábrica, e que deve ser também uma Escola de Formação e Educação, política, técnica, administrativa; e, também, antropológica, para os operários [...]. E no projeto da futura sociedade governada pelos produtores, segundo o modelo da fábrica autogerida, vê um largo espaço dado ao tema educativo e especificamente escolástico (D’ORSI, 2016, p. 154). E, é com Gramsci, que Tiriba e Fischer (2009, p.294-295) concluem:

Em seus escritos sobre o movimento operário ocorrido em Turim, entre 1919 e 1921, Gramsci

analisa os conselhos de fábrica, afirmando que as experiências nas quais os trabalhadores têm o controle sobre a produção representam uma “escola maravilhosa de formação de experiência política e administrativa”. E que, “Na ‘escola do trabalho’ e, em especial nas vivências de trabalho associado, as pessoas atribuem sentidos ao vivido ou realizado; assim, de forma mais abrangente, é fundamental que transformem suas vivências pregressas e atuais em experiências propriamente formadoras.

Aqui, está sintetizada a dialética da “experimentação autogestionária”, a pedagogia da autogestão e a autogestão da pedagogia. A “experimentação” no campo pedagógico deverá articular estes dois elementos: o “espontâneo” e “a vontade-direção”. Nesta perspectiva, a experimentação deve ser considerada como um procedimento próprio à dinâmica da autogestão. Como diz Mothé: “O espírito de experimentação consistirá em considerar que uns certos números de ideias pertencem às hipóteses e podem ser postas em dúvida ou rejeitadas no curso da experimentação” (MOTHÉ, 1980, p.168).

Portanto, aceitar a incerteza da decisão coletiva e da análise da experiência implica um estado de espírito militante totalmente diferente daquele no qual somos habituados à socialdemocracia, o stalinismo e suas variantes esquerdistas (MOTHÉ, 1980, p. 168-177). Enfim, como disse Marx: “Hic Rhodus, hic salta”! Aqui está a rosa, aqui temos que dançar! E, retomando outra Rosa: “As massas devem aprender a usar o poder usando o poder, não há outro modo”. “Sua educação se faz quando elas passam à ação” (MOTHÉ, 1980, p. 170).

Parte II

2.1 Com Singer além de Singer: o Sistema Comunal

Podemos afirmar que Singer conheceu e vivenciou quatro experiências de comunidades que foram determinantes

para sua “visão de mundo”: os Kibutzes de Israel, as comunas autogestionárias da Iugoslávia, os conselhos na experiência do Governo Erundina, e, a experiência da SENAES. Em relação as duas primeiras, Israel e Iugoslávia, há uma imensa literatura. Mas, podemos buscar nas obras de Henri Desroches e Albert Meister alguns elementos.

Desde muito cedo, Singer tomou contato e conhecimento com o ‘sistema de comunidades’; a experiência no DROR, movimento judaico socialista kibutziano, foi o primeiro contato. Henri Desroche, o principal estudioso da experiência do Kibboutz, através de uma pesquisa de campo que conta a história da experiência cooperativa de Israel, desde 1958. Desroche define a Federação do Trabalho, movimento sindical-cooperativo, Histadrout:

É ao mesmo tempo, industrial e agrícola, camponesa e operaria, órgão de representação e defesa dos interesses dos trabalhadores e agência de economia coletiva, célula de empresa e instância de desenvolvimento nacional, dispositivo de educação política e fundo de segurança social (Au Pays du Kiboutz, 1960, p.15).

O Histadrout é formado por quatro setores: o sindical (trade-union); o sociocultural; o mutualista (kupat holim); o setor econômico e gestor (hevrat ovdim-economia operaria). Tem por objetivo uma revolução social socialista. Se na primeira pesquisa em 1958, Desroche analisa a “comunidade coletiva” do Kibutz, nos anos 1969 e 1969 sua pesquisa foi sobre a “comunidade cooperativa”, O Mochav (Opération Mochav, 1973). O conjunto comunitário israelense é formado por três campos, três tipos de comunitarismo, três tipos de “vilas comunais”: o kiboutz, o mochav ovdim e o mochav chitoufi.

O Kibutz e o Mochav são duas formas de autogestão comunal, são cooperativas multifuncionais de tipo comunal, mesmo que o Mocha tenha um aspecto de “individualismo

cooperativo”, em que o indivíduo tem mais opções próprias.

O Mochav é uma forma de “associação comunalista” mais que cooperativa. Tem por orientação os Princípios de Rochdale, “regras cooperativas que se aplicam a toda sua população comunal” (‘population communale’). São quatro: propriedade coletiva da terra, não trabalho assalariado, compra e vendas cooperativas e, ajuda mutual/solidária.

Esse conjunto forma o que Singer chamava de “Desenvolvimento solidário” e Desroche chama de “desenvolvimento das vilas/comunidades” ou de “autogestion des villes”.

Por sua vez, A. Meister analisou a fundo a experiência Iugoslava, através de pesquisa de campo em 1959 e 1960. Chamando-a de “formas de autogestão e de autogoverno comunal iugoslavo”, Meister analisa os 4 tipos de autogestão: comunal, operária, social e cooperativa rural. (p.16).

2.1.1 A Experiência de Política pública (São Paulo, 1988-1992)

A experiência de Singer na Secretaria de Planejamento do Governo petista de Erundina (1989-1992), sistematizada em seu livro “Um Governo de esquerda para todos” (1996), lhe permitiu um contato direto com as comunidades pobres, através do “Foro da Cidade” e das visitas aos bairros da periferia paulista para debates com a população. No capítulo dez, “A Proposta Democrática de Participação Popular”, Singer relata o processo de fundação do Conselho Popular:

A eleição de 1988 colocou, em São Paulo, os representantes dos movimentos populares do outro lado da trincheira, isto é, (como se dizia), ‘no poder’. A proposta de formação de um Conselho Popular seria a representação da sociedade civil face ao governo ‘popular’. Portanto, “E nosso governo, o Conselho Popular deveria ser formado a partir da iniciativa dos movimentos populares e que o papel do Governo seria ouvi-lo, dialogar com ele e sempre que

possível aplicar as diretrizes por ele propostas (SINGER, 1996, p.240).

A “grande lição” tirada por Singer dessa experiência de Governo foi a de que participação “popular só pode significar participação de todas as classes em foros representativos de negociação de interesses contrapostos” (SINGER, 1996, p.243). O problema surgido no Governo em São Paulo levou Singer a visitar as comunidades pobres.

Na biografia realizada por Aline Mendonça dos Santos, podemos ler:

Os secretários começaram a pedir para que Singer fosse para as comunidades conversar com a base...esse processo de diálogo com as comunidades se tornou uma constante do governo durante os quatro anos...Singer lembra das assembleias nos bairros como um grande aprendizado...deste processo de diálogo com as comunidades, Singer relata um outro aprendizado importante: Segundo ele, no Brasil os pobres são os que se beneficiam dos serviços públicos

Nos ensaios do período da SENAES (2003-2016), Singer incorpora a ideia de Território, a partir das experiências comunitárias da Ecosol, de caráter territorial. O tema Ccomunidade torna-se eixo central de suas ideias.

Vimos que a ideia de levar o desenvolvimento às comunidades pobres levou Singer a definir elementos para um processo pedagógico, através da proposta de Agentes de Desenvolvimento Solidário. Dos debates em torno deste tema, surgiria a ideia da Rede dos CFEs (centros formação Ecosol) implantada a partir de 2009.

Em seu ensaio sobre as “Oito hipóteses”, Singer ao falar de várias experiências, ressalta: “Esses exemplos, que se limitam ao pouco que consegui levantar até agora, dão uma ideia de que há uma prática contínua de autogestão desde há um século e meio, no mínimo”.

E, aborda Rochdale “muitas datam seu início a conta

da famosa cooperativa de Rochdale, que é de 1844, mas é perfeitamente possível começar a contar antes, com as cooperativas formadas na Inglaterra por inspiração de Robert Owen, na década de vinte do século passado”, e, arremata:

O que fundamenta nossa segunda hipótese: há uma série de experiências dentro do capitalismo que surgem e se desenvolvem em função das contradições do mesmo. São economias indiscutivelmente não capitalistas, cujos valores permitem considerá-las anticapitalistas.

Aqui está a base para sua ideia dos “Implantes socialistas” dentro da brecha do sistema capitalista. Que se fundamenta na ideia de Rosa Luxemburgo da coexistência numa formação social de diversos modos de produção. Ideia essa que marcou profundamente Singer, quando estudou “A Acumulação do Capital” e “A Introdução a economia política”, ambas obras de Rosa Luxemburgo.

Sobre Comunas ancestrais. Singer não aprofundou esse ponto em sua obra. Foi surgindo aos poucos pela experiência na SENAES, acompanhando a economia solidária em seu conjunto. Inicialmente quando falou de “Comunas” foi mais uma vez associada a obra de Owen, de “comunas agrícolas”. Por exemplo: “Outro antecedente, que também se liga à Owen (sempre ele!), é o movimento das comunas, em geral agrícolas”. “As Comunas se distinguem das demais formas de economia solidária por praticarem simultaneamente a solidariedade na produção, no consumo, na poupança e em todas as áreas da vida social (...) Todo o patrimônio da comuna é coletivo e é administrado com a participação de todos, as decisões são tomadas em assembleias, etc.” (SINGER, 2018, p.26).

Antes da criação da SENAES, a Ecosol tinha expressão política nacional, devido aos Fóruns Mundiais, com os primeiros realizados em 2001 e 2002, em porto alegre.

Contudo, ainda não tinha implantação política orgânica no território nacional. A criação da SENAES permitiu a economia solidária se expandir por todo o território assumindo um caráter que ainda não tinha, ser nacional. Em 2003, existiam 10 Fóruns estaduais da economia solidária, onde nas capitais existiram política de Ecosol, como Porto Alegre, Santos, Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, etc. A SENAES junto com o FBES, agiu para criação de mais 17 Fóruns estaduais.

Neste sentido, em outro ensaio Singer destaca o papel e a experiência na SENAES:

A expansão da economia solidária pelo extenso território brasileiro tornou a economia solidária cada vez mais diversificada culturalmente com a vinda de variadas comunidades tradicionais: quilombolas, indígenas, quebradeiras de coco, seringueiros, pescadores artesanais, marisqueiras, cultivadores de peixes e frutos do mar e uma profusão de artesãos, de bordadeiras e apicultores e cultivadores de plantas medicinais etc. (SINGER, 2018, p.148-149).

E arremata:

Esta crescente diversidade cultural vem enriquecendo a economia solidária ao juntar operários de empresas recuperadas, que trazem à economia solidária a experiência recente da luta de classes, com povos que cultuam os valores da economia solidária em função de suas próprias tradições transmitidas de geração a geração há muitos anos” (SINGER, 2018, p.149)

Singer faz referência a experiência muito curta do Fórum-8, parte do Conselho Desenvolvimento Social, do governo Lula. Este Fórum surgiu por iniciativa de Singer. Na SENAES tivemos algumas reuniões que agrupou todos estes sujeitos que Singer cita acima. Foi uma experiência

extraordinária (não ficou registro de nenhum tipo) em que nos apareceu o Brasil real e subterrâneo. Falta na citação de Singer, a presença das “profissionais do sexo”, na figura de Gabriela, coordenadora do movimento e do Jornal “Beijo de Rua”.

Essa diversidade já tinha sido vista quando do 1º Encontro nacional dos EES, realizado em 2004, uma das primeiras ações da SENAES. Singer faz referência: A SENAES, atendendo a pedidos, convocou em 2004 o I Encontro Nacional de Pesem Brasília...Nada menos de 1.400 representantes de empreendimentos compareceram ao encontro vindos de todos os recantos do Brasil.

Pela primeira vez, vimos, no mesmo salão, reunidos, camponeses, operários, artesões, pescadores, indígenas, quilombolas, costureiras, representantes de grupos incubados, costureiras, representantes de grupos incubados por universitários, criadores de abelhas e uma grande variedade de pessoas pertencentes a movimentos sociais, em luta contra a opressão de diferentes setores da sociedade brasileira” (SINGER, 2018, p. 177).

E, conclui Singer:

Assim, “Iniciou-se um primeiro experimento com quilombolas...A estratégia de desenvolvimento local pela qual a SENAES optou foi a do **endosenvolvimento**, ou seja, o desenvolvimento produzido pelo esforço coordenado dos membros da própria comunidade, sem depender de investimentos externos...A estratégia repousava na ação de agentes locais de desenvolvimento escolhidos pela própria comunidade e submetidos a uma formação em economia solidária e endodesenvolvimento a cargo da SENAES” (SINGER, 2018).

2.1.2 A Economia Solidária: Modo de Produção / Modo de Vida

As experiências da economia solidária em termos de construção de REDES SOLIDÁRIAS, que teve um primeiro programa com um Planseq, em 2006/2007, depois um segundo com a ADS-CUT, de 2014 até o golpe em 2016, e retomada em 2018, tem sido um campo fértil para essa visão das Comunas ancestrais e da diversidade da Ecosol que se expressa de forma clara quando olhamos a partir das Redes Solidárias em construção.

Houve uma falta de continuidade nessa experiência de Redes no campo das Políticas Públicas. Duas Oficinas sobre redes ocorreram por iniciativa do FBES e do Cfes nacional, mantendo viva essa chama. A oficina do Cfes nacional, realizada em 2011. Em 2013, a SENAES definiu um termo de referência para trabalho com Redes Solidárias. O golpe impediu o avanço da experiência de mais de dois anos com a parceria SENAES/ADS-CUT (2014-2016).

Esta descontinuidade tem sido um obstáculo ao avanço teórico do tema das Redes e das Comunidades.

Singer participou de algumas oficinas dessa última experiência, sobretudo a de Comercialização. Nelas pudemos mais uma vez observar o caráter complexo da economia solidária enquanto coexistência de modos de produção.

O campo das comunas ancestrais permite uma visão mais profunda da Ecosol, até mesmo, na linha de Michael Lowy, de “crítica radical da modernidade capitalista”. É o que se passa nas experiências da Bolívia e Equador, e também da Venezuela, por serem formações sociais com forte presença sobretudo indígena, de modos de produção pré-capitalistas. (Vide a obra de Álvaro García Linera, e outros teóricos da Bolívia).

Vimos que esse é um tema presente nas falas de Singer, a partir da visão de Rosa. Como também o das comunidades.

Em certo momento, Singer, nesse espírito da complexidade, conclui um dos seus últimos ensaios,

A construção da economia solidária como alternativa ao capitalismo”: “O florescer duma profusão de economias solidárias ou sociais ou humanas como quer que se denominem é a garantia de sua viabilidade, pois a vocação da humanidade não é a uniformização” (Idem. p.149)

De nossa parte, na equipe do Projeto Redes, iniciamos uma reflexão no seguinte sentido: “A reflexão sobre a Ecosol a partir do olhar de Redes Solidárias, nos obriga a buscar uma teoria do processo social que esteja ancorada em uma abordagem dialética que responda a complexidade do tema Redes Solidárias (NASCIMENTO) 2017).

A ideia de Singer da “coexistência de modos de produção” é um ponto de partida excelente para avançar no tema da “economia solidária como transição”.

Outro brasileiro que se dedicou ao estudo da Urbanização, Milton Santos, já tinha apontado a questão: Em “Geografia das redes”, dizia que:

Trata-se de duas grandes matrizes, uma que leva em conta apenas a realidade material. Toda infraestrutura, transporte, matéria, energia, informação, território. Outra em que também é levado em conta o dado social. Rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam (SANTOS, 1969).

Nesse sentido, no Projeto Redes, avançamos a ideia de que a sociologia de Pierre Bourdieu, como “teoria geral da economia dos campos”, articulando as determinações materiais e simbólicas, numa complexa relação de interdependência, nos fornece um corpo conceitual possível de

responder aos desafios postos pela economia *solidária*(...).

Bourdieu analisa como “campos que são o lugar da coexistência antagônica de dois modos de produção e de circulação que obedecem a lógicas inversas”. Um polo, a economia antieconômica da arte pura que, baseada no reconhecimento indispensável dos valores de desinteresse e na denegação da economia (comercial) e do lucro econômico a curto prazo outro polo, a lógica econômica das indústrias literárias e artísticas; que, fazendo do comércio dos bens culturais um comércio como os outros, conferem prioridade a difusão, ao sucesso imediato e temporário”. Aqui cabe a sugestão para ver, no site, o trabalho de Claudio Nascimento (2017), Economia Solidária: um “campo de Coexistência Antagônica entre Modos de Produção) ou (em Redes de Cooperação Solidária.ADS.2018. p.36-39).

Trata-se de ideia que tem como fundamento a Rosa Luxemburgo dos modos de produção coexistindo numa mesma formação social, tão cara a Singer.

2.1.3 Coexistência de Modos de produção / Tempos históricos

Na perspectiva de uma teoria geral, a sociologia de Pierre Bordieu, como “Teoria geral da economia dos campos”, articulando as determinações materiais e simbólicas, numa complexa relação de interdependência, nos fornece um corpo conceitual possível de responder aos desafios postos pela economia solidária.

A reflexão em torno do “Projeto Redes Solidárias”, me permitiu elaborar, através da ideia de “Trocas materiais e simbólicas”, um campo conceitual que nos permite uma análise a altura da complexidade da Ecosol no Brasil.

Todavia, se faz necessário um “conhecimento local” que capte as determinações da história local, que abarque uma Totalidade mais rica e composta de formação social com múltiplas sociedades, mais que Modos de Produção, sociedades heterogêneas e tempos múltiplos. Essa é uma

característica de formações sociais como a brasileira e de países da América Latina. Nessa perspectiva, encontramos apoio na sociologia do boliviano René Zavaleta Mercado. Isso nos permite ir além das ideias de Bourdieu, engravidando-as em um processo histórico particular que permite captar suas singularidades.

De certa forma, essa relação entre Bourdieu e Zavaleta, permitiu ao boliviano García Linera desenvolver um campo cognitivo dos mais ricos do pensamento crítico boliviano. Vide “A Potência Plebeia”, entre outras obras.

As sociologias de Bourdieu e de Zavaleta foram elaboradas na reflexão sobre Formações /Sociedades “abigarradas” (mesmo que o Francês não use esse termo), o primeiro na Argélia colonizada pela França, o segundo na Bolívia colonial, periférica e dependente, ambas com características de “múltiplas sociedades” e “tempos plurais”. A presença de estruturas comunitárias oriundas de modos de produção pré-capitalista é um marco fundamental. As trajetórias são distintas: Bourdieu, com seu exílio argelino iniciou seus estudos de etnologia, depois na volta a França aprofundou suas ideias; Zavaleta, iniciou sua sociologia na Bolívia, depois em seu exílio político, estudou os países avançados do capitalismo, e na volta a Bolívia singularizou suas ideias em relação a Bolívia e América Latina; um itinerário parecido ao do peruano Mariategui.

Por seu lado, a teoria de Bolívar Echeverría da ideia de valor de uso como forma natural da reprodução social, em contraposição a forma mercantil da acumulação de capital, nos fornece um substrato de caráter estrutural-ontológico para aprofundar a ideia de economia solidária. Bolívar reflete a Modernidade capitalista partir da ideia de quatro “Ethos” (moderno, romântico, barroco), de certa forma em substituição a ideia de Modos de Produção de Marx.

Entretanto, aprofundar as ideias de R. Zavaleta, B. Echeverría, O. Fals Borda, Raquel Aguilar, e A. G. Linera, nos levaria a um ponto muito além dos objetivos desse ensaio.

Portanto, vamos apenas sinalizar seus núcleos centrais.

Quanto a Mariategui, indicamos nosso ensaio “Anarquismo, autogestion y socialismo” em “Nuestra America” (Economia social y solidaria em movimento. (Coraggio –org-2016, p.101), onde expomos a visão do argentino Miguel Mazzeo sobre a ideia de “Socialismo prático”.

Milton Santos em sua análise da “A geografia das redes”, definiu duas grandes matrizes:

1) Uma que leva em conta apenas a realidade material. Toda infraestrutura, transporte, matéria, energia, informação, território.

2) Outra em que também é levado em conta o dado social. “A rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam”.

Já com Pierre Bourdieu, encontramos uma concepção, que pode incorporar as duas matrizes traçadas por M. Santos, e que aprofunda a análise. Ao analisar os “empreendimentos dos campos” político cultural e econômico, nos diz que: “Esses campos são o lugar da coexistência antagônica de dois modos de produção e de circulação que obedecem à lógicas inversas”

Em um polo, a “economia ‘antieconômica’ da arte pura que, baseada no reconhecimento indispensável dos valores de desinteresse e na denegação da “economia” (do comercial) e do lucro “econômico” (a curto prazo), privilegia a produção e suas exigências específicas.

Em outro polo, a lógica “econômica” das indústrias literárias e artísticas que, fazendo do comércio dos bens culturais um comércio como os outros, conferem prioridade à difusão, ao sucesso imediato e temporário. Mas, se o campo cultural constitui um “mundo econômico ao contrário”, a lógica da economia mercantil não está ausente dele. Por isso, a ideia de “coexistência antagônica” dos dois modos de produção-circulação. São dois Modos de Produção (capitalista e pré-capitalista) interdependentes mas com lógicas diferentes.

Bourdieu chegou a essas ideias a partir de seus estudos sobre a sociedade da Argélia. Em termos

gramscianos, a Argélia nos anos 50/60, apresentava uma sociedade tipo “oriental”, “gelatinosa” frente a robustez do Estado. As estruturas econômicas apresentam uma coexistência de Modos de Produção, pré-capitalista e capitalista.

Estas ideias de Bourdieu podem nos ajudar a entender o campo da economia solidária, sobretudo a complexidade da construção das REDES, como cooperação de trocas materiais (um polo) e trocas simbólicas (outro polo). Material e simbólico fazem parte de cada campo, tal qual a “lógica não-econômica” e a “lógica mercantil”. Nesse sentido, a economia solidária é composta por vários campos de economia, uma pluralidade de economias como vimos nas “trocas materiais”. Cada uma tem uma lógica e interesses próprios, mas formam uma Totalidade.

A integração de EES em Redes Solidárias implica articular estes dois Polos, as questões de ordem econômica e as questões de ordem político e cultural.

As redes são formas de articulação dos empreendimentos econômicos solidários que apesar de possuírem forte vínculo familiar, territorial e comunitário, ultrapassam essa dimensão ao se articularem regionalmente e reunirem diferentes setores da produção, comercialização e consumo. O aspecto econômico é uma característica relevante das redes, pois num primeiro nível elas estão ligadas à segmentos econômicos específicos, mas há muitos casos de redes que articulam diferentes segmentos econômicos em seu interior e conectam diversos elos de cadeias produtivas.

As redes estão em constante formação e sua experiência é um aprendizado permanente de construção de novas relações humanas baseadas no compartilhamento e na solidariedade. A cultura organizacional das redes de empreendimentos econômicos solidários representa uma prática política transformadora, reveladora da forma de organização autogestionária própria dos empreendimentos, mas vivenciada em uma escala mais ampla, de expansão

ilimitada, com estrutura descentralizada. As redes revelam outra forma de convívio político, não baseada na representação, mas nos diferentes focos de participação e responsabilização compartilhada. O exercício de aprofundamento democrático próprio das redes ocorre ao integrar mobilização social com organização política.

Já vimos que, na reflexão sobre os “pressupostos das trocas materiais”, a economia solidária não se restringia unicamente à gestão econômica, financeira e operacional das unidades produtivas, ou seja:

As experiências de redes de cooperação ultrapassavam ações restritas às unidades produtivas para articular o espaço político no território de atuação, preservação da expressão cultural das comunidades, construção coletiva de novos conhecimentos técnicos e a transmissão dos seus “saberes” entre gerações (idem).

Desse espaço das redes faz parte “a política”, como o lugar da ação simbólica. Nesse sentido, o campo temático do Projeto Redes, que corresponde às ‘trocas simbólicas’ é composto por:

Formação Social, análise de Conjuntura, Estado e Espaço Público, Políticas Públicas e controle social, construção de Hegemonia, Território e Territorialidades, Autogestão territorial.

2.1.4 O Debate Sobre os Modos de Produção

Esse debate foi muito forte entre teóricos da economia solidária. Podemos rastreá-lo a partir da iniciativa da CAPINA com a UCSAL, de realização de vários seminários temáticos. A CAPINA e a UCSAL desenvolviam ações educativas em torno do eixo “Viabilidade econômica e gestão democrática de empreendimentos associativos”.

O primeiro seminário foi realizado em Salvador-Bahia, entre os dias 8 e 9 de novembro de 1999. Assim, anos antes

de Singer se tornar secretário de economia solidaria no Governo Lula (2003-2010). Teve por tema “Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia”.

Outros seminários se seguiram, com outras temáticas. “Economia dos setores populares: sustentabilidade e estratégias de formação” 2007, entre 5 e 6 dezembro de 2006, na UCSAL.

“Economia dos setores populares: pensamentos, ferramentas e questões”, Salvador, 2008.

“Economia popular solidaria: indicadores para a sustentabilidade”, Salvador, entre os dias 02 e 03 de dezembro de 2010.

Portanto foram 4 Seminários realizados entre 1999 e 2010. O primeiro realizado em 1999, foi marcado pelo debate entre Singer e Coraggio. Na Introdução ao livro publicado pela editora Vozes em 2000, Francisco Lara e Beatriz Costa situam o debate:

“Seguindo os rumos de Coraggio, acabamos por mudar o foco do olhar: a referencia de análise deixa de ser a empresa ou o estado e fazemos alinhar nossos conceitos àquela instancia do real que se põe como suporte para todo o real. É o conceito que ele propõe como ‘unidade doméstica’ e que poderíamos traduzir como núcleos de sustentação da vida ou unidades domiciliares de sustentabilidade humana(...). O objetivo fundamental dessa verdadeira economia do trabalho? – A reprodução ampliada da vida” (CORAGGIO, 2000, p. 11-12).

Lara e Bia prosseguem: Mas nem tudo são flores...Paul Singer, em “Economia dos setores populares: propostas e desafios”, não faz concessões a Coraggio. E questiona-o em um debate aberto e franco – como poucos se tem visto nos últimos tempos. É claro, pois seu enfoque é diverso: ele enxerga esse movimento de hoje como o resultado da construção bicentenária da classe trabalhadora que, no mundo inteiro, vem formando empresas autogestionárias: as cooperativas. Singer nos fala do vigor do movimento

cooperativista e de suas virtudes, em especial igualdade e democracia, que, não por acaso, representam também o seu maior desafio (idem).

Luiz Alberto Gomes Souza, no final, sistematizou o seminário. E, também, aborda o debate Coraggio- Singer.

Entramos assim no debate seguinte, que foi extremamente rico. Fiquei muito feliz quando houve um debate entre o Coraggio e o Singer.” Para Luiz Gomes, “o que me pareceu heurísticamente da maior importância no que nos colocou o José Luis Coraggio, e que para mim ajudou bastante, foi quando ele indicou que tínhamos que tomar não o indivíduo como unidade – e eu diria, nem apenas o produtor como unidade- mas a unidade doméstica. Na unidade doméstica entra não só o mundo da produção, mas também o mundo da reprodução, o mundo da vida. E ele deixou claro que, com isso, não estava querendo criar uma economia familiar, mas tomar o doméstico como espaço de análise. Assim, ele foi nos abrindo para todo o mundo da economia do trabalho onde se deveria dar, ou se vai dando, uma reprodução ampliada da vida, que deveria ser uma reprodução ampliada de todos (SOUZA, 2000, p.231-232).

Aqui nós passamos à reflexão do Paul Singer que diretamente nos veio propor uma economia não-capitalista, uma proposta socialista a partir da experiência das cooperativas. Confesso que fiquei muito feliz. Vou voltar ainda sobre o tema do socialismo (...). O Singer nos mostrou, então, a experiência de empresas que, num primeiro momento, ele chamou de igualitárias. Depois matizou dizendo ‘relativamente igualitárias’, porque há umas certas desigualdades dentro delas, inevitáveis. Mas trata-se de empresas relativamente igualitárias e democráticas. Ele insistiu muito sobre essa dimensão do democrático, do participativo nas decisões, do consensual, do discutido: o que ele

chamou, também, de economia autogestionária (SOUZA, 2000, p.235)

Ao retomar o tema do Socialismo, Luiz A. Gomes: “Reforço-me na opção pelo socialismo”. Retomando a fala do Paul Singer, antes diz que, “Só para dar um exemplo, podemos recuperar nos próximos anos, toda uma serie de reflexões e intuições de Rosa Luxemburgo. Eu tenho um grande amor e carinho pela Rosa”. Mais um “luxemburguista” brasileiro! (SOUZA, 2000, p.237).

A sequência desse debate temático viria a ocorrer em 2007, com um seminário na Argentina, e com seus conteúdos publicados na obra coletiva organizada por Coraggio “La economia social desde lá periferia, contribuciones latino-americanas”.

Desse modo, por exemplo, na obra coletiva organizada por Coraggio, “La economia social desde lá periferia, contribuciones latino-americanas” (2007), Coraggio põe na apresentação da obra: “não vamos assumir um nome comum (embora às vezes usamos ‘Outra Economia’), mas vamos procurar respeitar os vários nomes usados pelos autores”. E, enumera as denominações:

Economia social (ES), economia solidária (Ecosol), economia da solidariedade (EDs), economia social e solidária (ESS), economia popular (EP), economia associativa e autogestionária (EPA), economia ‘realmente existente’, socioeconomia solidária, economia do trabalho, economia da vida” (CORAGGIO, 2007, p.18).

Coraggio situa os vários pensamentos presentes no debate: “No fundo dos trabalhos estarão o pensamento crítico de raiz marxiana, dos diversos socialismos, da teologia da libertação, da pedagogia da libertação freiriana...”. (CORAGGIO, 2007, p.17).

E, que, “O pensamento latino-americano sobre a

economia solidária registra duas correntes teóricas fortes: a tópica marxista e o projeto socialista, por um lado, e a teologia da libertação, por outro(...). A primeira tópica aparece explicitamente quando alguns autores se perguntam se a Es, Ecosol, a ESS ou a EP é um novo modo de produção, e que relação tem com o Modo de produção Capitalista” (CORAGGIO, 2008, p.20).

Na coletânea, o ensaio de Singer intitula-se exatamente “Economia solidária. Um modo de produção e distribuição”. Coraggio situa a questão:

É evidente que, nas análises e propostas dos autores latino-americanos, dificilmente separável do pensamento político, temos que diferenciar se estão pondo o papel da ECOSOL no momento atual –dentro de um sistema com hegemonia do Modo de Produção Capitalista /MPC-, em uma etapa de transição contra hegemônica, ou se estão pensando em suas características intrínsecas como um eventual Modo de Produção dominante”. (CORAGGIO, 2007, p. 22).

Sobre a proposta de Singer, Coraggio afirma:

Singer estabelecendo que ‘a autogestão generalizada da economia e da sociedade – que constitui a essência do programa econômico e político do socialismo, marca provavelmente o principal papel da Ecosol na luta pelo socialismo”. O capital só pode ser eliminado quando os trabalhadores estejam preparados para praticar a autogestão, o que exige um aprendizado longo só proporcionado pela prática (CORAGGIO, 2007, p.22).

“Que consequências têm de adotar uma ou outra

tese?”, pergunta Coraggio, para quem “este debate, que deverá continuar, tem a nosso ver outras consequências para a compreensão do papel histórico das lutas por outra economia”. (CORAGGIO, 2007, p.24)

A questão, para Coraggio, é se o modo de produção capitalista se desenvolveu totalmente sobre suas próprias bases, se esgotou o processo de acumulação primitiva: se incorporou ao processo de acumulação do capital as instituições, recursos, capacidades geradas por outros modos de produção. O próprio Coraggio, seguindo a ideia de Claude Meillasoux, afirma que “a acumulação originária do capitalismo é algo permanente, e, até a atualidade, crescente, não tem deixado de alimentar a economia capitalista desde o começo de sua existência” (CORAGGIO, 2007, p.24).

Enfim, o velho debate aberto por Rosa Luxemburgo na “Acumulação de Capital”.

A “questão prática” segundo Coraggio, toma duas vias, a saber, “se no período recente de emergências reativas ou de ações conscientes dirigidas ao desenvolvimento de formas de outra economia”.

Estamos experimentando uma etapa inicial de surgimento de um novo modo material de produção e distribuição com um potencial ainda não determinado; Se é apenas uma novidade histórica (embora importante) que pode ser uma onda conjuntural de ressurgimento de formas não capitalistas de trabalho (como o cooperativismo ou as comunidades indígenas) como resposta para paliar a crise de inclusão dos trabalhadores no modo capitalista, porém, terminará perdendo autonomia, porque não será vantajosa para a reprodução da vida ou porque será refuncionalizada pelo processo de reprodução do capital.

Isto traz a pergunta: é capaz o modo ou as formas de produção que denominamos “outra economia” de reproduzir-se sobre suas próprias bases? (CORAGGIO, 2007, p.25).
Todavia, adverte Coraggio:

Que isto possa ou não ser teorizado coerentemente dentro da tópica marxiana e suas diversas correntes, não faria muita diferença quanto a validade destas lutas, a certeza de cujo final seja decidida aprioristicamente, menos ainda com base a uma teoria geral da história da humanidade. (CORAGGIO, 2007, p.25)

Enfim, conclui que “Esta linha de pesquisa teórica não está fechada e sem dúvidas vai crescer na medida em que a esquerda de vertente marxista se interesse e comece a debater” (CORAGGIO, 2007, p. 25).

Nesse debate a posição de Coraggio não se baseia na teoria dos modos de produção para sustentar sua ideia de Economia do Trabalho. Toda economia é uma economia mista composta de três sistemas: economia empresarial capitalista, economia pública e a economia popular. Trabalha com a ideia de “reprodução ampliada da vida humana”. (CORAGGIO, 2007, p.34)

A estratégia posta por Coraggio implica que “enquanto não se passe de experiências micro a um projeto de classe trabalhadora organizada como tal, tais experiências podem ficar em meros intentos de adaptação à economia de mercado regida pela lógica capitalista... A gestão do conjunto das forças produtivas que Singer vê como projeto do socialismo não ocorrerá pela somatória nem pela articulação de empresas solidárias, requer avançar na democracia participativa para assumir funções estatais, o controle dos sistemas de ciência e tecnologia, educativo, de seguridade social, etc. E não pode separar-se (embora haja contradições conjunturais) da luta dos trabalhadores assalariados (...) O significado e o possível desenvolvimento desta ‘outra economia’ fica codeterminado pelo contexto, pelo campo de forças sociais, políticas e ideológicas, pelas transformações culturais associadas a aprendizagem coletiva com base nas experiências concretas vividas em cada realidade concreta(...). Seus sujeitos se constituem em um amplo campo

de movimentos, sujeitos e agentes sociais que lutam por outra economia e outra sociedade, centrada na reprodução da vida de todos e lutam” (CORAGGIO, 2007, p.28).

Por sua parte, Quijano lembra que a questão dos modos de produção alternativos tem somente dois séculos e que surgiu como discussão do padrão europeu moderno de capitalismo. No século XIX surgiram duas respostas: a estatização da economia e o cooperativismo. Quijano ressalta as contribuições de Mariátegui sobre o papel e o lugar da “comunidade indígena” em uma revolução de trajetória socialista” (CORAGGIO, 2007, p.31).

2.1.5 Ecosol: Um modo de vida

Nesse sentido, uma das principais contribuições nos chega da obra do mexicano Armando Bartra. Em uma de suas principais e mais recente obra (*Hacia um Marxismo mundano*.2016), Bartra debate com Linera sobre a aplicação do método usado por Marx em sua análise de “O Capital”, em relação ao Modo de Produção capitalista, quando é aplicado para análise de Comunidades. Enfim, a questão da Rosa sobre a Coexistência de modos de produção, e que SINGER trouxe para o campo da economia solidária, vendo-a como um ‘modo de produção.

Vejamos as ideias de Armando Bartra. Em sua obra “*Hacia um marxismo mundano. La clave está en los Bordes*” (2016), o teórico mexicano comentou o ensaio de Linera incluído na volumosa Coletânea publicada na Bolívia”, Karl Marx. *Escritos sobre la Comunidad Ancestral*” (2015). Linera faz uma introdução ao texto “*Cuaderno Kovalevsky*”, e traz um ensaio sobre “*La forma comunidade*”, que é o capítulo sexto de sua obra “*Forma Valor y Forma Comunidad*” (2009).

Bartra inicia caracterizando o objetivo de Linera:

Estamos frente a uma construção dialética que não ocorre por soma de dados, mas pelo desdobramento dos conceitos, uma construção intelectual que vai do simples ao complexo e do abstrato ao concreto-pensado. Como Marx em sua obra principal fez com

o modo de produção capitalista, aqui Garcia Linera busca construir o conceito de comunidade mostrando sua lógica imanente: não o que há nela de fático, mas se necessário(...). O texto segue o método de O Capital de Marx. (BARTRA, 2016, p.123,124).

Mas, marca uma diferença entre os métodos de Linera e Marx: “A diferença de O Capital. Garcia Linera não se limita aí, pois se ocupa também dos processos de dissolução da comunidade e de seu trânsito a outras formas em que o trabalhador e seu ‘laboratório natural’ já não estão unidos, mas separados” (BARTRA, 2016, p. 124).

Bartra destaca em Linera a busca de uma ‘outra possível transição da comunidade que mediante a revolução alcança uma forma superior, o comunismo. E, abordando a comunidade como forma social, Linera destaca a produção e reprodução físicas e também a produção simbólica, determinações econômicas e culturais, que remetem ao imaginário coletivo dos povos andinos. Contudo, destaca suas discordâncias com o método do boliviano: “a comunidade parece estar no princípio e no final, ser origem e destino” e por fim critica sua ‘imagem teleológica’ (BARTRA, 2016, p. 124).

A comunidade não está só no passado que imaginamos e talvez no futuro que sonhamos. **As comunidades existem e resistem no presente.** E não só as de base agrícola, mas também todo tipo de coletivos. Então, mais que um estudo científico sobre as premissas imutáveis do que algum dia foi e algum dia será, estudar a forma comunidade é empreender uma reflexão sobre o que hoje é e luta fortemente para seguir sendo. (BARTRA, 2016, p. 124,125. Grifos nossos).

Bartra vai a questão central de seu raciocínio: “o método de Marx em O Capital funciona para um tipo de sociedade como a capitalista em que, mediante um salto transcendente que transformou sociedades com mercados em

sociedades de mercado e para o mercado, a economia se impôs sobre o resto das relações sociais fazendo da ordem do grande dinheiro ‘um modo de produção’ em sentido estrito.(...).certamente, é um modelo cuja reprodução é intrinsecamente contraditória, que contém o germen de sua própria negação, mas que é um modelo econômico (p.125).

E põe sua principal conclusão:

As sociedades não capitalistas – justas ou injustas fraturadas ou coesivas- **não são só modos de produção ou formas de produção ou formas de produção, são modos de vida em que o simbólico e o material, o físico e o metafísico, a razão e o sentimento, o sonho e a utopia não estão cindidos**” (BARTRA, 2016 - Grifos nossos).

Adverte, também, “que não é impertinente abordá-las como modos ou formas econômicas – que também o são – e, seguindo um método comparativo e, às vezes, histórico genético, estudar seu parentesco com o capitalismo. Tarefa que fez Marx.” (p. 125).

O impertinente nestes casos, e que ao contrário, é válido para o caso do capitalismo, é buscar a chave explicativa das sociedades em um modelo econômico sobre o qual se apoia tudo o mais. Se a metáfora estrutura-superestrutura funciona mal para a sociedade burguesa funciona pior para as outras, conclui Bartra. (2016, p. 126).

Afirmando que ‘as comunidades são muito mais que formas econômicas’, Bartra é de acordo que “Se pode fazer a ‘economia política’ da comunidade, e que é útil fazê-lo. A questão está em que “o caminho metodológico de O Capital pode resultar uma camisa de força, pois a sequência e mediações lógicas que valem para uma ordem essencialmente econômico podem não servir para uma que não o é. Ou mais bem, podem dar-nos uma imagem falsa, ou ao menos unilateral e distorcida destes complexos e polifônicos mundos da vida. Vida que se faz opaca quando a miramos pelo estreito

olho da fechadura econômica”. (Idem. Grifos nossos).

Enfim, destaca a carta de Marx a populista Vera Zasúlich, sobre o papel da Comuna russa: “a comunidade estava ali resistindo, era uma força revolucionária e seu comunalismo prefigurava o futuro” (idem. p. 127).

Em outro ensaio mais recente, intitulado “Desde adentro y desde afuera de la utopia”, Bartra se remete a A. Gorz e define as chamadas sociedades pré-capitalistas como

Pré-capitalista e não, porque na realidade, estes microcosmos socioeconômicos camponeses em que o desdobramento do valor de uso em valor de troca não se impõe intrinsecamente como inversão e como predomínio do mercado e o lucro não são pré-capitalistas, mas metacapitalistas ou transcapitalistas. Não reminiscências ou herança de outros modos de produzir, mas sistemas de relações contemporâneas (...) Espaços atípicos em que os camponeses, os artesãos, as comunidades indígenas e outras quimeras preservam e reinventam a diversidade produtiva, consultiva cultural como única estratégia viável de sustentabilidade e até de simples sobrevivência” (BARTRA, 2016, p.97)

No mesmo ensaio, a partir da reflexão de E. Mance, Bartra traça outra reflexão fundamental sobre a proposta de uma Rede Global de Ecosol:

A diversidade convergente de múltiplas práxis sociais, de modo que a construção das redes de economia solidária é compatível com a mais ampla pluralidade de perspectivas (BARTRA, 2016, p.99).

2.1.6 As Teses de Poulantzas sobre o Estado Ampliado (Linera)

Vamos ao final de nossa viagem pela obra do boliviano A.G. Linera. Podemos abarcar os últimos ensaios de Linera a partir da Coletânea de ensaios publicada por Edición

Txalaparta em outubro de 2016: “Democracia, Estado, Revolución - Antologia de textos políticos”. No ensaio “Socialismo Comunitário, um horizonte de época”, Linera apresenta 9 Teses, muitas delas, sobretudo a última, portam afinidades com as idéias de Singer.

A 2ª tese, de fundo luxemburguista denomina-se “A acumulação primitiva perpetua”:

Esta acelerada mundialização da produção tem dado lugar à subsunção formal, externa, dos processos de trabalho agrário comunais, não capitalistas ou pré-capitalistas, sob o mando da acumulação capitalista que se reproduz de modo contínuo –como um tipo de acumulação primitiva perpetua – empurrando de forma explosiva as nações e classes indígenas de África, América Latina e Ásia, a ser forçosamente nações, classes e saberes “no” capitalismo, embora não sejam nações, classes e saberes “do” capitalismo. O indianismo político estatal, o indianismo resistente no México ou no Brasil e as lutas camponesas e indígenas em outras partes do mundo, são uma visibilização ativa desse pilar e contradição da nova etapa do capitalismo (LINERA, 201, p.62)

E, conclui na Tese 9, “A comunidade universal: síntese de potencialidades objetivas e vontades intersubjetivas”, que:

Atrás do decadente poderio de um capitalismo planetário triunfante está **o poderio latente de um comunitarismo técnico, organizativo e moral das nações** e classes subalternas, porém unicamente como potência, tendência e possibilidade material. Para que essa potência torne-se insurgência social se requer um longo e sistemático ativismo molecular com vontade de poder; um ativismo intersticial capaz de tecer vontades crescentes e materialmente sustentadas de lutas pelo poder; capaz de criar relações comunitárias expansivas, primeiro nacionais, depois continentais e

por fim planetárias, que impulsionem o acúmulo de forças pressionadas e subsumidas pelo capitalismo. Ao final, a comunidade real será universal, planetária ou não será nada (LINERA, 201, p.62)

Em outro ensaio, Linera resgata a obra de Poulantzas: “Estado, Democracia y Socialismo”. Trata-se de conferência no “Coloquio Internacional dedicado a obra de Poulantzas: um marxismo para o século XXI”, realizado em janeiro 2015 em Paris.

Vimos que Singer, sem dúvidas, teve acesso a obra de Poulantzas “L’Etat, le Pouvoir le Socialisme”, publicada em Paris em 1978, e traduzida no Brasil pela Graal em 1980, ano em que Singer lançou sua brochura pela Vozes, “O Que é o Socialismo Hoje?”. As 9 Teses de Linera, que se apoia em sete Teses de Poulantzas portam profundas afinidades com as oito Hipóteses de Paul Singer.

Linera inicia seu ensaio assinalando um “trágico paradoxo” na obra de Poulantzas: um marxista que pensou sua época à luz da revolução, mas numa época em que o capitalismo estava estabilizado e o horizonte socialista se fechava. Linera aborda dois conceitos de Poulantzas, “Estado como relação” e “a via democrática ao socialismo”. O objetivo central de Linera é, a partir da caracterização do Estado como relação, traves do que chama de a subversão intersticial, apontar a via democrática ao socialismo.

Quando Poulantzas nos diz que o Estado é uma relação entre as classes possuidoras e uma relação com as classes populares, não só está criticando a leitura do Estado como coisa, como aparato externo à sociedade, que foi a que deu origem às fracassadas estratégias elitistas ou reformistas de destruição ou de ocupação do Estado que supuseram, em ambos casos, a consagração de novas elites dominantes, seja pela via armada ou pela eleitoral (LINERA, 2016, p.112).

Aqui, já estamos frente a afinidades profundas com a leitura de Singer da experiência do ‘socialismo real’. Segue Linera,

Porém ademais, Poulantzas também nos está convidando a refletir sobre o Estado como uma relação que busca a dominação, e não como o ponto de partida para explicar as coisas e estabelecer estratégias revolucionárias; mais bem como o ponto de chegada de complexos processos e lutas sociais que dão lugar, precisamente, à dominação. Então, a dominação não é o ponto de partida para explicar a sociedade, pelo contrário, o processo, o vir a ser, o contínuo artifício social cheio de possibilidades, às vezes, de incertezas táticas, de espaços vazios da dominação, que são precisamente os espaços que habilitam a possibilidade da emancipação ou resistência (LINERA, 2016, p. 112-113).

Vemos a ideia dos implantas e das possibilidades e incertezas de ação, que Singer tratou em sua análise. Ainda com Linera:

Se a dominação não é o ponto de partida para explicar o mundo, mas um processo que se está criando dia a dia, que precisa atualizar-se e verificar-se no cotidiano, isto significa que ela não é um destino fatal ou inelutável. Justamente, é nos **vazios da dominação, nos interstícios do estado** e na sua incerteza de realização, que se encontra latente no ninho, e surge a **possibilidade da emancipação**. Como o mostra a história das verdadeiras revoluções (LINERA, 2016, p. 114).

No ponto sobre “A via democrática ao socialismo”, Linera traça algo como Teses de Poulantzas.

O socialismo entendido como a transformação estrutural das relações de forças entre as classes

sociais, necessariamente tem que atravessar o próprio Estado, que por outra parte não é mais que a institucionalização material e ideal, econômica e cultural, dessa correlação de forças. E o atravessa justamente como a democratização substancial das decisões coletivas, da gestão do comum, como desmonopolização crescente da produção dos universais cozinadores; ou seja, como irrupção da democracia nas condições materiais e simbólicas da existência social (LINERA, 2016, p.121).

Linera nos apresenta “de acordo com Poulantzas, 7 características desta via democrática ao socialismo:

- 1) é um processo, em que (...)
- 2) As lutas populares desenvolvem sua intensidade nas próprias contradições do Estado, modificando as relações de força em seu próprio seio (...)
- 3) As lutas transformam a materialidade do Estado (...)
- 4) As lutas reivindicam e aprofundam o pluralismo político ideológico(...)
- 5) As lutas aprofundam as liberdades políticas, o sufrágio universal da democracia representativa.
- 6) Desenvolvem-se novas formas de democracia direta e de focos autogestionários.
- 7) Tudo isto acontece na perspectiva da extinção do Estado”. (LINERA, 2016).

Linera (2005) cita a obra de Poulantzas: “Estado, poder y socialismo” e para ele, a ‘via democrática’ por Poulantzas é um ‘longo processo’ e não se trata de um golpe de tomada do poder, assalto ao Estado, vitória eleitoral ou armada, muito menos um decreto. Cita Gramsci da ‘hegemonia’, Ernst Bloch do ‘princípio esperança’, e conclui:

Desde essa perspectiva, o socialismo não está associado à estatização dos meios de produção –que ajuda a redistribuir riqueza, mas que não um tipo de

propriedade social nem o início de um novo modo de produção- ou a um partido único (que no caso de Lenin , foi uma excepcionalidade temporal frente a guerra e a invasão de sete potencias mundiais).O socialismo não pode ser algo menos que a ampliação irrestrita dos espaços deliberativos e executivos da sociedade na gestão dos assuntos públicos e, com o tempo, na produção e gestão da riqueza social” (LINERA, 2016, p.129).

Linera finaliza marcando um “tema central pendente” nos escritos de Poulantzas. Justamente, por ele não ter vivenciado uma experiência de construção socialista mas, remarca que Poulantzas se antecipou 30 anos a seu próprio tempo, soube ver além da derrota temporal que se aproximava para propor os pontos nodais do ressurgimento de um pensamento socialista.

A lacuna é constituída pela “questão das formas de propriedade dos recursos econômicos no socialismo, e da complexidade e dificuldade na construção de experiências para implementar formas de propriedade social que vão além da propriedade estatal e privada capitalista (LINERA, 2016, p.129-130).

Linera precisa melhor este último ponto em um ensaio de maio 2016, intitulado “Fim del ciclo progressista o processo por oleadas revolucionarias?”:

Trata-se da emergência de inéditas formas de democratização/dissolução do Estado e da dissolução de poder econômico nos setores subalternos, que são capazes de **criar novos modos de trabalho, de gestão e distribuição comunitários/universais da riqueza.** Nesta capacidade de auto-determinação da própria sociedade, e não mais do estado, se acha a chave que decidirá, no futuro, a possibilidade do passo do

pósneoliberalismo ao póscapitalismo”. (LINERA, 2016a, p. 33 - grifos nossos).

Sem dúvidas, são muitas as afinidades com as ideias de Singer expostas em suas 8 Hipóteses e na brochura “O que é o Socialismo hoje?”.

2.1.7 M. Lowy: pensar o Socialismo no Século XXI

Voltemos a Michael Lowy (junto com Samuel Gonzalez), em “Apuntes para el socialismo del siglo XXI” (2012) afirma que

A crise de civilização que vivemos hoje é o resultado de mais de dois séculos de modernidade capitalista, um processo histórico que nos conduziu a um panorama de miséria social e a uma temível crise ecológica que ameaçam a vida no planeta, que anuncia uma verdadeira crise de sentido para a vida e para história de nossas sociedades(...).Nos parece frente às experiências de luta social e política em nível mundial da última década, que hoje mais que nunca é necessário e coerente o horizonte socialista para este século, pois, frente à crise de civilização, o socialismo continua propondo e impulsionando a criação de um mundos em opressão nem exploração, sem propriedade privada nem Estado(..)A pergunta ,claro, ‘é que tipo de socialismo construir e sob quais supostos históricos e teóricos, o qual constitui o desafio que supera a uma única corrente teórica, a uma única corrente política, a um só autor. Por isto é importante ressaltar a necessidade de consolidar um ambiente de diálogo permanente entre autores com a intenção de recriar nossos horizontes práticos e teóricos(..).Com a intenção de impulsionar um socialismo revolucionário e libertário, ao longo deste ensaio nos propomos uma abordagem e um resgate crítico, desde uma perspectiva marxista, de **três correntes teóricas e práticas** que na atualidade gozam de um peso significativo para as lutas das classes subalternas em nível mundial: **o**

Romantismo revolucionário, o Anarquismo e o Ecossocialismo. Tudo isso com a intenção de construir uma perspectiva criativa para o socialismo do século XXI”. (LOWY. sd. Grifos nossos).

Sem dúvidas, a obra de Paul Singer faz parte desse resgate crítico! E, uma troca de saberes entre as obras de M. Lowy e P. Singer traria elementos fundamentais para o socialismo auto gestor.

Por exemplo, definindo o ‘ecosocialismo’ Lowy faz referências ao campo da economia solidária, além de se sustentar na perspectiva da autogestão. “Contra o fetichismo da mercadoria e a autonomização reificada da economia pelo neoliberalismo, o jogo do futuro está, para os eco socialistas, na **‘implantação de uma economia moral’** no sentido que E.P. Thompson dava a essa expressão, ou seja, **uma política econômica fundada em critérios não-monetários e extra econômicos:** em outras palavras, a” reimbricação” do econômico no ecológico, no social e no político” (LOWY, 2005, p. 51).

Mais adiante, Lowy volta ao tema: “Uma reorganização de conjunto do Modo de Produção e de consumo é necessária, fundada em critérios **exteriores ao mercado capitalista:** as necessidades reais da população (não necessariamente ‘pagáveis’) e a preservação do meio ambiente. Em outras palavras, **uma economia de transição para o socialismo, reinserida”** como diria Karl Polanyi (Idem. p.52. Grifos nossos).

E, retorna ao Thompson de “Costumes em Comum”:

As primeiras reações, não apenas operárias, mas também camponesas e populares contra a mercantilização capitalista ocorreram em nome de alguns valores sociais, de algumas necessidades sociais consideradas mais legítimas do que a economia política do capital. Estudando esses movimentos de massa, greves de fome e revoltas do século XVIII inglês, o historiador E.P. Thompson fala

do confronto entre a “Economia Moral” da plebe e a economia capitalista de mercado(...) O socialismo moderno é herdeiro desse protesto social, dessa ‘economia moral’ (. Idem. p.70).

Lowy ainda em 2003, definia os ecos socialismo em um ensaio intitulado “Progresso destrutivo, Marx, Engels e a ecologia” (incluído depois na obra de 2011)”: Enfim, o eco socialismo implica uma radicalização da ruptura com a civilização material capitalista. Nessa perspectiva, o projeto socialista visa não apenas uma nova sociedade e um novo modo de produção, mas também um novo paradigma de civilização” (M.Lowy/J.M.Harribey.2003. p.22).

Na ‘corrente luxemburgista’ brasileira, há três gerações marcadas por figuras como Mario Pedrosa, Paul Singer e M. Lowy. O pioneiro principal é Mario Pedrosa, quem também desde cedo despertou para a crise ecologia. Em suas “Teses para o terceiro Mundo” (1978), inicia o ensaio com uma visão radical:

A crise atual é literalmente mundial [...] A obra do mundo sobre o planeta está em pane. Consertá-la, salvá-la, só será possível desta vez pelos grandes meios: uma Revolução de ordem total, global, universal e radical. Radical, porque descerá até às raízes das coisas; universal, porque não poupará nenhum canto da terra; global, porque não era somente política ou social, mas científica, ecológica, ética. Ela deverá ser a última, porque, se não ocorrer, significará a abertura da crise em toda a sua potencialidade destrutora, cujas transformações sociais, políticas, físicas, ecológicas em seu seio terminarão por levar a humanidade ao fundo do abismo (PEDROSA. 2017. n.º 14).

O contexto em que Mario Pedrosa escreveu suas Teses para o Terceiro Mundo, foi o da terceira fase do capitalismo, iniciada nos anos 1960, ele interrogava: “Mas de que são

orgulhosos os imperialismos?"

No "Discurso aos Tupiniquins ou Nambas" (1975), afirmava:

Na fase histórica em que estamos vivendo, o Terceiro Mundo, para não se marginalizar completamente, para não derrapar da estrada do contemporâneo, tem de construir seu próprio caminho de desenvolvimento que é forçosamente diferente do que tomou e toma o mundo dos ricos do Hemisfério Norte. A história cultural do Terceiro Mundo já não será uma repetição em *racoourci* da história recente dos EUA, Alemanha ocidental, França, etc. Ela tem que expulsar do seu seio a mentalidade "desenvolvimentista" que é a barra em que se apoia o espírito colonialista. A civilização burguesa imperialista está num beco sem saída. Deste beco não temos que participar os bugres das baixas latitudes e adjacências. As populações destituídas da América Latina carregam consigo um passado que nunca lhes foi possível sobrepujar ou sequer exprimir, quer dizer, fazê-lo teoricamente [...] as vivências e experiências destes povos não são as mesmas dos povos do Norte. São muito diferentes, ainda que suas aspirações sejam contemporâneas [...] os pobres da América Latina vivem e convivem com os escombros e os cheiros desconfortáveis do passado [...], mas é aí que se passa o futuro (PEDROSA, 1975, p144.).

Além disso, Pedrosa que tinha escrito dois livros nos anos 60, "A opção brasileira" (1966) e "A opção imperialista" (1966), assinala mais uma opção:

Aqui está a opção do Terceiro Mundo: Um futuro aberto ou a miséria eterna [...] A tarefa criativa da humanidade começa a mudar de latitude. Avança agora para as áreas mais amplas e dispersas do Terceiro Mundo [...] existe mesmo em processo, em andamento um pouco por toda parte, um projeto a realizar, condição *sine qua non* para conceber o

futuro [...] A única positivamente concebível como a tarefa histórica do vigésimo primeiro século [...] (PEDROSA, 1966).

Talvez possamos pensar que Mario Pedrosa estava sonhando. Entretanto, as transformações globais ocorridas, sobretudo, na década de 1980, assinalando de vez uma crise de transição paradigmática, de esgotamento do processo civilizatório da modernidade – que Mario Pedrosa expressou nos seus textos dos anos 60! – Trouxe à tona muitas análises na mesma perspectiva de Pedrosa (idem).

Vamos. Agora, trazer algumas ideias recentes de M. Lowy sobre socialismo/autogestão. Três livros são importantes neste sentido:

1. “Écosocialisme. l’Alternative à la catastrophe écologique capitaliste”. Mille et une nuits.Paris.mai 2011);

Ou: “Ecosocialismo. A alternativa radical à catastrophe ecológica capitalista. ediciones Herramienta. Buenos Aires (2011).

2. “Affinités Révolutionnaires.Nos étoiles rouges et noirs”. (Com Olivier Besancenot). Mille et une nuits. Paris.aout 2014.

Ou: “Afinidades Revolucionarias. Nossas estrelas vermelhas e Negras”. Editora Unesp.2015.

3. “La Journée de Travail et le ‘Régne de la Liberté’.”. (Com O. Besancenot). fayard. Paris. avrill 2018.

Também alguns ensaios anteriores a esses acima:

4. “Capital contre nature”. M.Lowy/J.M.Harribey (orgs) (2005).

5.” Ecologia e Socialismo” Cortez editora.SP.2005

A obra sobre “Ecosocialisme” é importante porque nela M. Lowy trata da autogestão e fornece exemplos concretos da planificação democrática. Deste modo, no Capítulo dois, sobre “Ecosocialismo e planificação democrática”, “Lowy trata dos temas que abordamos nesse ensaio sobre a obra de Paul Singer. Inicia por definir o ecosocialismo: “tem por objetivo prover uma alternativa de

civilização radical ao que Marx denominou de “o progresso destrutivo do capitalismo” (LOWY, 2011, p.41).

Vimos que Singer tratou dessa questão no estudo sobre o surgimento das cidades, apoio do nos Grundrisse de Marx.

Para Lowy:

O sistema produtivo deve ser transformado em seu conjunto. O controle público dos meios e uma planificação democrática que leve em conta a preservação dos equilíbrios ecológicos são indispensáveis. Constituem os dois pilares do eco socialismo” (LOWY, 2011, p.43).

Prossegue Lowy:

No Capital, livro III, Marx define o socialismo como uma sociedade em que ‘os produtores associados regulam racionalmente suas trocas com a natureza’. No livro primeiro, ele amplia sua visão: o socialismo é concebido como “uma associação de seres humanos livres que trabalham com os meios comuns de produção” (LOWY, 2011. p.44).

Para Lowy, a planificação democrática é associada à redução do tempo de trabalho, na perspectiva que Marx chamou do “reino da liberdade”: “o aumento do tempo livre é uma condição da participação dos trabalhadores na discussão democrática e na gestão da economia e da sociedade”. (...) A concepção socialista da planificação é a democratização radical da economia” (LOWY, 2011, p.45 e 46).

Segue Lowy: “É importante sublinhar que a planificação não é contraditória com a Autogestão dos trabalhadores em suas unidades de produção” (LOWY, 2011, p.47).

E que, “A planificação socialista deve ser fundada sobre um debate democrático e pluralista, em cada nível de

decisão. Indos de partidos ou de plataformas políticas, os delegados dos órgãos de planificação são eleitos e as diversas propostas são apresentadas a todos os que elas dizem respeito. Deste modo, a democracia representativa deve ser enriquecida –e melhorada– pela democracia direta, que permite as pessoas escolherem diretamente – ao nível local, nacional e, em último lugar, internacional– entre várias propostas. (Idem. p.48).

Sobre a participação de ‘técnicos’ e ‘experts’, teriam sua participação limitada pelo controle permanente e democrático exercido pelos níveis inferiores, ali onde a autogestão dos trabalhadores se realiza no processo de administração democrática”. (LOWY, 2011, p. 50).

Lowy entra no tema tão caro à Singer, a Utopia. Trata-se de uma utopia? “A utopia socialista e ecológica é uma possibilidade objetiva”. Uma utopia militante, sem dúvidas! E também aborda o tema da disputa pela hegemonia:

Não haverá transformação radical nem transição para o ecosocialismo enquanto as forças engajadas em um programa radical, socialista e ecológico, não se tornem hegemônicas, no sentido em que entendia o teórico italiano Antônio Gramsci” (LOWY, 2011, p.56e 57).

Uma das questões principais que servem de exemplo para Lowy é dentro do campo da economia solidária: “La planificação democrática deverá tornar-se sua, como prioridade, a questão alimentar –tão crucial no Norte como no Sul e a agricultura biológica camponesa, organizada em unidades familiares, cooperativas ou granjas coletivas, com o objetivo de terminar com os métodos destrutivos e antissociais da indústria dos agronegócios” (Idem. p.53. Grifos nossos). Essas questões serão retomadas por M. Lowy junto com Besancenot no livro “Afinidades Revolucionarias” em 2014.

Na última obra dos dois teóricos, “A redução da jornada de trabalho e o Reino da Liberdade” (2018), temos

uma análise de um século e meio de lutas dos trabalhadores, e a visão do tema da ‘redução da jornada de trabalho’ nos dias atuais de hegemonia neoliberal.

2.1.8 Algumas Hipóteses à Modo de Conclusão:

No ensaio escrito nos inícios da SENAES, intitulado “Do beco dos sapos aos canaviais de Catende” (2005), desenvolvi a ideia de uma **corrente autogestionária brasileira**, a partir de alguns elementos que poderiam constituir uma corrente no **campo da economia solidária**. Para elaborar estes elementos tomei como base a experiência da autogestão na França.

Estes elementos seriam:

- A existência de um forte movimento social de base, mesmo que fragmentado;
- Um campo de intelectuais críticos, dentro e fora das Universidades;
- Um campo cultural / editorial, interno e externo sobre autogestão/Ecosol;
- Grupos de esquerda de variantes diversas;
- Um novo tipo de sindicalismo;
- Um campo legislativo sobre Ecosol;

Hoje, acresceria, apoio de governo com sensibilidade democrática (políticas públicas).

Na época recorri a obra de Antônio Candido, “Formação da Literatura brasileira” para caracterizar a formação de um sistema/corrente autogestionária:

Como no caso do Brasil poderíamos falar da existência de uma ‘corrente autogestionária’? Nos parece que tivemos muito mais, na linguagem de Antônio Candido, algumas ‘manifestações decisivas’ para o que, atualmente, poderíamos chamar de um ‘sistema ou rede’ (intelectuais, movimentos, políticas públicas etc.) com base na autogestão, ou, uma

‘corrente autogestionária (CANDIDO, 1975).

E, também, não havia na época que escrevi, o que A. Cândido chama de ‘causalidade interna’, intelectuais ou movimentos que passem a tocha para os que vêm em seguida, caracterizando uma “tradição ou uma herança “sistemática. Outro elemento importante é a definição das fontes e matrizes destas primeiras manifestações. Em que experiências de outros países se inspiraram seus militantes”. E assinalávamos algumas ‘manifestações decisivas’ no Brasil, abordando uma ‘onda de longa duração’, desde os anos 20 até os anos 1990.

Retomava trabalhos de anos anteriores: primeiro, da brochura “Autogestão e economia solidária” (Revista ‘cidade futura’, Florianópolis.2000), especialmente da parte “A sensibilidade autogestionária”. Segundo, da brochura publicada pelo CEDAC em 1986, “As lutas operárias autônomas e autogestionárias”.

São questões postas na primeira metade dos anos 2000. O “Beco dos Sapos” é de 2005. Hoje, em 2018, com a experiência da SENAES (2003-2016), ou seja, 13 anos dos governos Lula/Dilma, como podemos responde-las? Antes de chegarmos a algumas conclusões, passemos um breve olhar nos debates e questões da experiência da França:

2.1.9 A experiência da corrente autogestionária francesa

No que diz respeito as transformações sociais, isto é, as revoluções, o campo socialista sempre foi marcado pela discussão sobre a sua estratégia, principalmente, como articular dialeticamente “Reforma e Revolução”, título de uma obra fundamental de Rosa Luxemburgo. No campo da autogestão, esta questão tem suas particularidades, sua própria história.

Neste sentido, vamos buscar este debate tal qual se deu na Europa, especialmente na França. É rara a obra sobre Economia Solidária ou sobre Autogestão, que não se debruce

sobre a questão:

A autogestão é possível apenas numa sociedade socialista ou pode existir dentro do capitalismo; e, se pode, que sentido tem, para qual horizonte deve apontar? Vimos que, Paul Singer, em seu “Utopia Militante” pôs esta questão em forma do que chamou de ‘implantes de socialismo’.

Eis um dos principais dilemas da autogestão:

Trabalharmos a ‘experimentação autogestionária’ do dia a dia, ou construirmos a “barca de Noé”, aguardando o “Grande Dia”, a Revolução?

Reforma ou Revolução, diriam outras; tudo ou nada? Nas palavras de Mothe: ‘diluvio’ ou ‘gota a gota’? Entre as várias experiências históricas da autogestão, podemos assinalar duas que são paradigmáticas:

- 1) a da Iugoslávia, por seu caráter institucional; vimos o peso que teve nas ideias de Singer;
- 2) a da França, por seu caráter de movimento (não entendemos que o primeiro Governo Mitterrand signifique uma chegada ao poder da chamada ‘corrente autogestionária’).

A experiência Iugoslava, não fosse o grau de dilaceramento deste país ocorrido no início da década de 90, sem dúvidas seria o principal campo de pesquisas para aprofundamento de um serie de aspectos do socialismo autogestionário.

Penso, sobretudo, no campo da formação e da aprendizagem dos ‘produtores associados’, pois este regime durou algumas décadas, ao contrário de outras experiências que foram de curta duração. Albert Meister, pesquisador profundo desta experiência, destacou a importância do trabalho da formação realizado nos conselhos operários neste país.

Também, no campo da Pesquisa houve um trabalho profundo. Meister, em sua pesquisa, iniciada em 1959, um convenio realizado entre a “Ecole Pratique des Hautes etudes-Paris e o Institut des Sciences Sociales da Universidade de Belgrado, dizia que:

“Diversas instituições de pesquisa –notadamente em Zagreb, em Ljubljana e em Belgrado – foram criadas para responder as necessidades de uma observação contínua do funcionamento dos organismos da autogestão” (MEISTER, 1964, p.8).

Por sua parte, a experiência francesa nos interessa de perto, seja por termos vivido uma parte dela (estágio de 3 anos na CFDT), seja por termos aprofundado teoricamente a política da autogestão. De certa forma, neste país houve uma convergência de ideias oriundas de vários países e experiências, por seus intelectuais e militantes terem fundado instituições de pesquisa, debates e estudos sobre a autogestão. O exemplo principal, foi o CRIDA²³ e sua Revista “Autogestion et Socialisme”. E, por ser palco dos debates entre diversas correntes marxistas. Portanto, foi dessa experiência que extraímos alguns elementos.

Esse processo francês chegou a constituir uma “Corrente Autogestionária”.

Esta experiência francesa, marcou profundamente a obra de Mothé, militante de “Socialismo e Barbárie”, que nos anos 2000 visitou nossas experiências, ao participar de Seminário do grupo NESOL²⁴-USP.

A obra de Daniel Mothé, um dos mais fecundos militantes, e teórico da autogestão na França, é importante para nosso objetivo pois reconstruiu a história da ‘corrente autogestionária’ francesa.

Em um capítulo, pequeno de sua obra “L’autogestion goutte à goutte” (1980), significativamente intitulado “A estratégia do tudo ou nada”, Mothe repõe o debate francês:

“Pensamos que a corrente autogestionária apareceu entre os anos 60 e 70, buscando uma resposta original ao problema da democracia e da centralização. Mas essa corrente não conseguiu suficientemente se separar de suas origens

²³ Crida: centro de pesquisa internacional da autogestão.

²⁴ Nucleo de economia solidária da USP.

marxistas para oferecer uma resposta pertinente”.

Para Mothé, a ‘corrente pela autogestão’ nasce nos anos 60/70, mas isso não exclui uma ‘onda de longa duração’ dos embriões dessa ‘corrente’, já nos anos 40/50 com as lutas operárias, greve e ocupação de fábricas, que assinalavam a proposta da Socialização dos Meios de Produção, como por exemplo na História da metalurgia. E, a existência de uma crítica teórica através de publicações, tipo a Revista “Reconstruction”, que existiu de 1946-1972, que teve papel destacado na disputa de hegemonia no processo da CFTC para CFDT. Várias outras revistas alimentavam o debate, tipo “Socialisme et barbarie”, “Sous le drapeau du socialisme”, etc. E, sobretudo, a famosa revista “Autogestion et Socialisme” com seus 40 títulos, de 1966 até os anos 80.

Façamos um breve parêntesis para contextualizar o debate na França.

Já no início dos anos 60, por iniciativa de G. Gurvitch, foi fundada a Revista “Autogestion et Socialisme” (1966), neste mesmo processo, cabem a realização de duas Conferências famosas:

- 1) A primeira “Conferência Internacional dos sociólogos sobre a autogestão e a participação”, realizada em Dubrovnik – Iugoslávia- em dezembro de 1972.
- 2) A segunda “Conferência internacional sobre a autogestão”, realizada em Paris, em setembro de 1978.

Esta segunda foi decorrência da primeira. Na Iugoslávia, houve a decisão de fundação de um centro internacional da autogestão, tarefa que coube ao Grupo de Estudos da Autogestão de Paris. Este Centro foi fundado em novembro de 1976, com o nome de CICRA (centre international de coordination des recherches sur l’autogestion), agregado ao CNRS de Paris. Tendo toda documentação arquivada na Biblioteca da “Maison des Sciences de l’ Homme”.

O que nos interessa, particularmente, em relação à ‘corrente autogestão da França, é que Yvon Bourdet, sem

dúvidas o principal animador destas Conferencias, junto com o Iugoslavo Rudi Supek, escreveu ensaio para Revista “Autogestion et Socialisme” (cahier n.22-23, Jan-Mars 1973), pondo em pauta a seguinte questão: “Autogestão, objetivo longínquo ou meio imediato da revolução?”

E, afirma: “devemos diferenciar os que vêm a autogestão enquanto objetivo final, dos que a entendem e praticam imediatamente como meio eficaz das lutas atuais”. Esse dilema será enfrentado por Daniel Mothe.

Bourdet, em seu relatório, na Revista “autogestion et socialisme”. (n.41-42, juin-sept. 1978), da 2ª Conferência analisa a questão:

À primeira vista, os ‘reformistas’ das condições de trabalho nas fábricas, não parecem poder dialogar utilmente com os ‘revolucionários’ da autogestão maximalista’ que rejeitam tanto o capitalismo privado quanto o modo de produção estatal dos países do Leste em favor de uma ‘utopia’ que, tudo indica, recusa todo paradigma. Todavia, uma compreensão mais modesta (e mais sociológica) do que ocorre atualmente nas sociedades industriais em evolução permite uma relativização dos pontos de vista que conduz as interrogações comuns. (BOURDET, 1978, p.20)

Os que fazem profissão de ‘revolucionários’ não deixam de defender que a participação e a democratização das relações de trabalho são os meios de tornar tolerável a exploração o capitalista e, portanto, de a perpetuar.

Mas, podemos igualmente dizer, no sentido inverso, (sem mais, nem menos meios de verificação) que os operários graças à participação, tomam pouco a pouco consciência de suas capacidades auto organizativas e correlativamente, da inutilidade dos atores e mais geralmente das estruturas hierárquicas do Saber-Poder de todas as minorias dirigentes.

Pode-se saber “para quem trabalha a velha toupeira” e essa tomada de consciência auto organizacional não constitui,

pouco há pouco, uma acumulação primitiva que permitirá uma mutação radical? “. (idem, grifo nosso).

E, conclui Bourdet:

A autogestão generalizada supõe um longo processo de transformação dos instrumentos, isto é, de todas as condições de trabalho E é neste sentido que o revolucionaríssimo radi-cal não pode ser separado de um reformismo ilimitado (BOURDET, 1978, p. 21).

Enfim, Bourdet segue a linha de Rosa Luxemburgo, para quem: “Os trabalhadores devem aprender a usar o poder usando o poder. Não há outro modo”.

2.2 A “Autogestão Homeopática”

Voltando a Daniel Mothé, que em sua obra tentou superar o dilema ‘reforma x revolução’, através da ideia da “autogestão gota a gota”. Refletia sobre a ideia dominante nas esquerdas de que a autogestão é algo apenas para o Grande Dia da Revolução, a Grande Alternativa, só podia existir no Socialismo. Mothé contrapunha a esta visão, a ideia das experiências realizadas no cotidiano, a “Autogestão Gota a Gota”.

Seria uma espécie de dialética luxemburgiana de ‘reforma e revolução’? Muitos a dialetizam diabolicamente como ‘reforma ou revolução’? Tudo ou nada? Ao que a própria Rosa respondia: quem quer tudo ou nada, termina com nada!

Voltando ao Brasil, as experiências recentes de economia popular e solidária, em toda sua diversidade e extensão geográfica, parece-nos trazer à tona a dialética apontada por Mothe, traduzida em:

Por um lado, a autogestão é uma ideal e também uma estratégia e, como tal, realiza-se engravidando os processos históricos através de ‘experimentações’, articulando as experiências cotidianas com os sonhos e as utopias. Ou, por outro lado, é apenas uma política voltada para ‘amaciar’ os danos do capitalismo; ou mesmo, mais um elemento do ‘terceiro setor’.

Voltemos as ideias de Mothé. Vimos que a reflexão de Paul Singer, a partir de nossa experiência brasileira, retoma ou vai no mesmo sentido, quando nos fala de ‘implantes de socialismo’ ou de ‘utopia militante’. A autogestão trabalha em torno do “Real”, isto é, de sua totalidade enquanto ‘realidade’ e ‘possibilidades’. E que, há uma profunda diferença entre o que temos como ideia de socialismo/autogestão e sua aplicação como política pública no campo da economia solidária. Qual a natureza dessa diferença? É interna à teoria depende do tipo de Governo existente, a relação de forças dentro e fora do aparelho de Estado?

Nesse sentido, pensando num horizonte de longo prazo, articulando o movimento social da Ecosol, suas experiências, com um horizonte utópico, como também coloca Singer, Thomas Coutrot analisou a experiência brasileira, para extrair uma estratégia política da autogestão.

T. Coutrot, que tem acompanhado a experiência brasileira de economia solidária, desde os tempos do Governo Olívio Dutra no RS (1999-2002), em sua obra “Democratie contre Capitalisme” (2005) aponta uma estratégia similar.

Estas ideias sobre a autogestão nos remetem a obra de Miguel Abensour sobre “O novo Espírito Utópico”. Enfim, uma nova época da autogestão em correspondência à um novo espírito utópico: renascimento da autogestão e da utopia.

É muito interessante que na França, país em que a autogestão se tornou quase um ‘senso comum’, um militante marxista retome a questão, desta vez, relacionando-a com os debates que estão se processando sobretudo no Brasil.

Em finais de 2004, um grupo de sindicalistas, militantes e outros setores da ‘esquerda francesa’ se reuniu sob o nostálgico título de “A autogestão: o que sobrou de nossos amores”, (inspirados em uma música clássica e popular francesa dos anos 40-50, “que reste-y-til de nous amours? Cantada por Charles Trenet), para tentar entender o porquê do ‘abandono’ por eles mesmos da autogestão, no momento em que ela ‘renasce’ em várias experiências em

curso em diversos países.

Apesar desse sentimento melancólico, da ‘velha guarda’ francesa ligada à autogestão, a partir do seu renascimento via economia solidária nos países do que se chamava ‘terceiro mundo’, novos pensadores estão abordando estas questões. Por exemplo, T. Coutrot deu-lhe um novo sentido: “A nova época da autogestão.

Retomando a obra de Pierre Rosavallon, intitulada “A idade da autogestão” (“L’ age de l ‘Autogestion”, 1976), Thomas Coutrot nos traz um capítulo intitulado “A Nova Idade da Autogestão”.

E, o principal capítulo em que aborda uma estratégia autogestionária atual, intitula-se “A Democracia Econômica Participativa”:

A renovação da democracia só poderá ocorrer com um movimento de responsabilização dos indivíduos em suas atividades cotidianas de trabalho: os cidadãos devem poder tomar as decisões elementares frente à produção, as condições de trabalho e de remuneração, o emprego, as relações de trabalho, etc. A autogestão é o horizonte deste movimento de responsabilização – é fundamental ter um horizonte...A renovação sindical, a ação de negociação coletiva sobre uma base de relação de forças, o desenvolvimento de novos direitos e de alianças sociais, são objetivos mais imediatos e operacionais para avançar. Mas, a perspectiva autogestionária pode ser o horizonte destas lutas. Com a condição de superar o nível da empresa, para oferecer à democracia política um projeto credível de controle do desenvolvimento social em seu conjunto (COUTROT, 2005, p.191-192).

A questão é de saber qual modelo econômico e social global pode dar corpo a este triângulo pós-liberal que religaria socialismo autogestionário, liberdades políticas e democracia substancial. Para ele:

Se esboça uma possível estratégia de transformação social global com base em uma complementariedade dos papéis de diversos atores: poderes públicos nacionais e internacionais; ONGs de vários tipos; assalariados, movimento ‘altermundialista’ etc. Esta estratégia está em curso nas orientações atuais do movimento social mundial e pode ter uma grande adesão popular. Vista isoladamente, ela não questiona a fundo o capitalismo, é mais um tipo de restrição aos limites do capital. Ela requer uma forte mobilização popular, uma onda de politização e de contestação social ainda mais forte que a de 1968. A hipótese é que, as atuais manifestações ‘altermundialistas’ são apenas as premissas deste movimento.

Esta perspectiva tem originalidades em relação as estratégias clássicas socialistas e comunistas. Nenhuma força social específica detém a hegemonia: assalariados e organizações têm um papel decisivo, mas lado a lado e igualmente com os movimentos camponês, ecológico, feministas, culturais, unidos em uma aliança com base em consensos. Ela porta uma dimensão mundial (COUTROT, 2005).

Coutrot continua a seguir:

Nesta guerra de posição, a economia solidária e o controle cidadão combinam suas conquistas para limitar o poder do capital. Poderiam, desta forma, por suas ações complementares, fazer emergir uma alternativa à hegemonia capitalista no campo econômico. Trata-se de uma alternativa anticapitalista: não se trata de reformar este ou aquele ponto. Trata-se de germinar hoje um modo alternativo de funcionamento da economia e da sociedade (COUTROT, 2005, p.194).

O socialismo autogestionário significa, então, para Coutrot, uma democracia econômica socialista caracterizada

pela autogestão das empresas, pela propriedade social, pela politização dos mercados e pela socialização das decisões de investimento. Podemos chamar de “democracia econômica participativa (COUTROT, 2005, p.222).

Na esfera econômica dois movimentos são decisivos: as resistências contra as empresas multinacionais e seus laços políticos; a emergência de uma economia solidária, expressando a aspiração popular pela autogestão. Frente à questão da ‘propriedade privada do capital’, não há outra resposta para o movimento social que aprofundar as exigências de democracia em todos os domínios, e incluindo a economia. Apropriação social dos principais meios de produção e definição democrática das prioridades de investimento; é um projeto socialista (idem).

Mas, diz Coutrot:

A gramática socialista-comunista está em profunda crise e não é seguro que será reapropriada pelos movimentos sociais no futuro. De toda forma, o projeto socialista deve ser profundamente renovado à luz da experiência das lutas atuais e passadas (COUTROT, 2005, p. 194).

Por fim, Coutrot analisa a obra do Secretário da Ecosol no Governo Lula, Paul Singer:

“Propõe-nos uma reflexão fundada sobre a história do movimento operário internacional e dos avanços da economia solidária no Brasil e na América Latina. Sua concepção de uma “transição para economia solidária” me parece particularmente pertinente:

A conquista de uma economia socialista será provavelmente o fruto do avanço do movimento operário e socialista em várias frentes:

- 1) a extensão da democracia do domínio político ao domínio

econômico e social:

- 2) a participação da população organizada na elaboração de orçamentos públicos e na gestão de equipamentos escolares ou sanitários;
- 3) A conquista de governos locais e regionais pelas coalizões de esquerda que executem imediatamente políticas socialistas, notadamente, de apoio e de incentivo à criação de empresas autogeridas;
- 4) Novos direitos para a representação operariam nos locais de trabalho, como, por exemplo,
- 5) O direito ao exame das contas das empresas e a participação nos seus centros de decisão;
- 6) Enfim, a construção de um setor de economia solidária na cidade e no campo, principalmente nas terras conquistadas com a reforma agrária, ou a produção, a distribuição e o consumo, o crédito e a previdência, formando um conjunto harmonioso em que os diversos elementos se reforçam mutuamente. E que:

Frente a um capitalismo mundializado, tentei mostrar neste trabalho que esta estratégia participativa não pode, entretanto, confinar-se em um quadro nacional nem depender só do movimento operário e socialista, mas deve ter uma visão internacionalista e uma base social muito ampla (p.223).

Assim, emerge uma verdadeira ‘estratégia participativa’ para sair do capitalismo e construir um socialismo democrático”, conclui Coutrot (idem). Mas, sobre a possibilidade de uma ‘corrente autogestionária’, voltemos a Daniel Mothé. Ele divide a ‘Corrente Autogestionária’ em duas categorias de população:

Os ‘Intelectuais de Origem Marxista’, que viviam fora dos aparelhos políticos e que criticavam o leninismo com o objetivo de elaborar um projeto de funcionamento auto

gestionário. Era uma corrente maximalista que pôs muito alto seu ideal.

Neste sentido, Mothé cita Bourdet e Guillermin:

Ao passo que a participação, o controle operário e as cooperativas apenas dizem respeito a produção e a economia, a autogestão é uma transformação radical, não apenas econômica, mas da política (como gestão reservada à uma casta de políticos), para criar um outro sentido da palavra política: a saber, a tomada em mãos sem intermediários e em todos os níveis de todos os 'negócios' para todos os homens (p.33).

Os maximalistas construíram seu projeto autogestionário, polindo sua utopia até à perfeição. A revista "Socialismo ou Barbárie", em seus últimos anos dedicou uma parte de sua pesquisa a este respeito.

Na mesma linha de abordagem, Mothe cita, além de Bourdet et Guillermin (*Clefs pour l'autogestion*), as obras de Castoriadis (*Lê Contenu du Socialisme*); e, Daniel Chauvay (*Autogestion*). Todas dos anos 70: 1977, 1979 e 1970, respectivamente.

A outra categoria que formava a corrente autogestionária será sobretudo composta de militantes sindicais ou políticos, uma grande parte de origem cristã, buscando construir um caminho entre o totalitarismo estaliniano do PCF e o oportunismo da SFIO.

As ideias expressas pelos maximalistas lhes ajudaram a formular sua orientação, tanto na CFDT quanto no PSU. Mas a fraca margem política na qual se engajaram estes militantes, limitou consideravelmente o rigor e a originalidade de sua política (idem). A CFDT é um caso à parte. Para Mothe, que militou nesta Central Sindical, buscando se diferenciar da política da SFIO, e se aproximando da CGT, levou a CFDT a buscar uma linha própria de ruptura com o capitalismo; "O que conduziu em definitivo os militantes da

CFDT a se proibirem toda dinâmica reivindicativa que permitisse a realização dos princípios auto gestionários que defendiam (MOTHE, 1980, p.34).

Se, os maximalistas recusam o reconhecimento de quaisquer experiências de autogestão no capitalismo, como poderiam estes militantes sindicais se lançar em experiências de autogestão? Pergunta Mothe.

Deste modo não podiam levar em conta os problemas concretos dos militantes nas empresas nem a necessidade que tinham de construir uma nova estratégia. Os maximalistas ficaram presos à ideia de uma ruptura brutal com o sistema capitalista e, assim, retomaram a ideia da “Grande Noite”. Como consequência, ninguém podia ajudar o pragmatismo dos militantes da CFDT a sair do campo teórico do leninismo; nem os reformistas nem os autos gestionários maximalistas. O que explica, mas não desculpa, que a corrente autogestionária tenha ficado apegada ao leninismo e que não deu origem a nenhuma estratégia política verdadeiramente nova na França.

A racionalidade da sociedade autogestionária era pensada para além do capitalismo e, assim, virou uma utopia abstrata. A autogestão foi concebida para uma economia totalmente socializada: propriedade privada e autogestão eram consideradas como totalmente incompatíveis, o que levou o projeto à uma etapa distante e interditou toda experimentação. A autogestão ficou como uma teoria universal que somente poderia existir fora da influência do capitalismo. Pouco se poderia ajudar os militantes dentro das fábricas, nas seções sindicais; pois a única resposta ao sistema global do capital era outro sistema também global. (MOTHE, 1980, p.34).

A retomada das práticas de autogestão, na década de 90, em muitos países, significa a abertura de um campo imenso de ‘experimentações’, sob o nome de economia

popular e solidária. Sem dúvidas, isto se passa em um novo ciclo do sistema capitalista e das lutas.

Como nestas novas ‘experiências’, articulam-se estes dois espíritos: o do projeto estratégico a longo prazo, a utopia concreta; e, a ‘experimentação’ cotidiana de milhares de cooperativas, associações, redes, cadeias produtivas, etc. São muitas as questões:

Essas experiências em curso portam a radicalidade de lutas antagônicas ao capital? São lutas que apontam para “Além do Capital”? Questionam radicalmente os três eixos do sistema do capital: o próprio Capital, o Trabalho Assalariado e o Estado?

Em caso contrário, pelo menos portam ‘potencialidades’ nesta perspectiva. Podemos mesmo afirmar que a Ecosol ‘engravida’ a história de elementos da autogestão.

1.2.1 Os Ciclos da Ecosol e suas fases (de 1974/78 até 2016/18)

Vamos abordar a Ecosol numa teoria de ciclos de ‘longa duração’, mas não levando em conta uma temporalidade que chamamos de ‘ancestral’, de comunidades afro-quilombolas, feministas e indígenas.

Podemos apresentar uma primeira hipótese: extraindo dos elementos que compõem o que chamamos de corrente pela autogestão, é possível afirmar que no Brasil, superamos um primeiro ciclo, baseado em ‘momentos decisivos’ da Ecosol, com as experiências dos anos 80/90. Abriu-se um segundo Ciclo que foi de 2003/20016, com uma inflexão em 2013. E, nossa hipótese número um: nesse ciclo se formou, ainda não consolidada, processual, mas irreversível, uma corrente pela autogestão.

O fim desse segundo ciclo, que foi baseado em sistematização político-orgânica e teórica de movimento social e políticas públicas, ocorre com o Golpe de 2016, que instalou uma primeira curta etapa de um “Estado de exceção” ,

estabelecendo um ‘equilíbrio catastrófico’ de curta duração, e consolidando dois anos, depois o “Estado de exceção” (que pode derivar , a depender da luta de classes, para um regime militar, um bonapartismo reacionário ou mesmo um regime de tipo fascista) com a eleição do Governo Bolsonaro em 2018.

É muito importante ressaltar que a duração deste segundo ciclo (de início da Ecosol como sistema/projeto), foi de apenas 14 anos (2003-2016), do ponto de vista da História é muito curto.

Por exemplo, o ciclo anterior, que chamamos de ‘momentos decisivos’, (experiências da origem da Ecosol), teve duração de duas décadas: segunda metade dos anos 70 (74/78), quando se iniciou o ciclo de fluxos das lutas sociais, que marcou os anos 80, (na Europa se encerrou com as lutas na Polônia, em 1981), retardando a implantação do neoliberalismo no Brasil, (iniciado no Chile em 1973, na Europa/EUA em 1979), e foi até 1988/89, quando teve seu ápice com a Constituição de 88, e o ‘quase lá’ de Lula à Presidência.

Então, após a eleição de 1989, se inicia o ciclo de refluxos das lutas sociais, abrangendo todo os anos 90 até as eleições de 2002. Houve então a quebra da onda liberal conservadora, não por um fluxo das lutas sociais, mas pela eleição presidencial de Lula, 13 anos após 1989.

Portanto, um Ciclo com duas fases: a fase de fluxo de 1975-1988 (13 anos), e uma fase de refluxo de 1989-2002 (14 anos), ao todo são 13 mais 14 anos: 27 anos.

No ciclo seguinte, a fase de fluxo vai de 2003 até 2016, isto é, 13 anos; a de refluxo se inicia em 2016/18 ... (pela nossa frente mais 14 anos ?!).

No ‘momento atual’, em 2018, uma segunda hipótese, o Estado de Arte da Ecosol no país porta alguns elementos que significam conquistas em vários campos para as lutas de resistência a curto e médio prazo, e, para retomada de um horizonte estratégico também a médio (acumulando forças) e

longo prazo. E que esta retomada de um ciclo de fluxo das lutas sociais e democráticas, no campo da Ecosol sinaliza um ciclo superior ao dos ‘momentos decisivos’.

Uma terceira hipótese e um desses elementos é a ‘existência de uma corrente pela autogestão’, que na conjuntura em curso ficou desprovida de um dos seus pontos de apoio, o das políticas públicas em nível federal, mas que continua a sua existência subterraneamente, através de centena ou milhares de ‘experimentações’ em todos os campos da vida social e por todo o país.

Uma quarta hipótese, apontar alguns exemplos, do findo segundo ciclo, que ainda demandam uma mais profunda sistematização teórico-política, mas que, são estruturantes de um “acúmulo de classe” (Rene Zavaleta), e “Recursos para contra-hegemonia” (R. Williams), ou seja:

A existência, em primeiro lugar, de um amplo movimento de base na economia solidária/autogestão, talvez disperso/fragmentado; uma pluralidade de tipos de economia com existência histórica diversa (modo de produção ou modo de vida); a formação de Redes e cadeias; a Ecosol desenvolvendo experiências em todos os níveis do “metabolismo Social”, desde a produção, consumo, educação, tecnologias, até as finanças solidárias;

A existência fundamental de um Projeto estratégico da Ecosol, elaborado em várias Conferências e Plenárias realizadas no ciclo 2005/2016;

A existência de inúmeros acúmulos teóricos sobre temas como, Educação e Autogestão, Território etc., resultado de Conferências Temáticas e oficinas de formação;

A existência de intelectuais, na academia ou fora, que trabalham temas do campo da Ecosol/autogestão; nesse sentido, recuperar o legado de Paul Singer é fundamental;

A existência de militantes sindicais (sobretudo no campo da CUT e Conlutas e Nova central), de instrumentos da CUT no campo da Ecosol, tipo ADS, UNISOL. E de Militantes políticos, dentro ou fora dos parlamentos em níveis local,

estadual e federal;

A existência de estruturas políticas da Ecosol, tipo Fóruns em todos os níveis, que, apesar de muitas debilidades, são instrumentos de luta que podem ser empoderados;

A existência de legislação aprovada em alguns níveis, sobretudo local e estadual; permanece a lacuna de uma legislação em nível federal;

A existência de uma produção teórica de peso; hoje, temos o que Antônio Cândido chamou de ‘causalidade interna’, teóricos e militantes que portam uma chama para passar adiante, seja produção teórica ou exemplo de vida (como o de Sandra Magalhães e Ademar Bertucci e outras).

A existência no campo da educação de um conjunto de documentos sobre a pedagogia da autogestão/Ecosol, produzido nas Universidades (em quantidade e qualidade de grande valor), mas, sobretudo, nas redes do próprio movimento da Ecosol, como as sistematizações da Rede CFES;

A existência na própria obra de Singer, com destaque para o período da SENAES, de ideias fundamentais para construção/aprofundamento da ‘educação na economia solidária.

A existência de correntes no campo das esquerdas marxistas relacionadas a Ecosol (por exemplo a DS, a mais antiga delas, mas não a única).

A existência de estruturas de nível superior, órgãos como a COBAS, articulando coordenações nacionais; e também, no aparato de governo/Estado, como os Conselhos, em nível nacional o CNES e, em nível estadual e municipal;

A existência de uma produção teórica sobre o Socialismo/Autogestão no PT, como vimos Singer salientar em sua obra; para ela contribuíram teóricos de gerações passadas, mesmo que isolados, como Mario Pedrosa, Mauricio Tragtenberg etc..

A existência de um campo crítico à Ecosol; na bibliografia aponteí algumas obras; sem dúvidas, é fundamental o diálogo e debate nesse campo;

A existência em nível internacional de uma REDE, a Riless.

A existência, por último, mas não menos importante, um Conjunto de experiências de políticas públicas em todos os níveis.

Paul Singer pautou o desafio que temos pela frente:

O movimento da economia solidária tem sido guiado, sobretudo, por necessidades imediatas. **Agora ela precisa ser analisada criticamente** para que teorias bem fundamentadas permitam delinear sua **possível trajetória futura** e a transformação social e econômica que poderá induzir. Em analogia a um celebre debate, há necessidade de uma teoria de transição para a ‘economia solidária’ como modo de produção dominante (SINGER, 2018, p.35 - grifos nossos).

Enfim, sobre esse “acúmulo de classe”, não prevalecerão às portas do inferno!

Referências

- BERNARDO, João. (1991). Economia dos conflitos sociais. Cortez. São Paulo.
- BOURDET, Yvon. (1970). La délivrance de prométhée.pour une théorie politique de l'autogestion. Éditions anthropos. Paris.
- BOURDET, Yvon. (1974). Por l'autogestion. Paris: Éditions anthropos.
- CANDIDO, Antônio. (1975). Formação da Literatura Brasileira. São Paulo: Editora Itatiaia/USP.
- CATENDE se comunica. Boletim. 2009.
- COSTA, Alfredo Filho. (2011). Revista Estudos Avançados/USP. N.43. São Paulo.
- DESROCHE, Henri. (1960). “Au pays du Kibboutz”.USC.Balê.

Paris.

DESROCHE, Henri. (1973). "Opération Mochav". Paris:

Éditions Cujas.

ESTEVES, Egeu; ANDRADE, Cris. (2018). Entrevista. Revista Estudos Avançados/Usp.SP.

FONSECA, Nair. (2012). Judeus heterodoxos, messianismo, romantismo e utopia.Perspectiva. SP.

Semeando democracia. A trajetória do socialismo democrático no Brasil". São Paulo: Editora Palesa.

GIANNOTI, José Arthur. (2017). Nós que amávamos tanto O Capital. Leituras de Marx no Brasil .Boitempo. São Paulo.

GORENDER, Jacob. (1999). Marxismo sem Utopia. São Paulo: Editora Atica.

HADDAD, Fernando. (1998). Desorganizando o consenso. Editora Vozes/fundação Perseu Abramo. Petropolis.

HECKER, Alexandre. (1945-1965). Socialismo Sociavel.

História da esquerda democrática em São Paulo. Ed. Unesp. São Paulo.

IOKOI, Zilda Maria Gricoli. (2004). Intolerância e resistência.a saga dos judeus comunistas entre a Polônia,a Palestina e o Brasil (1935-1975). Humanitas/Univale. São Paulo.

JINKINGS, Ivana; PESCHANKI,João Alexandre. (2007). As utopias de Michael Lowy. Reflexões sobre um marxista insubordinado. Boitempo. SP.

LINERA . A.Garcia. (2015). Socialismo Comunitário. Un horizonte de época. Bolívia.

_____. (2015). Escritos sobre la Comunidad ancestral. Vice-presidencia Estado-Bolivia.

_____.(2016). Economia solidária: uma economia 'abigarrada'. Em (claudioautogestao.com.br).

_____(2016). Referenciais metodológicos de formação e assessoria técnica em economia solidária. Rede CFES.

Brasília.

LOWY, Michael. (2014).Affinités Révolutionnaires (com Besancenot).

LOWY,Michael. (2011). La alternative radical a la catástrofe

- ecológica capitalista”.Herramienta.el Colectivo.Buenos Aires. 2011.
- LOWY, Michael. (2003). Progrés destructif. Marx, Engels et lécologie”.em: “Capital contre nature”. M.Lowy – Harribey,Jean-Marie (direction).ActuelMarx/Puf.Paris.
- LOWY, Michael.(2005). Ecologia e Socialismo. São Paulo: Cortez.
- LOWY, Michael. (2018). “La journée de travail et le ‘régne de la liberté’.(com Besancenno). Fayard. Paris.
- MENDONÇA, Aline; ADMS, Telmo. (2013). Economia Solidária: um espaço peculiar de educação popular. Em: LUXEMBURGO, Rosa. (1984). A acumulação do Capital. São Paulo: Abril Cultural.
- LOUREIRO, Isabel Maria. (1995). Rosa Luxemburgo e os dilemas da ação revolucionaria. Editora Unesp.
- LOUREIRO, Isabel, (org.) (2008). Socialismo ou Barbarie. Rosa Luxemburgo no Brasil. Instituto Rosa Luxemburgo. SP.
<[https://www.google.com.br/search?q=Boletim+Catende+se+comunica.2009&sa=X&#gt;](https://www.google.com.br/search?q=Boletim+Catende+se+comunica.2009&sa=X&#gt;https://www.google.com.br/search?q=Boletim+Catende+se+comunica.2009&sa=X&#gt;) acessado em 31 de outubro de 2018.
- LOWY.,Michael. (2011). Écosocialisme. Éditions Mille.et.Une.Nuits.Paris.
- MANDEL, Ernst. (1972). O capitalismo tardio. Abril Cultural. SP.
- MANTEGA, Guido; REGO, Jose Marcio. (1999). Conversas com economistas brasileiros. Editora 34, v. 2. São Paulo.
- MATOS, Luiza Margarida Vieira.(2002). O Partido Socialista Brasileiro e o Marxismo(1947-196). História do Marxismo no Brasil. n V. Editora Unicamp.
- MARX, Karl. (1983). Editora Atica. SP.
- MENDONÇA, Aline. (2014) Entrevista para o Projeto ALICE. Interview n.12.
- MEISTER, Albert. (1964). Socialisme et Autogestion.L’Expérience Yugoslave. Éditions du Seuil. Paris.
- NASCIMENTO, Claudio. (1986) Rosa Luxemburgo e Solidarnosc. Rio de Janeiro: Loyola.
- _____. (1986). As lutas operárias autônomas e

- autogestionárias. Cedac. Rio de Janeiro.
- _____. (2011). Poder Auto gestorário e Comunal na América Latina”. Massa Critica”n. 56. PACS.Rio de Janeiro.
- _____. (2011). A Economia Solidária no Governo Federal. Em: Gestão pública e sociedade. Outras Expressões. SP
- _____. (2011). Autogestão na Pedagogia. ensaios.IEEP. SP.
- NASCIMENTO, Claudio. (2013). Experimentação autogestionária: autogestão de pedagogia e pedagogia da autogestão. Em: “Trabalho, educação e reprodução social”. Editorial Práxis/Ret. Bauru.
- _____.(2014). A educação em economia solidária (pedagogia e autogestão . Texto para debate em Oficina do Projeto Redes de Cooperação solidária. ADS-CUT/SENAES. (Disponível em: www.claudioautogestao.com.br, Acessado em 16/11/2018.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. (2008). Entrevista. Revista Estudos Avançados. Setembro São Paulo.
- OLIVEIRAIS, Paulo de Salles. (2003). Uma outra economia é possível. São Paulo: Editora Contexto.
- PINSKY, Jaime. (1974). Sionismo: ideólogos e ideologia. Revista debate & Crítica. n. 2. São Paulo.
- PINSKY, Carla Bassanezi. (2000). Passaros da Liberdade: jovens, judeus e revolucionários no Brasil. São Paulo: Contexto/Fapesp.
- POLOP. Centro estudos Victor Meyer.2009. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/diversos/polop.html>. Acessado em 16 de novembro de 2018.
- QUERIDO, Fabio Mascaro.(2016). “Michael Lowy.marxismo e critica da modernidade”. Boitempo.SP.
- _____. (2017). A autogestão reinventando Paulo Freire. Em: [claudioautogestao](http://claudioautogestao.com.br).
- _____.(2017). Economia Solidaire et parti dès Travailleurs au Brésil (com V.Schiochet).em: Mouvements sociaux et économie solidaire.D.de Brouwer.Paris.
- _____. (2017). Urbanização e Desenvolvimento. Fundação Perseu Abramos/autentica. São Paulo.
- SANTOS, Milton. O espaço dividido. Rio de Janeiro: Fco.Alves

- SANTOS, Agnaldo dos. (2012). Paul Singer, um militante por uma utopia. Mouro-revista marxista. Número 7, set.
- SILVA, Roberto Marinho Alves. (2004). A economia solidária e os novos paradigmas de desenvolvimento: sustentabilidade, solidariedade e territorialidade. Texto para debate na Revista "Margem Esquerda". n. 4. Boitempo editorial.SP.2004
- SINGER, Paul. (1965). Revista civilização Brasileira. Número 2- maio.
- _____. (1968/1977). Desenvolvimento e Crise. São Paulo: Difel.
- _____. (1971). Dinâmica de La Poblacion Dessarollo. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores.
- _____. (1973). Economia política da urbanização. São Paulo: Editora brasiliense.
- _____. (1973). Revista Debate & Critica, número 1.
- _____. (1974). Revista Debate & Critica, número 4.
- _____. (1975). Crescimento e Pobreza. Edições Loyola. São
- SINGER, Paul Israel. (1977). Desenvolvimento econômico e evolução urbana. Cia. Editora nacional. São Paulo.
- _____. (1977). Economia política do trabalho. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1979). Curso de Introdução a Economia Política. Forense universitária.
- _____. (1980). O feminino e o feminismo. Em: O Povo em Movimento. Vozes/Cebrap.
- _____. (1983). O Socialismo. Em: Aprender Economia. Editora brasiliense. SP.
- _____. (1980). "O que é o Socialismo hoje?" Petrópolis: Vozes.
- SINGER, Paul Israel. (1998). Aprender Economia. São Paulo: Editora Contexto.
- _____. (1985). A formação da classe operária. São Paulo: Atual editora.
- _____. (1987). O Capitalismo. São Paulo: Editora Moderna.
- _____. (1996). Um Governo de esquerda para todos. Luiza Erundina na prefeitura de São Paulo (1989-1992). São Paulo: Editora Brasiliense.

- _____. Um intelectual marxista. (1996). Revista TEMPO.
- _____. (1997). Desemprego e exclusão social. Em: Um olhar que persiste. Ensaios críticos sobre o Capitalismo e o Socialismo. São Paulo: Anita Garibaldi.
- _____. (1997). Revista Novos Estudos Cebrap. n. 48. Julho.
- _____. (1997). Revista Debate & Crítica, n. 3.
- _____. (1998). Crise do trabalho e economia solidária (Seminário em Recife).
- _____. (1998). Uma utopia militante. Repensando o socialismo. Petrópolis: Vozes
- _____. (1998). Prefácio à “Empresa social e globalização”. ANTEAG. SP.
- _____. (1998). Revista Estudos Avançados. vol.2,n.3, set-dez.
- _____. (1999). Globalização e desemprego. São Paulo: Contexto.
- _____. (1999). Oito hipóteses sobre a implantação do socialismo via autogestão. Revista Temporaes. FFLCH/Usf.
- _____. (2000). Autogestão e economia solidária. Cadernos Cidade Futura. n.2.Florianópolis.
- _____. (2000). Economia Solidária no Brasil. CUT.
- _____. (2000). Economia Socialista. (com João Machado). Edit.F. Revista Perseu Abramo. SP.
- _____. (2002). A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. Em: Boaventura de Souza Santos (org.). Produzir para viver. Civ.brasileira. Rio de Janeiro.
- _____.(2002). Introdução à Economia Solidária. Editora Fundação Perseu Abramo.São Paulo.
- _____. (2003).Economia Solidária (verbete). In: A outra economia. Veraz Editores.
- _____. (2004). É possível levar o desenvolvimento a comunidades pobres(agentes desenvolvimento solidários. SENAES.
- _____. (2013). Militante por uma utopia (Memorial/USP).Edusp.SP.
- _____. (2016). La construcción de La economía solidária como alternativa ao capitalismo. (com V.Schiochet). Buenos Aires.

- SINGER, Paul Israel; ALVES, Mario. (1963). *Análise do Plano Trienal*. Editora Universitária da UNE. Rio de Janeiro.
- SPINDEL, Cheywa R. (1981). *Homens e Máquinas na Transição de uma Economia Cafeeira*. Editora Paz e Terra. São Paulo.
- _____. (1981). *Revista economia política*. Vol. 1, n.1, janeiro-março.
- _____. (1982). *Guia da Inflação para o Povo*. Vozes. Petrópolis.
- _____. (1982). *Revista economia política*. vol. 2, n.3, julho-setembro.
- STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria Teresa. *Educação Popular*. Petrópolis: Vozes.
- ROVAI/ MASSAD, Renato/Anselmo. disponível em <http://www.revistaforum.com.br>.2004. Acesso em 16 de novembro de 2018.
- _____. *Biografia intelectual*. Disponível no Site de Singer <http://www.paulsinger.net/> acessado em 31/10/2018.
- _____. *A cooperativa é uma empresa socialista*. Em; *Sindicalismo & Cooperativismo*.Unitrabalho.sd.
- _____. *Desafio à solidariedade*. Unitrabalho.sd.
- SOUZA, André. (2003);. *Paul Singer e a economia solidária*. A./Cunha Gabriela/Dakuzaku, Y. Regina. Editora Contexto. São Paulo.
- VANNUCHI, SPINA, Paulo/Rose.(2005). *Revista Teoria & Debate*. São Paulo.
- GUIMARÃES, Joel. (2014). *PP.Quintal*, em portal Brasil Debate. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=Joel+Guimaraes/PP.Quintal,+em+portal+Brasil+Debate> > acessado em 05 de novembro de 2018.
- SHANIN, Teodor. (2017). *Marx tardio e a via Russa*.expressão popular.
- _____. (2018). *Ensaio sobre economia Solidária*.
- COLETÂNEAS. Edições Almedina. Coimbra.jan.
- _____. (2018) *Balizamento Conceitual e metodológico de*

Redes de Cooperação Solidária. ADS.

MENDONÇA, Aline. (2018). “Paul Singer, uma vida por outra economia”. Disponível em <

<http://www.ppdsr.uema.br/?p=1605>> em 16/11/2018.

MUSTO, Marcelo. (2018); O velho Marx. Boitempo.

NASCIMENTO, Claudio. História da FGM, em: A Oposição Sindical no Exílio. Disponível em:

<http://claudioautogestao.com.br/page_id=49>, acesso em 16 de nov de 2018.

_____. Manual para Formadores. MTE/SENAES.sd

Obras com críticas/análises da Economia

Solidária/Singer:

GOENDER, Jacob. (1999). Marxismo sem Utopia. editora Atica. São Paulo.

ARANTES, Paulo Eduardo. (2004). “Zero À esquerda”.

Conrad livros. São Paulo.

MARINHO, Roberto. (2004). A economia solidária e os novos paradigmas de desenvolvimento: sustentabilidade, solidariedade e territorialidade. Texto para debate na SENAES. versão março 2004).

GERMER Claus. (2006). A economia solidária: uma crítica marxista. Revista (Outubro). n.14. PR.

LIMA, Jacob Carlos. (org.). (2007). Ligações Perigosas. Trabalho Flexível e Trabalho Associado. E. Annablume. São Paulo.

MENEZES, Maria Thereza C.G. (2007). Economia Solidária: Elementos para uma crítica marxista. UFMA.

Maranhão. Disponível em:

<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoA/3e0882c81c8c136a27b1Maria%20Thereza.pdf>. Acessado em 17/11/2018.

NOVAES, Henrique T. (org.). (2011). O retorno do Caracol à sua concha. São Paulo>: Expressão popular.

FARIA, Mauricio Sarda. (2011). Autogestão, cooperativa, economia solidária. Avatares do trabalho e do capital.

UFSC. Florianópolis.

WELLEN, Henrique. (2012). Para a Crítica da “Economia Solidária”. Outras expressões. Disponível em: http://www.academia.edu/14372690/Para_a_cr%C3%ADtica_da_economia_solid%C3%A1ria_For_criticism_of_solidarity_economy_. Acessado em 17/11/2018.

NOVAES, H.Batista,Leme Eraldo. (2013). Trabalho , educação e Reprodução Social”.editorail práxis/RET. Bauru.

Sobre Educação.

NASCIMENTO, Cláudio. (2000). Autogestão e economia solidária. Cadernos cidade futura, n.2.Florianopolis. Santa Catarina.

_____. (2005). Uma mutação cultural: de ‘celetista’ e/ou ‘sindicalista’ para ‘auto gestor’”. Coleção do PNQ.volume 2. Brasília.

_____. (2004). Projeto Brasil três tempos. Cadernos NAE. Julho 2004. SECOM.Brasília.

KRUPPA, Sonia (org). (2005). A economia solidária como ato pedagógico em: Economia solidária e educação de jovens e adultos. INEP. Brasília.

_____. (2006). Projeto de promoção do desenvolvimento local e economia solidária.MTE/Senaes

_____. (2011). Autogestão na Pedagogia. ensaios.IEEP. SP.

_____. (2011). Poder Auto gestor e Comunal na América Latina”. Massa Crítica”n. 56. PACS.Rio de Janeiro.

NASCIMENTO, Claudio.(2013). Experimentação autogestionária: autogestão de pedagogia e pedagogia da autogestão. Em: “Trabalho, educação e reprodução social”. Editorial Práxis /Ret.Bauru.

_____.(2014). A educação em economia solidária (pedagogia e autogestão . Texto para debate em Oficina do Projeto Redes de Cooperação solidária. ADS-CUT/SENAES. (Disponível em: www.claudioautogestao.com.br, Acessado em 16/11/2018.

Conferencia Temática de economia solidaria.Educação e Autogestão.Documento final.Brasilia.DF.abril/2014.

_____.(2016). Economia solidária: uma economia

‘abigarrada’. Em (claudioautogestao.com.br).

_____. (2016). Referenciais metodológicos de formação e assessoria técnica em economia solidária. Rede CFES. Brasília.

_____. (2017). A autogestão reinventando Paulo Freire. Em: <claudioautogestao>.

_____. (2018) Balizamento Conceitual e metodológico de Redes de Cooperação Solidária. ADS. Manual para Formadores.MTE/SENAES.sd

Outras obras sobre o tema

PAQUOT, Thierry. (1909-1939). Rosa Luxembourg et les marxistes français, em Rosa Luxembourg aujourd’hui”. Vincennes.

SADER, Eder. (1991). Quando novos personagens entraram em cena. Paz e Terra. São Paulo.

KRAYCHETE, Lara Costa, Gustavo, Francisco e Beatriz(Org). (2000). Economia dos Setores populares:entre a realidade e a utopia. Editora Vozes/UCSAL/CAPINA/CESE.Petropolis.

ELEY, Goef. (2005). Forjando a democracia.a história da esquerda na europa, 1850-2000. Fundação Perseu Abramo.

_____. (2006). El capital em su labirinto. Itaca. México.

CORRAGIO, José Luís (org.). (2007). La economia social desde la periferia.Coraggio,J.Luis(org.). editorial Altamira/UNGS. Buenos Aires.

CUNCA BOCAJUVA, Pedro Cláudio. (2007). As metamorfoses do trabalho e da cooperação produtiva: a economia popular e solidria na perspectiva da nova centralidade do trabalho.

FASE. RJ.

KRAYCHETE , AGUIAR, Gustavo, Katia. (2007). Economia dos setores populares: sustentabilidade e estratégias de formação. Capina/Oikos.

_____. (2008). El socialismo raizal y la gran Colombia bolivariana”.El perro y la rana.Caracas.

SERGIO A, E. SOARES. (2009) Economia dos setores populares: pensamentos, ferramentas e questões.

- Capina/KNH. Editora Catarse. Porto Alegre.
- HOLLOWAY, John. Agrietar el Capitalismo. Ediciones Herramienta. B.Aires. 2011.
- KRAYCHET, Gabriel. (2012). Economia popular solidaria: indicadores para a sustentabilidade. UCSAL/TOMO editorial. Porto Alegre.
- NOVAES, RODRIGUES, BATISTA, Henrique T, Fabiana C, Eraldo L.. Movimentos sociais, trabalho associado e educação para além do Capital. Outras expressões. São Paulo. 2012.
- _____. (2013). “Fissurar o capitalismo”. Publisher Brasil. SP.
- SCHIMIDT, Carlos; NOVAES, Henrique T. (2013). Economia solidária e transformação social: rumo a uma Sociedade para além do Capital. UFRGS. Porto Alegre.
- _____. (2014). Antologia. “Ciencia, compromisso y cambio social”. Editorial El Colectivo. Montevideo.
- ORLANDO, Fals. Borda. (2015). Antologia: Una sociologia sentipensante para América Latina. Clacso. Siglo veintiuno. Buenos Aires.
- BARTRA, Armando. (2016). Hacia um marxismo mundano”. Itaca. México.
- La Migrana. el marxismo de nuestro tempo. Revista, n. 19. Bolivia.
- LINERA, A. Garcia. (2016). Democracia Estado Revolución. Antologia de textos políticos. Txalaparta. Navarra. 2016.
- NASCIMENTO, Claudio. (2017). Revolução e Arte (Mario Pedrosa). Revista Perseu. Dossiê Revolução e Cultura. Nº. 14, Ano II, set.

Obras/pesquisas da Arquidiocese de São Paulo

- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de; et al. (1975). Crescimento e Pobreza. edições Loyola. São Paulo.
- BRANT, Vinícius Caldeira. (1989). São Paulo, Trabalhar e Viver. Editora Brasiliense. São Paulo.
- SINGER, Paul Israel. (1980). São Paulo: o Povo em Movimento. Vozes/Cebrap. São Paulo.

- Autogestão e Corrente autogestionária na França
MEISTER, Albert. (1964). Socialisme et Autogestion. L'Experience Yougoslave. Seuil. Paris.
- PIAGET, Charles. (1973). LIP.stock 2. Paris.
- ROSANVALLON, Pierre. (1976). L'âge de l'autogestion.éditions du Seuil .Paris.
- BOURDET, Guillerm. (1977). Clefs pour l'autogestion.Seghers. Paris.
- KRUMNOW, Fredo. (1977). CFDY au coeur.Syros. Paris.
- Autogestion et Socialisme.41-42.juin-septembre 1978.
- LLE, Pierre.(1980).Le temps , la technique, l'autogestion. Syros. Paris.
- MOTHE, Daniel. (1980). l'autogestion goutte à goutte.le cenurion. Paris.
- NAVI VIGNAUX, Paul.(1980). De la CFTC à la CFDT, syndicalisme et socialism (Reconstruction ,1946-1972). editions Ouvrieres. Paris.
- COUR,Pierre Salles. (1988). La CFDT.Un passé porteur d'avenir.pratiques syndicales et débats stretégiques depuis 1946.La Breché. Montreuil.
- LEDUC,Victor. (1989). Aliénation ou autogestion.la Breché. Paris.
- GEORGI, Frank (direction). (2003). Autogestion,la dernière utopie ?-la Sorbonne. Paris
- COLLONGES, Lucien (coord.). (2010). Autogestion,hier, aujourd'hui, demain. Syllepse. Paris.
- AZELLIN, Dario; NESS,Immanuel(Editores).(2011). Ours Master. And to Own.Worker's Control from the Commune to the present.haymarket Books.Chicago.
- Autogestion.L'Enciclopedia Internazionale.Éditions Syllepse. Paris.2015.
- <www.autogestion.asso.fr> acessado em 17/11/2018.
- BORRITS, Benoît. (2015). Cooperatives contre capitalisme.Syllepse.Paris.

Posfácio

Quem conviveu com Paul Singer pode testemunhar a maneira como valorizava a democracia enquanto processo educativo. Ao encerrar um evento, uma reunião, um debate ou uma roda de conversa manifestava o seu contentamento com a oportunidade do encontro, do diálogo, do ouvir e afirmava - “aprendi muito com vocês” e depois acrescentava - “vamos encontrar um jeito de continuar nos encontrando”. Não é por acaso sua afirmação de que - “a economia solidária é um ato pedagógico”.

Sua trajetória de vida e vida intelectual testemunham coerentemente sua crença na sociedade igualitária e na possibilidade concreta de aprendizagem universal. Uma crença fundamentada na história de luta e resistência dos(as) oprimidos(as) diante da exploração e exclusão.

Para ele o socialismo somente poderia ser intelegível caso fosse uma experiência radicalmente democrática. A participação direta, o direito de manifestação igualitária, o poder de deliberação argumentativa, o direito de livre escolha tornava o socialismo a experiência viva do povo trabalhador.

Neste processo de aprendizagem contínua nem sempre era fácil estabelecer um diálogo com Paul Singer. Em primeiro lugar porque havia uma “aura” em torno dele. Era um “ícone” que provocava profunda admiração pelo que representava. Em segundo lugar seu rigor argumentativo e provocativo colocava o seu interlocutor em situação desafiadora. - “Explique melhor”, - “não estou entendendo o que você quer dizer”, - “pode ser mais claro”. Com o tempo foi possível perceber que tal exigência fazia parte de seu método de aprendizagem, seu método de articular questões novas ao consistente modelo analítico do já conhecido. Uma dialética negativa que conduzia à abertura para o diferente, para o novo. Dentre vários debates que presenciei e participei envolvendo o “professor” (é assim que nos dirigíamos a ele) percebi esta resistência dialética na abordagem de quatro temas que

enriqueceram em muito a convicção que ele portava em torno do socialismo autogestionário: a questão ambiental, a questão territorial, a questão tecnológica e a questão do mercado institucional. A princípio parecia mostrar profunda resistência de incorporá-las à sua visão de mundo. Mas ao exigir de seu interlocutor (interlocutores) argumentos coerentes e fundamentados abria sua mente e seu coração para um intenso processo revisionista e com isto demonstrava ser uma pessoa disposta a aprender continuamente. Mas não eram os argumentos que convenciam o “professor”. O convencimento quanto a pertinência do debate dependia da capacidade de articular a teoria, o argumento com a concretude da experiência vivida pelos setores populares. A importância da reciclagem para catadores, da agroecologia para camponeses, da vida comunitária territorializada dos povos e comunidades tradicionais. Assim, o socialismo por ser democrático também deveria expressar respeito ao ambiente, vida saudável, desenvolvimento territorializado e tecnologias sociais. Parecia que para Paul Singer o socialismo era um referencial aberto para uma ampla experimentação societária das diversas utopias.

Uma das últimas tarefas que Singer se propôs foi ler e traduzir o livro *“Une million des revolutions tranquilles. Comment les citoyens changent le monde”* (Um milhão de revoluções tranquilas. Como os cidadãos transformam o mundo), da jornalista francesa Bénédicte Manie. Para Singer a economia solidária fazia parte desta imensa revolução silenciosa que estamos presenciando em todas as partes do mundo: experiências locais de recuperação de áreas desertas, de conquistas de autonomia territorial, de energias renováveis, de construção habitacionais cooperativas, de agricultura comunitária, de circuitos financeiros éticos, de formas de trabalho cooperativas e horizontais, de trocas solidárias, de práticas democráticas.

Outro referencial que foi fechando o ciclo vital do professor Singer. Aqui vale um parêntese. Impressionava a

todos e todas a sua vitalidade. Seus últimos anos de vida (de 71 aos 84 anos) foram dedicados à Secretaria Nacional de Economia Solidária. Viagens semanais São Paulo-Brasília-São Paulo, viagens para todo território nacional e muitas viagens internacionais. Uma de suas viagens mais longas e desafiadoras foi seu deslocamento do Brasil até o Butão para participar a convite do Rei butanês de um colóquio sobre a Felicidade Interna Bruta (FIB). Felicidade passou a ser uma referência para Singer.

Em artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo (Publicado em 29 de abril de 2012) Paul Singer apresenta a seguinte compreensão de felicidade “Sabemos que a felicidade verdadeira, fiel a si mesma, não pode existir enquanto outros sofrem. Ela provém apenas de servir aos outros, vivendo em harmonia com a natureza”. Em outra entrevista publicada no Jornal Sul 21(Publicado em 27 de outubro de 2015) explicita a articulação entre a sua concepção de economia solidária e a exigência deste novo indicador de medida que é o FIB. “O mais importante da economia solidária é a prática da solidariedade. Se vocês querem ser felizes, sejam solidários”. Para Singer a Economia Solidária e, portanto, o socialismo é uma forma de felicidade.

Compreendo que estes dois elementos “um milhão de revoluções silenciosas” e “felicidade interna bruta” compõem as últimas contribuições da brilhante biografia de Paul Singer e de sua concepção de socialismo autogestionário presentes nesta publicação.

Valmor Schiochet

Professor do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares na Universidade Regional e ex-diretor de Estudos e Divulgação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)